

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

NAIARA NAM MA PERDIGÃO PERSEGONA

**INTERFACE ENTRE JORNALISMO E GÊNERO: A COBERTURA DOS PORTAIS
DE NOTÍCIAS AREDE (PONTA GROSSA) E RSN (GUARAPUAVA) SOBRE
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**PONTA GROSSA
2019**

NAIARA NAM MA PERDIGÃO PERSEGONA

**INTERFACE ENTRE JORNALISMO E GÊNERO: A COBERTURA DOS PORTAIS
DE NOTÍCIAS AREDE (PONTA GROSSA) E RSN (GUARAPUAVA) SOBRE
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo para obtenção do título de Mestre pela
Universidade Estadual de Ponta Grossa, na área de
concentração “Processos Jornalísticos”.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Soares Bianchi

**PONTA GROSSA
2019**

P466 Persegona, Naiara Nam Ma Perdigão
Interface entre jornalismo e gênero: a cobertura dos portais de notícias ARede (Ponta Grossa) e RSN (Guarapuava) sobre violência contra a mulher / Naiara Nam Ma Perdigão Persegona. Ponta Grossa, 2019.
227 f.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Soares Bianchi.

1. Jornalismo. 2. Newsmaking. 3. Noticiabilidade. 4. Gênero. 5. Violência contra a mulher. I. Bianchi, Graziela Soares. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

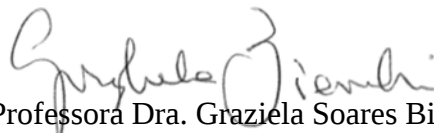
CDD: 079.81

NAIARA NAM MA PERDIGÃO PERSEGONA

**INTERFACE ENTRE JORNALISMO E GÊNERO: A COBERTURA DOS PORTAIS
DE NOTÍCIAS AREDE (PONTA GROSSA) E RSN (GUARAPUAVA) SOBRE
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Área de concentração: Processos jornalísticos;
Linha de Pesquisa: Processos Jornalísticos e
Práticas Sociais.

Ponta Grossa, 17 de maio de 2019.



Professora Dra. Graziela Soares Bianchi
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Professora Dra. Karina Janz Woitowicz
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Professora Dra. Arianne Carla Pereira
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, Naiara Nam ma Perdigão Persegona, CPF número 094.527.649-45, RG número 10.513.971-3, responsabilizo-me pela redação do trabalho, aqui apresentado como dissertação de Mestrado em Jornalismo (UEPG), sob o título “Interface entre jornalismo e gênero: a cobertura dos portais de notícias aRede (Ponta Grossa) e RSN (Guarapuava) sobre violência contra a mulher”, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 17 de maio de 2019

Naiara N. P. Persegona
NAIARA NAM MA PERDIGÃO PERSEGONA

RA nº 3100117009018

À minha avó Maria Persegona (*in memoriam*), que no meu caminho de construir-me como mulher é minha principal referência.

AGRADECIMENTOS

À minha avó paterna, Maria Dolores Persegona (*in memoriam*), que abriu as portas da sua casa e do seu coração para criar eu e meus irmãos.

Aos meus amados pais, João Silvio Persegona e Michella Maria Perdigão Persegona, meus grandes incentivadores e fãs de carteirinha.

Aos meus amados irmãos, Eros Daksa Perdigão Persegona e Michell Perdigão Persegona, as ligações de sangue mais profundas que tenho na vida.

Às minhas tias da família Persegona, que demonstram força em tudo o que fazem.

Às minhas tias da família Perdigão, que são as pessoas mais alegres e carinhosas que conheço.

À minha querida orientadora e amiga Graziela Bianchi, que foi uma grande parceira em todo o processo do mestrado.

Às minhas grandes amigas de infância, Ana Flávia Miquelante e Isadora Cristófoli, que estão sempre perto não importa quão longe estão.

Às minhas incríveis amigas da faculdade, Nádia Moccelin e Priscila Schran de Lima, que são mulheres pelas quais tenho imensa admiração.

Aos meus queridos amigos do mestrado, Fernando Lopez, Ligia Tesser e Mariana Fraga da Fonseca, que foram as melhores companhias que eu poderia ter tido durante a pós-graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O mundo que temos que considerar está politicamente fora de nosso alcance, fora de nossa visão e compreensão. Tem que ser explorado, relatado e imaginado. O indivíduo não é um Deus aristotélico contemplando a existência numa olhadela. É uma criatura da evolução que pode abarcar somente uma porção suficiente da realidade que administra para sua sobrevivência, e agarra o que na escala de tempo são alguns momentos de discernimento e felicidade.

(Walter Lippmann)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo compreender como o tema violência contra a mulher é abordado nas coberturas jornalísticas dos portais de notícias aRede, de Ponta Grossa, e RSN, de Guarapuava. Para tanto, o estudo concentrou-se em analisar um período de seis meses de cobertura dos portais – de março a agosto de 2018 -, além de realizar entrevistas semiestruturadas com os editores e jornalistas das redações, e delegadas da mulher de ambas as cidades. O apoio metodológico da pesquisa utiliza a bibliografia de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), para a organização em categorias das 177 notícias coletadas no período de recorte. A conceituação teórica que embasa a análise do material jornalístico e as entrevistas é proveniente do campo jornalístico e dos estudos de gênero. A perspectiva de gênero adotada é a cultural e, do jornalismo, são mobilizados os conceitos de enquadramento, newsmaking e noticiabilidade. Algumas das principais características constatadas na cobertura dos portais são: 1) a Polícia Militar como principal fonte de notícia sobre o assunto violência contra a mulher e, conseqüentemente, como definidora primária sobre o tema; 2) o critério de noticiabilidade da cobertura centrado num nível macro tragédia drama e num nível micro violência/crime, risco de morte/morte, e catástrofe; 3) o enquadramento das notícias como tema policial, com ênfase em uma abordagem episódica sobre os acontecimentos.

Palavras-chave: Jornalismo. Newsmaking. Noticiabilidade. Gênero. Violência contra a mulher.

ABSTRACT

This dissertation has as its main goal to understand how the subject violence against women is approached in the journalistic coverages made by the news portals aRede, from Ponta Grossa – PR, and RSN, from Guarapuava – PR. To do so, this study focused on analyze a six-month period of coverage developed by the portals – march to august 2018 – and perform semi-structured interviews with editors and journalists from the previously mentioned newsrooms and the women's police department chiefs from both cities. The methodologic support of this research uses the content analysis bibliography, proposed by Bardin (1977), to organize in categories 177 news collected in the selected period. The theoretical concept that basis the analysis over the journalistic material and the interviews have its origins in the journalistic field and the gender studies. The gender perspective adopted in this work is cultural and, in the journalistic scope, concepts as framing, newsmaking and newsworthiness are resorts. Some of the main aspects noticed on the coverages of the portals are: 1) the Military Police appears as the major news source when the subject is violence against women and, in this position, it becomes the primary definer of the theme; 2) the newsworthiness criterion of the coverage are centered in a macro drama tragedy level and in a micro violence/crime level, death risk/death, and catastrophe; 3) the news framing puts the theme as a police matter, with emphases in a episodic approach of the events.

Key-words: journalism; newsmaking; newsworthiness; gender; violence against women.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Foto utilizada pela RSN	81
Fotografia 2 – Foto utilizada pela aRede.....	81
Fotografia 3 – Foto utilizada pela RSN	81
Fotografia 4 – Foto utilizada pela aRede.....	81
Fotografia 5 – Foto utilizada pela RSN	81
Fotografia 6 – Foto utilizada pela aRede.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Acessos do portal RSN entre março e agosto de 2018	34
Gráfico 2	- Tamanho das notícias no portal aRede	74
Gráfico 3	- Tamanho das notícias no portal RSN.....	75
Gráfico 4	- Assinaturas nas matérias do portal aRede.....	84
Gráfico 5	- Assinaturas nas matérias do portal RSN	84
Gráfico 6	- Tipos de violência no portal RSN	94
Gráfico 7	- Tipos de violência no portal aRede.....	95
Gráfico 8	- Recorrência de publicações/mês no portal aRede.....	97
Gráfico 9	- Recorrência de publicações/mês no portal RSN	97
Gráfico 10	- Autoria dos crimes nas notícias do portal RSN	115
Gráfico 11	- Autoria dos crimes nas notícias do portal aRede	115
Gráfico 12	- Cinco principais locais onde a violência contra a mulher ocorre	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Organização da análise da dissertação em três partes.....	27
Quadro 2	- Data, título e temas no portal aRede	40
Quadro 3	- Data, título e tema no portal RSN	46
Quadro 4	- Divisão do conceito de noticiabilidade nas perspectivas de Wolf (2001/1987), Shoemaker & Reese (1996), Silva (2005) e Traquina (2005).....	68
Quadro 5	- Vídeos utilizados na cobertura dos portais aRede e RSN.....	83
Quadro 6	- Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados.....	90
Quadro 7	- Enquadramento episódico e elementos de repetição no portal aRede	101
Quadro 8	- Enquadramento episódico e elementos de repetição no portal RSN	105
Quadro 9	- Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Nathalia Deen.....	106
Quadro 10	- Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Tatiane Spitzner (caso específico)	110
Quadro 11	- Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Tatiane Spitzner (derivadas do caso)	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Registros de violência contra a mulher no Paraná (jun. a dez./2014)	18
Tabela 2	-	Recorrência de matérias sobre violência contra a mulher no portal aRede entre março e agosto de 2018.....	39
Tabela 3	-	Editorias no portal aRede	41
Tabela 4	-	Assinatura das matérias no portal aRede.....	42
Tabela 5	-	Parágrafos no portal aRede.....	42
Tabela 6	-	Fontes consultadas pelo Portal aRede	43
Tabela 7	-	Imagens utilizadas pelo portal aRede	44
Tabela 8	-	Tipos de violência na cobertura do portal aRede	44
Tabela 9	-	Autores de violência na cobertura do portal aRede.....	45
Tabela 10	-	Recorrência de matérias sobre violência contra a mulher no portal RSN entre março e agosto de 2018	45
Tabela 11	-	Editorias no portal RSN.....	49
Tabela 12	-	Assinatura das matérias no portal RSN	49
Tabela 13	-	Parágrafos no portal RSN	49
Tabela 14	-	Fontes consultadas pelo Portal RSN.....	50
Tabela 15	-	Imagens utilizadas pelo portal RSN	52
Tabela 16	-	Tipos de violência na cobertura do portal RSN.....	53
Tabela 17	-	Autores de violência na cobertura do portal RSN	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	METODOLOGIA E TÉCNICA	22
2.1	ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE	26
3	CONTEXTOS.....	28
3.1	O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM GUARAPUAVA E PONTA GROSSA	28
3.2	CARACTERÍSTICAS E DADOS SOBRE OS PORTAIS ANALISADOS	33
3.2.1	Contexto da RSN em Guarapuava.....	33
3.2.2	Contexto aRede em Ponta Grossa	36
4	A COBERTURA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS PORTAIS AREDE E RSN.....	39
5	GÊNERO E JORNALISMO: CONCEITOS TEÓRICOS NORTEADORES DO TRABALHO	54
5.1	PREMISSAS TEÓRICAS SOBRE GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL	54
5.1.2	Revisão Teórico-Conceitual de Gênero	56
5.2	REFERÊNCIAS TEÓRICAS DE JORNALISMO: <i>NEWSMAKING</i> , ENQUADRAMENTO E NOTICIABILIDADE.....	64
6	ANÁLISE EM PROFUNDIDADE: TRÊS ETAPAS E ABORDAGENS.....	71
6.1	<i>NEWSMAKING</i> COMO NORTEADOR ANALÍTICO.....	71
6.2	NOTICIABILIDADE E ENQUADRAMENTO EM FOCO.....	88
6.3	UMA REFLEXÃO POR UM JORNALISMO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	114
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127

REFERÊNCIAS 131

APÊNDICE A – Quadros completos da cobertura jornalística do portal aRede	149
APÊNDICE B – Quadro completo da cobertura jornalística do portal RSN.....	157
APÊNDICE C – Entrevistada um - Delegada da Mulher de Ponta Grossa, Cláudia Krüger	171
APÊNDICE D – Entrevistado dois – Redação RSN	176
APÊNDICE E – Entrevistada três – Redação RSN	183
APÊNDICE F – Entrevistada quatro - Delegada da Mulher de Guarapuava, Ana Carolina Hass de Miranda Castro	190
APÊNDICE G – Entrevistado cinco – Redação aRede.....	194
APÊNDICE H – Entrevistado seis – Redação aRede	204
APÊNDICE I – Entrevistada sete - Redação RSN	212
APÊNDICE J – Entrevistado oito - Redação aRede	219

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um grave problema social no Brasil, que carrega nas raízes de sua problemática a característica da desigualdade de gênero. Para ilustrar tal apontamento, o Mapa da Violência 2015¹, apresenta números² detalhados sobre violência de gênero em nível nacional. No caso da publicação mais recente do Mapa sobre os homicídios³ de mulheres no Brasil, são trazidas algumas especificidades dos crimes, tais como: dados dos homicídios por estado, nas capitais e nos municípios, a cor e idade das vítimas, meios utilizados nos homicídios e local, atendimentos aos homicídios e principais agressores.

Com base no mapa, percebe-se que aproximadamente metade dos homicídios masculinos ocorre na rua e um número pouco significativo em domicílio. Mas, quando se trata de homicídios de mulheres, os números são mais aproximados: 31,2% acontecem na rua e 27,1% em casa, ou seja, isto indica a alta domesticidade deste tipo de homicídio.

Além da característica de violência doméstica, os autores dessas agressões são preponderantemente os homens. Em um universo de quase 128 mil ocorrências constataram-se os principais autores de violência em diferentes períodos de vida das vítimas. Para as adolescentes, de 12 a 17 anos de idade, os agressores dividem-se entre os pais (26,5%) e os parceiros ou ex-parceiros (23,2%). Entre as jovens e as adultas, de 18 a 59 anos de idade, o principal autor da violência é o parceiro ou ex-parceiro, registrando metade dos casos. Já para as idosas, o principal agressor foi um filho (34,9%). Com suporte nestes dados, examinamos que parentes e parceiros ou ex-parceiros do sexo masculino são os principais responsáveis pelas agressões - totalizando quase 70% das ocorrências.

A fonte utilizada para a construção do Mapa da Violência é o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS). De acordo com os registros do SIM, no período entre 1980 e 2013, 106.093 mulheres

¹https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.

² O Mapa é resultado de uma série de estudos publicados pelo governo brasileiro, desde 1998. O sociólogo argentino Julio Jacobo Waiselfisz é o responsável pela pesquisa. Além das publicações voltadas para a morte de mulheres no país, outras edições do Mapa apresentam temáticas como, por exemplo, homicídios por arma de fogo, homicídios e juventude, acidentes de trânsito e motocicletas, etc.

³ O Mapa utiliza o termo homicídio ao invés de feminicídio, porque os autores apontam que na época em que o levantamento foi realizado as estatísticas sobre feminicídio no país eram praticamente inexistentes. Nas páginas finais do Mapa, a seguinte consideração é feita: “a recente promulgação da Lei 13.104/2015, em março de 2015, a denominada Lei do Feminicídio, deverá incidir para que, em breve, tenhamos uma fonte mínima de análise a partir da tipificação dos boletins de ocorrência e dos inquéritos policiais”. Entretanto, no Atlas da Violência 2018, produzido pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), avalia-se que o problema da tipificação do homicídio de mulheres no Brasil continua com a mesma dificuldade: “a base de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade não fornece informação sobre feminicídio, portanto não é possível identificar a parcela que corresponde a vítimas desse tipo específico de crime”.

foram vítimas de homicídio no país. O número de mulheres assassinadas passou de 1.353 mulheres em 1980 para 4.762 em 2013, totalizando um aumento de 252%. A taxa, que em 1980 era de 2,3 vítimas por 100 mil, passou para 4,8 em 2013. Com essa taxa, o Brasil passou a ocupar o 5º lugar no ranking mundial de feminicídios⁴, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A grave situação de mortes por feminicídio no país é percebida também através do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher, canal pelo qual são realizadas denúncias de todos os tipos de violência contra as mulheres. No ano passado, o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) divulgou os números registrados pelo Disque Denúncia no primeiro semestre de 2018, que totalizaram 27 feminicídios, 51 homicídios, 547 tentativas de feminicídios e 118 tentativas de homicídios. No mesmo período, os relatos de violência somaram 79.661, sendo os maiores números referentes à violência física (37.396) e violência psicológica (26.527)⁵.

Tendo em vista a importância e a gravidade deste problema social, esta pesquisa tem como tema a cobertura jornalística sobre violência contra a mulher em portais de notícias de duas cidades do interior do Paraná - Guarapuava e Ponta Grossa - no período de seis meses, entre março e agosto de 2018. Como objeto empírico foram escolhidos os portais de notícias com maior número de acessos em suas regiões: RSN⁶, de Guarapuava, e aRede, de Ponta Grossa. Nesse sentido, a temática está localizada na interface entre o campo do jornalismo e os estudos de gênero. A seguir, serão justificadas as escolhas do tema, das cidades, dos portais de notícias e do período.

A temática violência contra a mulher faz parte da trajetória da mestrandia desde a graduação em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), quando desenvolveu (junto com outros quatro acadêmicos) materiais educacionais de combate à violência contra a mulher⁷, a partir de relatos reais de mulheres que sofreram todos os tipos de violência previstas na Lei Maria da Penha - física, sexual, moral, psicológica e patrimonial. Na ocasião, os produtos foram disponibilizados para a Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava e outras entidades que atuam na rede de combate a violência contra a mulher no Paraná.

⁴ Feminicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. Suas motivações mais usuais são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres.

⁵ O terceiro tipo de violência mais registrado é a sexual (6.471), o quarto é a moral (3.710) e o quinto o cárcere privado (2.828). Lembrando que estes dados se referem apenas a metade do ano de 2018.

⁶ Também conhecido como Rede Sul de Notícias.

⁷ O trabalho intitulado “Florescer”, foi desenvolvido para a disciplina de Projeto Experimental, ministrada pela professora Ariane Carla Pereira.

No ano seguinte, a professora orientadora do Florescer inscreveu o projeto para concorrer a um edital do programa Universidade Sem Fronteiras (USF), no qual foi contemplado. Garantindo assim a continuidade da produção de materiais educacionais sobre violência contra a mulher como projeto de extensão da Unicentro⁸. Após um ano de atividades, o Florescer foi contemplado novamente para dar prosseguimento como projeto de extensão⁹. Desse modo, o tema jornalismo e violência contra a mulher interessam a mestranda desde a época da graduação.

Quanto à seleção das cidades, o Paraná segue uma lógica parecida de crimes de violência contra a mulher do país. De acordo com o Mapa da Violência, em 2013, a taxa de homicídios de mulheres no estado era de 5,2 para cada 100 mil habitantes, que representa um aumento de 15,1% entre 2003 e 2013. Um levantamento realizado pelo Ministério Público do Paraná (MP-PR), em 2017, a partir de registros de violência contra a mulher no período entre 15 de junho a 31 de dezembro de 2014, demonstra que o Paraná registra 62 casos de violência física ou moral contra a mulher por dia, ou seja, a cada 24 minutos uma mulher é agredida no Paraná.

A partir de dados levantados pelo MP-PR, observamos que Ponta Grossa é a segunda cidade do Paraná com o maior número de registros (atrás apenas de Curitiba) e Guarapuava figura em oitavo lugar na lista de 399 municípios do estado. Desse modo, como elucidado pela pesquisa, são cidades do interior com alto índice de violência contra a mulher. Na tabela abaixo estão as dez cidades com maior número de registros do estado:

⁸ A mestranda atuou como bolsista deste projeto durante o ano de 2017, realizando entrevistas com mulheres vítimas de violência e produzindo materiais em diversos formatos, com temáticas como: Lei Maria da Penha, relacionamento abusivo na adolescência, violência obstétrica, feminicídio, assédio, entre outros.

⁹ Em 2018, o Florescer passou a atuar promovendo ações de conscientização e educação sobre violência contra a mulher com alunos do 3º ano do ensino fundamental, nas escolas da rede pública de ensino de Guarapuava.

Tabela 1 - Registros de violência contra a mulher no Paraná (jun. a dez./2014)

CIDADE	OCORRÊNCIAS
Curitiba	1.846
Ponta Grossa	639
São José dos Pinhais	527
Londrina	489
Foz do Iguaçu	370
Maringá	369
Paranaguá	337
Guarapuava	317
Paranavaí	276
Francisco Beltrão	266

Fonte: Kowalski (2017, *on-line*).

Além do expressivo número de registros de violência em Ponta Grossa e Guarapuava num período de seis meses, tais cidades foram selecionadas pela relação de rotina estabelecida pela mestrandia, que estuda em Ponta Grossa e trabalha em Guarapuava. Portanto, por este motivo, são cidades em que a autora já tem um conhecimento prévio sobre o funcionamento dos portais e das características sociais e de políticas públicas para mulheres envolvidas em ambos cenários¹⁰.

Embora Guarapuava tenha pouco mais da metade da população de Ponta Grossa, ambas são consideradas cidades de médio porte. Guarapuava, localizada na região centro-sul do estado do Paraná, comporta uma população estimada em 179.256 habitantes conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ponta Grossa, localizada na região dos Campos Gerais do Paraná, próximo a Curitiba, tem uma população de 344.332 pessoas estimada pelo mesmo instituto.

E ainda, outro ponto levado em consideração é o fato de que Guarapuava e Ponta Grossa abrigam universidades estaduais – Universidade Estadual do Centro-Oeste e Estadual de Ponta Grossa, respectivamente – que possuem discussões sobre gênero e/ou violência contra a mulher em grupos de pesquisa e ações de impacto social via projetos de extensão.

¹⁰ Observa-se, por exemplo, a grande difusão que os portais de notícias alcançam nas duas cidades e, também, que Guarapuava desenvolve mais projetos de políticas públicas para mulheres do que Ponta Grossa – provavelmente isso se deve ao fato de que Guarapuava possui Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres.

Atualmente, a UEPG possui quatro grupos certificados pelo Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): 1) "Questão ambiental, gênero e condição de pobreza" - Departamento de Serviço Social; 2) "Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero" - Departamento de Jornalismo; 3) "Estudos sobre Educação, Cultura e Diversidades" - Departamento de Educação; 4) "Grupo de Estudos Territoriais" – Departamento de Geografia. E, além dos Grupos de Pesquisa, a universidade pontagrossense conta com quatro Programas de Extensão: 1) Núcleo de Relações Étnico-raciais, Gênero e Sexualidade (NUREGS) - Departamento de Letras, História e Serviço Social; 2) Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades (LAGEDIS) - Departamento de História; 3) Núcleo de Estudos da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (NEVICOM) - Departamento de Serviço Social, Direito e Psicologia; 4) Elos: Direitos Humanos, Gênero e Formação Cidadã - Departamento de Jornalismo.

Já na Unicentro, atualmente são três grupos certificados pelo CNPq que estudam o tema gênero: 1) "Corpo e Gênero na História" - Departamento de História; 2) "Núcleo de Estudos em Violência Urbana e Saúde" - Departamento de Enfermagem; 3) "Pesquisa em Artes" – Departamento de Artes. Além dos grupos, a instituição de ensino conta com três Projetos de Extensão: 1) Florescer – Departamento de Comunicação; 2) Núcleo Maria da Penha de Guarapuava (NUMAPE) - Departamento de Serviço Social; 3) Núcleo Maria da Penha de Irati (NUMAPE) - Departamento de Psicologia.

A definição dos portais de notícias RSN, de Guarapuava, e aRede, de Ponta Grossa, se deu pela grande difusão alcançada por ambos em suas cidades. O número de acessos da RSN chega a 900.000¹¹ por mês, o que totaliza aproximadamente 30.000 acessos diários. O portal aRede¹² registra aproximadamente 83 mil acessos diários ou 2,5 milhões de acessos mês.

O período apontado para coleta do material empírico - de março a agosto de 2018 – foi selecionado para analisar o fazer jornalístico dos portais em um semestre, sendo que foram analisados também os feminicídios que tiveram mais destaque nos noticiários neste período. O primeiro feminicídio ocorreu em Ponta Grossa no dia 6 de abril, quando a estudante de Agronomia, Nathalia Deen, foi morta a facadas pelo ex-namorado Mateus Gonçalves da Silva¹³. O segundo feminicídio aconteceu em Guarapuava no dia 22 de julho, quando a advogada

¹¹ Este dado foi levantado a partir de entrevista com a fundadora e Diretora de Jornalismo da RSN, no dia 25 de fevereiro de 2019.

¹² Dado levantado a partir de entrevista com o editor-chefe do Portal aRede, no dia 19 de fevereiro de 2019.

¹³ <http://arede.info/ponta-grossa/208678/estudante-e-morta-a-facadas-dentro-de-condominio-em-pg>. Acesso em 22 de abril de 2019.
<http://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/paranaty-2edicao/videos/t/edicoes/v/mateus-ligou-36-vezes-para-nathalia-deen-na-noite-do-crime-e-mandou-mensagens-ameadoras/6655267/>. Acesso em 22 de abril de 2019.

Tatiane Spitzner foi asfixiada e jogada do 4º andar do prédio onde morava pelo marido Luis Felipe Manvailer¹⁴.

Portanto, o recorte foi selecionado no sentido de contemplar pelo menos um mês antes e um mês após os feminicídios¹⁵. Os dois casos de assassinato serão observados com mais profundidade pela autora, entretanto não serão analisadas apenas as coberturas sobre estes crimes específicos, pois durante os seis meses em questão foram coletadas também as demais notícias publicadas sobre violência contra a mulher que ocorreram nos âmbitos municipais. Também é uma escolha da autora trabalhar com um recorte o mais atual possível, no sentido de encaminhar uma reflexão da interface entre jornalismo e gênero a partir de um fazer jornalístico vigente.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como o tema violência contra a mulher é abordado nos portais RSN, de Guarapuava, e aRede, de Ponta Grossa. Os objetivos específicos dentro desta ótica são: a) identificar características e dados sobre violência contra a mulher nas duas cidades, a partir de entrevistas com as delegadas da mulher de cada município; b) apontar as particularidades da cobertura dos portais, amparada teoricamente por conceitos de *newsmaking*, noticiabilidade e enquadramento, e tendo como horizonte o material jornalístico coletado entre março e agosto de 2018 e as entrevistas com as redações; e c) refletir sobre o jornalismo com perspectiva de gênero a partir das características encontradas nas coberturas dos portais.

Dessa maneira, para o campo jornalístico, a contribuição desta pesquisa é fortalecer as relações entre os estudos de jornalismo e gênero, objetivando compreender a prática jornalística de portais do interior do Paraná sobre o tema violência contra a mulher, a partir do levantamento empírico e alicerçado por conceitos teóricos de jornalismo e gênero.

Assim, com fundamento nos argumentos apresentados ao longo deste tópico, o problema de pesquisa é composto por duas questões, sendo que a segunda depende dos resultados da primeira. Primeiro será respondido: "como o tema violência contra a mulher é representado nos portais de notícias RSN e aRede?". Em seguida, a segunda questão: "a partir

¹⁴<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/advogada-de-29-anos-morre-apos-queda-em-guarapuava/>. Acesso em 22 de abril de 2019.
<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/t/todos-os-videos/v/caso-tatiane-spitzner-imagens-de-cameras-de-seguranca-mostram-agressoes-do-marido/6921915/>. Acesso em 22 de abril de 2019.
<https://www.nytimes.com/2018/08/07/world/americas/domestic-abuse-shown-blow-by-blow-shocks-brazil.html>. Acesso em 22 de abril de 2019.

¹⁵ Desde 2017, já havia um plano de coleta para o primeiro semestre de 2018 - antes de acontecerem os feminicídios - e, quando os crimes ocorreram, somente reforçaram a importância da pesquisa.

das características dos portais, das entrevistas e do referencial teórico de jornalismo e gênero: por que o jornalismo sobre violência contra a mulher é produzido dessa maneira?"

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No capítulo um, serão abordados os procedimentos metodológicos e técnicas utilizadas para organizar a cobertura jornalística dos portais, e as entrevistas semiestruturadas com as redações e as delegadas. Além disso, o capítulo apresenta a sistematização da análise, apontando como ocorrerá a ligação entre teoria e material empírico.

No capítulo dois, a autora traz o contexto sobre violência contra a mulher em Guarapuava e em Ponta Grossa, com informações levantadas a partir das entrevistas com as delegadas da mulher das respectivas cidades. Da mesma forma, também é apresentado o contexto dos portais aRede e RSN, com dados coletados nas entrevistas com as redações.

O capítulo três se refere à apresentação da quantificação da coleta do material jornalístico dos portais, no período entre março e agosto de 2018. As categorias data, título, editoria, assinatura, número de parágrafos, foto, fontes, autor do crime e tipo de violência são expostas em formato de tabelas e quadros para o leitor.

No capítulo quatro, serão abordados os conceitos teóricos norteadores do trabalho. Do campo do jornalismo, foram mobilizados os conceitos de *newsmaking*, noticiabilidade e enquadramento. Dos estudos de gênero, a perspectiva adotada é a cultural. Além disso, no mesmo tópico, a autora defende por que a discussão de gênero é central para compreender o fazer jornalístico sobre violência contra a mulher.

O capítulo cinco é composto pela análise. Tendo em vista o grande volume de informações que este trabalho se propõe manusear – 177 notícias, quase oito horas de entrevistas e quatro conceitos teóricos – a análise será dividida em três partes: iniciando com base em *newsmaking*, depois enquadramento e noticiabilidade e, por fim, a discussão centrada em gênero.

Por fim, a autora apresenta suas considerações finais sobre o trabalho, retomando as principais questões teóricas e analíticas abordadas, e apontando encaminhamentos para um aprofundamento da pesquisa.

2 METODOLOGIA E TÉCNICA

Para alcançar os objetivos de pesquisa, foram utilizados dois procedimentos aplicados em diferentes momentos: o método Análise de Conteúdo (AC) e as técnicas de entrevista semiestruturada. O primeiro para coletar, sistematizar e categorizar a coleta de seis meses de material jornalístico dos portais aRede e RSN - de março a agosto de 2018; e o segundo para estruturar as entrevistas realizadas com os editores e repórteres das redações pesquisadas e com as delegadas da mulher de Guarapuava e de Ponta Grossa.

Mesmo que em alguns momentos da pesquisa a coleta tenha sido quantificada para demonstrar a frequência de aparição de determinadas características da cobertura jornalística, esta dissertação é guiada por um paradigma qualitativo, pois no entendimento da autora os dados levantados a partir da coleta dos portais e das entrevistas não podem ser traduzidos somente em números, mas através de uma investigação descritiva e interpretativa, com análises indutivas.

A principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa. Isto significa que essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.131)

Seguindo cronologicamente o percurso metodológico da pesquisadora, primeiro utilizou-se o método Análise de Conteúdo, proposto pela francesa Laurence Bardin (1977), para organizar as coberturas jornalísticas dos portais pesquisados. Para a autora, a AC é um conjunto de técnicas de análise em que são aplicados procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Tal método tem como uma das características centrais o conhecimento baseado na dedução ou inferência, e para chegar a este estágio, seguiu-se as três etapas estabelecidas por Bardin como referência para construção metodológica: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Um referencial de codificação é um modo sistemático de comparação. Ele é um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais, e do qual o codificador consegue respostas, dentro de um conjunto predefinido de alternativas (valores de codificação). Embora o corpus de texto esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. (BAUER, 2000, p. 199)

Na pré-análise, são previstas cinco etapas: a) leitura flutuante, que seriam os primeiros contatos com o conteúdo analisado (a autora observou diariamente a cobertura jornalística dos portais aRede e RSN entre março e agosto de 2018, olhando todas as notícias que versavam sobre casos de violência contra a mulher e o combate do mesmo); b) escolha dos documentos, ou seja, a definição do corpus (observou-se o grande volume de notícias sobre este tema, e optou-se por delimitar o corpus para casos de violência que ocorreram somente nas cidades onde os portais estão localizados – Guarapuava e Ponta Grossa – excluindo assim, as matérias sobre violência em cidades vizinhas, de outras localidades do Estado ou fora dele. Foram excluídas também as matérias reproduzidas de agências de notícia que versam sobre o combate da violência contra a mulher, e consideradas somente os conteúdos próprios dos portais sobre combate à violência em nível municipal); c) formulação das hipóteses e dos objetivos, que se trata basicamente de uma observação provisória que será validada ou não a partir da análise (apesar de não ser obrigatório ter uma hipótese, com a leitura flutuante e escolha do material, a autora pré-concebeu que o principal definidor primário sobre o tema violência contra a mulher é a Polícia Militar e, portanto, as notícias sobre este tema são trabalhadas pelos jornalistas a partir de boletins de ocorrência; além disso, a hipótese é de que ambos os portais selecionam os casos dos boletins pelo critério da gravidade e/ou grotesco); d) elaboração de indicadores (nesta etapa, a autora começou a rascunhar alguns indicadores que depois tornaram-se as categorias de análise, num primeiro momento a compreensão era de que tais indicadores precisavam ser capazes de apreender as características do fazer jornalístico dos portais, por exemplo: título da matéria, assinatura, número de parágrafos, etc; e) preparação do material (equivale à edição, e neste caso as informações foram organizadas em formato de tabelas, quadros e gráficos).

A exploração do material é a etapa de elaboração da codificação, feita a partir da organização da pré-análise. Nesse momento, os materiais brutos coletados tornam-se a representação da cobertura jornalística dos portais. Três escolhas são previstas no processo de codificação: (a) recorte, que seria a definição das Unidades de Registros (UR), que irrompem das Unidades de Contexto (UC), e equivalem a palavras, frases ou temas (na dissertação adotou-se o tema como UR, pois durante a coleta, percebeu-se a importância dada pelos portais aos casos de feminicídio que ocorreram em Ponta Grossa com a morte da estudante Nathália Deen, e em Guarapuava com a morte da advogada Tatiane Spitzner, por isso a organização do material para análise segue três temas – os casos de feminicídio, outras violências contra a mulher, e ações municipais de combate a este tipo de violência; b) enumeração ou escolha das regras de contagem (a unidade de contagem adotada no trabalho é a frequência de aparição dos temas específicos na coleta, contabilizados em formato de tabelas, quadros e gráficos); c) classificação

e agregação (a partir dos rascunhos realizados na etapa de elaboração de indicadores, da pré-análise, foram escolhidos como categorias itens capazes de apreender as características da produção jornalística - data, título, editoria, assinatura, número de parágrafos, foto, fontes, autor do crime e tipo de violência).

O tratamento dos resultados é a etapa em que os dados ganham maior significância, já que após todo o processo de leitura, organização e categorização, o material passa a fazer sentido. As categorias são funcionais tanto no sentido de comparar analiticamente as duas coberturas através de aspectos semelhantes e diferentes, quanto para o processo de induções de análise. A analista, tendo a sua disposição este material, conseguiu iniciar o processo de fazer inferências e adiantar interpretações da etapa de análise agregada à teoria. Tais inferências são o que diferenciam o levantamento de dados de uma simples descrição.

A análise de conteúdo permite inferências sobre a fonte, a situação em que esta produziu o material objeto de análise, ou até, por vezes, o receptor ou destinatário das mensagens. A finalidade da análise de conteúdo será, pois, efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas. (VALA, 2001, p.104)

Como já apontado neste tópico, além do método AC, foram realizadas entrevistas a partir de um modelo semiestruturado, por entender que apenas a análise de conteúdo das notícias não traria um resultado satisfatório sobre o fazer jornalístico dos portais e, portanto, as entrevistas complementam os dados com sua característica subjetiva. Surgiu então, a necessidade de contato direto com os sujeitos produtores do conteúdo jornalístico analisado e as autoridades responsáveis por assuntos de violência contra a mulher em ambas as cidades.

Na interpretação de Boni e Quaresma (2005), através da entrevista, os pesquisadores tem acesso a dados objetivos e subjetivos, com destaque para o segundo, já que os dados objetivos podem ser levantados também através de fontes secundárias como censos e estatísticas, mas os dados subjetivos “só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados” (BONI; QUARESMA, 2005, p.72).

Quanto à técnica, optou-se pela entrevista semiestruturada - amplamente estudada por Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) - por conta da possibilidade de elaboração dos questionamentos centrais e, ao mesmo tempo, da flexibilidade de adaptar a entrevista e acrescentar outras questões que surgissem no decorrer da conversa. A pretensão, desde o início, foi a de escolher uma técnica que não permitisse a padronização de perguntas e um número restrito de possibilidades de respostas.

Para Triviños (1987, p.167) os questionamentos base levantados pelo pesquisador para a entrevista semiestruturada são provenientes das hipóteses de pesquisa, neste caso, as deduções levantadas pela pesquisadora surgiram justamente da observação da coleta da cobertura jornalística. O autor aponta que, durante a entrevista, o pesquisador tem presença consciente e atuante e é capaz de apreender a descrição, explicação e compreensão dos fenômenos sociais (TRIVIÑOS, 1987, p.152).

Na mesma linha, Manzini (1990/1991) aponta para a importância da confecção de um roteiro de perguntas principais, capazes de provocar ou fazer irromper outras questões momentâneas durante a entrevista. Aliado a este roteiro planejado de perguntas, Boni e Quaresma (2005) destacam que o entrevistador deve transmitir, acima de tudo, confiança ao entrevistado.

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI; QUARESMA, 2005, p.75)

Após compreender a técnica, a autora decidiu algumas questões importantes que fazem parte do processo de planejamento da entrevista: a) escolha dos entrevistados (optou-se por entrevistar o editor-chefe do portal aRede, e os repórteres¹⁶ do mesmo veículo que assinaram notícias de violência contra a mulher; e o editor-chefe do portal RSN, e as duas repórteres que assinaram matérias com o tema. Além destas, também foram realizadas entrevistas com a delegada da mulher de Ponta Grossa, Cláudia Krüger, e a delegada da mulher de Guarapuava Ana Carolina Hass de Miranda Castro); b) oportunidade da entrevista (as entrevistas foram agendadas com antecedência, respeitando a disponibilidade dos entrevistados, todas foram realizadas entre novembro de 2018 e março de 2019); c) preparação do roteiro de entrevistas (no caso das entrevistas das redações, as perguntas foram elaboradas em torno de três eixos: trajetória profissional, prática jornalística do portal e caso específico de feminicídio - Nathália e Tatiane; já as entrevistas com as delegadas teve como objetivo coletar dados sobre violência contra a mulher nas cidades estudadas e as características específicas dessa violência).

¹⁶ Foram entrevistados os repórteres que ainda trabalham no portal, pois outros jornalistas que assinaram matérias sobre este tema, mas não estão mais na empresa.

Num balanço geral, as entrevistas transcorreram tranquilamente. A mestranda deslocou-se até Ponta Grossa em novembro e em fevereiro para fazer as entrevistas com a delegada e com a redação da aRede, respectivamente. Somente a entrevista com o um dos repórteres do portal ponta-grossense foi realizada via telefone¹⁷, todas as outras foram pessoalmente. Em Guarapuava, as entrevistas ocorreram entre janeiro e fevereiro de 2019, todas presencialmente.

Cada entrevista teve duração de aproximadamente uma hora. Todas foram gravadas em duas plataformas – celular e gravador – e decupadas na íntegra para facilitar o processo de organização, seleção de trechos e análise. Quanto aos encaminhamentos dados às entrevistas, os dados coletados com as delegadas foram a base para contextualizar a violência contra a mulher em Guarapuava e em Ponta Grossa. As entrevistas com os editores dos portais foram utilizadas tanto para apresentar a história e características dos veículos, quanto para complementar os dados da coleta do material jornalístico para a análise. Por fim, as entrevistas com os repórteres contribuíram da mesma forma para embasar o corpus de análise.

2.1 ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE

Nesta dissertação, a autora se propõe a analisar a cobertura dos portais aRede e RSN, a partir de conceitos teóricos de gênero (perspectiva cultural) e jornalismo (*newsmaking*, enquadramento e noticiabilidade). Tendo em vista que serão utilizados quatro conceitos, trechos das oito entrevistas realizadas e dados levantados a partir de 177 notícias, optou-se por dividir a análise em três etapas, para que as informações pudessem ser melhor trabalhadas. Cada parte da análise será guiada por conceitos teóricos diferentes e trechos das entrevistas e da coleta relacionados. A ordem será a seguinte:

¹⁷ Durante visita ao portal aRede, primeiramente foi entrevistado o editor-chefe e depois um dos repórteres. Quando a mestranda iria realizar a terceira e última entrevista, o editor-chefe argumentou que a dinâmica estava interferindo no trabalho da redação e insistiu que a entrevista fosse realizada em outra data via telefone, mesmo que a pesquisadora tenha afirmado que viajou para Ponta Grossa somente para cumprir este compromisso do Mestrado. Por este motivo, uma das entrevistas foi realizada via ligação telefônica.

Quadro 1 - Organização da análise da dissertação em três partes

Primeira parte Teoria: <i>newsmaking</i> Coleta: data, editoria, assinatura, parágrafos, fotos, fontes Temas das entrevistas: prática jornalística do portal; rotina de produção relacionada a adaptação de boletins de ocorrência da Polícia Militar; e consulta a fontes de informação
Segunda parte Teoria: noticiabilidade e enquadramento Coleta: títulos e tipo de violência Temas das entrevistas: descrição de noticiabilidade e enquadramento nos conteúdos jornalísticos das redações; hierarquização do tema violência contra a mulher nos portais; aparição do tema entre os mais lidos
Terceira parte Teoria: gênero Coleta: autor da violência Temas das entrevistas: causa da violência contra a mulher; discussão sobre se há diferença entre um jornalista homem ou mulher escrever sobre o assunto

Fonte: a autora.

Na primeira parte da análise, através do conceito “rotinização das práticas jornalísticas” de Tuchman (1983), e “canais de rotina” de Traquina (2005), a autora observou - através das entrevistas e da coleta - algumas características de rotina de produção dos portais.

Na segunda parte, o quadro e valores-notícia para operacionalizar acontecimentos noticiáveis e noticiados elaborada por Silva (2005) contribuiu para verificar os principais critérios de noticiabilidade adotados pelas redações. Ainda na segunda etapa, o enquadramento das redações para notícias de violência contra a mulher foi verificado com base nos conceitos de temas “episódicos” ou “temáticos”, traçados por Iyengar (1991), e o conceito de “repetição”, abordado por Gitlin (1980) e Entman (1993).

A terceira e última parte da análise traz estudos sobre jornalismo com perspectiva de gênero, conceituados por Chaheer e Santoro (2007). As três etapas da análise têm uma proposta analítica e reflexiva sobre a prática jornalística e as questões de gênero na sociedade.

3 CONTEXTOS

3.1 O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM GUARAPUAVA E PONTA GROSSA

Este tópico tem como objetivo apontar dados e contexto da violência contra a mulher nas cidades pesquisadas, com base nas entrevistas realizadas pela mestrandia com as delegadas da mulher¹⁸. As autoridades disponibilizaram os números de boletins de ocorrência de 2018, das suas respectivas cidades. Além disso, apontaram quais são os principais crimes registrados, quais são os principais agressores de mulheres, como funciona a rede de enfrentamento da violência contra a mulher em Guarapuava e Ponta Grossa, e especificações sobre o feminicídio.

Ana Carolina Hass de Miranda Castro assumiu a Delegacia da Mulher de Guarapuava em agosto de 2018¹⁹, antes disso trabalhou durante um ano e meio como Delegada (não titular) da Delegacia da Mulher de Curitiba e dois anos como titular em Cândido de Abreu. Já a Delegada Cláudia Krüger está à frente da Delegacia da Mulher de Ponta Grossa há 14 anos, antes disso chefiava a Delegacia do Adolescente.

Conforme apontado em entrevista, até novembro de 2018 foram registrados 1.800 boletins de ocorrência de violência contra a mulher em Ponta Grossa, ou seja, aproximadamente cinco casos por dia. Em Guarapuava, no mesmo ano, foram 1.108 boletins, totalizando uma média de três casos diários. Importante ressaltar a diferença de dimensão das cidades, resguardando as devidas proporções: Ponta Grossa tem uma população estimada de 348 mil pessoas e Guarapuava de 180 mil.

Na elaboração do boletim de ocorrência, o próprio sistema da Polícia traz opções de enquadramento para especificação das violências, como por exemplo: ameaça, lesão corporal, vias de fato, etc. Apesar de a Lei Maria da Penha²⁰ (em vigor desde 2006) prever os cinco tipos de violência contra a mulher - física, psicológica, moral, patrimonial e sexual - ela não especifica os crimes, estes constam apenas no Código Penal através de outras leis. Portanto,

¹⁸ As entrevistas completas estão transcritas nos apêndices C e F deste trabalho.

¹⁹ Duas semanas após o feminicídio de Tatiane Spitzner.

²⁰ Sancionada em 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha nº 11.340, é reconhecida pela ONU como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. A Lei cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

para julgamento dos casos de violência contra a mulher no âmbito doméstico são combinados os artigos da Lei Maria da Penha com o Código Penal.

Apesar de não especificar a proporção dos tipos de violência que constam nos 1.800 boletins de ocorrência registrados em Ponta Grossa em 2018, a Delegada assegura que a agressão mais representativa na cidade é a ameaça, ou a chamada violência psicológica.

A violência que mais ocorre aqui é a ameaça²¹. A grande maioria dos boletins de ocorrência é por ameaça, seguido por perturbação da tranquilidade. É a violência verbal. Por ameaça, por perturbação da tranquilidade, aquela pessoa que fica ligando, fica incomodando, porque não aceita o final do relacionamento, passa na frente da casa, fica chateando a pessoa. E daí vias de fato, que é você dar um empurrão na pessoa, você tem o contato física, mas que não gerou lesão. E quarto a lesão corporal, graças a Deus a lesão corporal fica em quarto lugar. (Informação verbal²²)

Em Guarapuava, a violência física representa 36% dos 1.108 boletins, totalizando 400 boletins, seguido de 250 casos de ameaça.

Na agressão física o número é alto, porque não está somente a agressão física, também entra vias de fato e injúria real. A gente tem que considerar que em vários boletins de ocorrência estão vários tipos de violência juntas, por exemplo, ameaça com injúria, ou injúria com lesão, ou vias de fato com perturbação. Então, não é um número isolado, mas realmente o que a gente percebe – tanto aqui, como na minha passagem pela Delegacia da Mulher de Curitiba – pela sensação de presenciar o dia-a-dia, é que de fato as mulheres não esperam mais que chegue ao ponto da violência física para procurar as autoridades policiais, por isso o número de registros de ameaça também é expressivo. (Informação verbal²³)

De acordo com os relatos das Delegadas, os principais agressores de mulheres em Ponta Grossa são os companheiros, ex-companheiros e filhos, e em Guarapuava também são os companheiros e ex-companheiros. Outra semelhança apontada pelas autoridades é a característica do uso de álcool e/ou drogas por parte dos autores de violência, na percepção da Delegada de Ponta Grossa, por exemplo, chega a representar 80% dos casos as agressões cometidas por homens envoltos por drogadição. Nesse sentido, as entrevistadas destacam os fins de semana e os fins de ano como períodos em que há o aumento dos registros de violência contra a mulher.

Acredito que, talvez, a PM receba mais chamados no final de semana, porque as famílias estão reunidas, porque há ingestão de bebida alcoólicas, que sempre está

²¹ Em uma linguagem coloquial, as delegadas de Guarapuava e Ponta Grossa utilizaram repetidamente o termo “ameaça”, que pode ser traduzido de uma maneira mais formal como violência psicológica.

²² Entrevista concedida por KRÜGER, Cláudia. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

²³ Entrevista concedida por CASTRO, Ana Carolina Hass de Miranda. Entrevista IV. [fev. 2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste trabalho.

relacionado com a violência. A drogadição de uma forma geral sempre tá permeando as violências domésticas, acho que 80% dos casos. [...] Tem vítimas que vem aqui e dizem que quando o companheiro está sóbrio é outra pessoa. O problema é quando ingere ou usa outro tipo de droga. (Informação verbal²⁴)

Final e começo do ano a violência aumenta, isso é clássico. Primeiramente, o clima favorece o consumo de álcool. Férias, porque as pessoas estão em casa ou viajando, permanecendo mais juntas e “favorecendo” essas situações de briga. Isso é uma percepção minha, não estou me baseando em dados. Eu já até busquei estudos sobre isso e não achei, porque de fato no final de ano a minha pilha de boletins de ocorrência vem muito maior do que em outros períodos. (Informação verbal²⁵)

Para combater este tipo de violência, as Delegadas detalham a importância de os municípios contarem com uma rede de enfrentamento que contemple diversos órgãos. Em Guarapuava, o trabalho integrado é composto por Polícia Civil, Polícia Militar, Ministério Público, Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, Patrulha Maria da Penha e IML, sendo que seus representantes se reúnem periodicamente para discutir a estruturar ações²⁶. Em Ponta Grossa, a frente do enfrentamento da violência é composta por Polícia Civil, Polícia Militar, 4ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça, Patrulha Maria da Penha e Guarda Municipal²⁷.

Quando questionadas se existe um diferencial as Delegacias da Mulher geralmente contarem com Delegadas à sua frente, as duas autoridades seguiram basicamente a mesma linha de pensamento, afirmando que este cargo independe do gênero para que funcione dentro dos corretos aspectos técnicos da lei.

Eu enxergo um servidor público. Tem homens que tem uma sensibilidade maior para muitas coisas, e tem mulheres que já são mais firmes, são as características individuais. Existe o princípio da impessoalidade no serviço público, então acredito que é preciso ser técnico, comprometido com aquilo que você faz. Há uma tendência que perante as Delegacias da Mulher se tenha uma Delegada, mas não vejo contrariedade em ser um homem a presidir as investigações, porque ele tem que ser técnico, comprometido com a investigação e com a busca da verdade. O dever de fazer corretamente. (Informação verbal²⁸)

Na minha opinião, não necessariamente da parte da Polícia e da parte do Delegado vai existir um diferencial em a responsável pela Delegacia ser uma mulher. A partir do momento que o policial assume o cargo de Delegado, ele automaticamente se torna

²⁴ Entrevista concedida por KRÜGER, Cláudia. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

²⁵ Entrevista concedida por CASTRO, Ana Carolina Hass de Miranda. Entrevista IV. [fev. 2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste trabalho.

²⁶ Além destes, outros grupos e entidades atuam no combate à violência contra a mulher na cidade. A Unicentro, por exemplo, conta com dois projetos de extensão nesse sentido, o Florescer (que produz materiais educacionais sobre o tema) e o Numape - Núcleo Maria da Penha (que dispõem de profissionais recém-formados em Psicologia e Serviço Social para atender mulheres em situação de violência).

²⁷ A exemplo de Guarapuava, em Ponta Grossa também são realizados projetos de extensão via UEPG, como o Numape - Núcleo Maria da Penha (que oferta atendimento psicológico, de assistência social e jurídico).

²⁸ Entrevista concedida por KRÜGER, Cláudia. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

imparcial para qualquer tipo de julgamento. Entretanto, na visão das vítimas e da sociedade há diferença – pelo fato da vítima se sentir mais confortável por ser mulher, achar que a mulher vai entender o lado dela, que vai ouvir com mais parcimônia. Então, na parte da polícia não há diferencial, mas na questão do entendimento da vítima de falar mais, conseguir se abrir mais, procurar mais, talvez seja realmente um fator que diferencie. Uma sensação de segurança, talvez. Essa questão de acharem que as mulheres são mais sensíveis, muitas vezes acontece até o contrário, o homem às vezes fica mais mexido do que a própria mulher, dependendo da situação. (Informação verbal²⁹)

Aproveitando a oportunidade da entrevista, a mestranda perguntou sobre como é realizada a qualificação de um homicídio de mulher para que seja considerado feminicídio. Este esclarecimento é considerado importante pela autora devido à separação do material de análise, em que as Unidades de Registros contemplam três temas: os casos de feminicídio (Nathália e Tatiane), outras violências contra a mulher e ações municipais de combate a este tipo de violência. Portanto, já que um dos temas centrais apurados na cobertura de seis meses é o feminicídio, decidiu-se por abordar este aspecto técnico na entrevista.

Quem define isso é o Código Penal. O feminicídio pra começo de história não é um crime novo, o feminicídio é nada mais nada menos que a figura do homicídio que já existia, na sua forma qualificada. Qualificada como? Pelo fato de matar uma pessoa por sua condição de mulher ou no contexto da violência doméstica. Eu costumo usar o caso da vereadora Marielle como exemplo, aquilo não foi um feminicídio. Ela não foi morta por ser mulher, a princípio, seguindo a linha de investigação. Poderia ter sido uma queima de arquivo, qualquer outra coisa que não um feminicídio. (Informação verbal³⁰)

Ainda de acordo com as explicações, a qualificação como feminicídio começa com o Delegado ou Delegada de Polícia que, em um primeiro olhar, recorre ao âmbito da Lei Maria da Penha. Então, esta autoridade policial percebe a situação, interpreta o caso específico de homicídio a partir das leis, inicia a investigação e trabalha o inquérito policial. Depois, o inquérito é encaminhado para a Justiça que também é avaliada pela Promotoria e outras autoridades do Poder Judiciário para determinação da tipificação.

Ao abordar este assunto, a Delegada de Ponta Grossa recordou um caso de feminicídio que ocorreu em 2018 na cidade, e comparou a diferença de repercussão da imprensa para determinados casos em detrimento de outros.

Dependendo do feminicídio existe uma cobertura diferente na mídia. Teve um caso de feminicídio na época da greve dos caminhoneiros que quase ninguém noticiou, em

²⁹ Entrevista concedida por CASTRO, Ana Carolina Hass de Miranda. Entrevista IV. [fev. 2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste trabalho.

³⁰ Entrevista concedida por CASTRO, Ana Carolina Hass de Miranda. Entrevista IV. [fev. 2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste trabalho.

que o genro matou a sogra. Depende do assunto que está em voga naquele momento, depende de vários fatores, às vezes uma ocorrência é super noticiada e outra que também era grave acaba não sendo abordada. Existem questões que são importantes, mas não são noticiadas, e elas não deixam de ser importantes porque não saíram no jornal. Esse caso do genro que matou a sogra foi assim: a mulher veio nos procurar no início de uma semana, e pediu medida protetiva contra o marido. Uma semana depois saiu essa medida, mas ela retornou à Delegacia um tempo depois dizendo que ele estava descumprindo a medida, e foi encaminhada junto com os filhos para uma casa abrigo. O juiz já tinha notificado ele da medida protetiva, então legalmente estava tudo certo, aí eu tomei a declaração nova dela e representei pela prisão dele, pelo descumprimento da medida. Então, ele fugiu e eu fiquei esperando a resposta do juiz ao pedido de prisão que foi feito. No final de semana, ele foi na casa da mãe dela, achando que ela estaria lá, e acabou matando a mãe e deu uma surra no irmão dela. A ideia por certo era matá-la, mas ela estava na casa abrigo. Ele fez isso e fugiu de novo. Na segunda ou terça ele procurou um advogado para já se apresentar, porque ele já não estava mais em flagrante. A Delegada da sessão de homicídios me disse que ele ia se apresentar lá, aí eu falei que já estava saindo meu mandado de prisão pelo descumprimento das medidas, e com esse mandado ele foi preso na hora, e assim foi iniciado o inquérito policial pelo feminicídio da sogra dele. (Informação verbal³¹)

Dentro do contexto apresentado pelas delegadas irrompe uma questão: o poder público, através das Polícias Militar e Civil, não consegue alcançar e resolver todos os casos de violência contra a mulher. Até porque, o papel das polícias é de natureza repressiva, de atendimento às vítimas após os crimes cometidos e providências quanto ao julgamento do agressor. A questão que parece central aqui é o questionamento da polícia como instituição primeira na resolução de casos de violência contra a mulher, sendo que a este fenômeno passa por questões culturais e educacionais profundas. Desse modo, alguns pesquisadores apontam que a solução da questão está muito mais alinhada às ações preventivas do que repressivas.

Para erradicar a violência contra as mulheres que acontece no espaço público e privado, e que tem se perpetuado de geração em geração, é preciso se debruçar sobre as causas, sobre as raízes culturais dessa violência. Em várias partes do mundo, nos últimos 30, 40 anos, o que se tem focalizado especialmente são os efeitos e consequências: o abuso sexual de meninas, o estupro, a violência doméstica, o assassinato de mulheres pelos seus parceiros íntimos etc. Algo que tem sido fundamental, diante da gravidade da violência contra as mulheres no Brasil e no mundo. Agora, associada a essas ações de exigência para acesso à justiça por parte das mulheres, é também preciso maior ênfase no debate sobre as culturas da violência para se conseguir exigir mudanças de comportamento e mentalidade nos padrões de socialização. (Jacira Melo, mestre em Ciências da Comunicação e diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão³²)

³¹ Entrevista concedida por KRÜGER, Cláudia. Entrevista I. [nov. 2018]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

³² Abordagem da pesquisadora, para o Dossiê Patrícia Galvão: Cultura e raízes da violência contra as mulheres. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/#prevencao>. Acesso em 23 de abril de 2019.

Na mesma linha, a advogada Maria Amélia sugere a qualificação dos profissionais da Segurança Pública e da imprensa como pontos-chave para combater a violência contra a mulher em um nível de prevenção.

Precisamos dar muita ênfase às medidas preventivas, como a capacitação de profissionais, mas também campanhas junto à sociedade, à mídia, a todos os órgãos do Poder Judiciário e do sistema de Segurança Pública, para aprofundar a reflexão do que significa a violência contra as mulheres e estimular mudanças significativas em todas as dimensões. (Maria Amélia de Almeida Teles, bacharel em Direito e coordenadora da União de Mulheres de São Paulo e do Programa de Promotoras Legais Populares³³)

Com este tópico espera-se terem sido esclarecidas algumas questões referentes a características da violência contra a mulher em Guarapuava e Ponta Grossa, e a atuação da rede de enfrentamento a este tipo de violência (com foco principal na Delegacia da Mulher). No próximo tópico, a abordagem será sobre a história e características dos portais aRede e RSN.

3.2 CARACTERÍSTICAS E DADOS SOBRE OS PORTAIS ANALISADOS

Os portais de notícias aRede e RSN foram selecionados pela autora, por conta da percepção do alcance de ambos em suas respectivas cidades. O número de seguidores dos portais, e as interações com as notícias publicadas nas mídias sociais, demonstram a abrangência dos conteúdos publicados e a legitimação dos sites como um dos principais veículos de informação de suas regiões. Este tópico tem como objetivo abordar alguns aspectos históricos, números de acessos e características básicas de produção dos portais.

3.2.1 Contexto da RSN em Guarapuava

O portal Rede Sul de Notícias - RSN foi fundado em 2001, em Guarapuava, pela publicitária e atual diretora de jornalismo do site. Desde o início, o jornal funciona no formato online, acompanhando o advento da internet na cidade, conforme relato da diretora.

O ex-prefeito Vitor Hugo Ribeiro Burko³⁴ me deu a ideia de criar um site em Guarapuava, e eu achei uma loucura porque tinha menos de dois mil assinantes de internet, naquela época era discado, as pessoas entravam depois da meia noite porque era mais barato. Eu comecei a pesquisar e não existia nada, fui até Curitiba para conversar com meu irmão Fernando, ele já estava mais inteirado, começando a criar

³³ Abordagem da advogada, para o Dossiê Patrícia Galvão: Cultura e raízes da violência contra as mulheres. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/#prevencao>. Acesso em 23 de abril de 2019.

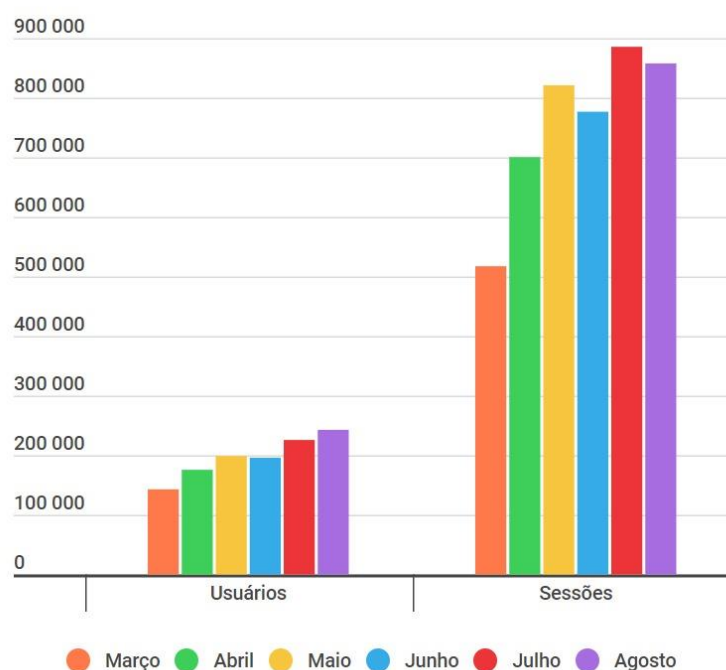
³⁴ Prefeito de Guarapuava por dois mandatos 1997-2000 e 2001-2004. Na segunda metade do primeiro mandato, a diretora foi Secretária de Comunicação da gestão de Burko.

alguma coisa para a área de assessoria na internet. O nome foi ele que deu, em uma noite a gente escolheu tudo. Depois que criamos o site eu comecei a trabalhar paralelamente com o jornal impresso que já tinha. A minha paixão era pelo jornal impresso, era alucinada pelo impresso até então, agora não mais. Colocamos o site no ar, criamos uma linguagem, porque deduzimos que não podia ser matéria igual à do jornal impresso. Todos os jornais que eu tive foram semanais e se distinguiam dos outros, porque eu pegava a matéria de maior repercussão da semana e aprofundava, desdobrava. Aí com o portal eu pensei em fazer o contraponto, uma coisa mais instantânea. No começo trabalhei o nome da marca, divulgava para as pessoas, sempre com foco bem político que eu adoro. (Informação verbal³⁵)

Com a dificuldade de acesso à internet no início dos anos 2000, a diretora percebeu a consolidação do portal somente em meados de 2009, quando o site começou a disparar o número de acessos, e ela então fechou o jornal impresso definitivamente. Atualmente, a RSN tem mais de 170 mil seguidores no Facebook (quase o número de habitantes de Guarapuava) e as visualizações do site chegam a mais de 900 mil por mês.

Para observar estes dados com mais precisão, a mestrandia solicitou que a entrevistada disponibilizasse os dados do portal no período analisado – entre março e agosto de 2018 – e, no mesmo dia, o gráfico abaixo foi enviado por e-mail:

Gráfico 1 - acessos do portal RSN entre março e agosto de 2018



Fonte: portal RSN.

³⁵ Entrevista concedida por entrevistada sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

Importante ressaltar que o gráfico disponibilizado não contabiliza o número de visualizações, mas as sessões do período analisado. De acordo com o Google Analytics, a sessão “é um grupo de interações de usuários com o seu website que ocorrem em um determinado período”. Por padrão, as sessões são encerradas após 30 minutos de inatividade no site, ou seja, em um mesmo dia os usuários podem iniciar e encerrar várias sessões no site e, em cada uma destas sessões, diversas notícias podem ser lidas, por isso não conseguimos precisar o número de visualizações da página (mas certamente ultrapassam o número de sessões). Outra observação feita pela autora automaticamente ao olhar o gráfico é o expressivo número de acessos em julho e agosto, que foram meses de intensa cobertura do caso de feminicídio da advogada Tatiane Spitzner. Conforme apontado em entrevista, os leitores da RSN são em sua maioria de Guarapuava e em segundo lugar da região de Curitiba.

Durante o período analisado, a RSN contava com três³⁶ integrantes na redação: a diretora, um editor-chefe e uma repórter. Desde a sua fundação, o editor em questão foi o segundo a ocupar o cargo que passou pelo portal (assumiu este cargo em fevereiro de 2018), e durante a entrevista a diretora apontou quais foram as principais diretrizes editoriais adotadas por ele no período de análise deste trabalho.

Ele é cria da Rede. Ele entrou aqui como estagiário ainda no primeiro bimestre de Jornalismo, ele foi “forjado” pela Rede Sul. Ele sabia de todas as minhas ânsias em relação ao Jornalismo e que eu não conseguia desenvolver pelo editor que a gente tinha na época, as ideias não batiam. A editoria dele foi um divisor de águas. Eu gosto muito de trabalhar com a invisibilidade, gosto muito de levantar bandeira social, e a gente não fazia isso. A partir de então, o nosso atual editor listou prioridades e a gente começou a trabalhar em cima delas. A violência contra a mulher é uma delas, moradores de rua, combate à violência, outra bandeira é a duplicação da PR 466, da PR 170, que são considerados corredores da morte e não tinham entrado na pauta do governo do estado. Agora a gente está levantando a bandeira da transferência da cadeia e da depressão como uma questão de saúde pública. É nosso posicionamento nas matérias e nas mídias sociais. (Informação verbal³⁷)

De acordo com informações levantadas nas entrevistas da redação, aproximadamente 30 matérias são publicadas na RSN diariamente, sendo que pelo menos uma fonte é consultada para cada pauta, mas dependendo do assunto os jornalistas relataram que recorrem a mais fontes por matéria. Os contatos, em sua maioria, são realizados por telefone.

Muitos dos conteúdos que entram não são reportagens, são notas, não tem entrevistas, é conteúdo de gaveta que a gente acaba desdobrando. Então, contando reportagens,

³⁶ Todos foram entrevistados para a dissertação.

³⁷ Entrevista concedida por entrevistada sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

notas, enfim, dá uns 30 conteúdos. Isso tudo contando com o apoio de releases, mas quando vem release pra gente, por padrão da redação a gente nunca coloca na íntegra, sempre invertemos, completamos ou desdobramos o conteúdo. Sempre tem um trabalho de redação mesmo que seja um release. A consulta por fontes diariamente varia bastante de acordo com os temas trabalhados no dia. Se fossemos colocar na ponta do lápis, o número de vezes que a gente levanta o telefone para checar uma informação ou enviar um e-mail dá bem mais de 30 vezes por dia. É maior do que o fluxo de matérias diárias. (Informação verbal³⁸)

A produção diária do portal RSN é para “derrubar” no mínimo o site inteiro, sendo que no bloco 1 (manchete) entram seis matérias em horários pré-determinados - 7h, 9h30, 11h30, 14h, 16h, 17h30 -, no bloco 2 são cinco matérias. Além disso, são produzidas quatro matérias de política, quatro de segurança e quatro de cotidiano. Cada jornalista é responsável pela cobertura de um fim de semana de plantão, então, na época, cada jornalista trabalhava um fim de semana e folgava os dois próximos. Para tanto, a repórter do portal detalhou aspectos da estrutura da redação que possibilitam este trabalho rotineiro:

Cada um tem seu próprio computador. Além disso, tem um notebook para usar no fim de semana, se a gente não quiser usar o nosso pessoal. Eu uso o meu gravador, o editor usa o celular dele, a diretora só anota, acho que a RSN não tem gravador. A gente tem duas câmeras fotográficas. Tem o celular da RSN que fica com a gente no fim de semana e ele é de linha, então as ligações são todas feitas pelo celular, tanto ligação para fixo quanto para celular. Fora isso, temos nosso telefone fixo na redação. Temos carro próprio, eu não gosto de usar o carro, eu prefiro fazer as pautas a pé, mas o carro fica lá disponível. (Informação verbal³⁹)

3.2.2 Contexto aRede em Ponta Grossa

O Portal aRede é do mesmo grupo do jornal impresso Jornal da Manhã. O impresso, em circulação desde 1954 na região dos Campos Gerais, conta com uma tiragem de 12 mil exemplares por dia. Além da versão impressa, o Jornal da Manhã tem uma versão online com o portal JMNews, e em 2013 foi fundada também aRede, considerado o primeiro portal de notícias com vídeo de Ponta Grossa e região.

Entre 2013 e 2017, as redações do impresso Jornal da Manhã e portal aRede eram separadas, e a partir de 2017, a redação passou a ser agregada, ou seja, a mesma equipe trabalha

³⁸ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

³⁹ Entrevista concedida por entrevistada três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

para abastecer o portal e no final do dia produzir o impresso. O jornalista que é editor-chefe do Jornal da Manhã desde 2010 assumiu a editoria também do portal, em 2016.

Assim como com a RSN, também foram pedidos os dados de visualização do portal aRede referente ao período de análise da dissertação, mas o editor argumentou que não compartilharia os dados por uma questão de estratégia e sigilo do site. Portanto, para trazer números que embasem esta parte do trabalho, recorremos à mídia kit disponível no site do portal. De acordo com o arquivo⁴⁰, 1.809.867 é a média mensal de visitas do portal e 3.290.585 é a média mensal de visualizações, sendo que a audiência é proveniente primeiramente de Ponta Grossa e em segundo lugar de Curitiba, e 58,3% das pessoas que acessam o portal são mulheres, em sua maioria entre 25 e 34 anos. No Facebook, aRede conta atualmente com quase 130 mil seguidores (quase um terço da população de Ponta Grossa).

No período de análise da cobertura do portal, a redação era composta pela editor de conteúdo e cinco repórteres. Na época em que as entrevistas foram realizadas, somente o editor e dois repórteres continuavam no portal, por isso somente os três foram entrevistados.

Atualmente sou eu e mais oito pessoas. É uma equipe enxuta e que nos dá muito resultado. Tem jornalista que é para redação de jornal, que é o tipo de jornalista que gosta de chegar e apurar, tem toda uma tarde ou um dia para fazer uma boa matéria. E no portal é diferente, o jornalista tem que ter a compreensão de que a principal particularidade do jornal é ter notícia rápida. Nós conseguimos identificar no mercado esse tipo de jornalista, e isso talvez seja um dos motivos que nos trazem grandes resultados. Ligar para uma fonte em três minutos, nem que coloque um texto de 500 ou 600 caracteres, se colocou parte da informação, depois vai atualizando. (Informação verbal⁴¹)

A redação é estruturada para que a cada 15 minutos seja publicada uma notícia no portal, com agendamento de material inclusive para a madrugada. De acordo com as entrevistas, são publicados entre 50 e 60 textos diariamente. Na parte da manhã, a equipe do jornal é mais reduzida e basicamente é trabalhada a editoria policial a partir dos boletins de ocorrência da Polícia Militar do dia anterior. Na parte da tarde, a redação é mais cheia, para alimentar o portal, e no fim do dia inicia-se a produção do impresso.

Até ano passado, era dividido de 15 em 15 minutos para publicar uma notícia, das 7h ao meio dia, dá 4 notícias por hora, em 5 horas você tem 20 publicações. A tarde você pode colocar mais umas 25 ou 30 publicações pelo menos, porque tem os repórteres que vão produzindo matérias e vai chegando material de assessoria, que os estagiários

⁴⁰ Lá está especificado que os números do portal são do Google Analytics e auditados pelo Instituto Verificador de Conteúdo (IVC).

⁴¹ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

por ser release só dão uma olhada pra ver se tem condições de uso e vão publicando, material de agência estadual, agência brasil, então pelo menos umas 25 no período da tarde. Deve ficar umas 50 publicações por dia mais ou menos, entre produções nossas, releases, agências. A gente tenta manter sempre uma publicação nova pelo menos a cada 15 ou 20 minutos, pra dar essa sensação de que o site tá sendo abastecido. Hoje em dia se você entra num site às 15h e vê que a última notícia foi publicada às 13h15, você pensa: “que que esses caras estão fazendo? Não aconteceu nada no Brasil de novidade?”. (Informação verbal⁴²)

Quanto às fontes consultadas para produzir este volume de notícias para o site, o editor observa que pela rapidez com que publicações precisam ser postadas no site, a redação recorre ao recurso de entrevistas via celular – principalmente o Whatsapp.

O volume de fontes consultadas diariamente é muito grande. Tem notícias que tem duas ou três fontes, até os releases são consultados às vezes. No final da tarde, quando faço a filtragem pra compor o jornal, devo usar 10% ou 15% do material publicado na aRede pra fazer o jornal. Nossa principal ferramenta de consulta hoje é o Whatsapp, na redação você não vê muito o pessoal pegar o telefone para ligar, temos muitos contatos no Whatsapp. Muitas vezes quando alguém vai até o local fazer uma imagem, nós já temos a informação. Eu tenho o conflito do trânsito, se eu tirar um repórter da redação ele não volta em menos de 60 minutos, é uma hora que ele está na rua e o que ele poderia fazer na redação através de grupos de notícias, de Whatsapp, esse tempo é muito precioso. Se eu começar a tirar repórter da redação, eu levo essa produção que hoje eu tenho de 5h para 10h, 12h. Não compensa. (Informação verbal⁴³)

O plantão da redação do portal pontagrossense funciona da seguinte forma: cada jornalista trabalha durante um período do fim de semana com horários aos sábados e domingos das 7h às 12h e das 14h às 19h. Um cobre no sábado de manhã, outro sábado à tarde, outro domingo de manhã e outro domingo à tarde. E no fim de semana seguinte giram os horários, para que todos trabalhem pelo menos um período no fim de semana. Todos os jornalistas têm computador próprio para produção, e a redação dispõe de câmera e carro próprios.

No próximo tópico, será apresentada a quantificação da cobertura sobre violência contra a mulher realizada pelos portais, no período de recorte. As tabelas e quadros do tópico foram formuladas a partir das categorias de análise definidas metodologicamente - data, título, editoria, assinatura, número de parágrafos, foto, fontes, autor do crime e tipo de violência. Neste primeiro momento, a ideia é apresentar a cobertura “crua” e, posteriormente, na análise, estes dados serão interpretados e trabalhados em conjunto com as entrevistas das redações e conceitos teóricos da pesquisa.

⁴² Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

⁴³ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

4 A COBERTURA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS PORTAIS AREDE E RSN

Neste tópico, serão apresentados os resultados da coleta referente aos seis meses de cobertura jornalística - março, abril, maio, junho, julho e agosto de 2018 – sobre violência contra a mulher nos portais aRede e RSN. No período de coleta, a autora selecionaram três temáticas principais que constavam nos noticiários sobre este tema: 1) os casos de feminicídio de Nathália Deen e Tatiane Spitzner, 2) violências diversas contra a mulher, e 3) ações municipais de combate a este tipo de violência. Vale ressaltar que foram levadas em consideração apenas as notícias locais, ou seja, que dizem respeito a acontecimentos de Ponta Grossa e Guarapuava.

No universo constituído pelos três temas, aRede publicou 87 notícias durante os seis meses de cobertura analisada – 62 sobre violências diversas contra a mulher; 23 sobre o caso de feminicídio da estudante Nathália Deen; e duas relacionadas ao combate a este tipo de violência. Já o portal RSN totalizou 90 notícias no mesmo período - 38 sobre o caso de feminicídio da advogada Tatiane Spitzner; 35 sobre violências diversas; e 17 sobre combate à violência contra a mulher.

A seguir, a autora apresenta, em formato de tabelas, os números levantados de acordo com as categorias de análise definidas - data, título, editoria, assinatura, número de parágrafos, foto, fontes, autor do crime e tipo de violência. Primeiramente, serão apresentados todos os dados do portal pontagrossense, e em seguida do guarapuavano.

A primeira informação mapeada pela autora é a ocorrência das publicações no portal aRede, ou seja, quantas notícias locais sobre violência contra a mulher foram produzidas em cada mês analisado.

Tabela 2 - Recorrência de matérias sobre violência contra a mulher no portal aRede entre março e agosto de 2018

Mês	Número de matérias
Março	10
Abril	41
Maio	10
Junho	9
Julho	6
Agosto	11

Fonte: a autora.

Em seguida, para que a cobertura fique mais palpável para o leitor, a autora organizou um quadro constando data, título e classificação do tema de cada uma das 87 notícias analisadas no portal de Ponta Grossa.

Quadro 2 - Data, título e temas no portal aRede

(continua)

Data	Título	Tema
04/03	Rapaz usa drogas, agride familiares e acaba preso	Violências diversas
17/03	Homem é preso após tentar matar companheira em PG	Violências diversas
19/03	Pai tenta enforcar a filha com fio de luz e acaba preso	Violências diversas
20/03	Homem ameaça a esposa com faca e é contido pelo filho	Violências diversas
22/03	PM encontra drogas na casa de suspeito de agredir esposa	Violências diversas
22/03	Pecuarista acusado de matar professora é julgado em PG	Violências diversas
23/03	Janene é condenado a 11 anos de prisão por morte de Estela	Violências diversas
27/03	Homem tenta asfixiar esposa em briga por ciúmes	Violências diversas
27/03	Homem é detido após suposto assédio sexual no transporte coletivo	Violências diversas
30/03	PRF prende homem procurado por dever pensão alimentícia	Violências diversas
02/04	Rapaz usa machado para ameaçar a mãe e é preso pela GM	Violências diversas
02/04	Assessora do Operário é vítima de truculência de torcedores	Violências diversas
02/04	Assessora de Operário pede fim de assédio e respeito às mulheres	Violências diversas
03/04	Após assédio verbal assessora do Operário presta queixa	Violências diversas
03/04	FPF repudia agressões verbais contra assessora do Operário	Violências diversas
04/04	Homem tenta asfixiar esposa após usar drogas	Violências diversas
05/04	PM prende suspeito de estupro e de atentado ao pudor	Violências diversas
05/04	Homem é preso um dia após ser liberado	Violências diversas
06/04	Estudante é morta a facadas dentro de condomínio em PG	Feminicídio Nathália Deen
06/04	Família reconhece estudante vítima de homicídio	Feminicídio Nathália Deen
06/04	Acusado de feminicídio continua internado no HR	Feminicídio Nathália Deen
06/04	Após feminicídio, estudantes da UEPG organizam vigília	Feminicídio Nathália Deen
06/04	Alunos fazem vigília em homenagem a Nathalia	Feminicídio Nathália Deen
06/04	Polícia pede prisão de estudante por feminicídio	Feminicídio Nathália Deen
08/04	Amigos fazem vídeo em homenagem a Nathalia Deen	Feminicídio Nathália Deen
08/04	Justiça decreta prisão de estudante por feminicídio	Feminicídio Nathália Deen
09/04	Filho acerta golpes de facão em pai para defender mãe	Violências diversas
09/04	Marido é preso após ameaçar esposa de morte por duas vezes	Violências diversas
09/04	Estudante ferido ao defender irmã sai do hospital	Feminicídio Nathália Deen
09/04	Suspeito de feminicídio constitui advogado	Feminicídio Nathália Deen
10/04	Suspeito de feminicídio deve ser ouvido nesta quarta	Feminicídio Nathália Deen
10/04	Justiça pode interrogar Mateus dentro de hospital	Feminicídio Nathália Deen
10/04	UEPG abre processo contra suspeito de feminicídio	Feminicídio Nathália Deen
11/04	Suspeito de matar a ex recebe alta e vai para a delegacia	Feminicídio Nathália Deen
11/04	Suspeito de matar a ex é levado ao Fórum de PG	Feminicídio Nathália Deen
11/04	Acusado de feminicídio terá área restrita no Cadeião	Feminicídio Nathália Deen
11/04	Mensagens no whats mostram ameaça a Nathalia	Feminicídio Nathália Deen
12/04	Nathalia recebeu 36 ligações de Mateus na noite do crime	Feminicídio Nathália Deen
13/04	Rapaz ameaça ex-esposa, ataca policiais e é preso	Violências diversas
13/04	Vídeo mostra fuga de rapaz após feminicídio	Feminicídio Nathália Deen
13/04	Alunos da UEPG discutem violência contra a mulher	Combate à violência
13/04	Mateus pede liberdade e quer voltar a UEPG	Feminicídio Nathália Deen
14/04	Homem surta e quebra todos os aparelhos eletrônicos da casa	Violências diversas
19/04	Rapaz é preso após atear fogo na casa da família	Violências diversas
20/04	Mulher é estuprada em ponto de ônibus no contorno	Violências diversas
21/04	Marido abandona esposa em terreno baldio após agressão	Violências diversas
23/04	Homem ameaça esposa e é preso com faca e munições	Violências diversas
25/04	Professor da UEPG grava vídeo agredindo mulher	Violências diversas

Quadro 2 - Data, título e temas no portal aRede

(conclusão)

Data	Título	Tema
25/04	MP denuncia estudante por morte de Nathalia	Feminicídio Nathália Deen
25/04	Vereadores pedem afastamento de professor da UEPG	Combate à violência
26/04	Polícia investiga vídeo em que professor agride mulher	Violências diversas
08/05	Homem é preso após agredir e ameaçar ex-esposa	Violências diversas
09/05	Rapaz invade casa da avó para furtar dinheiro	Violências diversas
11/05	Foragido da justiça é preso ao agredir e ameaçar esposa	Violências diversas
13/05	Homem tenta agarrar jovem e é detido em PG	Violências diversas
14/05	Ex-namorado ciumento rouba e incendeia carro	Violências diversas
14/05	Rapaz descumpre medida protetiva e foge com criança	Violências diversas
16/05	PM prende idoso suspeito de ameaçar esposa	Violências diversas
17/05	PM prende homem que jogou esposa da escada	Violências diversas
25/05	Marido ameaça e obriga ex-esposa a voltar para casa	Violências diversas
28/05	Polícia prende homem que matou a sogra a pauladas	Violências diversas
03/06	Homem ameaça mulher com caco de vidro e acaba preso	Violências diversas
05/06	Idosa e deficiente visual, mulher sofre com filho viciado	Violências diversas
11/06	Marido ameaça esposa e coloca família para fora de casa	Violências diversas
15/06	PM prende suspeito de assédio na Vila Romana	Violências diversas
16/06	Casa é destruída por incêndio na região de Boa Vista	Violências diversas
18/06	Homem é preso ao agredir esposa e bebê de um ano	Violências diversas
19/06	Polícia prende rapaz por espancar esposa	Violências diversas
25/06	Transtornado, homem esfaqueia vizinho da ex-esposa	Violências diversas
27/06	Marido ameaça ex-esposa com foice e acaba preso	Violências diversas
03/07	Homem agride a avó e comete atos obscenos para vizinhos	Violências diversas
15/07	Mulher é ferida com golpes de facão em briga de vizinhos	Violências diversas
16/07	Mulher leva golpe de facão durante briga	Violências diversas
27/07	Polícia prende suspeito de ameaçar esposa de morte	Violências diversas
28/07	Homem é preso após ameaçar namorada com revólver	Violências diversas
28/07	Trio agride idosa e rouba carro em Uvaranas	Violências diversas
03/08	PM prende homem suspeito de furtar carro da ex-esposa	Violências diversas
06/08	Homem ameaça e expulsa esposa de casa em PG	Violências diversas
08/08	Rapaz leva surra do atual namorado da ex-mulher em PG	Violências diversas
09/08	Homem é preso após agredir a própria mãe em PG	Violências diversas
10/08	Júri condena réu a 15 anos de prisão por morte de mulher	Violências diversas
11/08	Rapaz tenta sufocar ex-namorada e acaba preso pela quarta vez	Violências diversas
22/08	Polícia prende homem após agressões contra ex-esposa	Violências diversas
23/08	Estudante é expulso da UEPG por feminicídio	Feminicídio Nathália Deen
23/08	Rapaz que matou ex-namorada é expulso da UEPG	Feminicídio Nathália Deen
30/08	Homem agride a esposa e foge com quatro filhos	Violências diversas
31/08	Mulher recusa produtos e leva três facadas	Violências diversas

Fonte: a autora.

Quanto à editoria, o portal aRede publica as matérias de violência contra a mulher na editoria “Ponta Grossa”, apenas as notícias sobre o assédio verbal sofrido pela assessora de imprensa do Operário Ferroviário Bianca Machado foram colocadas na editoria “Esporte”.

Tabela 3 - Editorias no portal aRede

Editoria	Número de ocorrências
Ponta Grossa	83
Esporte	4

Fonte: a autora.

No portal de Ponta Grossa, as matérias foram predominantemente assinadas como "Da Redação", embora quase metade do material seja assinado com o nome dos repórteres, como é possível observar na tabela a seguir:

Tabela 4 - Assinatura das matérias no portal aRede

Assinatura	Número de ocorrências
Da Redação	53
Stiven de Souza	17
Afonso Verner	9
João Vitor Rezende	3
Fernando Rogala	2
Mário Martins	2
Gabriel Sartini	1

Fonte: a autora.

Foram contabilizados também o número de parágrafos das matérias, para demonstrar a forma predominante em que as notícias são publicadas:

Tabela 5 - Parágrafos no portal aRede

Parágrafos	Número de ocorrências
Dois parágrafos	11
Três parágrafos	40
Quatro parágrafos	16
Cinco parágrafos	8
Seis parágrafos	8
Sete parágrafos	3
Nove parágrafos	1

Fonte: a autora.

A cobertura teve como fonte principal o boletim de ocorrências da Polícia Militar, além de autoridades oficiais ligadas à Justiça. Na tabela a seguir, foram sistematizadas todas as fontes consultadas/ entrevistadas durante os seis meses de análise no portal ponta-grossense:

Tabela 6 - Fontes consultadas pelo Portal aRede

Fontes	Número de ocorrências
Polícia Militar	46
Polícia Civil	10
Guarda Municipal	7
Vítima	4
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	4
Autor do crime	3
Defesa do autor do crime	3
Ministério Público do Estado do Paraná	3
Diretório Central dos Estudantes da UEPG	3
Defesa da vítima	2
Família da vítima	2
Hospital Santa Casa de Misericórdia	2
Delegada Núcleo de Proteção à Criança e ao Adolescente Vítimas de Crimes, Ana Paula Cunha Carvalho	2
Delegada da Mulher de Ponta Grossa, Cláudia Krüger	2
Juiza Juizado de Violência Doméstica, Alessandra Pimentel Munhoz do Amaral	2
Laudo da Justiça	1
Viação Campos Gerais (VCG)	1
Polícia Rodoviária Federal (PRF)	1
Federação Paranaense de Futebol (FPF)	1
IML	1
Amigos da vítima	1
Vereador Geraldo Stocco	1

Fonte: a autora.

A autora também fez um levantamento das fotos utilizadas para ilustrar as notícias sobre violência contra a mulher, e a constatação é de que a imagem da viatura da Polícia Militar é a mais usada. Também foram contabilizadas as matérias que utilizam vídeo como recurso de linguagem jornalística.

Tabela 7 - Imagens utilizadas pelo portal aRede

Fotos	Número de ocorrências
Viatura da PM	29
Autor do crime	14
Itens apreendidos	9
Vídeo	7
Fachada Polícia	6
Vítima	6
Carro do Corpo de Bombeiros	3
Fachada do Fórum	2
Delegada Núcleo de Proteção à Criança e ao Adolescente	1
Vítimas de Crimes, Ana Paula Cunha Carvalho	
Delegada da Mulher de Ponta Grossa, Cláudia Krüger	1
Carro IML	1
Carro do SAMU	1
Vítima e autor do crime	1
Casa da vítima	1
Família da vítima	1
Terminal de ônibus de Ponta Grossa	1
Presidente da Federação Paranaense de Futebol, Hélio Pereira	1
Cury	
Fachada da UEPG	1
Estudantes da UEPG	1
Carro incendiado	1
Vereador de Ponta Grossa, Geraldo Stocco	1

Fonte: a autora.

No período de seis meses de coleta, foram encontrados os seguintes tipos de violência no portal pontagrossense:

Tabela 8 - Tipos de violência na cobertura do portal aRede

Violência	Número de ocorrências
Violência psicológica	33
Violência física	29
Feminicídio	25
Violência moral	10
Violência patrimonial	9
Violência sexual	6
Descumprimento de medida protetiva	4
Homicídio	3
Tentativa de homicídio	2
Não pagamento de pensão alimentícia	1

Fonte: a autora.

Com o levantamento dos tipos de violência, também foram observados quem são os sujeitos autores de violência. A tabela a seguir demonstra duas características: 1) todos os crimes foram cometidos por homens e 2) a alta domesticidade das agressões.

Tabela 9 - Autores de violência na cobertura do portal aRede

Autor do crime	Número de ocorrências
Ex-companheiro	38
Companheiro	31
Desconhecido	13
Pai	4
Filho	4
Neto	2
Irmão	1
Tio	1
Genro	1
Familiar	1
Vizinho	1
Conhecido	1

Fonte: a autora.

Após a apresentação da cobertura dada pelo portal aRede, a partir de agora a autora apresenta as tabelas referentes ao conteúdo publicado pela RSN no período de seis meses de análise. Seguindo a mesma ordem de apresentação, inicia-se com a frequência de publicações por dia de cada mês da coleta.

Tabela 10 - Recorrência de matérias sobre violência contra a mulher no portal RSN entre março e agosto de 2018

Mês	Número de matérias
Março	2
Abril	9
Maio	7
Junho	6
Julho	26
Agosto	40

Fonte: a autora.

A seguir, será apresentada a tabela com data, título e tema de cada uma das 90 matérias publicadas pelo portal de Guarapuava durante os seis meses de cobertura analisado neste trabalho.

Quadro 3 - Data, título e tema no portal RSN

(continua)

Data	Título	Tema
06/03	Por motivos familiares, mulher atira na sogra em Guarapuava	Violências diversas
26/03	PM registra dois casos de agressão contra mulheres	Violências diversas
03/04	Adolescente agride ex-esposa e ex-sogra em Guarapuava	Violências diversas
06/04	Jovem de 13 anos é flagrado agredindo a mãe em Guarapuava	Violências diversas
11/04	Jovem com problemas mentais é estuprada por adolescente	Violências diversas
13/04	Homem ameaça ex-mulher de morte na frente de policiais em Guarapuava	Violências diversas
20/04	Mulher é agredida pelo marido após tentar sair de seu carro	Violências diversas
20/04	Mãe é agredida pelo namorado da filha em Guarapuava	Violências diversas
20/04	MPT protocola ação contra os supermercados Dal Pozzo por discriminação a mulheres	Combate à violência
23/04	Dal Pozzo não se manifesta sobre denúncia do MPT	Violências diversas
26/04	Homem agride companheira no bairro Bonsucesso em Guarapuava	Violências diversas
07/05	Duas mulheres foram agredidas e ameaçadas de morte pelos companheiros	Violências diversas
09/05	PM registra três ameaças de morte contra mulheres em Guarapuava	Violências diversas
14/05	PM registra três casos de violência contra a mulher no final de semana em Guarapuava	Violências diversas
15/05	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Violências diversas
23/05	Homem é preso após agredir mulher e filha em Guarapuava	Violências diversas
28/05	Homem agride mulher em via pública em Guarapuava	Violências diversas
28/05	Marido agride esposa e a sogra em Guarapuava	Violências diversas
01/06	Mulher é agredida em bar no Bairro Primavera em Guarapuava	Violências diversas
04/06	Homem é preso após tentar asfixiar a companheira em Guarapuava	Violências diversas
15/06	Homens são detidos após ameaçarem mulher em Guarapuava	Violências diversas
18/06	Violência contra idosos em Guarapuava: maioria das vítimas são mulheres	Combate à violência
25/06	PM atende dois casos de ameaça de morte contra mulheres em Guarapuava	Violências diversas
29/06	Polícia Militar atende mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Violências diversas
06/07	Homem é preso após agredir e ameaçar de morte a ex-esposa em Guarapuava	Violências diversas
09/07	Pai e filho são presos no bairro Morro Alto em Guarapuava	Violências diversas
12/07	Polícia registra casos de agressão a duas mulheres em Guarapuava	Violências diversas
17/07	Homem invade churrasco para agredir a ex-esposa em Guarapuava	Violências diversas
22/07	Advogada de 29 anos morre após queda em Guarapuava	Feminicídio Tatiane Spitzner
22/07	Marido de advogada morta é detido em São Miguel do Iguaçu	Feminicídio Tatiane Spitzner
22/07	Em depoimento, Luis Felipe diz que advogada se jogou do prédio; ele foi preso	Feminicídio Tatiane Spitzner
23/07	Professor suspeito de matar a esposa em Guarapuava será transferido para Pinhais	Feminicídio Tatiane Spitzner
23/07	Caso Tatiane: delegado defende hipótese de feminicídio	Feminicídio Tatiane Spitzner
24/07	Justiça determina transferência de Manvailer para Guarapuava	Feminicídio Tatiane Spitzner

Quadro 3 - Data, título e tema no portal RSN

(continuação)

Data	Título	Tema
24/07	Delegacia da Mulher em Guarapuava está sem titular há mais de um mês	Combate à violência
24/07	Suspeito pela morte da esposa, Luis Felipe Manvailer será transferido nesta quinta (26)	Feminicídio Tatiane Spitzner
25/07	Luis Felipe Manvailer está preso na PIG em Guarapuava	Feminicídio Tatiane Spitzner
25/07	Escritório Professor Dotti será a acusação no Caso Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
26/07	Polícia Civil solicita exames para apurar possível morte de advogada por asfixia	Feminicídio Tatiane Spitzner
26/07	Em depoimento, pai de Tatiane diz que ela não tinha comportamento suicida	Feminicídio Tatiane Spitzner
26/07	OAB Guarapuava acompanha inquérito sobre morte de Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
27/07	Caso Tatiane: apesar de simulações, laudo do IML que deve indicar causas da morte	Feminicídio Tatiane Spitzner
27/07	Morte de advogada terá reconstituição nesta sexta-feira (27)	Feminicídio Tatiane Spitzner
28/07	Missas de sétimo dia de Tatiane e Bernardo ocorrem neste sábado (28)	Feminicídio Tatiane Spitzner
29/07	Movimentos feministas organizam ato de luta em Guarapuava	Combate à violência
30/07	Caso Tatiane: irmão de Manvailer pode prestar depoimento nesta segunda (30)	Feminicídio Tatiane Spitzner
31/07	Polícia Civil ainda não possui todos os laudos do Caso Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
31/07	Caso Tatiane: delegado encerrará inquérito mesmo sem todos os laudos solicitados	Feminicídio Tatiane Spitzner
31/07	Mulher é agredida com golpe de facão no Morro Alto em Guarapuava	Violências diversas
31/07	Luis Felipe Manvailer é indiciado por feminicídio e outros crimes	Feminicídio Tatiane Spitzner
01/08	Em nota, família de Tatiane repudia pedidos feitos pela defesa de Manvailer	Feminicídio Tatiane Spitzner
01/08	Defesa de Manvailer pede impugnação de prints com conversas de Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
03/08	Mãe é agredida pelo filho no Boqueirão em Guarapuava	Violências diversas
03/08	MP apresentará denúncia de feminicídio contra Manvailer	Feminicídio Tatiane Spitzner
03/08	Em coletiva, promotor afirma que Tatiane Spitzner lutou pela vida	Feminicídio Tatiane Spitzner
04/08	Todos por Tatiane Spitzner: movimento toma conta das redes sociais	Combate à violência
06/08	Prazo para decisão do MP-PR sobre o caso Tatiane termina hoje (6)	Feminicídio Tatiane Spitzner
06/08	Empossada a nova delegada da mulher de Guarapuava	Combate à violência
07/08	MP-PR denuncia Luis Felipe Manvailer por homicídio, cárcere privado e fraude processual	Feminicídio Tatiane Spitzner
07/08	Em 2017, mais de 450 mulheres foram amparadas pela Lei Maria da Penha	Combate à violência
07/08	Morte de Tatiane traz à tona debate sobre violência contra mulher em escola de Guarapuava	Combate à violência
08/08	MP solicita avaliação psiquiátrica e psicológica de Manvailer em Guarapuava	Feminicídio Tatiane Spitzner
08/08	Justiça recebe denuncia e Manvailer passa a ser réu pelo feminicídio de Tatiane Spitzner	Feminicídio Tatiane Spitzner

Quadro 3 - Data, título e tema no portal RSN

(conclusão)

Data	Título	Tema
08/08	Defesa pede que Manvailer seja transferido para Pinhais; professor teria tentado suicídio	Feminicídio Tatiane Spitzner
08/08	The New York Times repercute morte de Tatiane Spitzner	Feminicídio Tatiane Spitzner
10/08	Audiência pública tratará do caso Dal Pozzo nesta segunda-feira (13)	Violências diversas
11/08	Pelo fim da violência contra as mulheres: ato ocorre neste sábado (11) em Guarapuava	Combate à violência
11/08	Tatiane Spitzner é homenageada em ato da advocacia em Curitiba	Combate à violência
11/08	Em atendimento psiquiátrico, Manvailer diz achar que Tatiane pulou	Feminicídio Tatiane Spitzner
13/08	Guarapuava registra três casos de violência contra a mulher nesse domingo (12)	Violências diversas
14/08	Irmãs são agredidas por três pessoas no Conradinho em Guarapuava	Violências diversas
14/08	Justiça ainda não decidiu se transferirá Manvailer para Pinhais	Feminicídio Tatiane Spitzner
15/08	PM registra agressão a duas mulheres em Guarapuava; uma delas foi asfixiada	Violências diversas
16/08	César Filho se compromete a instituir combate à violência nas escolas	Combate à violência
16/08	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Violências diversas
17/08	Justiça determina: Manvailer permanecerá na PIG	Feminicídio Tatiane Spitzner
17/08	Defesa de Manvailer pede suspensão do processo que investiga morte de Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
20/08	Roberto Kuster lança música em homenagem a Tatiane Spitzner	Combate à violência
22/08	Dia T: ato artístico na Unicentro luta pelo fim da violência contra a mulher	Combate à violência
23/08	Um mês após a morte de Tatiane, disputa judicial faz caso patinar na justiça	Feminicídio Tatiane Spitzner
24/08	MP se posiciona contrário ao pedido de suspensão do processo sobre morte de Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
24/08	Em nota, defesa de Manvailer diz que ele é inocente sobre a morte de Tatiane	Feminicídio Tatiane Spitzner
25/08	Em Guarapuava, caminhada pede o fim da violência contra a mulher	Combate à violência
27/08	Projeto Lei Maria da Penha nas escolas chega ao residencial 2000	Combate à violência
27/08	Grávida de oito meses é agredida pelo ex-marido em Guarapuava	Violências diversas
29/08	Guarapuava é a 2ª cidade do Paraná a contar com a patrulha Maria da Penha em parceria com a PM	Combate à violência
30/08	Homem é preso após ameaçar mãe e irmã em Guarapuava	Violências diversas
31/08	Sobre laudo de Tatiane: MP se manifesta reafirmando o crime de feminicídio	Feminicídio Tatiane Spitzner
31/08	Laudo sobre morte de Tatiane aponta a possibilidade de queda sem impulso	Feminicídio Tatiane Spitzner

Fonte: a autora.

Em relação à editoria, o portal RSN publica as matérias de violência contra a mulher na, em sua maioria, na editoria “Guarapuava”, seguido de “Segurança” e “Cotidiano”, como é possível visualizar a seguir:

Tabela 11 - Editorias no portal RSN

Editoria	Número de ocorrências
Guarapuava	60
Segurança	15
Cotidiano	12
Educação	1
Comportamento	1
Home	1

Fonte: a autora.

No portal de Guarapuava, as matérias, em sua maioria, foram assinadas com o nome dos jornalistas da redação, ao contrário do portal de Ponta Grossa, onde predominou a nomenclatura “Da Redação”.

Tabela 12 - Assinatura das matérias no portal RSN

Assinatura	Número de ocorrências
Caio Budel	39
Nádia Moccelin	38
RSN	7
Cristina Esteche	6

Fonte: a autora.

O tamanho das matérias publicadas pelo portal guarapuavano demonstra a preferência por notícias entre três e cinco parágrafos.

Tabela 13 - Parágrafos no portal RSN

Parágrafos	Número de ocorrências
Dois parágrafos	3
Três parágrafos	15
Quatro parágrafos	16
Cinco parágrafos	12
Seis parágrafos	11
Sete parágrafos	11
Oito parágrafos	3
Nove parágrafos	4
Dez parágrafos	3
Onze parágrafos	2
Doze parágrafos	3
Treze parágrafos	1
Quatorze parágrafos	2
Quinze parágrafos	1
Dezesseis parágrafos	1
Dezessete parágrafos	1
Dezoito parágrafos	1

Fonte: a autora.

Assim como no portal aRede, na RSN a cobertura sobre o tema violência contra a mulher teve como fonte principal o boletim de ocorrências da Polícia Militar, além de autoridades oficiais ligadas à Justiça.

Tabela 14 - Fontes consultadas pelo Portal RSN

(continua)

Fontes	Número de ocorrências
Polícia Militar	35
Defesa do autor do crime	20
Polícia Civil	9
Delegado Bruno Miranda Maciozek	8
Promotora Dúnia Serpa Rampazzo	6
Ministério Público do Paraná	6
Secretária de Políticas Públicas para as Mulheres, Priscila Schran	5
Defesa da vítima	4
Família da vítima	4
Integrante do Movimento Tod@s por todas, Ana Cristiane Moreles	4
Laudo avaliação psiquiátrica do autor do crime	3
Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região	3
IML	3
Coletivo Feminista Cláudia da Silva	3
Informações extraoficiais de pessoas ligadas à família da vítima	3
Juiza da 2ª Vara Criminal da Guarapuava, Paola Gonçalves Mancini	2
Prefeito César Silvestri Filho	2
Juiza da 1ª Vara Criminal de Guarapuava, Liliane Graciele Breitwisse	2
Delegado da Polícia Civil de São Miguel do Iguaçu, Francisco Sampaio	2
Vizinho da vítima	2
Família do autor do crime	2
Promotor Pedro Henrique Brazão Papaiz	2
Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Guarapuava	2
Instituto de Criminalística de Guarapuava	2
Proprietário da rede de supermercados Dal Pozzo, José Ari Dal Pozzo	1
Presidente do Conselho Municipal da Mulher de Guarapuava, Adriele Andreia Inácio	1
Secretaria de Assistência Social de Guarapuava	1
A Secretaria de Trânsito e Transportes de Guarapuava	1
Secretaria de Comunicação de Guarapuava	1
Vice-presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa Maria, Regina Vargas	1
Assistente social e Especialista em Seguridade Social e Regulação do SUS, Silvana Carneiro da Silva	1
OAB	1
Presidente da OAB Guarapuava, Marcos Carvalho	1
Vice-presidente da OAB Guarapuava, Maria Cecília Saldanha	1

Tabela 14 - Fontes consultadas pelo Portal RSN

(conclusão)

Fontes	Número de ocorrências
Conselheira Federal da OAB, Edni de Andrade Arruda	1
Delegado-chefe da 14ª Subdivisão Policial, Rubens Miranda Junior	1
Delegada da Mulher de Guarapuava, Ana Carolina Hass de Miranda Castro	1
Autoridades da operação de simulação do feminicídio	1
Coordenadora do CRAM, Camila Grande da Silva	1
Professora Merielle Camilo	1
Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária	1
New York Times	1
Blogueiro Hugo Gloss	1
Comandante geral da Polícia Militar do Estado, Audilene Rosa de Paula Dias Rocha	1
Laudo pericial referente a reprodução simulada da queda de nível	1
Tenente coronel comandante do 16º Batalhão de Polícia Militar de Guarapuava, Mário Jorge Alves Lopes	1

Fonte: a autora.

A partir do levantamento das fotos utilizadas pelo portal RSN para ilustrar as notícias sobre violência contra a mulher, a constatação é de que a imagem da viatura da Polícia Militar e do autor das agressões são as mais utilizadas. Também foram contabilizados o número de vídeos utilizados como recurso de linguagem jornalística.

Tabela 15 - Imagens utilizadas pelo portal RSN

Fotos	Número de ocorrências
Viatura da Polícia Militar	31
Autor do crime	19
Vítima	13
Vídeos	7
Frame vídeo agressão	5
Autor do crime e vítima	4
Autoridades no dia da simulação do feminicídio de Tatiane Spitzner	4
Fachada Supermercado DalPozzo	3
Print Facebook	3
Print Whatsapp	3
Prédio da vítima	3
Alunos Escola Municipal da Guarapuava	2
Delegada da Mulher de Guarapuava Ana Carolina Hass de Miranda Castro	2
Advogado da vítima	2
Fachada da Polícia	1
Delegado da Polícia Civil de São Miguel do Iguaçu, Francisco Sampaio	1
Print Instagram	1
Print New York Times	1
Presidente da OAB Guarapuava, Marcos Carvalho	1
Laudo médico	1
Deputado Estadual Bernardo Carli	1
Cartaz Marcha Mundial das Mulheres	1
Advogado do autor do crime	1
Promotor Pedro Henrique Brazão Papaiz	1
Promotora Dúnia Rampazzo	1
Secretária de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava, Priscila Schran	1
Imagem aérea de Guarapuava	1
Manifestação OAB Curitiba	1
Prefeito de Guarapuava, César Silvestri Filho	1
Integrante do Movimento Tod@s por todas, Ana Cristiane Moreles	1
Fachada Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)	1
Arte do evento caminhada pelo fim da violência contra a mulher	1
Cartaz violência contra a mulher	1
Viatura Patrulha Maria da Penha	1
Autoridades municipais com a viatura da Patrulha Maria da Penha	1

Fonte: a autora.

No período de seis meses de coleta, foram encontrados os seguintes tipos de violência no portal guarapuavano:

Tabela 16 - Tipos de violência na cobertura do portal RSN

Violência	Número de ocorrências
Feminicídio	48
Violência física	33
Violência psicológica	17
Discriminação	3
Violência patrimonial	3
Descumprimento da medida protetiva	2
Violência moral	1
Tentativa de homicídio	1
Violência sexual	1

Fonte: a autora.

A partir dos tipos de violência, foram observados quem são os agressores de mulheres em Guarapuava. Assim como constatado na cobertura do portal aRede, na RSN também os crimes são cometidos quase em sua totalidade por homens próximos às vítimas.

Tabela 17 - Autores de violência na cobertura do portal RSN

Autor do crime	Número de ocorrências
Companheiro	68
Ex-companheiro	11
Filho	3
Supermercado DalPozzo	3
Padrasto	2
Desconhecido	2
Genro	2
Pai	2
Irmão	2
Sogro	1
Conhecido	1
Neto	1
Ex-genro	1
Nora	1
Desconhecida	1
Amigo do ex-companheiro	1
Amiga do ex-companheiro	1

Fonte: a autora.

Os quadros completos com todos os dados por matéria estão disponíveis nos Apêndices deste trabalho. Lá, os leitores podem conferir todos os dados elencados neste tópico, mas organizados em uma única tabela geral, que permite conferir os detalhes de cada uma das notícias.

Este tópico teve como objetivo mostrar como foram as coberturas dadas pelos portais aRede e RSN, a partir da quantificação dos dados das categorias definidas. Este material será analisado com profundidade no próximo capítulo, através da interpretação da autora, amparada por teorias provenientes do Jornalismo e de estudos de Gênero.

5 GÊNERO E JORNALISMO: CONCEITOS TEÓRICOS NORTEADORES DO TRABALHO

5.1 PREMISSAS TEÓRICAS SOBRE GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

Com o objetivo de conhecer os trabalhos que já foram realizados com esta temática nos programas de pós-graduação do Brasil, a autora fez uma busca pelos termos "gênero" e "violência contra a mulher" no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e no Banco de Teses e Dissertações na Biblioteca Digital Brasileira. Os resultados da pesquisa contribuíram para conceber um panorama sobre como os pesquisadores brasileiros trabalham as interfaces entre jornalismo e gênero e o assunto violência contra a mulher na academia. Este procedimento auxiliou tanto para embasar a própria dissertação, quanto para observar o percurso teórico e metodológico traçado por outros estudiosos que tratam da mesma temática ou de temáticas semelhantes à desta pesquisa⁴⁴.

Com a aplicação dos filtros "Grande Área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas" e "Área de conhecimento: Comunicação e Jornalismo e Editoração" observou-se que a maioria dos trabalhos não tem como objeto produções jornalísticas, mas a comunicação em geral, tais como: produtos cinematográficos, telenovelas, músicas, publicidade, entre outros.

Primeiramente, foi pesquisado o termo "gênero" e apareceram tanto os estudos que têm relação com o presente trabalho quanto aqueles que se debruçam sobre gêneros jornalísticos (no sentido de formato). A partir da leitura dos títulos e resumos, a autora distinguiu esses dois usos para a palavra, o que facilitou o processo de seleção de trabalhos. Os resultados para "violência contra a mulher" foram praticamente os mesmos que encontrados com o termo "gênero", poucas exceções ainda não tinham sido vistas com a primeira pesquisa.

Neste universo de trabalhos, foram encontradas diversas produções que objetivam evidenciar a representação do feminino em diferentes circunstâncias, por exemplo: em telenovelas, em revistas, em fotografias, no cinema nacional e internacional, no esporte, na música, na literatura, na religião, no meio rural, na pornografia, na ciência, na mídia, na política, na publicidade, na moda, no exército, no trabalho, nos quadrinhos.

Outros resultados recorrentes versam sobre gênero e aproximação com a sexualidade e representatividade, a exemplo: representação da homossexualidade na publicidade e em

⁴⁴ Este levantamento foi realizado pela autora entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, antes da qualificação, que ocorreu em abril de 2018.

telenovelas, masculinidade em anúncios, sexualidade e publicidade, feminilidade e sociedade do consumo, masculinidade na cultura do consumo, transexualidade, representação de personagens LGBT em jornais e telenovelas, sexualidade da mulher idosa, sexualidade feminina e cyberqueer.

Em menor proporção, foram encontradas pesquisas voltadas para a análise de produções feministas: feminismo e redes sociais na internet, produção videográfica feminista, imprensa feminina e feminista, ativismo feminino e narrativa dos movimentos feministas contemporâneos. Outros poucos trabalhos trazem como foco a mulher jornalista, a mulher negra, a gravidez e a maternidade. Por sua vez, as pesquisas mais específicas sobre violência contra a mulher têm como objeto principal as telenovelas, o cinema e os jornais.

Como descrito acima, no universo de teses e dissertações constatou-se uma variedade de pesquisas com esta temática. Após a leitura preliminar dos resumos, 16 trabalhos foram selecionados pela maior afinidade com esta dissertação. Destas, oito⁴⁵ pesquisas trouxeram contribuições para a orientação teórica da autora, em dois sentidos: a) conhecer o que já foi pesquisado dentro da temática de gênero e violência contra a mulher no Brasil e b) observar quais as referências teóricas e metodológicas fundamentaram tais trabalhos.

Em relação ao primeiro item, a maioria dos trabalhos selecionados esclareceu a trajetória de formação de Políticas Públicas para Mulheres no Brasil através de documentos e pesquisas sobre violência publicadas nos últimos anos. Outro ponto importante é a indicação, através das análises, de que, em geral, o tema violência contra a mulher é tratado de maneira superficial e sem contextualização nos jornais.

No item dois, atentou-se para a fundamentação teórica utilizada pela autora. Como embasamento metodológico, em geral, foram aplicadas análises qualitativas, sustentadas por Análise de Conteúdo ou Análise do Discurso – com exceção de Silva (2010) que se apropriou

⁴⁵ Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias (SILVA, 2010); Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas (FERNANDES, 2012); Pra que rimar amor e dor? Análise das representações da violência de gênero na revista Marie Claire (2002-2011)(CAMPOS, 2013); Um emissor e dois enunciadores: a violência contra a mulher nas páginas de Massa! e A Tarde (MOURA, 2014); Apanhando duas vezes: aspectos relacionados à cidadania das mulheres vítimas de violência nos telejornais locais (LIMA, 2014); Além dos boletins de ocorrência: análise das narrativas midiáticas sobre a violência contra a mulher nos impressos Super Popular e Jornal da Cidade (OLIVEIRA, 2016); Estupro na imprensa: o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal Folha de S.Paulo (2009-2015), na perspectiva de estudos de jornalismo, da legislação e das práticas do Poder Judiciário (MONTEIRO, 2016); Entre assassinatos em série e uma série de assassinatos: o tecer da intriga nas construções narrativas de mulheres mortas e seus agressores nas páginas de dois impressos mineiros (CALDEIRA, 2017).

do método etnográfico. Da mesma maneira, foram observados os autores utilizados como base teórica sobre gênero e assinaladas algumas referências para leitura. Como resultado disto, o próximo tópico foi construído a partir das obras destacadas nas teses e dissertações e também nas leituras realizadas no grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero do Departamento de Jornalismo da UEPG⁴⁶.

5.1.2 Revisão Teórico-Conceitual de Gênero

Neste tópico serão apresentados quatro principais eixos: 1) a violência contra a mulher no Brasil e porque a autora a considera um problema de gênero; 2) a perspectiva de gênero adotada nesta pesquisa; 3) a caracterização de gênero por relações simbólicas de poder e 4) o lugar do jornalismo no continuum entre as discussões de gênero e o tema violência contra a mulher. Este percurso foi delineado para que o tópico apresente uma reflexão do singular para o universal, ou do micro para o macro. A intenção é demonstrar que a violência contra a mulher é resultado de estruturas sociais de poder caracterizadas (entre outras coisas) pelo gênero. Justamente no terreno do domínio do simbólico, pela potencialidade que detém de inserir pautas na agenda pública, é que o jornalismo aparece como protagonista nesta reflexão. Portanto, os eixos buscam esclarecer, de maneira integrada, qual é o ponto de contato entre a violência contra a mulher, o gênero e o jornalismo.

Como ponto de partida, é importante delinear a escolha do termo "violência contra a mulher" em detrimento do termo "violência de gênero". Seria possível utilizar as denominações "violência de gênero", "violência contra a mulher", "violência doméstica" ou "violência intrafamiliar". A violência de gênero abrange todos os outros tipos de violência citados, pois a característica de gênero é nuclear em cada um destes casos. A diferença está na configuração dos sujeitos que compõem o quadro "agressor-agredido", por isso, cada denominação permite antecipar quem é o agente da agressão e quem é a vítima. Vale ressaltar que, na maioria dos casos, a violência ocorre do homem para uma mulher, mas existem outras configurações resultantes da violência de gênero como adultos-crianças, adultos-adolescentes, homem-homem, mulher-mulher. A escolha pelo termo "violência contra a mulher" está justamente na especificação do sujeito vítima de violência.

⁴⁶ A mestranda cursou a disciplina "Seminário Temático - Jornalismo e Gênero" do Mestrado em Jornalismo da UEPG, no primeiro semestre de 2017.

No histórico jurídico e de políticas públicas em torno da temática violência contra a mulher no Brasil, alguns avanços foram alcançados nos últimos anos. É possível estabelecer um paralelo de conquistas a partir dos dados apontados nos estudos da socióloga e estudiosa de violência de gênero, Heleieth Saffioti, em meados da década de 1990. Entre 1994 e início dos anos 2000, a pesquisadora brasileira se debruçou em dados representativos da violência contra a mulher e na interpretação destes números tendo como horizonte o gênero como eixo estruturante.

É interessante observar que naquela década ainda não haviam sido formuladas e aprovadas a Lei Maria da Penha (2006) e a Lei do Feminicídio (2015), mas a autora já apresentava especificações que depois foram incorporadas às leis. Para ilustrar, por exemplo, a pesquisadora configurava como "femicídio" o assassinato da mulher pela condição de ser mulher, que resumidamente é a premissa da Lei do Feminicídio.

Dada a força das palavras, é interessante disseminar o uso de femicídio, já que homicídio carrega o prefixo de homem. Feministas inglesas vêm difundindo este termo, embora ele ainda não conste de *The Concise Oxford Dictionary*, edição de 1990. Como a língua é um fenômeno social, e, portanto, sujeito permanentemente a mudanças, é interessante criar novas palavras, que expurguem o sexismo (SAFFIOTI, 2004, p.48)

O femicídio cometido por parceiro acontece, numerosas vezes, sem premeditação, diferentemente do homicídio nas mesmas circunstâncias, que exige planejamento. Este deriva de uma derrota presumível da mulher no confronto com o homem. (SAFFIOTI, 2004, p.73)

Além disso, Saffioti diferenciava os tipos de violência contra a mulher em "física, sexual, emocional e moral" e, atualmente, na Lei Maria da Penha são previstos cinco tipos de agressão: física, sexual, moral, psicológica e patrimonial.

As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, pode-se afirmar o mesmo para a moral. O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. Desta maneira, cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do continuum entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência. (SAFFIOTI, 1999, p. 4)

As perspectivas sofisticadas apontadas pela autora trazem nas entrelinhas o contexto histórico pelo qual o Brasil passava naquela década em termos de combate a violência. A primeira Delegacia da Mulher havia sido instalada recentemente, em 1985, e passava pelos primeiros treinamentos para atendimento humanizado das vítimas. Havia menos de 10 abrigos para mulheres em situação de risco em todo o território nacional. E, como citado anteriormente, não existiam as Leis Maria da Penha e do Feminicídio.

O cenário em 2019 mudou bastante se comparado àquele período. De acordo com levantamento⁴⁷ do Jornal Nexo⁴⁸ – realizado a partir da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (IBGE) e da Norma Técnica de Padronização das Deams (Governo Federal) - entre 2004 e 2014 mais de 100 municípios brasileiros passaram a contar com delegacias de atendimento à mulher em situação de violência, totalizando cerca de 440 unidades no país.

Apesar do avanço considerável na última década, os números estão longe de suprir a demanda. As Delegacias da Mulher, por exemplo, foram implantadas em menos de 25% dos municípios de cada Estado, de acordo com a mesma pesquisa do Jornal Nexo. Se considerarmos que, no Brasil, uma mulher é vítima de estupro a cada nove minutos, três mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia, e uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha a cada dois minutos⁴⁹, as iniciativas de combate à violência ficam distantes do atendimento ideal.

Aliadas à falta de órgãos especializados estão algumas características específicas da violência contra a mulher. Como já apontado na introdução do trabalho, grande parte dos agressores das mulheres são homens com algum grau de parentesco – geralmente marido ou ex-marido. A domesticidade das agressões carrega consigo uma particularidade: a rotinização.

A rotinização pode ser traduzida com base no "Ciclo da violência" previsto na cartilha "Enfrentando a violência contra a mulher: orientações práticas para profissionais e voluntários", desenvolvida pelo Governo Federal, em 2005. O ciclo é composto por três fases: 1) a construção da tensão no relacionamento; 2) a explosão da violência, descontrole e destruição e 3) a lua-de-mel, arrependimento do agressor. A primeira fase é caracterizada por incidentes considerados "menores", tais como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, etc. Geralmente, a mulher tenta acalmar o agressor, mostrando-se prestativa e calma para os incidentes acabarem. Ela sente-se responsável pelos atos do companheiro. Na fase seguinte, as agressões tornam-se mais

⁴⁷ <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/09/22/A-distribui%C3%A7%C3%A3o-de-delegacias-da-mulher-pelo-Brasil>

⁴⁸ O jornal Nexo foi criado em 2015, visando ampliar o acesso a dados e estatísticas. É uma iniciativa financiada por recursos próprios, sendo que o site não contém publicidade, e sua principal fonte de receitas são as assinaturas.

⁴⁹ <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-2018.pdf>

graves. A terceira fase tem como característica o remorso e o medo do agressor de perder a companheira. Ele promete que nunca mais vai agir de forma violenta e implora por perdão.

Infelizmente, a terceira fase não é a última dos muitos casos que ocorrem diariamente no Brasil. Após a lua-de-mel os acontecimentos se encaminham para a primeira fase. E, assim, o ciclo continua por tempo indeterminado. Seguindo Saffioti, a rotinização contribui para a co-dependência e o estabelecimento de uma relação fixada.

Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu "destino" assim determina. (SAFFIOTI, 1999, p.89)

Em todo esse processo, a dependência financeira e/ou emocional da mulher em relação ao companheiro é determinante. Além disso, muitas levam em consideração os filhos e o sentimento de vergonha em admitir que não estão em um relacionamento saudável. Ainda assim, mesmo com a dificuldade em romper com a relação violenta, as mulheres reagem contra o agressor, objetivando negociar os limites da relação das mais diferentes maneiras. Para Saffioti, as "suas reações podem não ser adequadas para pôr fim à violência de seus parceiros, mas, é importante frisar, existem, se não em todos os casos, pelo menos na maioria esmagadora deles" (SAFFIOTI, 2002, p.120-121).

A partir da apresentação do cenário brasileiro e das características da violência contra a mulher, torna-se possível avançar teoricamente em direção à resposta para a pergunta: "Porque a violência contra a mulher é um problema de gênero?". Primeiramente, neste trabalho defende-se que a violência contra a mulher não pode ser analisada de maneira isolada, porque intrínsecas a ela estão questões sócio-histórico-culturais acumuladas ao longo dos anos. Para situar esta problemática, a autora recorreu ao clássico "O segundo sexo: fatos e mitos", da francesa Simone de Beauvoir. A linha de raciocínio traçada pela autora, ainda antes da década de 1950, considera as contribuições da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico como norteadores da constituição do mundo de valores em que vivemos.

O percurso teórico de Beauvoir alia conhecimentos de diversos campos para constatar que a condição atribuída à mulher como o "Outro" ou o "segundo sexo" não é algo natural do ser humano, tampouco imutável. A mulher foi definida como o Outro de um ponto de vista masculino, construído através de uma série de processos sociais e históricos.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado⁵⁰, julgaram útil manter a mulher em estado

⁵⁰ Sistema social baseado no controle dos machos sobre as fêmeas, em que estes ocupam uma posição central.

de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (BEAUVOIR, 1970, p.179)

A construção do Outro, se deu a partir da atribuição de papéis sociais distintos para homens e mulheres. Na história da humanidade, a cada tempo, novas configurações sobre o que é ser mulher e o que é ser homem foram legitimadas e disseminadas. A naturalização do feminino como um ser frágil, dócil, terno e emocional, contrapõe a naturalização do masculino como um ser forte, viril e racional. Tais modelos sociais constituem os modos de ser e estar no mundo e, por sua vez, "engrossam" o caldo da cultura "no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres" (SAFFIOTI, 2002, p.133).

Como aponta Saffioti (2002), as desigualdades são muitas, e tratando-se de homens e mulheres, aparecem nas mais diversas instâncias da vida cotidiana. Por sua vez, Beauvoir apresentou um retrato das desigualdades daquele período que, hoje, quase 70 anos depois, ainda se aplica à realidade.

Os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc, maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. (BEAUVOIR, 1970, p.14-15)

Nesse sentido, a pesquisadora Joan Scott aponta a igualdade como um princípio absoluto e uma prática historicamente incerta. Logo a igualdade “não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p.15). Por certo, ao eleger a temática e fundamentação teórica desta dissertação, tomamos um posicionamento em não ignorar a diferença.

Portanto, aqui está a resposta para a questão levantada: a violência contra a mulher é caracterizada por questões de gênero, porque ela está inerente às relações construídas entre o feminino e o masculino como resultado da assimetria da estruturação de gênero da sociedade. Por vezes, percebe-se certa tolerância (e até mesmo incentivo) para que os homens exerçam o seu poder e dominação sobre as mulheres. No entanto, é importante assinalar que, ao longo da

história da humanidade, as mulheres têm oferecido resistência ao domínio masculino desde a sua implantação (SAFFIOTI, 2002, p.125-126).

Desse modo, as relações de gênero não são fixas. Há um espaço variável (de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural) para margem de baliza, para negociação dos papéis atribuídos. É justamente esse espaço de diálogo, capaz de abalar a ordem patriarcal vigente, que transforma a violência "em um modo fundamental de regulação das relações sociais entre os sexos. Ela regula, tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados, as formas de dominação dos homens sobre as mulheres" (WELZER-LANG apud SAFFIOTI, 1994, p.450).

Na mesma linha, Woitowicz (2007) aborda a manutenção do controle masculino a partir de uma perspectiva feminista marxista:

Na base da relação entre capitalismo e patriarcado está o uso da violência como forma de garantir a dominação masculina. Nesta abordagem, a opressão e a subordinação das mulheres seria consequência de um sistema social e político que estabelece a relação entre dominantes e dominados a partir das categorias de classe e sexo. (WOITOWICZ, 2007, p.2)

Esclarecidos os pontos norteadores do primeiro eixo, partiremos para a perspectiva de gênero adotada. Optamos por um ângulo histórico-cultural do termo, ou seja, neste trabalho gênero não faz referência à sexualidade biológica que carrega em sua essência o binarismo masculino e feminino. Seguindo Scott, esta escolha se sustenta porque o significado do sentido do termo gênero não se esgota em si só, entendendo que “as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (SCOTT, 1995, p.71).

A palavra gênero passou a ser utilizada nas pesquisas científicas a partir da década de 1970, como uma reivindicação de diferentes pesquisadoras e pesquisadores feministas por um termo que traduzisse a organização social da relação entre os sexos. Ao rejeitar o binarismo biológico, a nova utilização do termo gênero, tornou-se

Uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1995, p.75)

Assim sendo, gênero aponta para a ordem cultural baseada em relações sociais de poder como modeladora dos papéis sociais femininos e masculinos (MORAES, 1998, p.99). Pensando assim, pode-se refletir, a partir dos contatos estabelecidos pelos indivíduos ao longo da vida - família, igreja, escola, estado, mídia (apenas para citar alguns) – como a os indivíduos são construídos socialmente como homens e mulheres. Tratam-se, portanto, de elaborações

identitárias sociais que, como ressalta Saffioti (1997, p.59), são sempre “historicamente situadas”, porque a “história é o demiurgo do sujeito-objeto”.

Na essência de tais construções sócio-histórico-culturais estão diluídas relações de poder, marcadamente apoiadas pela premissa de supremacia masculina sobre as mulheres. A história é escrita por quem detém o poder e o poder está concentrado nas mãos dos homens há milênios. Portanto, em vista das condições apontadas até aqui, podemos aferir – amparadas teoricamente por Saffioti - que a inferioridade feminina é exclusivamente social (SAFFIOTI, 1987, p.15-16).

Toda a história das mulheres foi feita pelos homens. Assim como na América do Norte não há problema negro e sim um problema branco. Assim como "o anti-semitismo não é um problema judeu; é nosso problema" (J.-P. Sartre, *Réflexions sur la Question juive*), o problema da mulher sempre foi um problema de homens. Viu-se por que razões tiveram eles, no ponto de partida, a força física juntamente com o prestígio moral; criaram valores, costumes, religiões; nunca as mulheres lhes disputaram esse império. (BEAUVOIR, 1970, p.167)

Desse modo, o homem delineou os elementos essenciais sobre a condição concreta do papel feminino na sociedade. Nesta linha, a categoria gênero é uma forma inicial de dar sentido às relações de poder. Então, para sintetizar o que já foi apontado anteriormente, gênero neste trabalho é interpretado com uma perspectiva histórica e cultural, que traduz as negociações de poder entre os papéis sociais atribuídos ao feminino e ao masculino.

O gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. [...] Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder. (SCOTT, 1995, p.88)

As estruturas de poder, postas pela ordem cultural vigente, são elaboradas por correlações de forças dos agentes integrantes das tramas de relações sociais. Dito isto, a partir de agora dá-se início ao terceiro eixo deste tópico, onde a questão do poder será abordada mais detalhadamente.

Em casos de violência contra a mulher – principalmente física e sexual – a relação de poder estabelecida entre os sujeitos é percebida em sua concretude. Entretanto, queremos chamar atenção para outro tipo de poder, o poder simbólico, que é responsável pela construção da realidade e legitimado socialmente.

O poder simbólico, conceituado pelo sociólogo Bourdieu, é uma espécie de autoridade invisível diluída nas relações sociais (sejam elas simétricas ou assimétricas). A eficácia deste

tipo de poder, capaz de atuar como função política precisa, está no reconhecimento dos sujeitos sociais a respeito da imposição dos vínculos de poder estabelecidos entre dominantes e dominados. Desse modo, no cerne da discussão sobre poder simbólico, também é fundamental o entendimento de outro conceito do sociólogo francês: o capital simbólico. Este capital é o investimento dos agentes para o monopólio da visão de mundo legítimo.

Como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento (BOURDIEU, 1990, p.166).

O capital simbólico seria então o reconhecimento e o valor adquirido e reconhecido por outros agentes sociais. E a legitimação do crédito social dos sujeitos é fundamental para a detenção do poder simbólico, que é considerado por Bourdieu como um "poder quase mágico", porque "permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)" (BOURDIEU, 2001, p.15).

Na mesma linha, recuperando os estudos de Saffioti, a autora aponta dois tipos de violência: a concreta e a ameaça. A ameaça é aquela que poderíamos também chamar de simbólica, porque existe para todas as mulheres – independente da opção sexual, raça, etnia, crença religiosa, formação acadêmica, profissão, etc. Para a socióloga brasileira, a violência do tipo simbólica "impregna corpo e alma das categorias dominadas, fornecendo-lhes esquemas cognitivos conformes a esta hierarquia" (SAFFIOTI, 2002, p.118-119).

Talvez a violência simbólica, até mais do que a própria violência física, represente a totalidade da imposição da dominação masculina na sociedade. Na perspectiva da construção histórica abordada neste capítulo, a própria ordem social funciona no sentido de legitimar a dominação do homem. Este tal poder invisível que, ao mesmo tempo, é tão facilmente detectável quando se trata de gênero, faz parte da vida social nas mais diversas instâncias de convivência, a começar, principalmente dentro do próprio seio familiar.

Se a unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível (e não só através do recurso à violência física), o princípio de perpetuação das relações de forças materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a Igreja, a Escola ou o Estado e em suas ações propriamente políticas, declaradas ou escondidas, oficiais ou oficiosas. (BOURDIEU, 2003, p.137)

Portanto, neste terceiro eixo, a autora busca indicar que, por trás da concretude da violência contra a mulher, existem estruturas de poder marcadas por características históricas,

culturais e sociais. Pensando em um nível idealista, a organização da estruturação de gênero deveria apresentar iguais condições de exercício de poder para homens e mulheres.

O último eixo deste tópico, propõem-se a apontar qual é o lugar do jornalismo no *continuum* entre as discussões de gênero e o tema violência contra a mulher. Após a exposição das características da violência contra a mulher, da apresentação da perspectiva de gênero adotada e do nível simbólico do poder masculino, falta indicar onde o jornalismo se encaixa neste debate.

Os jornais, assim como todas as instâncias da vida social, são espaços de disputas discursivas e de poder e, portanto, de construção simbólica de papéis sociais. Assim, atuando na esfera do simbólico, o jornalismo, enquanto uma das atividades com potencial de construir a realidade social opera, diariamente, tornando públicos assuntos que, de outra maneira, seriam ignorados por grande parte das pessoas. Nesse sentido, a principal característica do jornalismo, que é o que o torna central nesta discussão, é a sua capacidade de dar visibilidade a acontecimentos através das notícias, ou seja, eleger assuntos capazes de entrar na agenda pública e, assim, provocar o debate público.

Ao pautar um tema como a violência contra a mulher, os jornalistas têm em suas mãos a possibilidade de imprimir significados, contextualizar o tema através de dados, apresentar reflexões relativas à violência e às ações de políticas públicas. Ao mesmo tempo, a produção jornalística, marcada pela pressão da rotina privilegia alguns aspectos em detrimento de outros. Levando em consideração tais limitações, muitas vezes, o jornalismo apresenta interpretações da realidade para o público que contribuem para a legitimação da própria dominação masculina e a perpetuação de estereótipos sobre a temática.

Por fim, entre as potencialidades e limitações do jornalismo, buscaremos apontar as características do fazer jornalístico nos portais de notícias do interior do Paraná sobre o tema violência contra a mulher.

5.2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS DE JORNALISMO: *NEWSMAKING*, ENQUADRAMENTO E NOTICIABILIDADE

Neste trabalho o jornalismo é compreendido como uma das atividades responsáveis pela construção social da realidade. E, para compreender como esta construção é realizada diariamente, foram mobilizados três conceitos teóricos - *newsmaking*, enquadramento e noticiabilidade – que contribuem para pensar no nível de produção da notícia, desde os constrangimentos organizacionais e de rotina que permeiam as redações, passando pelos

critérios que estabelecem os conteúdos noticiáveis dos veículos, até os enfoques adotados para transformar os acontecimentos em produtos jornalísticos.

Na primeira metade do século XX, Lippmann (2009) já apontava para quão indiretamente as pessoas conhecem o ambiente em que vivem. Nesta perspectiva, conhecer o ambiente diretamente seria experimentar a realidade a partir de percepções pessoais cotidianas, através, por exemplo, de uma reunião presencial de trabalho. Por outro lado, o acesso indireto à realidade, seria todo tipo de vivência baseada em imersões distantes do aqui e agora, como assistir uma reportagem sobre as peculiaridades das reuniões de trabalho realizadas no Japão. Nas palavras de Berger e Luckmann, isto significa que experimentamos "a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente" (BERGER; LUCKMANN, 2011, p.39).

O jornalismo - assim como a literatura e o cinema - proporciona, através de seu conteúdo, imersão em realidades com diferentes graus de aproximação espacial e temporal, ou seja, é uma das maneiras de contato indireto com a realidade. Inclusive, grande parte do repertório de imaginário adquirido socialmente é decorrente de contatos com produções jornalísticas nos mais diversos formatos. Um exercício simples que pode ajudar o leitor a compreender essa questão é pensar: quantos estados brasileiros ou países do mundo você nunca visitou, e mesmo assim tem conhecimento sobre alguns aspectos da cultura, costumes, culinária, pontos turísticos? De que maneira você teve acesso a informações sobre este lugar? Pode ser que a resposta seja: através do relato de um amigo que viajou para lá, ou em documentário que assisti, uma reportagem que li em um site de notícias. Todas as respostas indicam que o seu acesso à esta realidade foi indireto, pois as percepções que você tem sobre este lugar foram mediadas, de alguma forma, pelo discurso construído a partir das impressões de outras pessoas.

Nesse sentido, no caso do jornalismo, as notícias tornam públicos acontecimentos através de versões interpretadas de recortes da realidade, que são consumidos diariamente, em formato de textos, imagens ou sons. Pensando assim, Tuchman (1983) aponta que os informadores ocupam uma posição privilegiada como construtores da realidade social.

Regras e recursos como o poder são distribuídos socialmente. O poder também é distribuído de forma desigual. Quando entram em conflito as intenções e interesses dos atores envolvidos, alguns deles têm à sua disposição mais recursos do que outros, incluindo o poder para impor suas definições da situação. Alguns atores sociais têm, assim, uma capacidade maior para criar, impor e reproduzir significados sociais, para construir a realidade social. Os informadores (jornalistas) são um grupo com mais poder do que a maioria para a construção da realidade social. (TUCHMAN, 1983, p.221-222)

Desse modo, a partir das construções sociais realizadas pelos jornalistas, as pessoas se informam e entram em contato com uma dimensão da realidade, através das notícias. Logo, a realidade é reconstruída diariamente através de um intenso movimento social, que abrange, entre outros fenômenos, o jornalismo e o público, de maneira a “constituir a sociedade como fenômeno social compartilhado” (TUCHMAN, 1983, p.197).

O poder distribuído socialmente aos jornalistas, ressaltado por Tuchman (1983), é também percebido por Alsina, que defende que os jornalistas têm um papel social legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante (RODRIGO ALSINA, 2009, p.47). Esse papel do jornalista foi definido através de um contrato não formal, um vínculo entre o jornalismo e o público que foi legitimado em torno de uma atividade profissional reconhecida como importante na formação da opinião pública.

A relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social. (RODRIGO ALSINA, 2009, p.47)

Apesar da legitimação do papel do jornalista na sociedade, as empresas jornalísticas precisam renovar constantemente este contrato, para garantir a confiança no seu trabalho. Assim, a credibilidade do jornalismo se apoia em uma série de imperativos éticos e técnicas de produção que visam profissionalizar a atividade.

Tais técnicas jornalísticas são utilizadas no sentido de alcançar a maior objetividade possível. Para isso, Tuchman (1972) observa que os jornalistas utilizam alguns procedimentos estratégicos, como: a apresentação de possibilidades conflitais e de provas auxiliares, o uso judicioso das aspas e a estruturação da informação numa sequência apropriada. Entretanto, como a própria autora assinala, apesar de esses procedimentos fornecerem provas demonstráveis de uma tentativa de atingir a objetividade, não se pode dizer que consigam alcançá-la.

Desse modo, a objetividade reivindicada pelos jornalistas na produção de notícias faz parte de um ritual que ajuda a cumprir as rotinas produtivas e a proteger os profissionais de possíveis "problemas" sobre o conteúdo. Esse ritual tem início no processo de produção da notícia e cada empresa jornalística carrega as suas particularidades. Nessa linha, uma série de autores, desde a década de 1980 - Tuchman (1983), Traquina (2005), Wolf (2009), Vizeu

(2008), Peña (2013) - tem se debruçado sob estudos de *newsmaking* que, em síntese, trata-se de pesquisar como a construção da notícia é influenciada pelas rotinas produtivas de trabalho.

Para Wolf (2005), o *newsmaking*, poderia ser interpretado como um estudo da sociologia das profissões, centrado na atividade do jornalismo, em detrimento da comunicação. Dentro desta ótica, o conceito está voltado mais no profissional jornalista do que no objeto notícia, já que visa compreender o comportamento de relacionamento destes profissionais com suas fontes de notícias e também dentro da estrutura organizacional, além de todas as seleções em nível de noticiabilidade, enquadramento, texto e edição que são realizadas em nome de um saber-fazer profissional, amparado por técnicas legitimadas no seio das redações. Nesse sentido, Wolf (2012, p.193) avalia que os estudos de *newsmaking* compreendem dois eixos: “a cultura profissional dos jornalistas; e a organização do trabalho e dos processos de produção. As conexões e as relações entre os dois aspectos constituem o ponto central desse tipo de pesquisa.”

Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção. (WOLF, 1994, pág. 63).

Dentro dos estudos de *newsmaking*, o conceito de noticiabilidade é central. Neste trabalho optou-se por utilizar o termo noticiabilidade, em detrimento de valor-notícia, porque a mestrandia segue o entendimento de Silva (2005) de que valor-notícia e seleção noticiosa não são equivalentes à noticiabilidade, mas partes integrantes deste. Para a autora, o processo de noticiabilidade ocorre em três instâncias: 1) na origem do fato; 2) no tratamento dos fatos e 3) na visão dos fatos.

Dentro dos estudos de jornalismo, esta separação entre valores e critérios tem sido realizada no sentido de organizar as questões intrínsecas e extrínsecas à rotina profissional das redações.

Definida a noticiabilidade com o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias, pode-se definir os valores/notícia (news values) como uma componente da noticiabilidade. (WOLF, 2001, p. 195).

Em artigo publicado em 2014, Seixas e Francisco (p.7-8) apresentaram uma sistematização comparativa de quatro autores que estudam noticiabilidade e, sobretudo, desenvolvem sugestões de divisões do conceito.

Quadro 4 - Divisão do conceito de noticiabilidade nas perspectivas de Wolf (2001/1987), Shoemaker & Reese (1996), Silva (2005) e Traquina (2005)

WOLF (2001/1987)	SHOEMAKER & REESE (1996)	SILVA (2005)	TRAQUINA (2005)
Divisão em quatro pressupostos implícitos ou considerações relativas: - Características substantivas das notícias (conteúdo); - Disponibilidade de material e critérios relativos ao produto; - Público; - Concorrência.	Divisão em cinco níveis de análise, organizados hierarquicamente: - Individual (experiências cognitivas e profissionais, atitudes, valores, crenças, funções profissionais, eixos éticos); - Rotinas profissionais (desenvolvimento do estilo com base em padrões profissionais); - Organizacionais (controle econômico e simbólico); - Extraorganizacionais (fontes, anunciantes, audiências, ambiente econômico e tecnológico); - Do sistema social (ideologia).	Três instâncias: - Critérios de noticiabilidade (CN) na origem dos fatos; - CN no tratamento dos fatos (seleção hierárquica e produção das notícias); - CN na visão dos fatos sobre fundamentos éticoepistemológicos.	Divisão por fase produtiva: - Seleção: substantivos e contextuais; - Construção.

Fonte: a autora.

A partir dos níveis apontados pelos autores, os pesquisadores que se orientam pelo conceito de noticiabilidade em suas pesquisas, podem seguir um percurso do macro para o micro ou o contrário. Na análise, este trabalho opta pela utilização da divisão desenvolvida por Silva (2005), a partir de uma perspectiva micro enfatizada no valor-notícia dos portais.

Assim como apontado no conceito de *newsmaking*, a noticiabilidade também é uma das técnicas da cultura jornalística que fortalecem a credibilidade do jornalismo diante do público, porque se trata de um conceito que reivindica um saber-fazer profissional específico, inerente à cultura das redações. Conforme apontado por Lisboa e Benetti (2015), a confiança do público nas notícias está alicerçada pelos critérios de noticiabilidade e relevância utilizada pelos jornalistas ao aplicar suas técnicas profissionais. Incluindo também a objetividade, neutralidade e verdade à concepção de credibilidade (LISBOA, BENETTI, 2015, p. 17).

Um indivíduo que lê um jornal sabe de antemão que deve se tratar de um conteúdo não ficcional – e, enquanto não ficcional, deve estar o mais próximo possível da verdade dos fatos –, apurado e redigido de forma objetiva e segundo critérios de

relevância e interesse público. Mesmo que o sujeito não seja ingênuo sobre os interesses econômicos e políticos da empresa jornalística, e ainda que tenha conhecimento de erros e imprecisões anteriores do veículo, ele tem a expectativa de que o conteúdo seja verdadeiro, já que deve ter sido submetido aos processos de verificação e edição do jornalismo profissional. A isso chamamos presunção de credibilidade. (LISBOA;BENETTI, 2015, p.20)

Nessa linha, a noticiabilidade é aplicada rotineiramente, a partir de uma série de critérios ao mesmo tempo objetivos (pressupostos da atividade jornalística adquiridos pela cultura profissional) e subjetivos (variação de valores de redação para redação, e/ou de jornalista para jornalista), com o objetivo de selecionar dentre inúmeros acontecimentos quais são os noticiáveis do dia.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. (WOLF, 1994, p. 170)

Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2012, p. 196).

Após o entendimento dos conceitos de newsmaking e noticiabilidade, será apresentado o enquadramento como uma complementariedade do processo teórico até aqui desenvolvido, pensando em uma sequência cronológica da produção noticiosa.

Os estudos de enquadramento propostos por Goffman (1974) estão fundamentados em analisar como os indivíduos organizam e classificam as suas experiências para dar-lhes sentido, ou seja, quando estão diante de uma situação quais elementos os indivíduos identificam como princípios de organização dos acontecimentos (GOFMANN, 1974, p.34).

Goffman pressupõe que quando as pessoas se deparam com as situações cotidianas procuram estruturar a sua experiência partindo da seguinte pergunta "O que é que está acontecendo aqui?". E então, tal questão inicia uma série de deduções de respostas e explicações sobre o assunto, ou seja, os indivíduos recorrem a esquemas mentais para chegar a uma resposta sobre as situações as quais se encontram (GOFMANN, 1974, p.30-31). Desse modo, o enquadramento está fundamentado em um conjunto de reflexões sobre os modos como cada indivíduo identifica e interpreta as situações que lhe aparecem.

Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um

slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência. (GOFFMAN, 2006, p. 11)

Logo, as percepções individuais são estruturadas de modo a focar em aspectos particulares da realidade. No ato de atribuir significados aos acontecimentos, as pessoas focam em uma perspectiva, semelhante ao jornalismo que estrutura as notícias através de enfoques.

Ao promover enquadramentos, o jornalismo está colocando em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Está neste processo a especificidade da sua participação nas dinâmicas de construção social da realidade. Em outros termos, os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e por isso dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa. (CARVALHO, 2009, p.4)

Assim, a atividade que carrega o papel social legitimado de construtor da realidade se ocupa dos temas que fazem parte da vida cotidiana através de enquadramentos. Tais quadros de referência começam a ser delineados quando as informações ainda nem foram transformadas em notícias, ou seja, ainda na aplicação de critérios de noticiabilidade sobre os fatos.

Algumas análises realizadas com base no conceito de enquadramento, principalmente aquelas que analisam a intersecção entre os campos do jornalismo e da política, indicam os enquadramentos jornalísticos dependem de fatores como: fontes econômicas e culturais do patrocinador (daquele que provém a informação), seu conhecimento sobre as práticas jornalísticas e a ressonância do enquadramento como valores políticos plenos/ estendidos. (ROSSETTO; SILVA, 2012, p.108)

A maioria dos quadros é definida pelo que eles omitem e incluem, e as omissões de possíveis definições de problemas, explicações, avaliações e recomendações podem ser tão críticas quanto as inclusões na orientação do público. (ENTMAN, 2009, 177)

Para a análise, foram utilizadas as perspectivas de diferenciação entre enquadramentos temáticos ou episódicos nos noticiários, e os elementos de repetição que caracterizam ambos os noticiários. No próximo tópico, a autora inicia a análise do material empírico, amparada pelos conceitos teóricos de jornalismo e gênero apresentados neste capítulo.

6 ANÁLISE EM PROFUNDIDADE: TRÊS ETAPAS E ABORDAGENS

Neste ponto da dissertação, a autora apresentou todos os elementos fundamentais que comporão a análise. Basicamente, são três pontos de intersecção que serão trabalhados: 1) referencial teórico de gênero (perspectiva cultural) e de jornalismo (*newsmaking*, enquadramento e noticiabilidade); 2) categorias da coleta da cobertura jornalística dos portais (data, título, editoria, assinatura, número de parágrafos, foto, fontes, autor do crime e tipo de violência); e 3) entrevistas com as redações dos portais.

Tendo em vista o volume de conteúdo selecionado para compor a análise desta dissertação - quatro conceitos teóricos complexos; 177 notícias analisadas ao todo; e quase oito horas de entrevista com as redações - optou-se por desenvolver a análise em três partes.

Na primeira parte, os óculos teórico utilizado é proveniente dos estudos de *newsmaking*, sendo que, neste momento introdutório da análise, as autoras detalharão a prática jornalística e rotina de produção dos portais a partir das informações levantadas nas entrevistas e das características percebidas na coleta da cobertura jornalística (data, editoria, assinatura, parágrafos, fotos e fontes).

Na segunda parte da análise, os conceitos teóricos chave são noticiabilidade e enquadramento. A autora decidiu trabalha-los em conjunto, tendo em vista suas proximidades e sequencialidade dentro das teorias do jornalismo. Para embasar esta etapa, foram selecionados trechos das entrevistas com as redações em que os jornalistas explicam como os conceitos de noticiabilidade e enquadramento se refletem nos noticiários dos portais, além de outros trechos da entrevista em que são abordados a questão da hierarquização da violência contra a mulher nos sites e a aparição do tema entre os mais lidos do dia. As partes da coleta selecionadas para este segundo momento são as categorias títulos e tipo de violência.

Por fim, a terceira parte da análise será construída com noções teóricas provenientes dos estudos de jornalismo com perspectiva de gênero. Neste momento, foram selecionados os trechos das entrevistas que versam sobre textos escritos por jornalistas homens e mulheres, e a causa da violência contra a mulher. A categoria da coleta selecionada é: autor da violência.

6.1 NEWSMAKING COMO NORTEADOR ANALÍTICO

Neste trabalho, a notícia é interpretada como uma construção social - conforme assinalado por Traquina (2004) - que é resultante de inúmeras interações de diversos agentes

sociais e dos profissionais do campo que “reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia” (TRAQUINA, 2004, p.27).

Ao reivindicar o “monopólio de um saber”, os jornalistas profissionalizaram a sua atividade e alcançaram um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (ALSINA, 1996, p.18). Desse modo, a partir do reconhecimento da competência do jornalista para dar sentido aos acontecimentos importantes do dia e do advento tecnológico, a atividade passou a ser marcada pela pressão do imediatismo.

O impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas de fechamento, permitindo a realização de um valor central da cultura jornalística - o imediatismo. De novas edições dos jornais no mesmo dia à quebra da programação televisiva anunciada com boletins, novos avanços tecnológicos nas últimas décadas do século XX tornaram possível, de longa distância, atingir o cúmulo do imediatismo - "a transmissão direta do acontecimento". (TRAQUINA, 2004, p.53)

Logo, o imediatismo reivindica à atividade jornalística uma organização e padronização do trabalho da redação que, como apontado por Alsina (2009) torna-se “uma atividade complexa que se realiza industrialmente e no seio de uma instituição reconhecida socialmente” (ALSINA, 2009, p.11). Portanto, as empresas jornalísticas construíram, com o passar dos anos, rotinas produtivas e organizativas de trabalho que, para autores como Peña (2013), influenciam na construção da notícia. E, por sua vez, esta linha de pesquisa dos estudos do jornalismo que se atentam a pesquisar as rotinas de produção jornalística são denominadas como *newsmaking*.

Os estudos de *newsmaking* preocupam-se com a forma como a atividade jornalística é desenvolvida, isto é, eles são responsáveis pela observação dos processos rotineiros de produção de notícias, que oferece uma ferramenta objetiva para analisar o papel dos emissores e das fontes de informação durante a construção de significados no texto jornalístico⁵¹. (PEÑA, 2013, p.65)

Uma das principais estudiosas do *newsmaking* é a pesquisadora Gaye Tuchman (1983), que se dedicou, em sua tese de doutorado, a acompanhar durante dez anos (entre 1966 a 1976) a rotina de produção de um canal de televisão, três jornais impressos e da redação de uma prefeitura, por meio da observação participante. A partir das observações de Tuchman, a

⁵¹ Los estudios de *newsmaking* se ocupan de la manera en la que se desarrolla la actividad periodística, es decir, se encargan de la observación de los procesos rutinarios de producción de la noticia, lo que ofrece una herramienta objetiva para analizar el papel de los emisores y de las fuentes de información durante la construcción de sentidos en el texto periodístico.

hipótese do *newsmaking* passou a ganhar corpo e autores como Traquina (2005) e Wolf (2009) também passaram a fortalecê-la teoricamente.

Conforme assinalado por Tuchman (1983), os jornalistas desempenham o papel de construtores sociais da realidade, transformando matéria prima (acontecimentos) em produto (notícias) e, neste processo, são afetados por diversos fatores diariamente como: o tempo, o espaço e a escolha das fontes. Tais fatores passam a ser normalizados no sentido de criar uma “rotinização das práticas jornalísticas” que, para Tuchman (1983), resultam em uma espécie de padronização do trabalho da redação, que é fortalecido e legitimado pelas empresas jornalísticas para que os profissionais sigam um caminho rotineiro de produção.

Através das entrevistas com os profissionais das redações e a coleta da cobertura jornalística dos portais, a autora observou algumas das principais características de rotina. Em ambos os sites, as particularidades da produção são desdobramentos, sobretudo, da pressão - tanto por parte dos leitores quanto da concorrência - em noticiar os acontecimentos o mais rápido possível. Esta instantaneidade da notícia é abordada pelo editor-chefe do aRede e a diretora de jornalismo do RSN.

A particularidade do portal é trazer a notícia rapidamente, sem deixar de apurar a informação, na veracidade da informação, consulta de fonte. Tanto é que nosso slogan é: aconteceu está na Rede. [...] O jornalista tem que ter a compreensão de que a principal particularidade do jornal é ter notícia rápida, ligar para uma fonte em três minutos, nem que coloque um texto de 500 ou 600 caracteres, se colocou parte da informação, depois vai atualizando. (Informação verbal⁵²)

Às vezes a rapidez da informação até assusta gente. Já teve casos de morte que nós demos a notícia pro IML, fui buscar informação no IML e acabei informando eles. Já teve família que ficou sabendo de acidente com morte pela Rede. É muito rápido. Se aconteceu e não está na Rede, as pessoas acreditam que não aconteceu. Tem gente que acredita só depois que a gente publica. Isso o que é? É credibilidade. (Informação verbal⁵³)

Para que os sites mantenham uma frequência de atualizações diárias considerada satisfatória pelos seus editores, o volume de publicações totaliza em média dez textos por repórter diariamente. De acordo com os relatos da RSN, durante o período analisado a redação contava com três jornalistas e trinta notícias eram publicadas no site diariamente. Já os

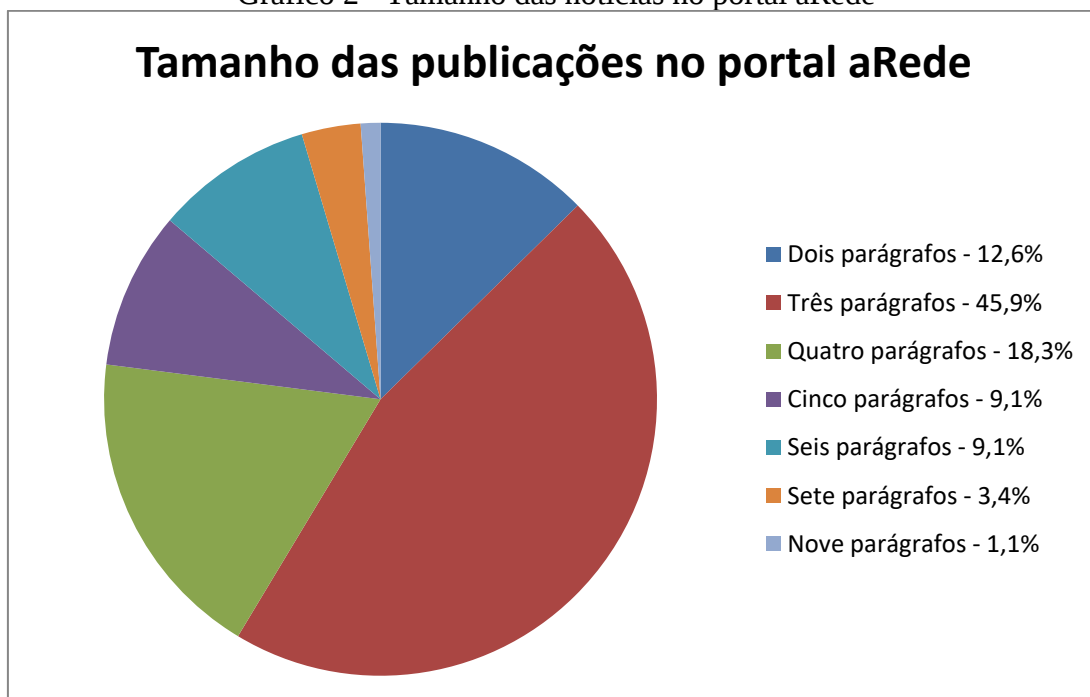
⁵² Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

⁵³ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

entrevistados do Rede relataram uma média de 60 publicações diárias, sendo que no período sete jornalistas trabalhavam na redação.

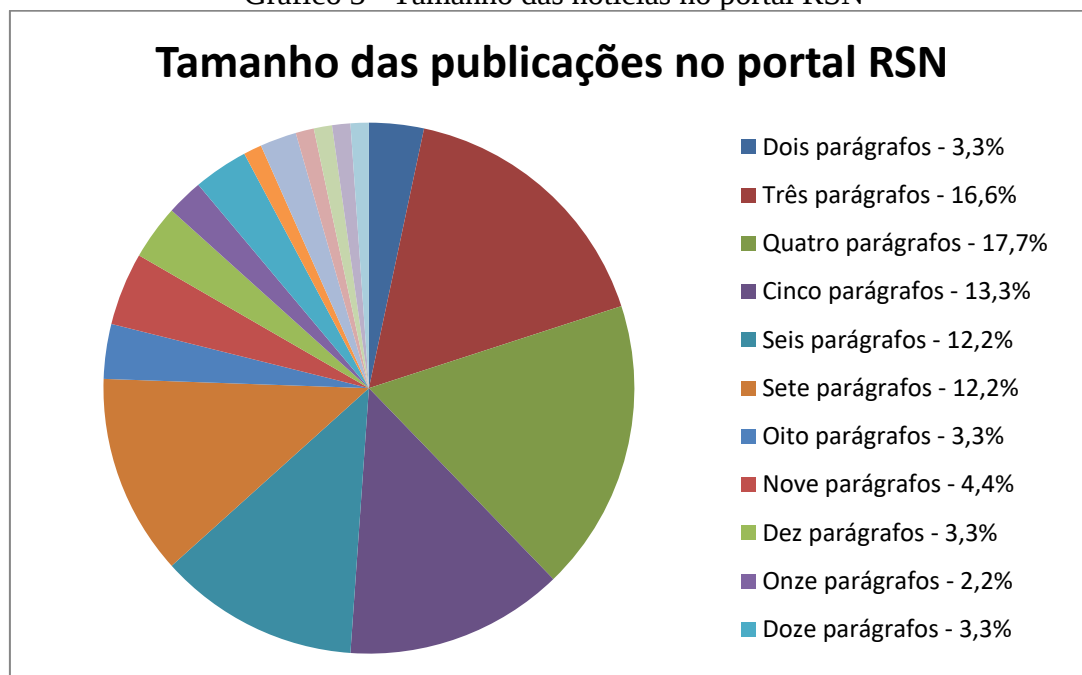
No entanto, mesmo que a quantidade de notícias produzidas pelos jornalistas das suas redações diariamente seja similar, os dados apresentam diferentes características em relação à dimensão dos conteúdos. Ao observar as tabelas 5 e 13, que demonstram o número de parágrafos das matérias publicadas pelos portais, os seguintes gráficos foram elaborados:

Gráfico 2 - Tamanho das notícias no portal aRede



Fonte: portal aRede.

Gráfico 3 - Tamanho das notícias no portal RSN



Fonte: portal RSN.

O gráfico referente às publicações da aRede mostra que quase metade do conteúdo tem o formato de três parágrafos (45,9%), e as matérias com dois (12,6%) e quatro parágrafos (18,3%) também são representativas dentro do conjunto analisado. Portanto, considerando este levantamento, a cobertura do portal pontagrossense produz 76,8% do seu conteúdo em um formato entre dois e quatro parágrafos.

Essas grandes reportagens, esses textos imensos, a própria rotina do dia não te permitem mais isso. Se você pegar um jornal, com aquelas matérias de quatro ou cinco páginas, ninguém vai ler aquilo. A pessoa quer receber a informação, a pessoa quer receber assim, um exemplo: “Acidente fecha rodovia de PG, ninguém passa por ela”. É o que a pessoa quer receber. O mais prático possível. As matérias mais concisas têm um volume de acessos maior. (Informação verbal⁵⁴)

Em relação ao gráfico elaborado com os dados da RSN, cinco formatos mostram-se como predileção dos jornalistas. Em sua maioria, os conteúdos são publicados em quatro parágrafos (17,7%), seguido de três parágrafos (16,6%), depois cinco parágrafos (13,3%) e as matérias com seis e sete parágrafos aparecem empatadas (12,2%). Diferente da cobertura da aRede, em que determinado formato - três parágrafos - é claramente um padrão da redação (pelo menos para matérias com o tema violência contra a mulher), no site guarapuavano o formato das publicações apresenta maior variação, ficando, em sua maioria, entre três e sete parágrafos.

⁵⁴ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

Para cumprir o intenso volume de publicações, dentro destes formatos apresentados acima, os jornalistas relatam que grande parte do material é proveniente de assessorias de imprensa, e as pautas sugeridas pela própria redação são produzidas em menor proporção por demandar um tempo maior de apuração.

Tem dias que eu escrevo umas dez matérias e tem dias que eu produzo quatro. Depende se eu fico com manchetes ou não, porque a manchete é um conteúdo mais aprofundado que demanda mais tempo. Se eu fico com os blocos, que é um conteúdo mais raso, eu escrevo entre oito e dez por dia, geralmente baseada em releases que vem das assessorias. As manchetes a gente trabalha com produções de pautas nossas, geralmente a gente demora mais tempo nesse tipo de produção. (Informação verbal⁵⁵)

Eu diria que são cerca de 60 matérias assim por dia mais ou menos, Naiara. Mas assim, matérias próprias que somos nós que fazemos 100%, digamos, em que nós recebemos uma informação, vamos apurar essa informação, ouvir a pessoa ali, eu diria que é uns 20%, mais ou menos, ou 30% da produção que vai pro portal. (Informação verbal⁵⁶)

Dentro da totalidade de conteúdos trabalhados diariamente nos portais, especificamente as matérias sobre violência contra a mulher tem uma dinâmica de produção semelhante em ambos. Isso, porque, como é possível observar nas tabelas 6 e 14, que mostram as fontes consultadas pelas redações nos seis meses de cobertura analisados, a Polícia Militar aparece como a principal fonte de informação na aRede (representando 45%), e na RSN (representando 22,4%). A segunda fonte mais consultada pela aRede é a Polícia Civil (9,8%), seguida pela Guarda Municipal (6,8%); já na RSN fica em segundo lugar a defesa do autor do crime (12,8%) e em terceiro a Polícia Civil (5,7%). Estes dados foram extraídos de um universo de 102 fontes consultadas pelo portal pontagrossense e 156 fontes do portal guarapuavano. Os números dizem respeito aos três temas identificados na cobertura: 1) os casos de feminicídio de Nathália Deen e Tatiane Spitzner, 2) violências diversas contra a mulher, e 3) ações municipais de combate a este tipo de violência. Portanto, a defesa do autor do crime tem uma representatividade na cobertura do portal RSN, devido ao caso de feminicídio de Tatiane Spitzner. Além das três principais fontes citadas de cada portal, também é possível observar na tabela que a maioria das outras fontes consultadas são oficiais e estão ligadas de alguma forma à Justiça.

O intenso volume de informações abordados pelos portais diariamente e a escassez de tempo para produção, contribui para que os jornalistas produzam dentro de uma lógica assinalada por Traquina (2005) como “canais de rotina”. Estes canais são metodologias

⁵⁵ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

⁵⁶ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

adotadas pelas redações para impor ordem no espaço e no tempo, pois de acordo com o autor: “1) os acontecimentos podem surgir em qualquer parte; 2) os acontecimentos podem surgir a qualquer momento” (TRAQUINA, 2005, p.95).

Quanto à ordem no espaço, as empresas jornalísticas estendem uma rede noticiosa para cobrir os acontecimentos e, ao agir desta forma, a redação presume que há acontecimentos com valor-notícia em certos locais e não em outros, sendo que os considerados noticiáveis, geralmente, são os espaços institucionais. Quanto à ordem no tempo, há uma expectativa para que os acontecimentos “importantes” ocorram dentro do horário normal de trabalho, que é o período em que as redações contam com a presença dos jornalistas.

No caso das matérias sobre violência contra a mulher, o canal de rotina evidenciado pelo levantamento da cobertura dos portais é a informação via Polícia Militar. Geralmente, conforme relatado pelos jornalistas em entrevista, o procedimento é o seguinte: ao chegar na redação, a primeira ação feita pelos jornalistas é abrir o relatório da Polícia Militar, onde constam as principais ocorrências do dia anterior. Dali, são selecionadas ocorrências dos mais variados tipos, entre elas as de violência contra a mulher. Os dois trechos a seguir, demonstram a rotina do portal aRede:

Eu e a estagiária chegamos na redação às 7h, eu fico até meio dia e ela fica até às 11h. Aí eu abro os e-mails e vou ver os relatórios de polícia. Pelo menos até 9h30 eu mexo com policial, pelo movimento que tem durante a noite, durante a madrugada. A região é grande. Eu pego os relatórios da polícia, faço uma ronda em alguns sites que são parceiros nossos no sentido de utilizar alguma foto que eles tenham e dar o devido crédito, da mesma forma que eles têm liberdade de utilizar fotos nossas também. (Informação verbal⁵⁷)

As matérias de violência - não de feminicídio - mas de violência contra a mulher, eu acredito que mais de 90%, eu não digo que 100%, porque alguns casos chegam de forma diferente, por denúncia ou enfim... Mas, mais de 90% das violências contra a mulher não só de Ponta Grossa como a região são provenientes de boletins de ocorrência da Polícia Militar. O jornalista que vai no período da manhã - ou eu quando vou no sábado ou domingo, por exemplo - eu chego e o primeiro e-mail que eu abro realmente é o e-mail dos casos policiais pra ver o que aconteceu no dia anterior. Ali quando tem violência contra a mulher eu pessoalmente costumo publicar, né? (Informação verbal⁵⁸)

Os procedimentos relatados pela redação do portal RSN são bastante semelhantes com estes acima, no entanto, uma questão observada tanto pelo editor-chefe quanto pela repórter do

⁵⁷ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

⁵⁸ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

site de Guarapuava, diz respeito à seleção prévia da Polícia Militar de quais boletins de ocorrência são divulgados para a imprensa ou não. Então, antes de os boletins passarem por um critério de seleção do jornalismo, eles são submetidos a um critério de seleção da própria polícia.

A gente tem uma barreira com a própria PM, porque a gente divulga o que ela divulga, mas eles têm um crivo ali dentro e a gente não sabe que crivo é esse. Eles barram algumas coisas, e isso a gente só descobriu no final do ano passado, que mudou a pessoa responsável pela comunicação. Antes, todos os relatórios que a gente recebia tinham no máximo uma folha ou uma folha e meia com as ocorrências do dia. Só que, quando entrou essa nova pessoa da comunicação, o relatório começou a vir com sete páginas, oito páginas, nove páginas. Aí um dia eu liguei lá e perguntei se havia aumentado a criminalidade em Guarapuava, e eles responderam que esse era o relatório normal, mas que provavelmente a pessoa que era responsável antes colocava só o que ele achava mais relevante. Então, tem esse fator: o policial tem a possibilidade de barrar determinados boletins, que ninguém ficará sabendo para poder noticiar. (Informação verbal⁵⁹)

A gente sabe de muitas coisas que aconteceram que não vão para o B.O. Quantas coisas acontecem e não estão lá no boletim? Existe um filtro da PM, antes de passar por um filtro do jornalismo, e a gente não sabe qual é o critério da PM. Do jornalismo já varia muito de redação para redação, o da PM então... Além de ter várias mulheres que não chegaram a fazer o boletim. Sei lá, se de 100 mulheres agredidas 50 fizeram o boletim, apenas 20 vão para o relatório; e nem todas essas 20 entram no portal como notícia. (Informação verbal⁶⁰)

Durante entrevista, os repórteres do portal aRede também comentaram sobre o filtro da Polícia Militar em relação aos boletins de ocorrência, portanto, trata-se de um *modus operandi* da polícia em ambas as cidades. Além deste filtro inicial feito entre os boletins que serão enviados para a imprensa ou não, após o relatório chegar à redação, uma série de critérios são aplicados para definir dentre aquelas ocorrências quais serão noticiadas no portal.

Não temos nenhuma ordem específica: “ó, vocês quando tem violência contra a mulher vocês publicam, ou quando tem tal coisa vocês não publicam”, não temos nenhuma ordem nesse sentido quanto aos relatórios policiais. Então, ali nós acabamos optando pelas matérias de maior peso mesmo assim, sabe? [...] O critério é essa importância mesmo, esse diferencial pitoresco no caso também, acabamos noticiando. A rotina é essa, eu pelo menos leio todas as ocorrências e seleciono as que vão entrar ou não, colocando as de maior gravidade que ocorreu no dia anterior. (Informação verbal⁶¹)

⁵⁹ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

⁶⁰ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

⁶¹ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

Quando a gente olha o relatório de boletins de ocorrência de violência contra a mulher é definido se uma matéria vai virar notícia ou não dependendo da agressão. Depende de quais informações a gente tem no relatório, de como está a vítima, se ela morreu ou não, como foi a agressão, onde foi, quantas pessoas estiveram envolvidas, se tinha crianças. Porque? Porque é apelativo. Existe também a possibilidade de a gente ter recebido imagens. Se a gente recebeu algum tipo de imagem e a gente tem alguma informação, aquilo pode render. Incêndios seria um exemplo, um caso de violência patrimonial contra a mulher, a imagem seria um diferencial. Os principais critérios são a gravidade do caso, o grotesco e o peso da imagem. (Informação verbal⁶²)

Nesta primeira fase da análise, as falas dos repórteres foram trazidas acima para indicar os principais critérios das redações para selecionar os boletins de ocorrência. No entanto, a discussão mais aprofundada sobre critério de noticiabilidade e enquadramento será realizada na segunda parte da análise. No próximo tópico, será retomada a questão da escolha dos relatórios pelo critério da gravidade, grotesco e pitoresco através de outros trechos das entrevistas e dados da cobertura dos portais.

Continuando com algumas características das rotinas de produção, ambos os portais apontaram o celular como uma tecnologia importante no processo de apuração das notícias. Na redação da RSN, as informações, em sua maioria, são apuradas via ligação, e na redação do portal aRede o aplicativo Whatsapp contribui para o mapeamento de informações da cidade. De acordo com o editor-chefe do portal pontagrossense, o celular da redação conta com 48 grupos de notícias com mais de 200 pessoas em cada, sendo que estes grupos são compostos por pessoas de todos os bairros de Ponta Grossa que enviam informações durante todo o dia através de fotos, vídeos e áudios.

Nossa principal ferramenta de consulta hoje é o Whatsapp, na redação você não vê muito o pessoal pegar o telefone para ligar [...]. Se eu tirar um repórter da redação ele não volta em menos de 60 minutos, é uma hora que ele está na rua e o que ele poderia fazer na redação através de grupos de notícias, de Whatsapp, esse tempo é muito precioso. O que a pessoa vai te falar na sala dela é a mesma coisa que ela vai te falar por mensagem, é a mesma informação. Ele não vai mentir pra você por você estar pelo Whatsapp. (Informação verbal⁶³)

Além do uso rotineiro do Whatsapp para apurar as informações, outro canal de rotina relatado pela redação do portal aRede chamou a atenção da pesquisadora. Trata-se de uma

⁶² Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

⁶³ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

equipe terceirizada⁶⁴ contratada pelo site, que fica na rua de madrugada atrás de boletins de ocorrência. A equipe percorre as ruas e as delegacias atrás de acidentes e violências diversas que ocorrem durante a madrugada, para fazer imagens e enviar uma descrição dos acontecimentos para a redação do portal.

A gente também tem um grupo no Whats com esses cinegrafistas e a nossa equipe aqui da redação. Conforme as coisas vão acontecendo durante a madrugada eles já vão enviando por ali, e quando eu chego de manhã eu já tenho algumas ocorrências com imagens [...] O que precisa deixar claro? Esses caras não são jornalistas. Eles não estão preocupados com o fator social da notícia e como a divulgação de determinado fato pode influenciar ou não um aspecto da vida das pessoas. Eles são as abelhas que tem o contato com os policiais, eles têm aqueles “radinhos” que copiam a frequência ilegalmente da polícia e dos bombeiros, eles escutam alguma coisa mais grave e vão atrás. Pode acontecer de, por exemplo, eles escutarem ‘ferimento por arma branca’ e irem atrás da ocorrência, por acaso essa vítima dessa facada é uma mulher agredida pelo marido, por acaso, não é algo que eles saibam que é violência doméstica e querem ir atrás. É mais no sentido de “vamos lá, porque parece ser grave e vai dar audiência” e por acaso é um caso de violência doméstica. (Informação verbal⁶⁵)

No entanto, mesmo que o jornalista tenha citado o trabalho desta equipe contratada para fazer imagens, e a RSN também tenha citado o peso da imagem como um dos critérios de noticiabilidade, o levantamento das fotos utilizadas pelos portais nos seis meses de coleta segue a lógica das fontes oficiais: em sua maioria, as imagens utilizadas são da viatura da PM, sendo quase sempre a mesma imagem. Como é possível observar nas tabelas 8 e 17, as principais fotos utilizadas pelo portal aRede são da viatura da PM (32,5%), do autor do crime (15,7%) e de itens apreendidos pela PM durante a ação policial (10,1%). No portal RSN, a viatura da PM também fica em primeiro lugar (25,4%), seguido da foto do autor do crime (15,5%), e da vítima de violência (10,6%). A recorrência das imagens do autor do crime em ambos os portais e da vítima no site guarapuavano justifica-se pela utilização das imagens dos personagens envolvidos nos feminicídios de Nathália Deen e Tatiane Spitzner. A cobertura de violências diversas - sem contar os casos de feminicídio – utiliza somente imagens da viatura da PM ou de itens apreendidos durante a ação policial. Abaixo, estão as principais imagens utilizadas por ambos os portais:

⁶⁴ Esta equipe faz imagens para o programa de televisão COP Ocorrências Policiais, que é transmitido na TV Vila Velha de Ponta Grossa. O portal aRede fez um contrato com a equipe do programa para também ter acesso às imagens produzidas.

⁶⁵ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

Fotografia 1 – Foto utilizada pela RSN



Fonte: reprodução web.

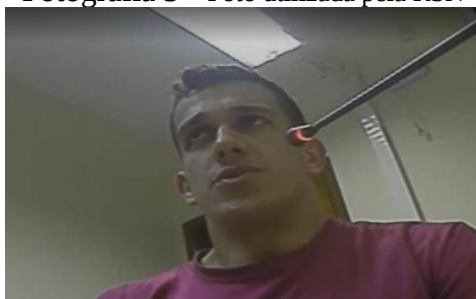
Fotografia 2 – Foto utilizada pela aRede



Fonte: arquivo aRede.

A segunda imagem mais utilizada pelos portais são as seguintes:

Fotografia 3 – Foto utilizada pela RSN



Fonte: divulgação

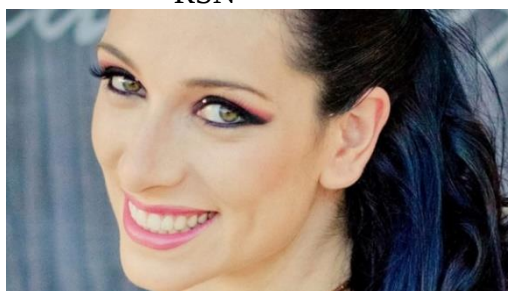
Fotografia 4 - Foto utilizada pela aRede



Fonte: foto de Cristiano Barbosa

E a terceira imagem que mais aparece nos respectivos portais são:

Fotografia 5 - Foto utilizada pela RSN



Fonte: reprodução Facebook.

Fotografia 6 - Foto utilizada pela aRede66



Fonte: aRede/programa COP.

A redação da aRede conta com o fotógrafo Cristiano Barbosa e a equipe terceirizada que produz imagens para o programa COP (conforme citado anteriormente). Já o portal RSN não dispõe de equipe focada em produzir imagens. Com isso, percebe-se que o portal

⁶⁶ Esta imagem foi utilizada para exemplificar as fotos de itens apreendidos pela Polícia Militar. Assim como esta, outras foram utilizadas durante os seis meses de cobertura, mostrando apreensão de armas, munições, dinheiro, entre outros itens.

guarapuavano utiliza com frequência imagens de reprodução da internet, enquanto o portal pontagrossense geralmente produz as próprias imagens.

Além de mapear as fotos utilizadas neste período analisado, a autora observou que cada um dos portais utilizou sete vídeos em suas coberturas. A seguir estão detalhados que vídeos são esses, e em que matéria e data eles foram publicados.

Quadro 5 - Vídeos utilizados na cobertura dos portais aRede e RSN

Portais	Data	Matéria	Vídeos
aRede	03/04/2018	Após assédio verbal, assessora do Operário presta queixa	Vídeo 1: reportagem sobre o assédio sofrido pela jornalista e as providências jurídicas tomadas (dois minutos e cinquenta e cinco segundos)
	08/04/2018	Amigos fazem vídeo em homenagem a Nathalia Deen	Vídeo 2: vídeo com fotos de Nathália Deen com os amigos do curso de Agronomia da UEPG (quatro minutos e vinte e oito segundos)
	09/04/2018	Suspeito de feminicídio constitui advogado	Vídeo 3: sonora do advogado do autor do feminicídio de Nathália sobre o caso (um minuto e quarenta e nove segundos)
	11/04/2018	Suspeito de matar a ex recebe alta e vai para a delegacia	Vídeo 4: autor do feminicídio entrando na viatura da Polícia Militar para ir até a delegacia (quarenta e nove segundos)
	13/04/2018	Vídeo mostra fuga de rapaz após feminicídio	Vídeo 5: câmera de segurança registra a fuga do autor do feminicídio (vinte e cinco segundos)
	25/04/2018	Professor da UEPG grava vídeo agredindo mulher	Vídeo 6: vídeo da agressão em formato desfocado (trinta e dois segundos)
	16/06/2018	Casa é destruída por incêndio na região do Boa Vista	Reportagem sobre o incêndio (cinquenta e sete segundos)
RSN	03/08/2018	MP apresentará denúncia de feminicídio contra Manvailer; imagens foram divulgadas ⁶⁷	Vídeo 1: primeira agressão sofrida por Tatiane ainda no carro, chegando no prédio onde morava (vinte segundos); Vídeo 2: continuação da agressão no carro (quarenta e seis segundos) Vídeo 3: agressão no elevador (trinta e nove segundos) Vídeo 4: autor do crime limpando os vestígios de sangue no elevador (três minutos) Vídeo 5: autor do crime fugindo pela garagem (um minuto e quatorze segundos)
	11/08/2018	Tatiane Spitzner é homenageada em ato da advocacia, em Curitiba	Vídeo 6: trecho do discurso da Conselheira Federal da OAB, Edni de Andrade Arruda, lamentando a morte de Tatiane em evento da OAB (cinquenta segundos)
	20/08/2018	Roberto Küster ⁶⁸ lança música em homenagem a Tatiane Spitzner	Vídeo 7: mini clipe da música composta por Roberto Küster em homenagem à Tatiane (um minuto)

Fonte: a autora.

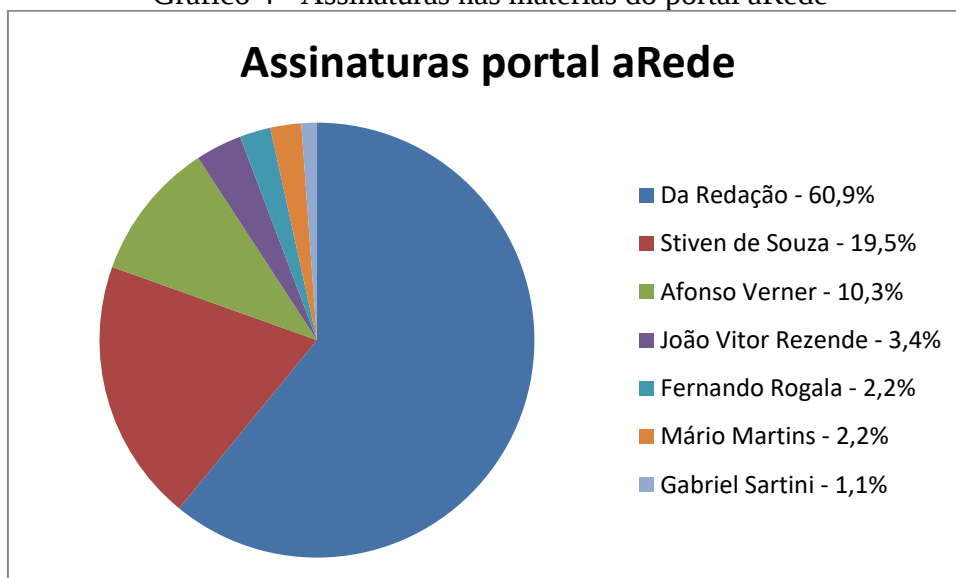
Quanto à assinatura das matérias, ao observar as tabelas 5 e 14⁶⁹, os seguintes gráficos foram elaborados:

⁶⁷ Além dos cinco vídeos publicados nesta matéria, a RSN explica que teve acesso a outros dois vídeos: da queda da Tatiane do prédio e da Tatiane desesperada sendo agredida no elevador. Mas, por uma decisão editorial do portal, estes não foram divulgados.

⁶⁸ O guarapuavano Roberto Küster ficou conhecido na cidade após participar da edição de 2018 do The Voice Brasil. O The Voice é um reality show musical produzido no Brasil, desde 2012, pela emissora de televisão Rede Globo.

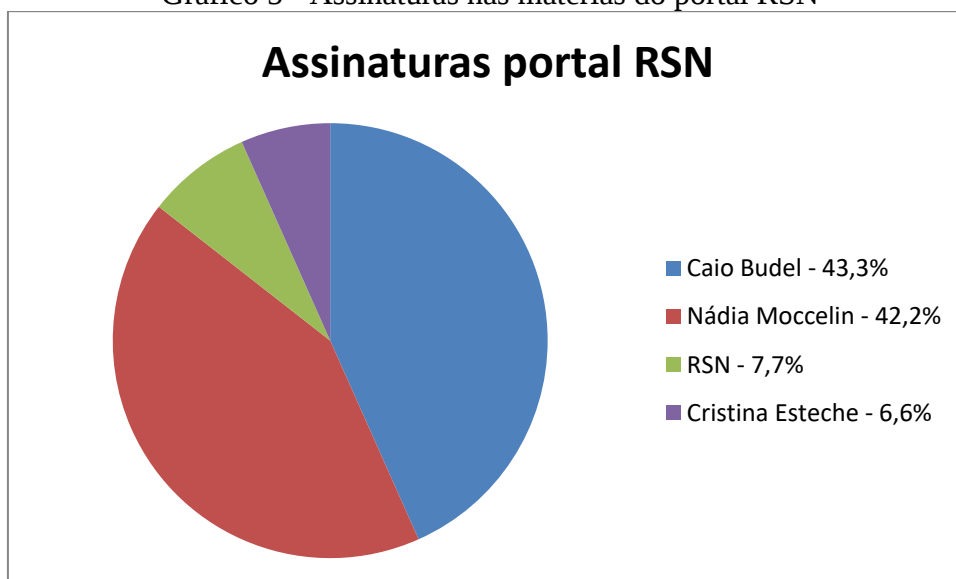
⁶⁹ As tabelas estão localizadas nas páginas 45 e 57.

Gráfico 4 - Assinaturas nas matérias do portal aRede



Fonte: portal aRede.

Gráfico 5 - Assinaturas nas matérias do portal RSN



Fonte: portal RSN.

O padrão de assinaturas em matérias de violência contra a mulher tem dinâmicas diferentes nos portais. Enquanto na aRede mais de 60% do conteúdo é assinado como “Da Redação”, na RSN a redação opta por identificar quem foi o jornalista responsável na maioria das matérias.

Através das entrevistas, os jornalistas do portal pontagrossense afirmaram que a redação não tem um jornalista responsável por escrever matérias com o tema violência contra a mulher. No entanto, no período da manhã - quando os boletins de ocorrência do dia anterior são lidos –

apenas um jornalista fica na redação: o entrevistado seis. Os outros repórteres cumprem uma jornada de trabalho na aRede somente no período da tarde. Portanto, grande parte do conteúdo assinado como “Da Redação” possivelmente foi produzido pelo entrevistado seis.

Não tem um repórter específico não, não tem um assunto que tenha um repórter específico. Quem está no plantão acaba fazendo, às vezes um repórter tá fora da redação, outro tá num telefonema, se chega uma pauta acaba fazendo quem está à disposição naquela hora. Nenhum assunto específico de pauta tem um repórter específico. (Informação verbal⁷⁰)

No caso da RSN, a repórter e o editor-chefe aparecem como os principais produtores de notícias com o tema violência contra a mulher. Em entrevista, a redação esclareceu que isso se deve ao fato de que o editor é o responsável pela editoria “Segurança” do portal, e a repórter também teve bastante conteúdo produzido porque foi designada a acompanhar o caso de feminicídio da advogada Tatiane Spitzner.

Casos de violência contra a mulher sou eu que escrevo. Não é por ser esse tema, mas é por ser segurança. Eu sou o responsável pela editoria de segurança, por isso esse tema acaba ficando para mim. Existem alguns fatos específicos, que daí existem jornalistas designados. A repórter, por exemplo, cuida do caso Tatiane. Eu nem me meto nesse caso, só no início quando estava um caos e tinha notícia a todo momento, a gente teve que ajudar para dar conta. Mas o caso é dela. (Informação verbal⁷¹)

Não temos um jornalista responsável por pauta de violência contra a mulher. Como o editor fica com a editoria de Segurança, ele acaba escrevendo sobre o tema, mas quando eu estou de plantão acabo escrevendo também. O Caso da Tati ficou nas minhas mãos, e acho que era um caso que realmente merecia que fosse uma mulher conduzindo. (Informação verbal⁷²)

A discussão sobre o fato de existir diferença entre um jornalista homem ou mulher escrever sobre este tema violência contra a mulher foi abordada em todas as seis entrevistas com as redações. Estes trechos serão apresentados e analisados com profundidade na terceira parte desta análise, onde a teoria guia é proveniente dos estudos de gênero.

Quanto à organização das matérias nos sites, como demonstrado nas tabelas 3 e 11, no portal pontagrossense as notícias locais sobre violência contra a mulher entraram na editoria “Ponta Grossa”, somente as quatro notícias que versaram sobre o assédio sofrido pela assessora

⁷⁰ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

⁷¹ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

⁷² Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

de imprensa do time de futebol Operário⁷³ foram colocadas na editoria “Esporte”. Na RSN, a organização das editorias apresentou maior variação, porque, das 90 notícias analisadas, 38 são sobre o caso de feminicídio da advogada Tatiane Spitzner, 35 sobre violências diversas, e 17 sobre combate à violência contra a mulher. Portanto, ao abrir o leque de temáticas dentro do assunto violência contra a mulher, o portal guarapuavano trabalhou dentro de seis editorias diferentes, sendo “Guarapuava” (66,6%), “Segurança” (16,6%) e “Cotidiano” (13,3%) as mais expressivas. A cobertura dada pelos portais em cima dos casos de feminicídio e os desdobramentos dados por ambos, será analisada com mais profundidade na terceira parte desta análise.

Neste tópico, até aqui, foram detalhadas as características mais recorrentes das rotinas de produção dos dois portais analisados. A autora decidiu deixar para o final do tópico os trechos de entrevistas que relatam as tentativas das redações em produzir um conteúdo mais aprofundado sobre o tema, as fontes que as redações consideram as mais adequadas para embasar a discussão da violência contra a mulher e as dificuldades encontradas para produzir este tipo de conteúdo.

Às vezes sai, por exemplo, um levantamento nacional com número de violência, a gente pensa ‘putz, dá pra ver aqui em Ponta Grossa se há um levantamento e fazer uma matéria sobre isso mesmo e daí ouvir fontes relacionadas a isso’. Aí nós recorremos à Delegacia da Mulher, entramos em contato com a Doutora Cláudia, que já está à frente da Delegacia há mais de 10 anos, então ela domina o assunto. Ela tem bastante contato com a redação, acaba fazendo esse levantamento, passa pra gente, ouvimos ela, ouvimos eventualmente a Nucria, ouvimos a Patrulha Maria da Penha, os Cras, os Creas que fazem esse serviço de apoio. (Informação verbal⁷⁴)

Em alguns casos já conversei com o pessoal da Casa Corina Portugal aqui da cidade, que é uma casa de acolhida. A Doutora Cláudia Krüger, que é a Delegada da Mulher também é fonte, mas ela entra na parte da polícia também. Quando eu consigo algum advogado ou familiar eu tento usar. Esses casos do dia a dia que não tiveram grande repercussão, a fonte principal é a polícia. A polícia não divulga endereço ou nome, fica complicado. (Informação verbal⁷⁵)

Entretanto, apesar dos relatos, durante os seis meses de cobertura analisados, não houveram pautas do portal aRede que fugissem à regra dos relatos de violência baseados nos

⁷³ Operário Ferroviário Esporte Clube é uma agremiação esportiva da cidade de Ponta Grossa, sendo o segundo clube mais antigo do estado em atividade. Em 2018, o time foi campeão da série C, por isso, em 2019, está disputando a série B do campeonato brasileiro.

⁷⁴ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

⁷⁵ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

relatórios policiais. A Delegada da Mulher, por exemplo, se pronunciou apenas duas vezes nas 87 matérias produzidas. Mesmo o feminicídio de Nathália Deen não provocou outras pautas que trouxessem uma contextualização sobre violência contra a mulher ou sobre o feminicídio em nível local ou estadual.

Quanto à RSN, a redação relatou a dificuldade em acessar as principais fontes oficiais da cidade que são autoridades no assunto: a Delegada da Mulher e a Secretária de Políticas Públicas para Mulheres.

Aqui em Guarapuava a gente tem uma delegada responsável, mas ela não fala. É muito difícil ter acesso a ela. A Secretária de Políticas Públicas para Mulheres do município também é de difícil acesso. Elas resolvem os problemas de combate à violência, mas não são acessíveis à imprensa. [...] Ela (a delegada) chegou aqui no meio de 2018 e algumas vezes a gente conseguiu falar com ela, mas de todos os delegados da 14ª ela é a mais difícil de localizar, é bem difícil desdobrar conteúdo com ela. Mas acontece alguns casos, que exigem desdobramento, então a gente acaba enchendo o saco dela até ela falar. Existe uma lacuna de fonte para falar sobre o assunto violência contra a mulher em Guarapuava. (Informação verbal⁷⁶)

Quando é violência contra a mulher a gente tenta a Delegacia da Mulher, que é muito complicado. A gente até gostaria de fazer outras matérias, porque como está o índice de violência em Guarapuava nós temos que partir pra matérias chocantes, mas a gente não consegue. Uma história que contasse, preservando fontes, mas contando uma história real, mas a gente não chega até essa mulher, porque não temos endereço, não temos nada, a rede de proteção blinda. A gente liga na Secretaria da Mulher pra ter essa história, mas também não dão. Está de um jeito e tem acontecido cada atrocidade, que você tem que partir pro choque, respeitando os limites da ética e tudo mais. Eu vou chamar a atenção de uma pessoa, muito mais contando uma história e desdobrando com índices do que simplesmente dizer que levou tantas facadas e tudo mais. A gente esbarra nessas questões de falta de subsídios pra poder aprofundar. Eu acho que a gente poderia estar fazendo muito mais. Temos dificuldades em acessar as fontes oficiais também, Delegacia, Fórum, Secretaria, Conselho Tutelar. (Informação verbal⁷⁷)

A partir das entrevistas e dados apontados neste tópico, a autora buscou mostrar ao leitor, através do óculos teórico do *newsmaking*, as características de cobertura dos portais para “apreender” as notícias dentro do intenso movimento de espaço e tempo no qual o jornalismo está inserido.

O seu desafio cotidiano é ter de elaborar um produto final (notícia, jornal, telejornal, etc.). Todos os dias ou todas as semanas, é impensável a hipótese do apresentador do telejornal, por exemplo, dizer "hoje não há notícias" ou "temos hoje um programa mais curto porque não havia notícias suficientes". O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana, orientada para cumprir as horas de fechamento (TRAQUINA, 2004, p.31).

⁷⁶ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

⁷⁷ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

Pressionados diariamente pela instantaneidade, os jornalistas avaliam as fontes que possuem fiabilidade da informação através dos critérios “autoridade”, “produtividade” e “credibilidade” e, assim, condicionados ao tempo, recorrem às fontes consideráveis estáveis: as institucionais ou oficiais. Esta característica fica evidenciada neste tópico quando são apresentadas as principais fontes consultadas pelos jornalistas, ou quando os mesmos relatam os conflitos em produzir um conteúdo mais aprofundado ao esbarrar na dificuldade em contactar as fontes oficiais – ou seja, há dependência do canal de rotina em qualquer um dos casos, seja com ou sem acessibilidade.

Através dos gráficos, imagens, tabelas e trechos das entrevistas, a autora buscou mostrar o que Gaye Tuchman (1978) chama de “rotinização” do trabalho jornalístico, que permite aos repórteres trabalhar com mais eficácia dentro da estrutura dos jornais.

Palavras como rotinas, produção, profissionalismo, negociações, instituição, status quo, ideologia, que encontraremos na exposição do trabalho empreendida por Tuchman, para explicar e aprender sobre as notícias como uma construção social da realidade, nos permitem entender o escopo alcançado na explicação das formas e meios utilizados pelos jornalistas na produção das notícias⁷⁸. (PEÑA, 2013, p.68)

Na próxima etapa da análise, os conceitos de enquadramento e noticiabilidade serão utilizados para compreender outros trechos das entrevistas realizadas com as redações e dados levantados a partir das coberturas dos portais. A discussão do próximo tópico está centrada na gravidade das notícias como principal valor-notícia adotado pelos portais e o alto índice de leitura das notícias sobre violência contra a mulher.

6.2 NOTICIABILIDADE E ENQUADRAMENTO EM FOCO

A noticiabilidade é um dos conceitos basilares da produção jornalística, no entanto, Silva (2005) aponta que o este termo é utilizado para referenciar estudos de maneiras muito diversas, o que ocasiona em uma falta de sistematização teórica. Nesse sentido, a autora publicou o artigo "Para pensar critérios de noticiabilidade", com o objetivo de organizar o conceito em três instâncias e defender que valor-notícia e seleção de notícias não são equivalentes a noticiabilidade, mas partes integrantes deste.

⁷⁸ Palabras como rutinas, producción, profesionalismo, negociaciones, institución, status quo, ideología, que encontraremos en la exposición de la labor que emprende Tuchman, en procura de explicar y aprender sobre la noticia como construcción social de la realidad, nos permiten entender los alcances logrados en la explicación de las formas y medios que utilizan los periodistas en la fabricación de la noticia.

Os três conjuntos de critérios de noticiabilidade, apontados por Silva, funcionam de maneira integrada, embora em momentos distintos dentro da lógica de produção noticiosa:

(a) na origem dos fatos (seleção primária dos fatos / valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa; (b) no tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infra-estrutura, tecnologia etc, como também fatores extraorganizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; (c) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores. (SILVA, 2005, p.96)

Nessa perspectiva adotada por Silva, a noticiabilidade é inerente à cultura jornalística e ocorre em momentos distintos do processo de produção, sempre dentro de um jogo de constrangimentos sociais e organizacionais. Seguindo Shoemaker e Vos (2011), os autores teorizam que mesmo que os jornalistas ocupem o centro da produção noticiosa, não são totalmente livres nesse processo, já que estão inseridos em contextos do âmbito individual, organizacional, das rotinas de comunicação, das instituições sociais e do sistema social.

Ele deve operar dentro das restrições das rotinas de comunicação de forma a realizar suas tarefas de uma maneira e não de outra. Tudo isso também deve ocorrer dentro da moldura da organização de comunicação, que possui suas próprias prioridades, mas também é constantemente fustigada por forças influenciadoras vindas do exterior da organização. E, também, nenhum desses atores - indivíduo, rotina, organização, instituição social - pode escapar ao fato de que está preso ao (e é sustentado pelo) sistema social. (SHOEMAKER; VOS, 2011, p.163)

Portanto, ao pensar na noticiabilidade como norteadora de um saber-fazer profissional, supera-se o uso do conceito apenas como indicativo de seleção das notícias. Assim, a noticiabilidade conduz uma série de negociações que envolvem, sobretudo, o jornalista e a empresa jornalística em diferentes momentos da produção.

Neste artigo, Silva investe uma atenção especial ao conceito de valor-notícia, no sentido de defini-lo e sistematizá-lo, objetivando facilitar a análise de acontecimentos noticiáveis e noticiados. O valor-notícia é o atributo central da noticiabilidade na etapa da origem e no tratamento dos fatos, porque orienta a primeira seleção e afeta também a seleção hierárquica dos acontecimentos dentro da estrutura do jornal. Nas palavras de Silva é "um mapa, código, perspectiva ou esquema que orienta o trabalho do jornalista, que os auxilia no campo do saber de reconhecimento" (SILVA, 2005, p.100).

Ainda nessa linha, Silva lista uma série de autores que sistematizaram valores-notícia em seus estudos. E, a partir, destas listas sugere a separação de macrovalores-notícia e microvalores-notícia, sendo que os macro seriam, por exemplo: "negativismo (negatividade) X otimismo (positividade), coletividade X individualidade e imprevisão (imprevisibilidade) X previsão (previsibilidade/continuidade)" (SILVA, 2005, p.103). Estes valores de nível macro reagem àqueles considerados micro. Abaixo, a autora traz o quadro com a sistematização de Silva, que contribui para o encaminhamento da análise de noticiabilidade desta dissertação.

Quadro 6 - Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados

IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: a autora.

A partir das entrevistas com as redações, alguns critérios de noticiabilidade foram citados como seletores para notícias sobre violência contra a mulher. No aRede observou-se

que a gravidade da violência é o valor central levado em consideração pelo portal, pelo fato de os jornalistas considerarem que temas violentos despertam a atenção do leitor, conforme o próprio editor-chefe do site analisa em trecho da entrevista “qual é a análise que eu faço da minha experiência de 13 anos como repórter policial? As pessoas gostam de tragédia. Gostam. Elas têm um gosto por esse tipo de notícia que é impressionante”. Nessa linha, dentro do esquema de Silva (2005), a cobertura se enquadraria num nível macro como “tragédia/drama” e micro como “risco de morte e morte”, “violência/crime” e/ou “catástrofe”.

Não é todo boletim de ocorrência que vai ser notícia pra mim. Por exemplo, discussão entre marido e mulher pode até ter boletim de ocorrência, mas não é matéria pra mim. Há indícios de crime? O boletim mostra que há indícios de crime? Se você ler o boletim você vai saber se o cara estava com uma arma na mão, se ele ameaçou, se ele agrediu. Uma denúncia vazia não me interessa. Por exemplo: a mulher vai na delegacia e diz “meu marido disse que vai me matar”. Tá, “que provas você tem?”. “Ele só falou”. Isso não é notícia pra mim. Tem que ter algo concreto, no boletim tem que ter “a PM chegou em uma casa, viu que a mulher está machucada, chamou o SIAT, foi levada com hematomas, ela relatou que sofreu esganadura, tapas, chutes, tudo. Aí você vê que há o relato, que os indícios de crime são fortes. A gravidade é um dos critérios. Tem que tomar muito cuidado com isso, se começar a colocar qualquer coisa no portal, qualquer tipo de informação no portal, você abre precedente pra uma mulher ou pra um cidadão dizer “ah, eu tava na rua e fui ameaçado”. Imagine toda essa informação no portal. Eu tenho que ter essa consciência. Tem que morrer? Tem que ser mutilado pra ser notícia? Não. Depende da pauta. (Informação verbal⁷⁹)

Tem que manter esse portal abastecido, nós procuramos manter o máximo possível de abastecido, então acaba que as notícias acabam ficando um pouco mais superficiais, não muito aprofundadas mesmo, né? Não é feita uma matéria mais ampla sobre determinado assunto, a não ser que seja um caso muito grave. Se for um caso de violência contra a mulher que teve feminicídio, uma morte né, aí com certeza é mais aprofundado sim. Entramos em contato com advogada, com alguém da família dessa pessoa, se a gente conseguir o contato também do suspeito de fazer essa agressão. Mesmo que dependa de um trabalho a mais, nós acabamos dando uma prioridade. (Informação verbal⁸⁰)

Por exemplo, ontem veio um material de uma gestante agredida pelo marido, que é uma coisa que acaba sendo normal no dia a dia pra quem acompanha relatório de polícia, isso acontece direto. Eles não fariam isso normalmente⁸¹, mas não sei como eles ficaram sabendo que o marido subiu em uma moto e perseguiu a ambulância do SAMU ameaçando porque ele queria bater mais na mulher, porque ela tinha ligado pra polícia, alguma coisa assim. Aí eles foram atrás porque é grave e porque vai render imagem. (Informação verbal⁸²)

⁷⁹ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

⁸⁰ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

⁸¹ Neste trecho, o jornalista refere-se à equipe terceirizada que faz imagens para o portal aRede de madrugada.

⁸² Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

Dentro da categoria “tragédia/drama”, os repórteres do portal pontagrossense também relataram entendimentos sobre noticiabilidade que se encaixariam no nível micro “interesse humano”, como é possível observar nos trechos abaixo:

Uma informação nova, claro, isso aí é uma notícia, mas dessas informações mais recorrentes também tem a questão do apelo social da informação, né? São informações que, às vezes, acontecem infelizmente rotineiramente, mas que é preciso serem levantadas na sociedade pra expor esse mal que ocorre na sociedade, não pode pôr panos quentes independente do assunto que seja, tem que noticiar o que deve ser noticiado pra fazer esse alerta à sociedade. (Informação verbal⁸³)

Eu tento sempre olhar esses casos, porque muitos deles são parecidos, o básico é quase sempre o mesmo: marido que chegou embriagado em casa, agrediu a mulher, ameaçou a esposa, ameaçou os filhos, a polícia foi lá prendeu o cara. Normalmente a descrição é muito simples, mas mesmo assim, mesmo sendo um caso corriqueiro, acho que como a gente tem por semana mais de um milhão de visualizações de páginas, a partir do momento que você começa a bater nessa tecla, por mais que não renda acesso, por mais que você não encontre jornalisticamente um critério de novidade, atualidade, fator que chame a atenção, mesmo assim acho importante fazer o registro, porque assim conseguimos pautar alguns debates. (Informação verbal⁸⁴)

No portal guarapuavano, a gravidade dos casos de violência contra a mulher também é citada diversas vezes nas falas dos três entrevistados, mas outros critérios também são abordados como, por exemplo, no momento em que a diretora enfatiza o peso do nível micro “risco de morte e morte”.

A gente vai pelo número de acessos. Primeira coisa que a gente faz quando chega na redação é organizar o obituário. Pode cair um avião em cima do Edifício Araucária⁸⁵ e a gente não noticiar, vai ter reclamação, mas não tanto quanto se a gente atrasa o obituário. É a página mais procurada do início do dia, por isso prioridade. (Informação verbal⁸⁶)

Outra questão apontada como critério pelos jornalistas é o posicionamento editorial do portal de Guarapuava, que se auto denomina como defensor da bandeira pelo fim da violência contra a mulher. E este norte editorial funcionaria como um seletor permanente no caso de

⁸³ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

⁸⁴ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

⁸⁵ Prédio de 22 andares localizado no centro de Guarapuava, onde, inclusive, trabalha a redação do portal RSN, no 6º andar.

⁸⁶ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

matérias de violência contra a mulher, sempre indicando que este tema se enquadra no nível micro “interesse humano”.

Eu acho que esse tema nunca virou tantas vezes manchete como tem virado agora. Acho que uma soma de fatores tem resultado nisso, é o fato da própria mobilização social por esse tema, é o posicionamento editorial - neste momento é uma bandeira que a Rede está levantando -, é o fato de a sociedade cobrar essa discussão. A gente tem leitura desse tipo de conteúdo. Tudo que entrou da Tati⁸⁷ foi manchete, sempre vai ser manchete. Na segunda-feira normalmente tem manchete de casos de violência contra a mulher, por conta do final de semana. Durante a semana também, geralmente esses casos são manchete. Quando são casos menos graves, a gente junta todos e faz uma manchete. (Informação verbal⁸⁸)

É muito difícil você assumir uma posição para um jornal. Personificar um determinado caso para um jornal e definir “essa bandeira aqui é minha e qualquer coisa que vá contra isso aqui o meu jornal diz que é errado, se não gostou vai ler em outro lugar”. É muito difícil fazer isso, mas eu acredito que o jornalista tem a sua responsabilidade social, principalmente em casos de violência contra a mulher, em casos de violência contra a comunidade LGBTQ. Quando eu entrei na RSN eu conversei com a Cris se ela me dava liberdade pra gente levantar algumas bandeiras, algumas coisas que eu queria tomar partido, tentar não ser neutro na matéria, tentar mostrar que algumas coisas são erradas. (Informação verbal⁸⁹)

Ao observar as tabelas 9 e 16, a autora elaborou gráficos para demonstrar quais são os principais tipos de violência abordados nas coberturas dos portais. Vale ressaltar que, em algumas matérias foram contabilizados mais de um tipo de violência - no portal aRede, por exemplo, das 87 matérias analisadas foram constatados 122 tipos de violência; e no portal RSN, das 90 notícias contabilizou-se 109 violências.

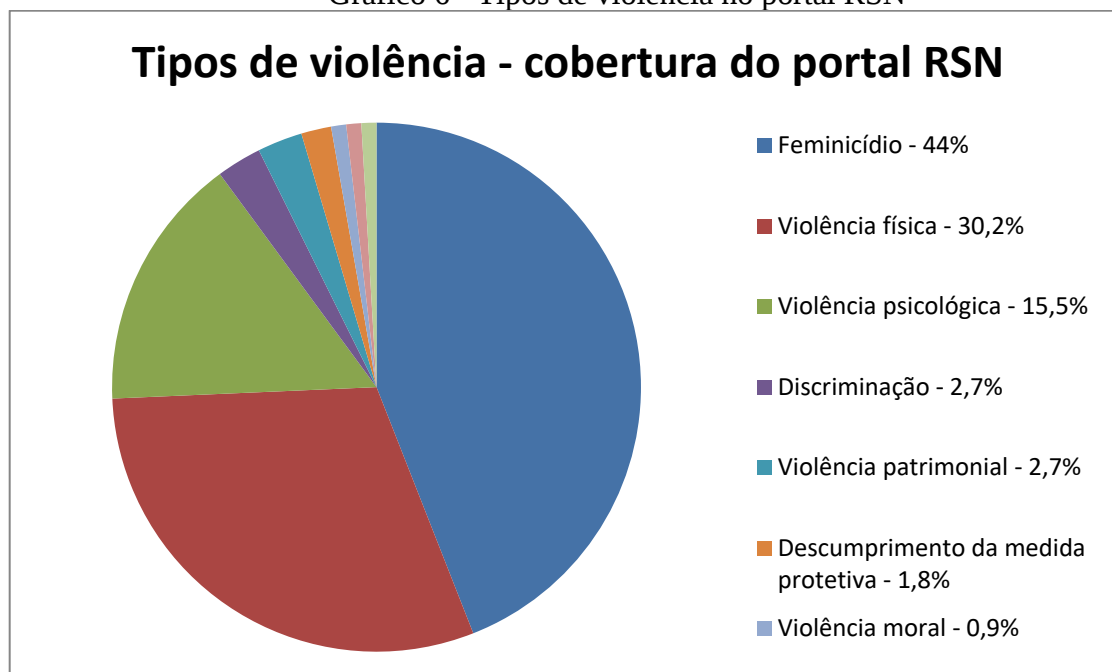
O site guarapuavano realizou uma cobertura volumosa – em termos de recorrência de matérias - sobre o feminicídio da advogada Tatiane Spitzner, sendo que das 90 matérias publicadas nos seis meses de análise 38 são sobre este caso específico. Por conta disso, o gráfico abaixo evidencia o “feminicídio” como a principal violência com 44%, seguido por “violência física” com 30,2% - que geralmente contempla agressões mais graves – e, em terceiro, aparece a violência psicológica com 15,5% - que, em sua maioria, ou acompanham os casos de violência física ou são caracterizadas por ameaças de morte.

⁸⁷ Neste trecho, a jornalista refere-se à cobertura jornalística do feminicídio da advogada Tatiane Spitzner.

⁸⁸ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

⁸⁹ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

Gráfico 6 - Tipos de violência no portal RSN



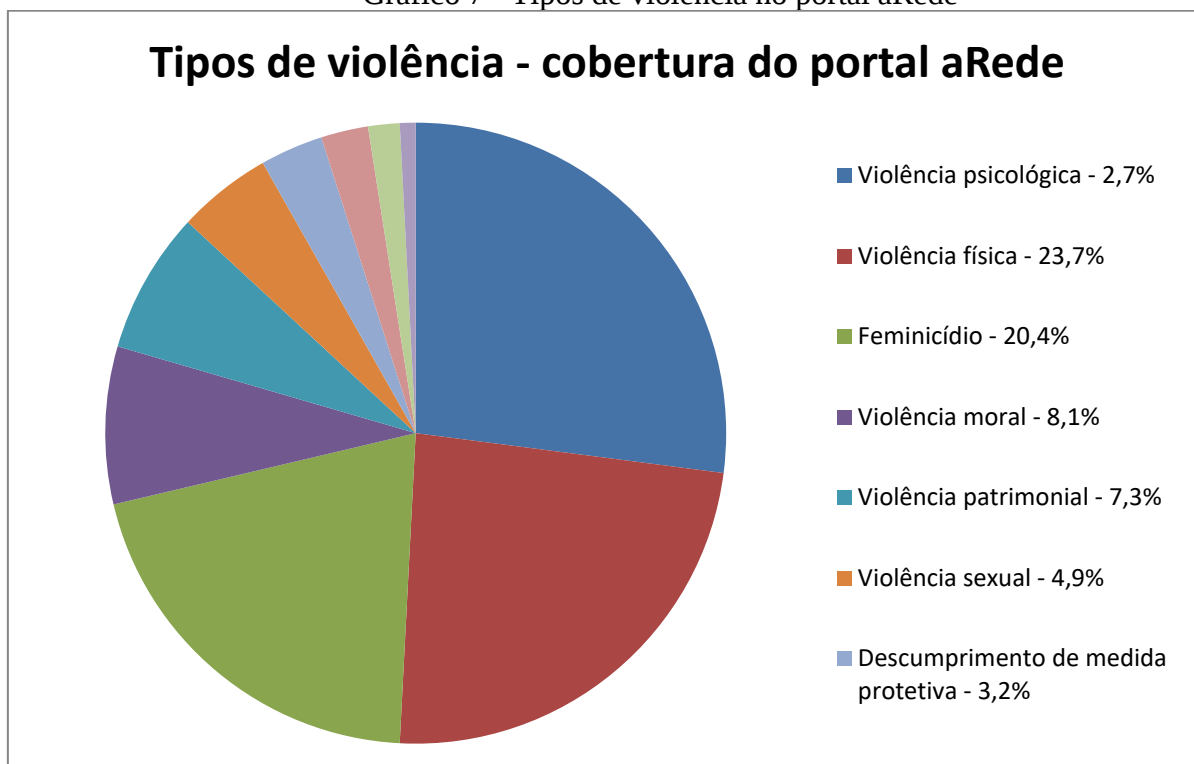
Fonte: portal RSN.

No gráfico que demonstra a cobertura dada pelo portal pontagrossense, ao contrário do gráfico anterior, não aponta o feminicídio em primeiro lugar. Apesar da cobertura sobre o caso da estudante Nathália Deen ter contabilizado 23 das 87 matérias publicadas no período de análise, se comparado com a cobertura realizada pelo portal guarapuavano sobre o caso Tatiane, fica evidenciado que os portais utilizam diferentes valores-notícia para o tema feminicídio.

A violência que mais aparece no portal aRede é a psicológica com 27% - seguindo a mesma lógica apontada anteriormente, ou essas violências acompanham a agressão física ou são ameaças de morte⁹⁰ -, em segundo lugar está a violência física com 23,7%, seguido por feminicídio com 20,4%. Além disso, outros dois tipos de violência são representativos na cobertura do portal de Ponta Grossa: a violência moral com 8,1% e a violência patrimonial com 7,3%.

⁹⁰ Na página 28, a Delegada Cláudia Krüger aponta que a ameaça é o tipo de violência mais registrado pela Delegacia da Mulher de Ponta Grossa. Portanto, deduz-se que o portal aRede retrata a mesma lógica do cenário de violência local.

Gráfico 7 - Tipos de violência no portal aRede



Fonte: portal aRede.

Nesse sentido, os gráficos mostram os tipos de violência que são considerados noticiáveis em cada um dos portais. No caso da RSN, a morte e as violências graves têm um peso importante como valor-notícia. Por sua vez, o portal aRede contempla mais tipos de violência no seu noticiário, com uma distribuição que não destoa tanto em termos de porcentagem se comparado ao gráfico do portal guarapuavano.

Uma das motivações das redações para seguir esta lógica de cobertura é o acompanhamento de acessos dos leitores em cada matéria publicada. Nos relatos dos jornalistas de ambas as redações, uma informação revelou-se com unanimidade: violência é um assunto que constantemente chama a atenção dos leitores e, nesse contexto, as notícias de violência contra a mulher geralmente ficam entre as mais lidas do dia.

Notícias de violência contra a mulher sempre estão entre as mais lidas do portal. Assim como toda e qualquer matéria de segurança. E em segundo lugar entre os mais lidos é política. (Informação verbal⁹¹)

⁹¹ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

Segurança sempre está nos mais lidos. Morte sempre está nos mais lidos. Os óbitos do dia sempre estão nos mais lidos. A violência, tudo que mexe com isso e gira com segurança sempre está nos mais lidos. (Informação verbal⁹²)

Quando aparece ali nossa lista das matérias mais lidas, tem o ranking das cinco matérias mais lidas - não tenho certeza se é um ranking de cinco dias que faz o levantamento – mas acaba aparecendo entre as matérias mais lidas sim nesse período ali, às vezes acaba até sendo a mais lida quando é um caso de assassinato, de feminicídio. (Informação verbal⁹³)

No momento da publicação a matéria dá um salto ali, ela fica entre as mais lidas. Nos casos corriqueiros elas ficam entre as mais lidas nos primeiros 15 minutos, logo que publicadas ficam umas 60 pessoas dentro da matéria, por exemplo. Passado 15 minutos vai diminuindo e depois de horas ficam menos de 20 pessoas lendo a matéria [...] Nossa média de acessos é de 350 pessoas ao mesmo tempo no portal, passou de 1.200 pessoas acessando simultaneamente quando publicamos o caso da Nathalia⁹⁴. (Informação verbal⁹⁵)

Nos gráficos a seguir, elaborados a partir das tabelas 9 e 16, visivelmente o leitor pode perceber a diferença do volume de publicações nos meses em que ocorreram os feminicídios de Nathalia e Tatiane – em abril e julho, respectivamente. No portal de Guarapuava, a repercussão do caso foi intensa tanto no mês do acontecimento quanto no mês seguinte; já a cobertura do caso Nathalia teve uma atenção da redação em abril e depois o assunto violência contra a mulher retornou ao padrão de publicações.

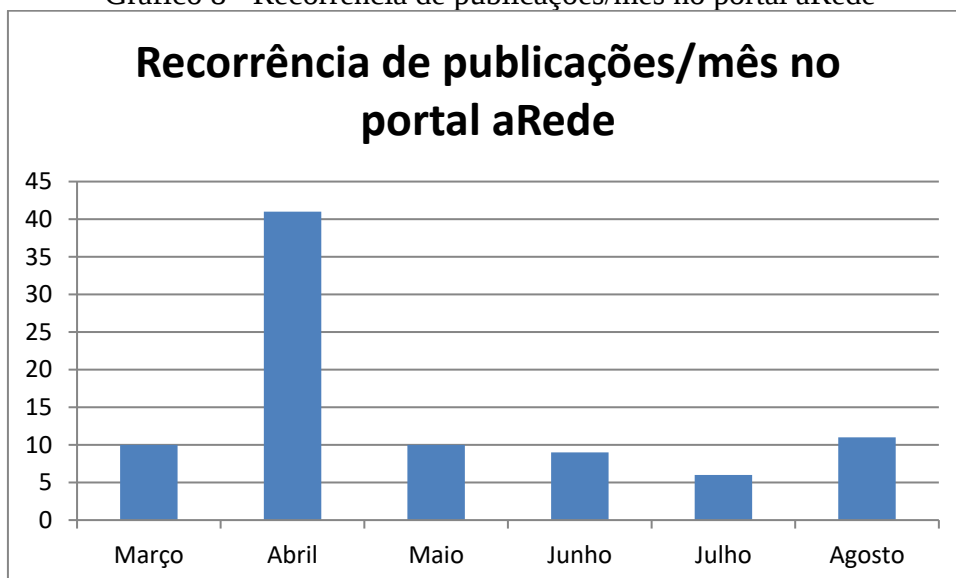
⁹² Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

⁹³ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

⁹⁴ Neste trecho, o jornalista refere-se ao feminicídio da estudante Nathalia Deen.

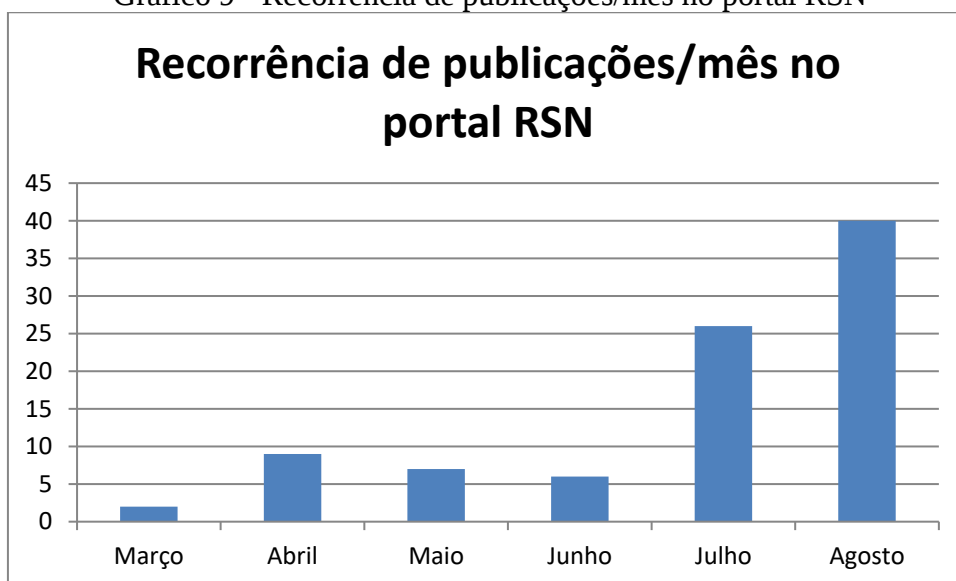
⁹⁵ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

Gráfico 8 - Recorrência de publicações/mês no portal aRede



Fonte: portal aRede.

Gráfico 9 - Recorrência de publicações/mês no portal RSN



Fonte: portal RSN.

Em média, o portal aRede publica 9 matérias por mês sobre violência contra a mulher (locais), mas no mês do feminicídio foram publicadas 41, ou seja, um crescimento de 78,1%. O portal RSN tem uma média de 6 publicações sobre violência contra a mulher por mês (locais). A morte da advogada Tatiane ocorreu no dia 22 de julho, entre o dia 22 e 31 do mesmo mês, foram publicadas 22 matérias sobre o tema e no mês seguinte mais 40, representando um aumento de 77% em julho e 85% em agosto.

Conforme evidenciado pelos gráficos dos tipos de violência e da recorrência das publicações, os feminicídios tiveram um destaque na dos portais. Por isso, a autora selecionou

alguns trechos das entrevistas com as redações que versam sobre por que estes casos específicos chamaram a atenção da redação e da opinião pública⁹⁶.

No caso do feminicídio da Nathália, a redação aponta a “juventude” e a “peculiaridade” como fatores que contribuíram para comover o público a acompanhar a cobertura.

O caso da Nathália é uma das matérias mais acessadas do portal. Porque? Considerando a dinâmica do crime, considerando o peso dela e do autor no meio universitário, considerando que os dois estudavam em uma das maiores universidades do Paraná, os dois eram jovens, os dois tinham sonhos, os dois celebravam a vida. Por tudo isso, um fato nessa circunstância vai ter muito acesso. A opinião pública chama atenção, inclusive daquelas pessoas que não se atem muito às questões do crime, são aquelas pessoas que gostam mais de saber qual filme está passando na cidade, qual show tem em Ponta Grossa, é uma informação com potencialidade para atrair a atenção de todos os tipos de público. É chocante. Se você for analisar a dinâmica do crime, de um cidadão invadir um condomínio, entrar no apartamento, discute com ela, discute com o irmão, tenta matar o irmão e depois a mata. Existe um cenário muito rico para chamar a atenção. Invariavelmente as notícias envolvendo jovens e adolescentes, principalmente tendo o resquício da violência chama atenção, e não só no nosso portal, chama a atenção em qualquer portal de notícias. (Informação verbal⁹⁷)

O fato de ele ter invadido um condomínio residencial, ter assassinado ela – se não me engano foi esgorja, não recorde, confesso agora – mas são as circunstâncias. Isso aí chama muito a atenção, e depois o fato desse rapaz ainda, que foi uma coisa muito peculiar mesmo, depois ter ido – se não me engano a pé – desse residencial, foi até a UEPG e tentou se suicidar dentro da UEPG. Foram combinações de casos que chamaram a atenção do público e, claro, acaba chamando atenção da imprensa em relação a isso aí. (Informação verbal⁹⁸)

Para a redação da RSN, o caso da Tatiane em um primeiro momento rendeu muitos acessos devido à “brutalidade” e “condição social” da vítima, mas depois do dia 3 de agosto - quando o Ministério Público disponibilizou para a imprensa as imagens das câmeras de segurança do prédio onde o casal residia – os jornalistas acreditam que o critério “imagens” passou a ser o principal atrativo do caso.

Em minha opinião, o caso tomou essa proporção, primeiro pela brutalidade, não é sempre que uma pessoa é morta caindo de um prédio, isso mesmo antes das imagens divulgadas já estava no imaginário da pessoa, a visualização dessa queda. Esse foi um fator, mas não acho que foi o preponderante, acho que influenciou muito a classe social da Tati, porque ela era de uma família super tradicional de Guarapuava e de

⁹⁶ Da mesma forma, o próximo tópico, que foi construído a partir do conceito de enquadramento, trará o relato dos repórteres sobre o enquadramento dado aos casos de feminicídio.

⁹⁷ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

⁹⁸ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

uma família classe A. A posição profissional da Tati, porque ela era advogada e era renomada. E, depois, sem dúvida, as imagens. (Informação verbal⁹⁹)

Eles eram jovens, de classe média alta pra cidade, eram muito conhecidos, tinham boas condições financeiras, eram bonitos. Teoricamente felizes, eles não teriam graves problemas, eles tinham tudo pra ser felizes, não tinham porque brigar. Porque eles brigariam? Que tipo de discussões esse casal poderia ter? Esse tipo de questão acho que foram levantadas. Além disso, acho que esse caso escancara o quanto a violência contra a mulher não tem classe. Isso que as imagens fazem: elas escancaram. Escancaram mesmo. Pra mim esse é um dos diferenciais do caso, porque quando a gente sabe de outros casos, geralmente são mulheres que apanham na periferia, num matagal, no meio da rua. Mas a Tati estava apanhando em casa, no apartamento dela, no elevador. Eles estavam chegando de uma festa com um puta carrão, sabe? É diferente porque foi construído socialmente que nesses ambientes não existe isso. O caso da Tati joga na cara que o ciclo da violência não participa dessa lógica, que a classe social não faz parte do ciclo da violência. Por isso que a imagem é diferente nesse caso. Mostra uma menina linda chegando da balada, uma princesa, todos os estereótipos possíveis nela de princesa chegando [...] A palavra dela não existia mais, só tinha ele, e ele já tinha construído o próprio discurso de que ela tinha se jogado. A gente sabe o poder da palavra do homem na nossa sociedade, e as imagens estavam ali mostrando o sangue frio dele. Infelizmente, as imagens vieram para mostrar que a gente precisa das imagens pra legitimar a palavra da mulher. (Informação verbal¹⁰⁰)

A minha leitura do caso da Tati é que os vídeos foram tipo um reality show, que atrai os olhares. Os grandes casos de repercussão no Brasil, a Isabela Nardoni teve todo aquele processo de reconstituição, derrubavam o boneco que representava o corpo dela, derrubavam de novo, e cada vez a gente se chocava, a gente tava ali olhando. Aquele outro caso, da Eloá, foi capítulo de novela, meu Deus do céu. O caso Tati foram as imagens. A dramaticidade. (Informação verbal¹⁰¹)

Após os apontamentos sobre os critérios de noticiabilidade que permeiam as redações, através das entrevistas e dos gráficos com os dados da coleta, a partir de agora a autora passa a se orientar pelo conceito de enquadramento para observar os títulos das matérias.

Enquanto a noticiabilidade envolve uma série de critérios que definem a seleção de acontecimentos noticiáveis, através do enquadramento estes acontecimentos são apresentados ao público com uma perspectiva particular sobre a realidade. Nos estudos de *newsmaking* - conceito abordado na primeira parte da análise - alguns autores identificam fatores que influenciam o enquadramento das notícias dados pelos jornalistas. Scheufele (1999, p. 101-120) assinala os que considera os principais: “[...] valores e normas sociais, pressões e regras organizacionais, pressões dos grupos de interesse (organizações, políticos etc.), rotinas jornalísticas e orientações políticas e ideológicas dos profissionais”. Em um contexto mais

⁹⁹ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

¹⁰¹ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

restrito, Sádaba (2007, p. 225-226), identifica que o enquadramento pessoal do jornalista é resultado da sua “etnia, sexo, educação recebida, lugar onde estudou jornalismo, as experiências profissionais, as atitudes pessoais e as crenças”. Portanto, neste trabalho, os enquadramentos jornalísticos são interpretados para além da organização da experiência em formato narrativo, mas levando em consideração a série de constrangimentos organizacionais e individuais nos quais o sujeito jornalista, de certa forma, também está enquadrado.

Ao promover enquadramentos, o jornalismo está colocando em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Está neste processo a especificidade da sua participação nas dinâmicas de construção social da realidade. Em outros termos, os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e por isso dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa (CARVALHO, 2009, p.3)

Ao entrar em contato com determinado tema, o jornalista recupera em seu imaginário uma série de explicações e repertórios da sua experiência no mundo. Para Carvalho (2009, p.4) estas são as “estruturas cognitivas” que o auxiliam no processo de “seleção de um aspecto particular da totalidade da cena”.

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito (ENTMAN, 1993, p.52)

Selecionando aspectos da realidade, o jornalista organiza o discurso jornalístico através de alguns padrões. Para Rossetto et.al (2012, p.106) as definições significativas dos autores que teorizam sobre enquadramento apontam que os principais padrões giram em torno da “seleção”, “ênfase”, “interpretação” e “exclusão”.

Na mesma linha, Franciscato et.al (2012, p.301) observam que os estudos de Gitlin (1980) e Entman (1993) abordam dois procedimentos que podem ser percebidos na linguagem do jornalismo: “ênfase” e “repetição”. Para Gitlin (1980, p.7) os quadros seriam “padrões persistentes de cognição, de interpretação e de apresentação, de seleção, de ênfase e de exclusão, através dos quais os manipuladores-de-símbolos organizam habitualmente o discurso, seja ele visual ou verbal”. Alguns anos depois, Entman (1993, p. 52) também analisa que os quadros jornalísticos são evidenciados através “da repetição, focalização e associações reforçadoras, palavras e imagens, e isso torna uma interpretação básica mais rapidamente discernível e memorável que outras. Os fatores essenciais do enquadramento são seleção e saliência”.

Outro padrão de enquadramento reforçado pelo fazer jornalístico é o “episódico”, que contrapõe o “temático”, conforme observa Iyengar (1991, p. 136-137 apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p.298).

Segundo Iyengar (1991), os enquadramentos episódicos podem ser observados em peças televisivas centradas no acontecimento em si e em seus protagonistas; já nos temáticos, as notícias são centradas na problemática, com maior grau de contextualização. (FRANCISCATO; GÓES, 2012, p.298)

Desse modo, partindo dos conceitos vistos nos estudos de enquadramento, a autora analisou as coberturas dos portais – a partir dos títulos das matérias - com a perspectiva de diferenciar os conteúdos “temáticos” e “episódicos” que constaram nos portais durante os seis meses de análise. Além disso, os títulos também revelam alguns elementos discursivos de “repetição”, que também serão assinalados pelas pesquisadoras.

Primeiro, serão apresentadas as matérias classificadas como “episódicos” do portal aRede e, em seguida, do portal RSN. Foram consideradas matérias episódicas aquelas que versam sobre um caso de violência específico, que não trazem uma contextualização sobre o tema violência contra a mulher, apenas a descrição do acontecimento, além de não ter suíte¹⁰².

No portal pontagrossense, das 87 matérias publicadas, 53 estão na categoria “episódicos”, ou seja, 60,9% da cobertura local sobre violência contra a mulher. O principal elemento de “repetição” encontrado nos títulos foi a preocupação da redação em relatar que o autor da agressão sofreu as consequências sobre o que fez, através dos termos “acaba preso”, “é preso” e “PM prende”, sendo que 28 das 53 matérias contam com tais termos. Além disso, outro elemento de repetição encontrado é a preferência do portal em nomear o autor da agressão como “homem” (23 vezes), seguido por “rapaz” (9 vezes), “marido” (5 vezes), e “suspeito” (4 vezes). Já as vítimas, são nomeadas, em sua maioria, como “esposa” (15 vezes), “ex-esposa” (7 vezes), “mulher” (6 vezes) e mãe (3 vezes).

Quadro 7 - Enquadramento episódico e elementos de repetição no portal aRede
(continua)

Data	Título	Enquadramento
04/03	<u>Rapaz</u> usa drogas, agride <u>familiares</u> e acaba preso	Episódico
17/03	<u>Homem</u> é preso após tentar matar <u>companheira</u> em PG	Episódico
19/03	<u>Pai</u> tenta enforcar a <u>filha</u> com fio de luz e acaba preso	Episódico
20/03	<u>Homem</u> ameaça a <u>esposa</u> com faca e é contido pelo filho	Episódico
22/03	PM encontra drogas na casa de <u>suspeito</u> de agredir <u>esposa</u>	Episódico
27/03	<u>Homem</u> tenta asfixiar <u>esposa</u> em briga por ciúmes	Episódico
27/03	<u>Homem</u> é detido após suposto assédio sexual no transporte coletivo	Episódico
30/03	PRF prende <u>homem</u> procurado por dever pensão alimentícia	Episódico

¹⁰² Suíte no jornalismo são textos que fazem um desdobramento de uma matéria principal.

Quadro 7 - Enquadramento episódico e elementos de repetição no portal aRede (conclusão)

Data	Título	Enquadramento
02/04	<u>Rapaz</u> usa machado para ameaçar a <u>mãe</u> e é preso pela GM	Episódico
04/04	<u>Homem</u> tenta asfixiar <u>esposa</u> após usar drogas	Episódico
05/04	PM prende suspeito de estupro e de atentado ao pudor	Episódico
05/04	<u>Homem</u> é preso um dia após ser liberado	Episódico
09/04	<u>Filho</u> acerta golpes de facão em <u>pai</u> para defender <u>mãe</u>	Episódico
09/04	<u>Marido</u> é preso após ameaçar <u>esposa</u> de morte por duas vezes	Episódico
13/04	<u>Rapaz</u> ameaça <u>ex-esposa</u> , ataca policiais e é preso	Episódico
14/04	<u>Homem</u> surta e quebra todos os aparelhos eletrônicos da casa	Episódico
19/04	<u>Rapaz</u> é preso após atear fogo na casa da <u>família</u>	Episódico
20/04	<u>Mulher</u> é estuprada em ponto de ônibus no contorno	Episódico
21/04	<u>Marido</u> abandona <u>esposa</u> em terreno baldio após agressão	Episódico
23/04	<u>Homem</u> ameaça <u>esposa</u> e é preso com faca e munições	Episódico
08/05	<u>Homem</u> é preso após agredir e ameaçar <u>ex-esposa</u>	Episódico
09/05	<u>Rapaz</u> invade casa da <u>avó</u> para furtar dinheiro	Episódico
11/05	<u>Foragido</u> da justiça é preso ao agredir e ameaçar <u>esposa</u>	Episódico
13/05	<u>Homem</u> tenta agarrar <u>jovem</u> e é detido em PG	Episódico
14/05	<u>Ex-namorado</u> ciumento rouba e incendeia carro	Episódico
14/05	<u>Rapaz</u> descumpre medida protetiva e foge com criança	Episódico
16/05	PM prende idoso suspeito de ameaçar <u>esposa</u>	Episódico
17/05	PM prende homem que jogou <u>esposa</u> da escada	Episódico
25/05	<u>Marido</u> ameaça e obriga <u>ex-esposa</u> a voltar para casa	Episódico
28/05	Polícia prende homem que matou a <u>sogra</u> a pauladas	Episódico
03/06	<u>Homem</u> ameaça <u>mulher</u> com caco de vidro e acaba preso	Episódico
05/06	Idosa e deficiente visual, <u>mulher</u> sofre com <u>filho</u> viciado	Episódico
11/06	<u>Marido</u> ameaça <u>esposa</u> e coloca família para fora de casa	Episódico
15/06	PM prende suspeito de assédio na Vila Romana	Episódico
16/06	Casa é destruída por incêndio na região de Boa Vista	Episódico
18/06	<u>Homem</u> é preso ao agredir <u>esposa</u> e bebê de um ano	Episódico
19/06	Polícia prende rapaz por espancar <u>esposa</u>	Episódico
25/06	Transtornado, <u>homem</u> esfaqueia <u>vizinho</u> da <u>ex-esposa</u>	Episódico
27/06	<u>Marido</u> ameaça <u>ex-esposa</u> com foice e acaba preso	Episódico
03/07	<u>Homem</u> agride a <u>avó</u> e comete atos obscenos para vizinhos	Episódico
15/07	<u>Mulher</u> é ferida com golpes de facão em briga de vizinhos	Episódico
16/07	<u>Mulher</u> leva golpe de facão durante briga	Episódico
27/07	Polícia prende suspeito de ameaçar <u>esposa</u> de morte	Episódico
28/07	<u>Homem</u> é preso após ameaçar <u>namorada</u> com revólver	Episódico
28/07	<u>Trio</u> agride <u>idosa</u> e rouba carro em Uvaranas	Episódico
03/08	PM prende homem suspeito de furtar carro da <u>ex-esposa</u>	Episódico
06/08	<u>Homem</u> ameaça e expulsa <u>esposa</u> de casa em PG	Episódico
08/08	<u>Rapaz</u> leva surra do atual namorado da <u>ex-mulher</u> em PG	Episódico
09/08	<u>Homem</u> é preso após agredir a própria <u>mãe</u> em PG	Episódico
10/08	Júri condena <u>réu</u> a 15 anos de prisão por morte de <u>mulher</u>	Episódico
11/08	<u>Rapaz</u> tenta sufocar <u>ex-namorada</u> e acaba preso pela quarta vez	Episódico
22/08	Polícia prende homem após agressões contra <u>ex-esposa</u>	Episódico
30/08	<u>Homem</u> agride a <u>esposa</u> e foge com quatro filhos	Episódico
31/08	<u>Mulher</u> recusa produtos e leva três facadas	Episódico

Fonte: a autora.

De acordo com a entrevista do editor-chefe do portal aRede, o enquadramento utilizado pelo veículo é o “contraditório”.

Eu sou o tipo de jornalista que até acho que a voz oficial tem que existir, mas eu acho muito importante ouvir o contraditório. Entrevistar os dois lados, entrevistar o outro lado e ver o que ele tem a dizer, para que futuramente juridicamente você não ter que sofrer algum tipo de ação. A matéria tem que ter no mínimo três fontes. Colocando três fontes, cada um dando uma versão, você está tranquilo. (Informação verbal¹⁰³)

Havendo o fato, vamos apurar a verdade. O que é tão importante nessa verdade? É o contraditório. Ter a versão da vítima e ter a versão do cidadão que está sendo acusado de agressão. Todo mundo vai ter uma versão. É claro que ali coloca os dois lados. Geralmente nós nos atemos em questões graves, muito graves, não é qualquer briguinha que a gente vai por lá. A gente tem que entender também que briga-se hoje, amanhã fazem as pazes, daí o jornal sai de ruim na história. (Informação verbal¹⁰⁴)

No entanto, os próprios jornalistas da redação do portal aRede relataram, em diversas partes da entrevista, sobre como a pressão do tempo de produção não permite o trabalho de apuração das fontes em casos de violência contra a mulher, o que ocasiona na produção de notícias baseadas no relatório da Polícia Militar.

Eu vou usar um exemplo desse fim de semana, que teve lá um caso de violência contra a mulher, de um homem que pegou uma barra de ferro e agrediu a esposa no rosto, nos membros, e daí eu acabei publicando essa matéria, mas sem ligar, por exemplo, pra Delegada que julgou o caso, que o homem foi preso, foi levado pra delegacia, mas eu acabei não entrando em contato com a Delegacia. Eu publiquei a matéria baseado apenas no relato policial, apenas no boletim de ocorrência, porque pela quantidade de matérias que nós precisamos publicar ali e manter sempre o portal atualizado, não tem como a gente aprofundar apenas uma matéria. (Informação verbal¹⁰⁵)

Ao contrário do portal de Ponta Grossa, em Guarapuava as matérias episódicas não são maioria. Das 90 matérias publicadas, 33 estão na categoria “episódicos”, ou seja, 36,6% da cobertura local sobre violência contra a mulher. O principal elemento de “repetição” encontrado foi a atenção da redação em indicar para o leitor que se tratam de matérias locais inserindo a palavra “Guarapuava” nos títulos, sendo que das 33 notícias 28 contam com o termo. Além disso, outro elemento de repetição é a indicação de que os casos foram registrados pela Polícia Militar (10 vezes), através de termos como “PM registra dois casos”, “PM registra três

¹⁰³ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

¹⁰⁴ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

ameaças”, “PM registra mais um caso”, “PM atende dois casos”. Trechos das entrevistas dos jornalistas explicam o motivo destas repetições¹⁰⁶.

Quando eu entrei na Rede eu tinha dificuldade de enquadramento, porque eu começava com o enquadramento geral, e o editor que me ensinou a inverter isso, que eu tinha que focar por Guarapuava, justamente porque era o enfoque da Rede. Então, tudo que a gente começa na Rede, a gente vai começar por Guarapuava. Dificilmente Guarapuava não vai estar no nosso título, se não tiver é porque o título ficou gigantesco, então certamente vai estar na linha fina. Tudo tem foco no local. (Informação verbal¹⁰⁷)

A gente até adotou algumas frases chave, várias frases se repetem nessas matérias e é proposital. Por exemplo: a polícia divulgou um caso de uma mulher que foi espancada pelo marido. Sempre tomo o cuidado de dizer que é um registro feito pela PM, para as pessoas entenderem que não é um caso isolado, que só uma mulher foi agredida, na verdade é que foi apenas um caso registrado pela PM. Não é porque a PM registrou só um caso que só uma mulher foi agredida. Ou então, a gente sempre usa "a PM registrou mais um caso". (Informação verbal¹⁰⁸)

Além destes elementos de repetição nas matérias da categoria “episódicos”, também foram contabilizadas as nomenclaturas adotadas pela redação para agressor e agredida. No caso da RSN os nomes variam muito e não são têm tanto destaque quanto no portal aRede, sendo que os principais termos utilizados para o agressor são “homem” (8 vezes), “marido” (2 vezes) e “adolescente” (2 vezes); e para a vítima são utilizados, em sua maioria, “mulher” (6 vezes), “mãe” (4 vezes), “companheira” (2 vezes) e “ex-esposa” (2 vezes).

¹⁰⁶ Na ocasião, os jornalistas não foram questionados quanto aos elementos de repetição dos títulos, esta é a parte das entrevistas em que os jornalistas estavam falando sobre enquadramento do portal RSN em geral.

¹⁰⁷ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

Quadro 8 - Enquadramento episódico e elementos de repetição no portal RSN

Data	Título	Enquadramento
06/03	Por motivos familiares, <u>mulher</u> atira na <u>sogra</u> em Guarapuava	Episódico
26/03	PM registra dois casos de agressão contra mulheres	Episódico
03/04	<u>Adolescente</u> agride <u>ex-esposa</u> e <u>ex-sogra</u> em Guarapuava	Episódico
06/04	<u>Jovem</u> de 13 anos é flagrado agredindo a <u>mãe</u> em Guarapuava	Episódico
11/04	<u>Jovem com problemas mentais</u> é estuprada por adolescente	Episódico
13/04	<u>Homem</u> ameaça <u>ex-mulher</u> de morte na frente de policiais em Guarapuava	Episódico
20/04	<u>Mulher</u> é agredida pelo <u>marido</u> após tentar sair de seu carro	Episódico
20/04	<u>Mãe</u> é agredida pelo <u>namorado da filha</u> em Guarapuava	Episódico
26/04	<u>Homem</u> agride <u>companheira</u> no bairro Bonsucesso em Guarapuava	Episódico
07/05	<u>Duas mulheres</u> foram agredidas e ameaçadas de morte pelos <u>companheiros</u>	Episódico
09/05	PM registra três ameaças de morte contra mulheres em Guarapuava	Episódico
14/05	PM registra três casos de violência contra a mulher no final de semana em Guarapuava	Episódico
15/05	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Episódico
23/05	<u>Homem</u> é preso após agredir <u>mulher</u> e <u>filha</u> em Guarapuava	Episódico
28/05	<u>Homem</u> agride <u>mulher</u> em via pública em Guarapuava	Episódico
28/05	<u>Marido</u> agride <u>esposa</u> e a <u>sogra</u> em Guarapuava	Episódico
01/06	<u>Mulher</u> é agredida em bar no Bairro Primavera em Guarapuava	Episódico
04/06	<u>Homem</u> é preso após tentar asfixiar a <u>companheira</u> em Guarapuava	Episódico
15/06	<u>Homens</u> são detidos após ameaçarem <u>mulher</u> em Guarapuava	Episódico
25/06	PM atende dois casos de ameaça de morte contra mulheres em Guarapuava	Episódico
29/06	Polícia Militar atende mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Episódico
06/07	<u>Homem</u> é preso após agredir e ameaçar de morte a <u>ex-esposa</u> em Guarapuava	Episódico
09/07	<u>Pai e filho</u> são presos no bairro Morro Alto em Guarapuava	Episódico
12/07	Polícia registra casos de agressão a duas mulheres em Guarapuava	Episódico
17/07	<u>Homem</u> invade churrasco para agredir a <u>ex-esposa</u> em Guarapuava	Episódico
31/07	<u>Mulher</u> é agredida com golpe de facão no Morro Alto em Guarapuava	Episódico
03/08	<u>Mãe</u> é agredida pelo <u>filho</u> no Boqueirão em Guarapuava	Episódico
13/08	Guarapuava registra três casos de violência contra a mulher nesse domingo (12)	Episódico
14/08	<u>Irmãs</u> são agredidas por <u>três pessoas</u> no Conradinho em Guarapuava	Episódico
15/08	PM registra agressão a duas mulheres em Guarapuava ; uma delas foi asfixiada	Episódico
16/08	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Episódico
27/08	<u>Grávida</u> de oito meses é agredida pelo <u>ex-marido</u> em Guarapuava	Episódico
30/08	<u>Homem</u> é preso após ameaçar <u>mãe</u> a <u>irmã</u> em Guarapuava	Episódico

Fonte: a autora.

Agora, partindo para a cobertura classificada como “temáticos”, o portal de Ponta Grossa teve quatro coberturas nessa linha durante o período analisado. A primeira é referente ao julgamento e prisão do pecuarista Mauro Janene pela morte da professora e jornalista Maria Estela Pacheco. O crime ocorreu em 2000, em Londrina, e o julgamento somente em 2018, em Ponta Grossa (a pedido da defesa). Este caso rendeu duas matérias no portal, com os títulos “Pecuarista acusado de matar professora é julgado em PG” e “Janene é condenado a 11 anos de prisão por morte de Estela”. A segunda cobertura temática diz respeito ao assédio verbal sofrido

pela assessora de imprensa do Operário Ferroviário Esporte Clube de Ponta Grossa, que rendeu quatro matérias no site, com os títulos “Assessora do Operário é vítima de truculência de torcedores”, “Assessora de Operário pede fim de assédio e respeito às mulheres”, “Após assédio verbal assessora do Operário presta queixa” e “FPF repudia agressões verbais contra assessora do Operário”. A terceira cobertura que rendeu suíte no portal é sobre um professor da UEPG que gravou um vídeo agredindo uma mulher e compartilhou em suas redes sociais. O caso rendeu três matérias no portal: “Professor da UEPG grava vídeo agredindo mulher”, “Vereadores pedem afastamento de professor da UEPG” e “Polícia investiga vídeo em que professor agride mulher”. A quarta cobertura temática é sobre o feminicídio da estudante Nathália Deen, e os títulos serão apresentados em formato de quadro para facilitar a visualização do leitor, já que 24 matérias foram identificadas.

Quadro 9 - Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Nathalia Deen

Data	Título	Enquadramento
06/04	<u>Estudante</u> é morta a facadas dentro de condomínio em PG	Temático
06/04	Família reconhece <u>estudante</u> vítima de homicídio	Temático
06/04	<u>Acusado</u> de feminicídio continua internado no HR	Temático
06/04	Após feminicídio , estudantes da UEPG organizam vigília	Temático
06/04	Alunos fazem vigília em homenagem a <u>Nathalia</u>	Temático
06/04	Polícia pede prisão de <u>estudante</u> por feminicídio	Temático
08/04	Amigos fazem vídeo em homenagem a <u>Nathalia Deen</u>	Temático
08/04	Justiça decreta prisão de <u>estudante</u> por feminicídio	Temático
09/04	<u>Estudante</u> ferido ao defender <u>irmã</u> sai do hospital	Temático
09/04	<u>Suspeito</u> de feminicídio constitui advogado	Temático
10/04	<u>Suspeito</u> de feminicídio deve ser ouvido nesta quarta	Temático
10/04	Justiça pode interrogar <u>Mateus</u> dentro de hospital	Temático
10/04	UEPG abre processo contra <u>suspeito</u> de feminicídio	Temático
11/04	<u>Suspeito</u> de matar <u>a ex</u> recebe alta e vai para a delegacia	Temático
11/04	<u>Suspeito</u> de matar <u>a ex</u> é levado ao Fórum de PG	Temático
11/04	<u>Acusado</u> de feminicídio terá área restrita no Cadeião	Temático
11/04	Mensagens no whats mostram ameaça a <u>Nathalia</u>	Temático
12/04	<u>Nathalia</u> recebeu 36 ligações de <u>Mateus</u> na noite do crime	Temático
13/04	Vídeo mostra fuga de <u>rapaz</u> após feminicídio	Temático
13/04	Alunos da UEPG discutem violência contra a mulher	Temático
13/04	<u>Mateus</u> pede liberdade e quer voltar a UEPG	Temático
25/04	MP denuncia <u>estudante</u> por morte de <u>Nathalia</u>	Temático
23/08	<u>Estudante</u> é expulso da UEPG por feminicídio	Temático
23/08	<u>Rapaz</u> que matou <u>ex-namorada</u> é expulso da UEPG	Temático

Fonte: a autora.

No quadro acima a autora destaca alguns elementos de repetição da cobertura. O primeiro é a utilização do termo “feminicídio” (10 vezes). Em um primeiro momento, no dia do acontecimento – 6 de abril – o caso foi enquadrado como “homicídio”, na matéria publicada às 10h43, mas na publicação seguinte sobre o caso, às 13h42, passou a ser utilizado o termo

“feminicídio”, e assim continuou por todo o período de coleta. Outro elemento que apresentou mudança durante a cobertura foi a “nomenclatura jurídica” do autor do crime, que foi denominado como “acusado de feminicídio” no dia 6 de abril, depois como “suspeito de feminicídio” no dia 9 de abril, e “acusado de feminicídio” novamente no dia 11 de abril.

O portal se referiu ao autor do crime de seis maneiras: “estudante” (6 vezes), “suspeito de feminicídio” (3 vezes), “Mateus” (3 vezes), “acusado de feminicídio” (2 vezes), “suspeito de matar a ex” (2 vezes) e “rapaz” (2 vezes). A vítima do crime também apareceu com seis nomes diferentes: “Nathalia” (4 vezes), “estudante” (2 vezes), “a ex” (2 vezes), “Nathalia Deen” (1 vez), “ex-namorada” (1 vez) e “irmã” (1 vez).

Além dos termos de repetição identificados, através dos títulos fica evidenciado o enquadramento do jornalismo baseado nas etapas jurídicas do caso, ou seja, o enquadramento oficial do acontecimento. Os títulos a seguir demonstram essa característica: “Polícia pede prisão de estudante por feminicídio”, “Justiça decreta prisão de estudante por feminicídio”, “Suspeito de feminicídio constitui advogado”, “Suspeito de feminicídio deve ser ouvido nesta quarta”, “Justiça pode, interrogar Mateus dentro de hospital”, “Suspeito de matar a ex é levado ao Fórum de PG”, “MP denuncia estudante por morte de Nathalia”. Outra questão observada é o aparecimento da UEPG como figura importante dentro do caso, já que os amigos universitários da Nathalia organizaram uma vigília e um vídeo em sua homenagem, a universidade abriu um processo e expulsou o autor do feminicídio e o tema violência contra a mulher foi discutido dentro da UEPG.

Sobre a cobertura do feminicídio da estudante, o editor-chefe do portal pontagrossense relatou suas primeiras orientações sobre o caso, que num primeiro momento ficou por responsabilidade do entrevistado seis, que cobre a redação no período matutino.

Foi de madrugada. Nós temos um grupo de notícias interno que as equipes de madrugada vão monitorando, vão deixando a gente ciente de todos esses casos. Foi um amanhecer. Como envolve pessoas jovens, universitários, uma universidade que tem grande peso no ensino do Paraná, eu orientei que se tomasse todos os cuidados possíveis. A primeira notícia foi que um cara invadiu um condomínio, tentou matar o cunhado e depois matou a ex-namorada. Essa era a notícia. (Informação verbal¹⁰⁹)

Conforme já assinalado no tópico anterior da análise, o portal aRede não tem um repórter específico para escrever sobre violência contra a mulher e, da mesma forma, no caso Nathalia, o editor não designou o acontecimento para nenhum repórter. Portanto, se as

¹⁰⁹ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

informações fossem levantadas no período da manhã quem escrevia era o entrevistado seis, e no período da tarde, dependia de quem estivesse com tempo livre para pegar a pauta. Na entrevista, o repórter relatou que cometeu um erro de enquadramento logo na primeira matéria sobre o caso.

Eu não tenho outra palavra pra definir o que eu fiz que não uma cagada, pela foto que eu publiquei na primeira matéria do caso. É uma foto que aparece o pé dela no canto, eu vi o pé e pensei ‘vai mostrar que a vítima estava nessa região da casa, vai mostrar como está ali, e o pé dela está em cima desse tapete vermelho no corredor até o quarto’. Eu publiquei a foto, e depois de uns 15 minutos no ar, vi os comentários das pessoas falando do mau gosto da foto e eu fui perceber que esse tapete vermelho na verdade era sangue. Na hora que eu vi aquilo, que eu abri a foto original e vi que era sangue a minha pressão chegou a baixar na hora e eu pensei ‘não acredito que eu fiz isso, não acredito que eu não vi que era sangue’. Eu errei feio, eu sei aquele dia do jornal pensando se eu devia largar, porque eu fui muito massacrado e me senti mal. Não queria ter usado uma foto com uma mancha de sangue gigantesca, queria tratar o caso de uma forma sóbria, tratado com a relevância que ele merece. Acabou desvirtuando pro mau gosto da foto. (Informação verbal¹¹⁰)

Em relação à hierarquização das publicações no portal aRede, o feminicídio da Nathalia teve destaque no portal, de acordo com as entrevistas da redação, devido à gravidade do caso e o número de acessos. Portanto, o caso foi considerado um acontecimento com alto grau de valor-notícia e enquadrado diariamente entre as matérias principais.

A hierarquização no portal varia muito de acordo com a gravidade. A ordem que a gente tem é colocar nos destaques do portal, as quatro notícias principais, os grandes assuntos do dia ou os que tenham as melhores fotos. As matérias menores, dos casos menos graves, dificilmente ficarão em cima, porque ou não vou ter foto, ou não tem relevância suficiente pra estar lá em cima. Agora quando é um caso mais grave, tenho relevância maior pra dar um destaque maior pro assunto no portal. (Informação verbal¹¹¹)

Por fim, três coberturas foram consideradas como “temáticos” na RSN. A primeira é a matéria “Violência contra idosos em Guarapuava: maioria das vítimas são mulheres”, que não se enquadra como suíte, mas que traz dados relativos à violência em nível local e interpreta apontando a problemática da violência contra a mulher. Portanto, a matéria não faz referência a um caso de violência específico, mas “conversa” com diversas matérias sobre violência contra a mulher do portal, principalmente as que versam sobre violência contra as avós. O segundo caso é sobre a cobertura do caso de discriminação do supermercado Dal Pozzo na contratação

¹¹⁰ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

¹¹¹ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

de mulheres. Durante o período analisado, três matérias foram publicadas sobre o caso, com os seguintes títulos: “MPT protocola ação contra os supermercados Dal Pozzo por discriminação a mulheres”, “Dal Pozzo não se manifesta sobre denúncia do MPT” e “Audiência pública tratará do caso Dal Pozzo nesta segunda-feira (13)”. A terceira cobertura temática é sobre o feminicídio de Tatiane Spitzner, que entre as matérias específicas sobre o caso e as notícias derivadas do caso contabiliza 53 publicações. No primeiro quadro estão as notícias específicas sobre o feminicídio.

Quadro 10 - Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Tatiane Spitzner (caso específico)

Data	Título	Enquadramento
22/07	<u>Advogada</u> de 29 anos morre após queda em Guarapuava	Temático
22/07	<u>Marido de advogada</u> morta é detido em São Miguel do Iguaçu	Temático
22/07	Em depoimento, <u>Luis Felipe</u> diz que <u>advogada</u> se jogou do prédio; ele foi preso	Temático
23/07	<u>Professor</u> suspeito de matar a esposa em Guarapuava será transferido para Pinhais	Temático
23/07	Caso Tatiane : delegado defende hipótese de feminicídio	Temático
24/07	Justiça determina transferência de <u>Manvailer</u> para Guarapuava	Temático
24/07	<u>Suspeito</u> pela morte da esposa, <u>Luis Felipe Manvailer</u> será transferido nesta quinta (26)	Temático
25/07	<u>Luis Felipe Manvailer</u> está preso na PIG em Guarapuava	Temático
25/07	Escritório Professor Dotti será a acusação no Caso Tatiane	Temático
26/07	Polícia Civil solicita exames para apurar possível morte de <u>advogada</u> por asfixia	Temático
26/07	Em depoimento, pai de <u>Tatiane</u> diz que ela não tinha comportamento suicida	Temático
26/07	OAB Guarapuava acompanha inquérito sobre morte de <u>Tatiane</u>	Temático
27/07	Morte de <u>advogada</u> terá reconstituição nesta sexta-feira (27)	Temático
27/07	Caso Tatiane : apesar de simulações, laudo do IML que deve indicar causas da morte	Temático
28/07	Missas de sétimo dia de <u>Tatiane</u> e Bernardo ocorrem neste sábado (28)	Temático
30/07	Caso Tatiane : irmão de <u>Manvailer</u> pode prestar depoimento nesta segunda (30)	Temático
31/07	Polícia Civil ainda não possui todos os laudos do Caso Tatiane	Temático
31/07	Caso Tatiane : delegado encerrará inquérito mesmo sem todos os laudos solicitados	Temático
31/07	<u>Luis Felipe Manvailer</u> é indiciado por feminicídio e outros crimes	Temático
01/08	Em nota, família de <u>Tatiane</u> repudia pedidos feitos pela <u>defesa de Manvailer</u>	Temático
01/08	<u>Defesa de Manvailer</u> pede impugnação de prints com conversas de <u>Tatiane</u>	Temático
03/08	MP apresentará denúncia de feminicídio contra <u>Manvailer</u>	Temático
03/08	Em coletiva, promotor afirma que <u>Tatiane Spitzner</u> lutou pela vida	Temático
06/08	Prazo para decisão do MP-PR sobre o caso Tatiane termina hoje (6)	Temático
07/08	MP-PR denuncia <u>Luis Felipe Manvailer</u> por homicídio, cárcere privado e fraude processual	Temático
08/08	MP solicita avaliação psiquiátrica e psicológica de <u>Manvailer</u> em Guarapuava	Temático
08/08	Justiça recebe denuncia e <u>Manvailer</u> passa a ser réu pelo feminicídio de <u>Tatiane Spitzner</u>	Temático
08/08	Defesa pede que <u>Manvailer</u> seja transferido para Pinhais; <u>professor</u> teria tentado suicídio	Temático
11/08	<u>Tatiane Spitzner</u> é homenageada em ato da advocacia em Curitiba	Temático
11/08	Em atendimento psiquiátrico, <u>Manvailer</u> diz achar que <u>Tatiane</u> pulou	Temático
14/08	Justiça ainda não decidiu se transferirá <u>Manvailer</u> para Pinhais	Temático
17/08	Justiça determina: <u>Manvailer</u> permanecerá na PIG	Temático
17/08	<u>Defesa de Manvailer</u> pede suspensão do processo que investiga morte de <u>Tatiane</u>	Temático
23/08	Um mês após a morte de <u>Tatiane</u> , disputa judicial faz caso patinar na justiça	Temático
24/08	MP se posiciona contrário ao pedido de suspensão do processo sobre morte de <u>Tatiane</u>	Temático
24/08	Em nota, <u>defesa de Manvailer</u> diz que ele é inocente sobre a morte de <u>Tatiane</u>	Temático
31/08	Sobre laudo de Tatiane: MP se manifesta reafirmando o crime de feminicídio	Temático
31/08	Laudo sobre morte de <u>Tatiane</u> aponta a possibilidade de queda sem impulso	Temático

Fonte: a autora.

O caso de Tatiane passou a ser chamado como “feminicídio” no dia seguinte ao acontecimento – 23 de julho - após o delegado levantar a hipótese. No total, das 38 matérias

temáticas sobre o caso específico, o termo feminicídio foi utilizado cinco vezes. Outras repetições observadas nos títulos foram: “Caso Tatiane” (7 vezes), “Guarapuava” (6 vezes), e “Defesa de Manvailer” (4 vezes).

O autor do crime foi chamado por cinco nomes: “Manvailer” (8 vezes), “Luis Felipe Manvailer” (4 vezes), “Professor” (2 vezes), “Luis Felipe” (1 vez) e “Marido da advogada” (1 vez). Já a vítima, apareceu com três nomenclaturas diferentes: “Tatiane” (10 vezes), “Advogada” (5 vezes) e “Tatiane Spitzner” (3 vezes).

Através dos títulos é possível observar que a RSN trabalhou exaustivamente a parte jurídica do caso, com acompanhamento diário sobre a atualização do processo. Alguns termos como: “Justiça determina”, “Polícia Civil solicita exames”, “Delegada encerrará inquérito”, “MP apresentará denúncia”, “MP-PR denuncia”, “MP se manifesta” e “MP se posiciona” evidenciam isso. Ao contrário do portal aRede, na RSN o editor optou por designar um repórter para ficar responsável pela cobertura, que no caso é a repórter.

A morte da Tati aconteceu em um domingo, no mesmo domingo da morte do Deputado Estadual Bernardo Carli. Então a estruturação da redação demorou um pouquinho para acontecer. A gente conseguiu parar e se alinhar na terça [...] Eu perguntei se a repórter podia ficar com o caso, ela aceitou. A gente estava partindo do pressuposto que ele era o principal suspeito, em nenhum momento nós o colocamos como um coitado da história. Ele era o suspeito da polícia e passou a ser o nosso suspeito também. Existiam alguns jornais da cidade que estava levantando se ele teria matado mesmo. (Informação verbal¹¹²)

A jornalista relatou, em entrevista, como ocorreu a rotina de produção da RSN neste período para apurar as informações sobre o caso e acompanhar as etapas do processo judicial.

A minha rotina durante aquele período era chegar na redação e buscar as fontes oficiais, por telefone. O delegado responsável era o Bruno, já que a delegada responsável ainda não tinha assumido na época. Ele não parava na delegacia e não marcava coletiva, por isso o contato sempre tinha que ser por telefone. O que a gente sabia era que as TVs estavam fazendo plantão na delegacia e era quando eles conseguiam pegar o Bruno lá. Mas eu que era responsável pelo caso não tenho fonte policial, então quem ficou responsável por conversar com o Bruno era a Cris. Então, eu escrevia o conteúdo, mas não era diretamente responsável pela fonte. A Cris pegava essas informações com o delegado, o editor pegava com a Maria Cecília da OAB sobre como a família estava se articulando na parte jurídica. Foi um trabalho muito coletivo da redação. Eu escrevia, mas o texto era sempre revisado pelo editor, o título era discutido, às vezes tinha uma reformulação, mas no fim os textos são assinados por mim. Tivemos uma aproximação com o Pedro, que é o assessor do advogado de defesa

¹¹² Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

do Manvailer e o Gustavo¹¹³. Aí essas fontes sim eram contatos meus e conversavam diariamente comigo. Eles me encaminhavam as notas todos os dias, as notas saem em quase todos os conteúdos. A gente tinha um contato com o IML, que é um contato da Cris responsável pelos laudos, isso também foi constante no processo de investigação. E depois o contato com o MP que ofereceu a denúncia. Além disso, a gente tinha um próprio relacionamento da imprensa, que como era um assunto que pautou todos os veículos, a gente servia de pauta pra um e eles serviam de pauta pra gente. No nosso caso, a gente pautada a Rede Massa e a Rede Massa pautava a gente. Se um ficava sabendo de uma coletiva avisava o outro e vice-versa.

Neste mesmo tópico já foi citado que o Ministério Público disponibilizou para a imprensa os vídeos do circuito interno de segurança do prédio onde Tatiane e Luis Felipe moravam, a pedido da própria família da vítima. Inclusive, os três entrevistados da redação foram unânimes em dizer que a repercussão do caso se deve principalmente a estes vídeos. A jornalista relatou o enquadramento de seleção da promotora Dúnia Serpa Rampazzo em relação aos vídeos disponibilizados.

Quando tivemos acesso às imagens, elas já vieram sob uma seleção do MP. Quando a promotora Dúnia nos passou, ela disse que eram 13 vídeos, mas ela passou 6 [...] Quando a gente tava no processo de produção, a gente viu que o G1 já tinha alguns vídeos que a gente não tinha, ou seja, o MP passou materiais pra eles que não passou pra nós. (Informação verbal¹¹⁴)

Em relação ao enquadramento da RSN, a jornalista conta que houve uma discussão na redação sobre quais vídeos seriam publicados no portal e se haveria algum tipo de edição naqueles em que as cenas eram fortes.

Quando eu cheguei na redação, eu reuni a equipe e pedi que todos assistissem os 6 vídeos, pra que a gente visse o material que a gente tinha. Juntos, a gente decidiu o que a gente ia mostrar ou não. O da queda a gente decidiu não divulgar, optamos por colocar aquilo que fosse suficiente pra mostrar que ele bateu muito nela, pra que as pessoas tivessem noção de que aquele cara poderia ter matado ela, que ele é agressivo [...] E alguns vídeos a gente colocou borrado, tem um vídeo que ele carrega ela pra fora do elevador e mostra o rosto dela desfigurado e os seios dela que saíram do cropped que ela tava usando. Esse tipo de imagem está borrado no nosso material. (Informação verbal¹¹⁵)

¹¹³ Gustavo Scandelari é o advogado de acusação do caso.

¹¹⁴ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

¹¹⁵ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

Outra característica da cobertura do feminicídio da advogada Tatiane, em relação ao enquadramento, é o trabalho de redação de sugerir e produzir pautas relacionadas ao tema, além de também divulgar as iniciativas de conscientização e homenagem que surgiram a partir do caso. Na tabela abaixo, estão as 15 notícias derivadas do caso Tatiane.

Quadro 11 - Enquadramento temático e elementos de repetição feminicídio Tatiane Spitzner (derivadas do caso)

Data	Título	Enquadramento
24/07	Delegacia da Mulher em Guarapuava está sem titular há mais de um mês	Temático
29/07	Movimentos feministas organizam ato de luta em Guarapuava	Temático
04/08	Todos por Tatiane Spitzner : movimento toma conta das redes sociais	Temático
06/08	Empossada a nova delegada da mulher de Guarapuava	Temático
07/08	Morte de Tatiane traz à tona debate sobre violência contra mulher em escola de Guarapuava	Temático
07/08	Em 2017, mais de 450 mulheres foram amparadas pela Lei Maria da Penha	Temático
08/08	The New York Times repercute morte de <u>Tatiane Spitzner</u>	Temático
11/08	Pelo fim da violência contra as mulheres : ato ocorre neste sábado (11) em Guarapuava	Temático
16/08	César Filho se compromete a instituir combate à violência nas escolas	Temático
16/08	Petição busca criar lei de ensino preventivo de violência contra a mulher em Guarapuava	Temático
20/08	Roberto Kuster lança música em homenagem a <u>Tatiane Spitzner</u>	Temático
22/08	Dia T : ato artístico na Unicentro luta pelo fim da violência contra a mulher	Temático
25/08	Em Guarapuava , caminhada pede o fim da violência contra a mulher	Temático
27/08	Projeto Lei Maria da Penha nas escolas chega ao residencial 2000	Temático
29/08	Guarapuava é a 2a cidade do Paraná a contar com a patrulha Maria da Penha em parceria com a PM	Temático

Fonte: a autora.

Os títulos indicam uma série de temas que surgiram a partir do caso Tatiane. A RSN chamou a atenção para a falta de delegada da mulher na cidade e depois para a posse da nova delegada que ocorreu neste período de cobertura; a OAB manifestou-se e realizou ações a partir do feminicídio, tendo em vista que Tatiane era advogada; movimentos feministas organizaram atos de luta; movimentos via mídias sociais ganharam repercussão na cidade; o tema violência contra a mulher passou a ter mais notoriedade do poder público local no ensino escolar, tendo o projeto “Projeto Lei Maria da Penha nas escolas” iniciado neste período; o portal fez um levantamento de atendimentos realizados no ano anterior amparados pela Lei Maria da Penha; foram noticiadas as repercussões internacionais do caso; um cantor famoso da cidade lançou uma música em homenagem à Tatiane; a Unicentro (Universidade Estadual do Centro Oeste) organizou um ato de luta pelo fim da violência contra as mulheres; e houve a implementação de patrulha Maria da Penha em Guarapuava.

É importante ressaltar que a mobilização social em torno do caso da Tatiane ocorreu com mais intensidade em Guarapuava, do que a mobilização do caso Nathalia em Ponta Grossa.

O feminicídio da advogada ficou notoriamente conhecido no país, com ampla divulgação dos principais veículos noticiosos, além da repercussão internacional. Portanto, além do trabalho de redação em levantar pautas para fortalecer a cobertura temática, é preciso levar em consideração os diferentes sujeitos e instituições que se mobilizaram a partir do feminicídio da advogada, e que contribuiram para a produção de conteúdo sobre o tema.

No próximo tópico, a última parte da análise traz como teoria central discussões de gênero, elementos da coleta dos portais que versam sobre os tipos de violência e autoria das violências abordadas nos portais, e trechos das entrevistas sobre a comoção dos leitores sobre o tema, a causa da violência contra a mulher, e se há diferença entre um jornalista homem ou mulher escrever sobre o assunto.

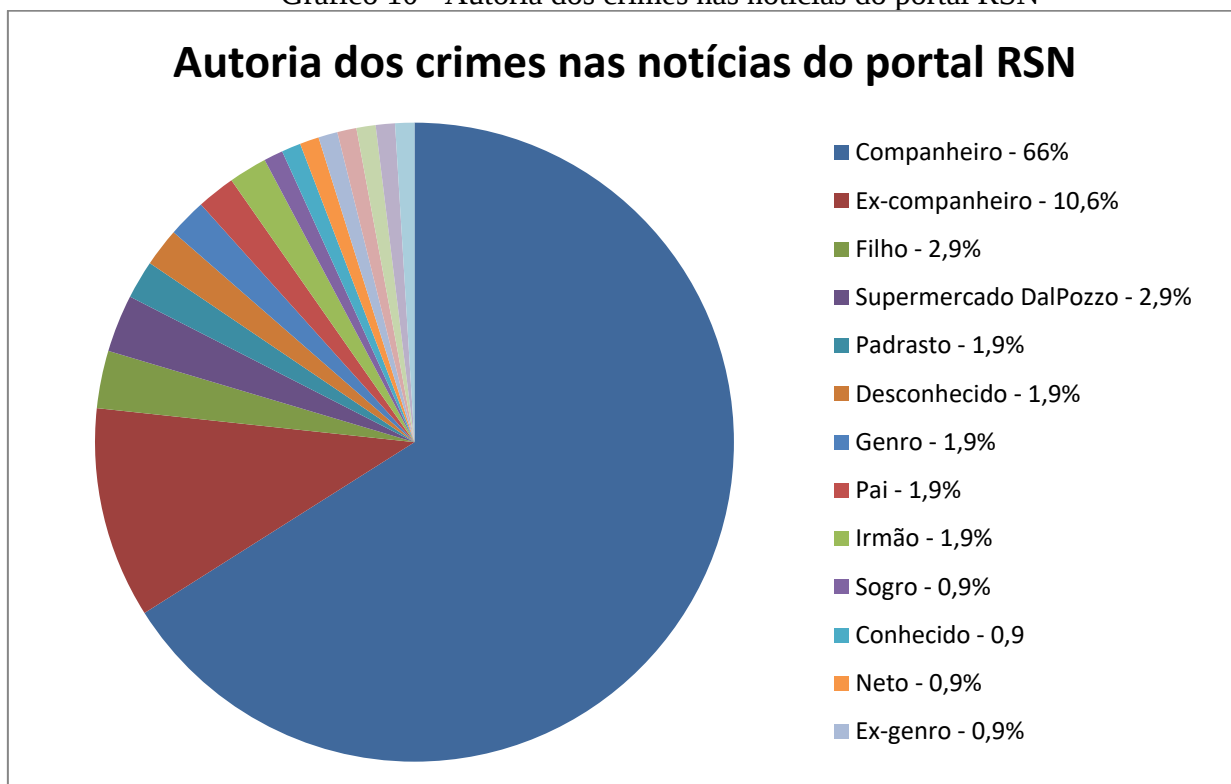
6.3 UMA REFLEXÃO POR UM JORNALISMO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO

A terceira e última parte da análise trará estudos sobre jornalismo com perspectiva de gênero, e informações de alguns manuais produzidos nos últimos anos com o intuito de contribuir para uma mídia livre de sexismos. Assim como nas duas primeiras partes da análise, essa etapa também traz alguns dados coletados e reflexões. As reflexões se constroem tanto a partir da escolha teórica, quanto dos trechos das entrevistas das redações.

O único dado da coleta que ainda não foi discutido nesta pesquisa é o que se refere à autoria das violências que foram noticiadas pelos portais. Esta informação será abordada nesta parte da análise, porque apresenta características importantes sobre as agressões, e que funcionam como um horizonte para as discussões propostas neste tópico.

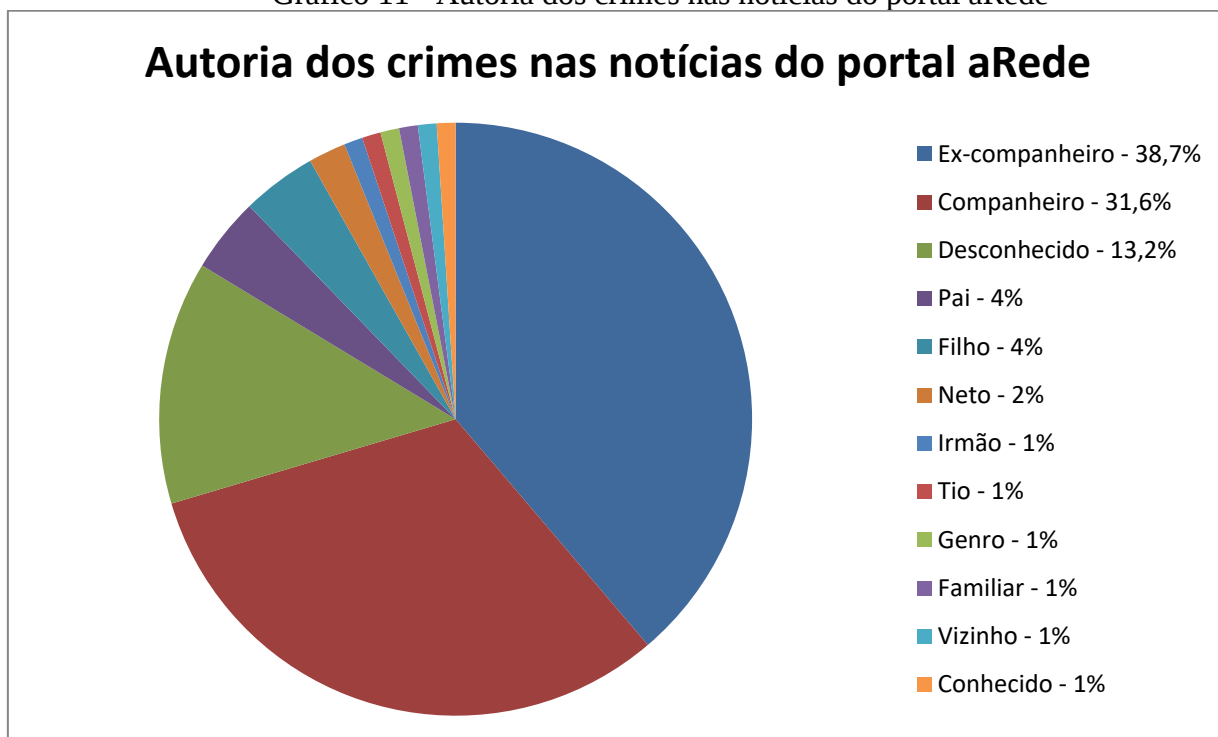
A partir das tabelas 9 e 17, foram construídos os gráficos abaixo, que indicam que a violência contra a mulher é cometida, em sua grande maioria, por homens – no portal pontagrossense em nenhuma notícia a autora da violência é uma mulher; no portal guarapuavano a mulher é autora em três notícias (nora, desconhecida e amiga do ex-companheiro). Além disso, estes homens que são maioria entre os agressores, possuem uma relação muito próxima com as vítimas, ou seja, há uma alta domesticidade nos casos de violência contra a mulher.

Gráfico 10 - Autoria dos crimes nas notícias do portal RSN



Fonte: portal aRede.

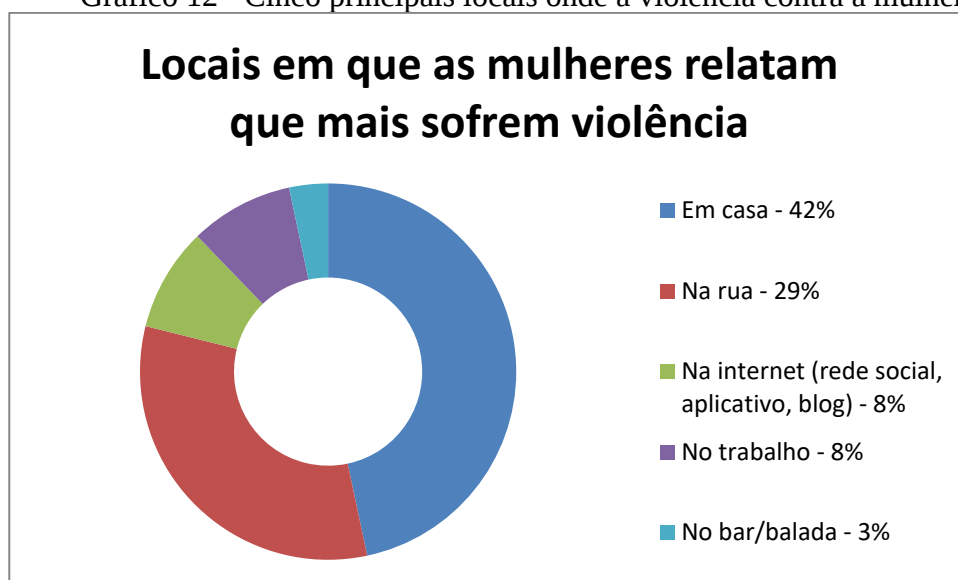
Gráfico 11 - Autoria dos crimes nas notícias do portal aRede



Fonte: portal aRede.

Em ambos os gráficos, os companheiros¹¹⁶ e ex-companheiros aparecem como os principais agressores dos noticiários. Este dado corrobora com o levantamento feito, ano passado, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha¹¹⁷, com aplicação de questionário estruturado para uma amostra nacional de 2.084 entrevistas. A pesquisa revela que as mulheres ainda correm mais risco de sofrer violência dentro da própria casa, já que 76,4% das mulheres que sofreram violência afirmam que o agressor era alguém conhecido, crescimento de 25% em relação a 2016, quando 61,2% das mulheres afirmaram conhecer o agressor. No mesmo levantamento, foram indicados os cinco principais lugares onde estas violências acontecem:

Gráfico 12 - Cinco principais locais onde a violência contra a mulher ocorre



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha.

Nas entrevistas com as redações, uma das perguntas foi: “qual é a principal causa da violência contra a mulher na sociedade? Porque ainda ocorrem tantos casos?”. No portal pontagrossense, todos consideraram como um problema cultural, sendo que o entrevistado seis deu ênfase no patriarcado, o oito no machismo e o cinco na criação/educação.

Existe uma questão de cultura, de criação e de estarmos em uma sociedade extremamente patriarcal, comandada por homens. Os homens são maioria absoluta em todas as esferas políticas, e esses caras não vão fazer uma legislação que se preocupa com a violência doméstica. É a mesma coisa se a gente for falar de aborto. Enquanto um deputado não tiver que fazer o aborto no corpo dele, isso não é uma discussão que vai ser levada com a devida importância. Se fosse uma maioria de

¹¹⁶ Optamos por utilizar os termos companheiro e ex-companheiro para contemplar todos os tipos de relacionamento amorosos: namorado, noivo, marido, ou, ex-namorado, ex-noivo, ex-marido.

¹¹⁷https://assets-dossies-1pg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP_2018_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf.

deputadas mulheres, talvez esse assunto fosse mais debatido. Como que uma criança que vive num lar em que o pai bate na mãe vai crescer? (Informação verbal¹¹⁸)

Eu vejo por machismo o homem mandar na mulher, não todos né, obviamente né, mas eu diria que boa parte dos homens tem essa visão completamente errada de que a mulher é basicamente um objeto seu [...] É uma questão cultural que já nasce praticamente com a sociedade, de mães que falam pra filha: “você tem que procurar um namorado rico”. Tem muito essa ideia ainda de ser o homem o provedor da casa, sendo que é 100% uma visão errada. Ainda tem muitas culturas que infelizmente ainda são assim, mas aqui no Brasil não é isso aí mais, né? Não pode existir mais. É uma coisa que impacta 100% é a questão do machismo mesmo, o homem imaginar que pode ter um poder maior que a mulher tem. Porque assim, Naiara, mesmo que digamos, eles sejam casados e na religião diz que se Deus uniu o homem e a mulher, o homem não pode separar né. Acontece que já essa promessa de ser fiel e tudo, mesmo que aconteça um caso de traição, por exemplo, o homem não tem o direito nenhum de fazer nada contra a mulher, né? Cada um é dono de si, ninguém tem obrigação de fazer nada que o outro queira. (Informação verbal¹¹⁹)

Uma criança que vê o pai chegar bêbado ou drogado em casa e simplesmente, por razões que só ele sabe, por frustrações do dia, querer bater na mulher, xingar a mulher. Como que a formação dessa criança vai acontecer, se ela vê o pai fazendo e acha que está certo? É um problema de criação, educação. Esse negócio de mulher ter que fazer jantar, fazer comida, lavar cueca, deixar sapato em ordem, esqueça. Não é mais sociedade. Você pode ter uma relação muito boa com uma mulher para beija-la, para ama-la, para dormir com ela e no dia seguinte cada um cuida do seu trabalho. O homem precisa entender que a sociedade mudou. (Informação verbal¹²⁰)

No entanto, ao complementar a resposta para a mesma pergunta, o editor também apontou a própria mulher como uma das causas da violência.

Outra questão do feminicídio tem muita mulher que concorre pra isso, tem muita mulher que se submete a isso. Ela entende que o cara é violento, mas quer se aproximar porque o cara tem status na sociedade, tem poder econômico, que ele vai mantê-la. Mas isso um dia acaba, e o dia que isso acabar, ela vai ser a principal refém dessa pessoa. A mulher também tem que saber com quem vai se envolver, por isso que serve a amizade, o namoro, o noivado, você conhecer quem é o homem que você quer levar pra sua casa. A sociedade precisa ter essa compreensão. (Informação verbal¹²¹)

No portal guarapuavano, a violência contra a mulher também é vista como um problema cultural, sendo que o editor enfatizou o gênero, e a repórter e a diretora, o machismo.

¹¹⁸ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

¹¹⁹ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

¹²⁰ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

¹²¹ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

A principal causa da violência contra a mulher é a cultura do machismo impregnada, intrínseca. Isso está enraizado, e os homens e muitas mulheres reproduzem e são afetadas pela cultura do machismo. Eu resumiria dessa maneira. A violência contra a mulher é um problema de gênero. E a violência de gênero me parece que é uma demonstração de poder, é uma pessoa querendo impor o poder que ela tem sobre a existência de outra. (Informação verbal¹²²)

Em minha opinião a violência contra a mulher é um problema cultural. Estou falando a partir da minha bagagem, sobre tudo o que já produzi aqui em Guarapuava, eu acho que é um problema cultural. Em Guarapuava, mais especificamente, porque é uma cidade muito conservadora, tradicional. Aqui o machismo é muito forte ainda. A cultura de que a mulher tem que ser submissa, de que a mulher serve ao homem, de que a mulher é uma propriedade que pertence ao homem, e que ele domina ela, o corpo dela pertence a ele, ela deve obedecer ele, deve fidelidade a ele, não só a fidelidade sentimental, mas principalmente a física. Isso acaba dando respaldo para outros tipos de violência que culminam na física e na sexual, que desencadeiam, por sua vez, no ciclo da violência contra a mulher. (Informação verbal¹²³)

É cultural. Guarapuava é uma região que tem um rastro da escravidão, onde as negras eram usadas como objeto sexual pelos coronéis. O coronelismo político impera, entende? É uma cultura bem machista. As mães, mesmo inconscientemente, alimentam isso nos filhos. [...] As mulheres reproduzem muito o machismo. Se um cara te trai o culpado é a guria, não o cara. Você quer penalizar a mulher, “essa vagabunda, ela é isso, ela é aquilo”. A mulher protege o macho. Uma mulher sacaneia a outra, e os homens são cúmplices. (Informação verbal¹²⁴)

Após o apontamento das características das coberturas dos portais e a percepção das redações sobre a violência contra a mulher e suas rotinas de produção, serão apresentadas algumas tendências teóricas que versam sobre jornalismo com perspectiva de gênero. O embasamento desta questão é o livro “Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género” (2007), organizado pelas argentinas Sandra Chahe e Sonia Santoro. A publicação conta com 10 artigos que propõem alternativas para o jornalismo e a publicidade, no sentido de se alinhar à produção com perspectiva de gênero e com uma linguagem livre de sexismos.

Para a autora, não somente o tema violência contra a mulher, mas quase todos os temas do jornal podem ser tratados com um enfoque de gênero, mas isso demanda uma formação específica dos jornalistas. No entanto, as universidades não preparam os futuros profissionais para esta área, pois, conforme observado por Chahe (2007, p.128) nenhuma grade de

¹²² Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

¹²³ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

¹²⁴ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

graduação em Jornalismo contempla o enfoque de gênero, apenas como curso optativo em alguns centros de estudos.

Acreditamos que quase qualquer notícia é viável para ser analisada a partir de uma perspectiva de gênero, que considere como as mulheres e os homens são afetados diferentemente pelo mesmo fato ou situação. No entanto, a transversalidade das questões de gênero ainda não é uma realidade nas redações dos meios de comunicação. Alcançar a integração das questões de gênero em todo o ambiente da mídia tem sido um dos objetivos que temos desde a criação da Artemisa Comunicación¹²⁵ e, para isso, acreditamos que é necessário que os jornalistas se capacitem em uma nova maneira de ver as notícias. (CHAHÉ; SANTORO, 2007, p.12)¹²⁶

Na mesma linha, Gothmann (2001) explica em que consiste a transversalidade de gênero nos temas do jornal, e o potencialidade do jornalismo como atividade capaz de promover a igualdade entre homens e mulheres.

A transversalidade de gênero no jornalismo, consiste em considerar e avaliar o impacto, para mulheres e homens, das questões políticas e sociais que são objeto de cobertura. Isso implica levar em conta que existem diferenças nas necessidades e realidades de ambos os sexos. O objetivo da transversalidade no jornalismo é evitar a discriminação e se opor às desigualdades existentes, aproveitando o poder que os jornalistas têm para promover a igualdade de gênero. (GOTHMANN apud CHAER, 2007, p. 133)¹²⁷

No livro, três argumentos principais sustentam a importância do enfoque de gênero nas redações e a formação específica dos jornalistas nesta perspectiva: 1) a falta de representatividade das mulheres na mídia; 2) a força da mídia como construtora dos fatos e, consequentemente, como determinante para formação do universo simbólico da sociedade; e 3) o fato de o jornalismo até agora ter sido feito de forma sexista, desvalorizando questões que afetam a homens e mulheres igualmente na esfera privada e pública.

¹²⁵ Fundada por Santoro e Chaer, em 2005, a Artemisa é uma organização sem fins lucrativos que fomenta a igualdade entre homens e mulheres a partir da comunicação - através de conteúdo jornalístico; criação de redes regionais, nacionais e internacionais de jornalistas com enfoque de gênero; capacitações; conferências e assessoramento.

¹²⁶ Creemos que casi cualquier noticia es factible de ser analizada desde una perspectiva de género que contemple cómo mujeres y varones son afectados en forma diferenciada por un mismo hecho o situación. Sin embargo, la transversalidad de los temas de género aún no es una realidad en las redacciones de los medios de comunicación. Lograr la transversalización de los temas de género a toda la redacción de un medio de comunicación ha sido uno de los objetivos que tuvimos desde la creación de Artemisa Comunicación y para eso creemos necesario que las y los periodistas se capaciten en una nueva forma de ver las noticias.

¹²⁷ La transversalidad de género en el periodismo consiste en la consideración y evaluación del impacto, para mujeres y hombres, de los temas políticos y sociales que son objeto de cobertura. Ello implica tomar en cuenta que hay diferencias en las necesidades y realidades de ambos sexos. El objetivo de la transversalidad en el periodismo es evitar discriminaciones y oponerse a las desigualdades existentes, aprovechando el poder que tienen las y los periodistas para promover la igualdad de género.

Neste sentido, a noticiabilidade é um dos pontos-chave neste processo de produzir notícias com enfoque de gênero. Santoro (2007) indica alguns encaminhamentos nessa linha, dizendo que se é o foco do jornal fazer um jornalismo com perspectiva de gênero é necessário agregar aos valores-notícia - por exemplo: novidade, atualidade, interesse, importância, proximidade, desvio e negatividade - uma dimensão de gênero. Para a autora, essa dimensão pode ser identificada com perguntas como: "Como isso afeta homens e mulheres? Quais são as diferenças e especificidades? Onde estavam as mulheres quando isso acontecia com os homens e vice-versa? O que acontece aos homens diante do que ocorre a suas parceiras?"¹²⁸ (SANTORO, 2007, p. 139).

Desse modo, a cada eixo considerado valor-notícia pelo jornal seria agregado uma perspectiva de gênero, que se atenta principalmente ao impacto dos eixos na vida de homens e mulheres, independente do tema. Para identificar a pertinência do enfoque de gênero em determinada pauta, Chaer (2007) aponta duas perguntas que o jornalista deve fazer: "1) O problema afeta a vida diária de uma ou várias partes da população? 2) Existem diferenças nessa área entre mulheres e homens?"¹²⁹ (CHAER, 2007, p.126). Se a resposta para alguma dessas perguntas for positiva, o enfoque de gênero é necessário.

Além da noticiabilidade, outro ponto importante que deve ser levado em consideração é a escolha das fontes. Santoro (2007) defende que as fontes ideais para um jornalismo com esta perspectiva são justamente aquelas que trabalham com temas relacionados a gênero. E, por isso, ao escolher tais fontes, o meio de comunicação já assume abertamente um ponto de vista sobre as coisas, um posicionamento organizacional. A autora argentina apresenta algumas possibilidades de fontes próprias para o jornalismo com enfoque de gênero, que contrapõem o canal de rotina das redações de consulta às fontes oficiais.

As fontes podem ser: - Estatísticas de gênero, indicadores de gênero (por exemplo, indicador de uso do tempo por homens e mulheres) - ONGs e organizações sociais e femininas - Documentação e centros de apoio para estudos femininos ou GLTTB (Gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais). Especialistas: psicólogos, sociólogos e pesquisadores, se possível, com uma abordagem de gênero. - Protagonistas: testemunhos (assim como as vítimas e as testemunhas não devem ser sempre mulheres, os especialistas nem sempre devem ser homens, equilíbrio). - Outros meios: não apenas meios de massa, nem nacionais, mas alternativos do país ou do exterior¹³⁰. (SANTORO, 2007, p.140)

¹²⁸ ¿Cómo afecta este hecho a hombres y mujeres? ¿Cuáles son las diferencias y las especificidades? ¿Dónde estaban las mujeres mientras a los hombres les pasaba esto y viceversa? ¿Qué les pasa a los hombres frente a lo que les sucede a sus parejas?

¹²⁹ 1) ¿El tema afecta a la vida diaria de una o de varias partes de la población? 2) ¿Existen en este ámbito diferencias entre las mujeres y los varones?

¹³⁰ Las fuentes pueden ser: – Estadísticas por sexo, indicadores de género (ejemplo: indicador del uso del tiempo según hombres y mujeres) – Ongs y organizaciones sociales y de mujeres – Centros de documentación y apoyo de

Apesar de defender a transversalidade da abordagem de gênero dentro dos noticiários, a autora reconhece que alguns assuntos têm mais pertinência do que outros, como a violência contra a mulher. Na visão de Santoro (2007, p.162), este tema, na maioria dos casos, tem sido tratado nas seções policiais com ênfase para os detalhes violentos das agressões, deixando de lado a contextualização e o levantamento de informações que possam ajudar pessoas que passam pela mesma situação.

Nessa linha, Santoro (2007, p.164-167) descreve uma série de orientações para a abordagem de pautas sobre violência contra a mulher. Neste trabalho, optou-se por trazer as três “dicas” que mais se relacionam com as discussões traçadas até aqui, são abordagens quanto ao contexto, à localização das notícias e à agenda.

O contexto: não apresentar todo crime, agressão, assassinato, estupro como caso isolado, mas como continuidade de casos. A violência contra a mulher ocorre em todos os níveis sociais e os agressores são homens de aparência normal, em poucos casos podem falar de um ser patológico¹³¹. (SANTORO, 2007, p.165)

Localização das notícias: os maus tratos são um crime, um problema social e um atentado contra o direito à vida, a dignidade e a integridade física e psicológica das mulheres vítimas. Sempre que a notícia é feita levando em conta essas premissas, cada mídia decidirá em qual seção localizá-las. Em geral, eles são colocados na Polícia, com uma linguagem e estrutura coerente com esse tipo de jornalismo, o que está longe de ser o tratamento merecido pelos maus tratos às mulheres¹³². (SANTORO, 2007, p.166)

Na agenda: Faça anotações preventivas, investigue casos e veja o que foi feito de forma errada ou não, para não repetir erros. Publicar notícias sobre recursos públicos para a prevenção e erradicação da violência contra as mulheres. Acompanhe as notícias e forneça novas informações sobre o problema, mantendo o assunto na agenda da mídia, sem precisar trazê-las à luz toda vez que um evento terminar drasticamente¹³³. (SANTORO, 2007, p.167)

estudios de mujeres o de GLTTB (Gays, lesbianas, travestis, transexuales y bisexuales). – Especialistas: psicólog@s, sociólog@s, investigador@s si es posible con enfoque de género. – Protagonistas: testimonios (así como las víctimas y testimoniantes no deben ser siempre mujeres, los especialistas no deben ser siempre hombres, equilibrar). – Otros medios: no solo los masivos o nacionales sino medios alternativos del país o del exterior.

¹³¹ El contexto: no presentar cada crimen, agresión, asesinato, violación como un caso aislado, sino como una continuidad de casos. La violencia contra las mujeres se produce en todos los niveles sociales y los agresores son hombres de apariencia normal, en muy pocos casos se puede hablar de un ser patológico.

¹³² Ubicación de la noticia: los malos tratos son un delito, un problema social y un atentado contra el derecho a la vida, la dignidad y la integridad física y psíquica de las mujeres víctimas. Siempre que las noticias se elaboren teniendo en cuenta estas premisas, cada medio decidirá en qué sección ubicarlas. En general se las coloca en Policiales, con un lenguaje y estructura acordes a este tipo de periodismo, que se aleja bastante del tratamiento que merecen los malos tratos hacia las mujeres.

¹³³ En la agenda: Hacer notas preventivas, investigar casos y ver que se hizo mal o no se hizo, para no repetir errores. Publicar noticias sobre los recursos públicos destinados a la prevención y a la erradicación de la violencia contra las mujeres. Realizar seguimiento de la noticia y aportar nuevos datos sobre la problemática, manteniendo el tema en la agenda de los medios, sin necesidad de sacarlos a la luz cada vez que un hecho termina drásticamente.

Os três apontamentos acima têm pontos de contato com as coberturas realizadas por ambos os portais. Em relação ao contexto, foram identificadas no tópico anterior as notícias consideradas episódicas ou temáticas, e constatou-se a grande recorrência de conteúdos episódicos, de publicações que se atém a uma violência específica e são produzidas unicamente a partir das informações contidas nos boletins de ocorrência. Quanto à localização, ambos os portais relataram em entrevista que a violência contra a mulher é interpretada como tema policial, justamente por conta do canal de rotina de produção concentrado nos boletins de ocorrência. Por fim, a agenda dos portais em relação ao tema violência contra a mulher gira em torno das agressões que irrompem dia a dia. Os casos de matérias que abordam a prevenção da violência e trouxeram informações em nível de contextualização foram feitas pelo portal RSN, no entanto, somente após a morte de Tatiane Spitzner. No tópico anterior, foram levantadas as matérias temáticas derivadas deste caso de feminicídio, que trouxe à tona uma série de discussões em nível local. No entanto, para além destas pautas derivadas, não houve nas coberturas um trabalho de redação focado em agendar este tema sem ter como horizonte um caso de violência como protagonista.

Outra questão abordada nas entrevistas com as redações foi: “você acha que tem diferença um jornalista homem ou mulher escrever sobre o tema violência contra a mulher?”. Na percepção do portal de Ponta Grossa, existe diferença se o caso for tratado por uma jornalista mulher. Para os repórteres, as mulheres têm experiências de mundo que contribuem para compreender estes casos com mais profundidade, para o editor, a jornalista pode tratar do assunto colocando a paixão em primeiro lugar e saindo em defesa da mulher vítima de violência.

Em teoria não deveria existir diferença em uma mulher ou um homem escrever sobre esse tema, pensando pelo básico do jornalismo, mas acho que é impossível. Quando eu to escrevendo com a minha carga pessoal, eu tenho vontade de massacrar o cara, mas mesmo assim é impossível me colocar no lugar de uma mulher, eu não tenho medo de ser espancada pela pessoa que eu vivo, não corro esse risco tanto quanto a minha namorada corre. Ela corre mais risco não porque eu posso agredir ela ou porque a gente tem uma relação, mas é porque eu peso o dobro dela. Se eu enquanto homem tenho essa revolta, e a tendência de querer massacrar o autor de violência doméstica, eu imagino que uma mulher se sinta mais revoltada ou tenha algum tipo de compaixão pelo caso, é uma diferença que é inerente à condição mulher. Mas, acho que não é por ela ser mulher que ela tem que tratar desse caso, mas é por ser jornalista policial que ela tem que falar desse caso. Não que seja preciso colocar uma mulher para falar disso. (Informação verbal¹³⁴)

Olha, aí é uma pergunta mais complicada porque eu sou muito defensor de causas de mulher, digamos assim, sabe? Eu até brinco com o pessoal que eu sou feminista, né?

¹³⁴ Entrevista concedida por entrevistado seis. Entrevista VI. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (83 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H deste trabalho.

Até a minha noiva brinca que quase eu sou mais feminista que ela, porque eu fico muito indignado com esses casos assim, sabe? [...] Muitas mulheres não tem nem medo de ser assaltadas, mas o medo de ser estuprada. É um medo que o homem não tem, por exemplo, então psicologicamente é uma coisa muito diferente uma coisa da outra. Então, mesmo o jornalismo em si buscando a imparcialidade, buscando os critérios de noticiabilidade, ter todas as teorias, e ter todas essas questões de busca da imparcialidade, acaba que o pessoal ali, até essa questão de gênero talvez ali, influencia sim, impactando de maneira diferenciada no desenvolver dessa matéria que vai ali pro portal ou pro jornal. (Informação verbal¹³⁵)

Existe diferença em ser um repórter homem ou mulher. Isso é fato. Se a jornalista for explosiva pra tratar de um assunto, ela vai detonar o cara. Ela vai comprar aquela briga. Tem que ter sensatez, tem que ter pessoas equilibradas para fazer esse tipo de matéria. [...] Esses tempos atrás eu fui num júri aqui em Ponta Grossa de um caso de feminicídio. No conselho de sentença tinham seis mulheres e um homem. Você acha que o cara não ia ser condenado? Por mais que ele confessou o crime, foi preso em flagrante e tudo, mas se você pensa na justiça podia ter um equilíbrio de homens e mulheres. A justiça não tá nem aí pra esse caso, você como jornalista percebe isso. O jornalista precisa ser isento e deixar as paixões dele de lado. É a mesma coisa o jornalista esportivo que adora o time da cidade dele, uma hora ou outra ele vai atacar os outros times por defender mais o time dele, ou uma hora ou outra ele vai querer destituir presidente, destituir técnicos, destituir jogadores, porque ele é apaixonado, ele não vê uma questão técnica. Ele é um jornalista que deixa a paixão dele. Como existe na área do esporte, existe em qualquer segmento. (Informação verbal¹³⁶)

No portal de Guarapuava, os jornalistas também afirmam que existe diferença na cobertura se a pauta for escrita por um jornalista homem ou mulher. O editor e a repórter relatam que, inclusive, chegaram a discutir sobre o assunto, já que o editor – que é o único homem da redação – é o responsável pela seção Segurança. Já a diretora de jornalismo disse que a diferença existe por conta do sentimentalismo da mulher.

No começo, quando determinamos as editorias e eu fiquei com Segurança. Depois eu me peguei pensando "será que eu não tinha que entregar as matérias de violência contra a mulher para a repórter e a diretora?". Justamente por não me achar em lugar de fala, eu não me sentia confortável em falar desses casos, porque são violências em sua maioria cometidas por homens, e eu sou homem. Deve ter diferença pelas experiências pessoais do jornalista que está escrevendo. Foi exatamente por isso que eu deixei o caso da Tati com a repórter, porque eu acredito muito na cultura do machismo e não sou ignorante a ponto de falar que eu não sou influenciado por essa cultura. Conhecendo a repórter, eu sei que ela é menos influenciada por essa cultura do que eu. Eu tenho medo de ter alguns vícios culturais que sejam reproduzidos na minha matéria. (Informação verbal¹³⁷)

Eu e o editor discutimos um pouco sobre ter um peso uma mulher ou um homem escrever sobre assuntos de violência contra a mulher. No caso da Tati, eu entendi ele

¹³⁵ Entrevista concedida por entrevistado oito. Entrevista VIII. [março.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J deste trabalho.

¹³⁶ Entrevista concedida por entrevistado cinco. Entrevista V. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Ponta Grossa, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste trabalho.

¹³⁷ Entrevista concedida por entrevistado dois. Entrevista II. [jan.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste trabalho.

se sentir desconfortável para escrever sobre, mas eu não queria que ele se sentisse. Ele se sentia como se ele estivesse no lugar do agressor, entende? Eu não acho que ele tem que se sentir assim, acho que ele tem que fazer parte da discussão. Eu acho que a gente não pode pensar que um jornalista não é apto a escrever sobre isso porque ele é um homem. No caso da Tati, acho que foi a decisão correta, mas não sei se esse é o caminho certo. Seria um caminho pra gente pensar. É errado colocar um homem pra escrever sobre isso? Não sei. Eu tenho medo que a gente afaste os homens de participarem dessa discussão. (Informação verbal¹³⁸)

Tem diferença, porque a mulher tem o sentimentalismo. Se a violência contra a mulher é uma bandeira nossa, procuramos deixar a matéria mais rica, tentar procurar índices. O homem é mais objetivo. A gente faz um texto mais emocional. Mas, eu acho que são os homens que deveriam escrever, porque a rede de proteção só inclui mulheres, a rede disso só inclui mulheres, você faz um debate sobre esse assunto e só mulher vai, quando o principal interessado é o homem. De uma maneira generalizada, é preciso trazer a fala do homem também em defesa da mulher. (Informação verbal¹³⁹)

Na visão de Chaher (2007), não precisa necessariamente ser uma mulher para escrever sobre questões relacionadas à gênero, pois os sexos têm pontos de vista diferentes e complementares que contribuem para fortalecer as discussões.

Você não precisa ser uma mulher para escrever sobre questões de gênero. Uma mulher pode entender melhor do que um homem algumas situações que as mulheres costumam experimentar, como a violência, ou especificamente mulheres, como o aborto. Mas um homem sensível pode contribuir muito para a disseminação dessas questões, e o fará de um ponto de vista diferente do de uma colega, e provavelmente complementar¹⁴⁰. (CHAHHER, 2007, p.130)

Em todo este contexto, Chaher (2007, p.135) faz um diagnóstico das razões pelas quais os temas relacionados à gênero e às mulheres são tratados de maneira equivocada pela imprensa. Entre os motivos estão a falta de capacitação em gênero, a falta de responsabilidade dos editores e, principalmente, a “lógica dos meios de responder a uma agenda pública que cada vez mais demanda mais questões sobre mulheres e / ou gênero, sem conhecer todas as dimensões do tema”¹⁴¹. Portanto, a dificuldade recai justamente na falta de aporte de informação sobre o tema, falta de conhecimento sobre onde buscar dados, onde encontrar fontes

¹³⁸ Entrevista concedida por entrevistado três. Entrevista III. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (73 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste trabalho.

¹³⁹ Entrevista concedida por entrevistado sete. Entrevista VII. [fev.2019]. Entrevistadora: Naiara Persegona. Guarapuava, 2019. 1 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I deste trabalho.

¹⁴⁰ No hace falta ser mujer para escribir sobre temas de género. Puede que una mujer comprenda mejor que un varón algunas situaciones que vivimos más habitualmente las mujeres, como la violencia, o específicamente las mujeres, como el aborto. Pero un varón sensible puede aportar muchísimo a la difusión de estos temas, y lo hará desde un punto de vista diferente al de una colega mujer, y probablemente complementario.

¹⁴¹ Lógica de los medios de responder a una agenda pública que cada vez demanda más temas sobre mujeres y/o de género, sin conocer todas las dimensiones del tema.

especializadas, que contribuiriam para trazer esta perspectiva de gênero de maneira transversal para dentro dos jornais.

Nesse sentido, nos últimos anos, uma série de manuais foram lançados com o objetivo de orientar os jornalistas em pautas relacionadas às questões das mulheres e popularizar este tipo de informação focado em uma comunicação sem preconceitos. Alguns deles são, por exemplo: o 'Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia'¹⁴², da Federação Nacional dos Jornalistas em parceria com a ONU Mulheres (2011); o 'Manual para o uso não sexista da linguagem: o que se diz bem se entende'¹⁴³, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, voltado à administração pública do estado (2014); o 'Dossiê violência contra as mulheres'¹⁴⁴, do Instituto Patrícia Galvão (2015) e o 'Minimanual do Jornalismo Humanizado – Violência Contra a Mulher'¹⁴⁵, da Think Olga (2016).

O dossiê Patrícia Galvão disponibiliza um banco de fontes especializadas e pesquisas com dados atuais sobre violência em nível nacional. Além disso, uma série de conteúdos especiais trazem compilações de dados e análises sobre o tema violência contra a mulher. Na página, as responsáveis pelo projeto afirmam que o dossiê “reúne ferramentas para contribuir com a divulgação de informações qualificadas e o debate contextualizado e profundado sobre a violência contra as mulheres no Brasil”. As principais orientações do dossiê para os jornalistas são: 1) informar sobre a real magnitude da violência de gênero, tanto no Brasil como no mundo, divulgando números atualizados e obtidos de fontes confiáveis; 2) divulgar e avaliar os serviços disponíveis, mostrando o trabalho realizado e entrevistando profissionais que atuam nestas instâncias; 3) buscar causas, fatores e soluções, aprofundando a abordagem e contextualizando o problema; 4) acompanhar os debates sobre as propostas legislativas que afetam os direitos das mulheres vítimas de violência (não apenas leis, mas também as políticas públicas e os serviços que devem concretizar esses direitos); e 5) mostrar que o combate à violência contra as mulheres é um compromisso assumido pelo Estado brasileiro ao assinar tratados e convenções internacionais.

O manual elaborado pela Think Olga enxerga os veículos de comunicação como um dos responsáveis pela construção cultural do país, e o jornalismo, sobretudo, como uma atividade capaz de legitimar discursos. Por isso, o manual traz dicas de como fazer um jornalismo livre de preconceitos em relação ao sexismo, racismo, homofobia e transfobia. No tópico em que é

¹⁴² http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf

¹⁴³ <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>

¹⁴⁴ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/>

¹⁴⁵ <https://thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>

abordado a violência contra a mulher, as principais orientações são: 1) quando for cabível, divulgar, na matéria, informações de apoio à vítimas e parentes de vítimas de crimes correlatos (como, por exemplo, o Disque 180 da Lei Maria da Penha); e 2) trazer mais informações sobre violência contra a mulher, baseado em dados e entrevistas com especialistas no assunto.

O manual “Gênero, raça, etnia”, elaborado pela ONU Mulheres, traz uma visão muito parecido com o livro das argentinas Santoro e Chaer (2007), pois utiliza-se do termo “perspectiva de gênero” para defender um jornalismo com potencial para identificar e buscar soluções para as profundas desigualdades de gênero do país. No manual, uma pergunta-chave é apontada como fundamental para que os profissionais de imprensa possam incorporar essa visão de igualdade em suas rotinas produtivas: “como incluir na prática jornalística uma representação de gênero justa, equilibrada, plural e equitativa, com destaque para as variáveis de raça e etnia?”.

Neste tópico foram trazidas algumas tendências teóricas que reúnem as discussões de gênero e o potencial do jornalismo para contribuir com a construção de uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres. A partir de todas as características das coberturas jornalísticas dos portais abordadas nas três partes da análise dessa dissertação e das discussões teóricas apresentadas transversalmente, no próximo tópico serão trazidas as considerações finais do trabalho, as principais inferências da autora dentre todas as informações trazidas até aqui.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a analisar como o tema violência contra a mulher é representado nos portais de notícias aRede, de Ponta Grossa, e RSN, de Guarapuava. E, a partir da identificação destas características, aferir os motivos pelos quais a cobertura é realizada de tal maneira.

Ao levantar os índices de número de ocorrências de violência contra a mulher, a partir das entrevistas com as delegadas das respectivas cidades, houve a confirmação da importância desta pesquisa, pois a recorrência das violências aponta para a gravidade social desta questão. Com uma média de registros de cinco casos diários em Ponta Grossa, e três casos em Guarapuava, as autoridades destacaram que as campanhas de informação sobre o tema têm contribuído para que as mulheres denunciem as agressões na fase da ameaça, antes da violência concretizar-se em lesão corporal. Por isso, a tendência é que o número de registros aumente, não necessariamente porque a violência contra a mulher aumentou, mas, porque casos que ocorriam de maneira velada, passaram a ser registrados.

Ao mesmo tempo em que o assunto violência contra a mulher passou a ficar mais em evidência nos noticiários, nas produções audiovisuais, na internet, nas conversas cotidianas, no poder público, enfim, nos diversos contatos diretos e indiretos dos sujeitos com a realidade, de acordo com Chaher (2007), os meios precisam atender essa agenda pública que tem demandado a abordagem sobre questões relacionadas à gênero e às mulheres, mas o fazem sem conhecer as dimensões do tema.

No caso do tratamento da violência contra a mulher dado pelos portais analisados, à luz do conceito de *newsmaking*, a autora observou sobretudo a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos de produção dos mesmos, os quais influenciam na construção da notícia, tendo em vista os diversos constrangimentos organizacionais de trabalho com os quais os jornalistas convivem diariamente. Nesse aspecto, o tempo, o espaço e a escolha das fontes revelaram-se como as questões centrais das coberturas analisadas.

Em relação ao tempo, os jornalistas destacaram a cobrança do leitor pela instantaneidade da notícia e a pressão da concorrência na web, que é marcada pela lógica da atualização constante de páginas. Constatou-se que, diariamente, cada repórter produz em média dez matérias para os respectivos sites. Isso justifica o formato dos conteúdos que, no portal aRede, são publicados, em sua maioria, num formato entre dois e quatro parágrafos (76,8% da cobertura). Já no portal RSN, a maioria dos conteúdos tem o formato entre quatro (17,7%) e três parágrafos (16,6%).

Quanto à consulta das fontes, as redações utilizam determinados “canais de rotina”, conforme assinalados por Traquina (2005), para conseguir impor ordem no espaço e no tempo para capturar eventos considerados noticiáveis. Nesta lógica, a fonte oficial - Polícia Militar – aparece como principal nas notícias sobre violência contra a mulher, sendo que no portal aRede, 45% das notícias foram embasadas pelo boletim de ocorrência da PM, e na RSN, 22,4%. Além disso, outro mapeamento espacial e temporal de destaque, apontado pelo portal pontagrossense, é a utilização de grupos de whatsapp com integrantes por bairros da cidade, onde são repassadas informações diversas para a redação.

Em relação ao canal de rotina das redações com a Polícia Militar, ambos os portais abordaram a questão da “censura” dos boletins de ocorrência, ou seja, nem todos os casos que acontecem no dia são repassados para a imprensa. A polícia seleciona os boletins que considera importantes e disponibiliza para as redações, através de um critério de seleção desconhecido para os jornalistas.

Portanto, ao mesmo tempo em que os jornalistas avaliam o canal de comunicação estabelecido com a PM como uma fonte que possui fiabilidade e autoridade, esta característica demonstra que a informação sobre violência contra a mulher (e também outras ocorrências) passam por um enquadramento policial, antes de passar por um enquadramento jornalístico. Por sua vez, seja pela acessibilidade usual das fontes oficiais, seja pela falta dela, há uma dependência do jornalismo em relação a este canal de rotina.

Com o óculos teórico do enquadramento e da noticiabilidade, a autora observou que a gravidade é o valor central levado em consideração por ambos os portais. O critério para que um boletim de ocorrência seja tratado como notícia nos portais gira em torno do nível macro “tragédia/drama” e micro “risco de morte e morte”, “violência/crime” e/ou “catástrofe”. As redações relatam que essa seleção é baseada no próprio gosto do leitor, que acessa muito este tipo de conteúdo, além disso, o critério “choque”, “pitoresco” e “grotesco” foram citados pelas redações. Em menor grau, os repórteres relataram que o tema também se encaixa em uma avaliação de “interesse humano”.

Para demonstrar a morte como um valor-notícia importante, para ambos os portais, a autora retoma a diferença de produção entre o mês em que ocorreram os feminicídios da Tatiane e da Nathalia e os outros meses de cobertura rotineira. O portal aRede publica cerca de 9 matérias por mês e, em abril, mês do feminicídio da Nathalia, foram publicadas 41 (aumento de 78,1%). Já o mortal RSN tem uma produção média de 6 publicações, no mês da morte de Tatiane (22 de julho) foram produzidas 26 matérias, e 40 no mês seguinte (representando um aumento de 77% em julho e 85% em agosto).

Após a noticiabilidade, foi verificado que o enquadramento episódico das notícias - em detrimento do enquadramento temático - sobre violência contra a mulher é representativo nos portais. Em Ponta Grossa, a cobertura episódica totaliza 60,9% da cobertura, e em Guarapuava representa 36,6%. A particularidade da cobertura percebida no enquadramento temático é a separação do caso de feminicídio da Tatiane em enquadramento temático específico e enquadramento temático derivado, onde percebeu-se a produção de 15 notícias do portal RSN num nível de contextualização ou desdobramentos ligados ao caso de feminicídio da advogada.

Tendo como horizonte estas características, na última parte da análise, a autora trouxe uma reflexão sobre jornalismo com perspectiva de gênero, com o intuito de situar o papel do jornalismo no continuum entre as discussões de gênero e o tema violência contra a mulher.

Quando o homem é apontado como principal (e quase único) agressor de mulher – das 177 notícias analisadas, a mulher é agressora três vezes – e, percebe-se a sua relação de proximidade com estas vítimas, irrompe disso um problema social que transborda a alçada da polícia. A questão de combate central aqui, parece ser muito mais de prevenção do que de repressão. E é onde a autora situa o jornalismo neste contexto.

Dentro de um contexto cultural, onde as relações de gênero - baseadas em desigualdades - foram estabelecidas socialmente desde que o mundo é mundo, a violência revela-se como uma demonstração de poder. Poder este, que engrossa o caldo da cultura onde está localizado o machismo e a determinação da mulher como o outro, como o segundo sexo (BEAUVOIR, 1970). Questões inerentes à cultura, construídas socialmente por tantos anos, dificilmente serão resolvidas na base da mão única da repressão.

Na construção do real, onde o jornalismo encontra-se como atividade legitimada socialmente para tornar públicos temas e acontecimentos diversos, a abordagem de violência contra a mulher cumpriria uma função social muito mais no sentido de enquadramento temático do que episódico. O que parece rodear as redações, marcadamente limitadas pelo fator tempo e dependência das fontes oficiais, é a questão “chocar ou informar?”. E a escolha tem sido pela primeira alternativa. O contexto, os dados, a demonstração de que aquele caso de violência não é algo isolado, na maioria da cobertura, não aparece.

Nessa perspectiva, a capacitação em gênero é demonstrada por Santoro e Chaher (2007) como uma alternativa para que os assuntos sejam tratados nos jornais com a percepção de que um mesmo tema pode afetar homens e mulheres de maneiras diferentes e, por isso, devem ser tratados sob a ótica de gênero. Para essa abordagem se concretizar, os canais de rotina tradicionais do jornalismo precisariam ser repensados, desde os critérios de noticiabilidade, escolha de fontes, enquadramentos, produção textual, entre outros.

As informações sobre a dimensão do problema violência contra a mulher em níveis locais, regionais, estaduais e nacionais; a indicação dos serviços de atendimento à mulher em situação de violência; a contextualização do tema através de dados; e o levantamento e cobrança de políticas públicas para mulheres parecem ser o caminho de abordagem ideal para o tratamento deste tema. E assim, o jornalismo aparece desempenhando um papel de atividade fortalecedora dos mecanismos de prevenção da violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-217.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 35-68.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Edição 3, v. 2, jan-jul, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 149-168.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 07-16.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CALDEIRA, Bárbara. **Entre assassinatos em série e uma série de assassinatos: o tecer da intriga nas construções narrativas de mulheres mortas e seus agressores nas páginas de dois impressos mineiros**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- CAMPOS, Danieli Aparecida. **Pra que rimar amor e dor? Análise das representações da violência de gênero na revista Marie Claire (2002-2011)**. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista, São Paulo, 2013.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**. v. 7, n. 2, dez. 2009.
- CHAHER, Sandra. Medios masivos/ medios alternativos y redes de periodistas. In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia (orgs.). **Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007, p. 111-124.
- DOSSIÊ violência contra as mulheres. **Agência Patrícia Galvão**, 2015. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/imprensa/>>. Acesso em: 21 set. 2017.
- ENFRENTANDO a violência contra a mulher: orientações para profissionais e voluntários. **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**, 2005. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/menu/entenda-a-violencia/files/pdfs/enfrentando-a-violencia-contr-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FENAJ; ONU MULHERES. **Guia para Jornalista sobre Gênero, Raça e Etnia**. 2011. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FERNANDES, Isis Cleide da Cunha. **Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FLACSO BRASIL **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 21 set. 2017.

FRANÇA, Vera; CORRÊA, Laura Guimarães. Dilma Rousseff – Transição de imagens no processo de construção de uma mulher presidenciável. In: FAUSTO NETO, Antonio; MOUCHON, Jean; VERÓN, Eliseo. **Transformações da midiaticização presidencial: corpos, relatos, negociações, resistências**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012, p. 317-334.

GOFMANN, Erving (1974). **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 23-44.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. 2014. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso em 17 nov. 2017.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

IBGE. **Panorama Ponta Grossa**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

IBGE. **Panorama Guarapuava**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guarapuava/panorama>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

KOWALSKI, Rodolfo Luis. A cada 24 minutos, uma mulher é vítima de violência no Paraná. 02 mar. 2017. **Bem Paraná**. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/a-cada-24-minutos-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-no-parana#.XiW6af5KiUl>>. Acesso em 20 jan. 2020.

LIMA, Fernanda Ribeiro de. **Apanhando duas vezes: aspectos relacionados à cidadania das mulheres vítimas de violência nos telejornais locais**. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2004, Bauru.

MANZINI, Eduardo José; TOLOI, Gabriela Gallucci. **Etapas da estruturação de um roteiro de entrevista e considerações encontradas durante a coleta de dados**. In: VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2013, Marília.

MONTEIRO, Lieli Karine Vieira Loures Malard. **Estupro na imprensa: o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal Folha de S.Paulo (2009-2015), na perspectiva de estudos de jornalismo, da legislação e das práticas do Poder Judiciário**. 2016. 250f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Usos e Limites da Categoria Gênero. In: **Cadernos Pagu**. N. 11, 1998, p.99-105.

MOURA, Clarissa Viana Matos de. **Um emissor e dois enunciadores: a violência contra a mulher nas páginas de Massa! e A Tarde**. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

OLIVEIRA, Bárbara Nascimento de. **Além dos boletins de ocorrência: análise das narrativas midiáticas sobre a violência contra a mulher nos impressos Super Popular e Jornal da Cidade**. 2016. 110f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência de Gênero no Brasil Atual**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, no especial, 2o semestre de 1994, p.443-461.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência de Gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade**. Lutas Sociais, no 2, PUC/SP, 1997, p.59-79.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. In: São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação Seade, v.13, no 4, out-dez/1999, p. 82-91.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Labrys, Estudos Feministas. Revista Eletrônica, n. 1-2, jul./dez. 2002.

SANTORO, Sonia. La práctica del periodismo de género. In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia (orgs.). **Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007, p. 137-152.

SANTOS, João Batista Nascimento dos. **O negro representado na revista Raça Brasil: a estratégia de identidade da mídia étnica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p.21-37.

SANTOS, Leandro José. A construção do feminino negro no jornalismo de revista brasileiro. **Caderno Espaço Feminino**, vol. 11, n. 1, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Revista Estudos feministas**. Florianópolis, vol.13, no 1, janeiro/abril. 2005, p.11-30.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim P (2009). **Teoria do Gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso. 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. 2, no1, Dezembro 2005.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

THINK OLGA. **Minimanual de jornalismo humanizado**: violência contra a mulher. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/thinkolga/docs/minimanual_1_efe8621a394e2c/26>. Acesso em 21 set. 2017.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALA, Jorge. Análise de conteúdo. In. SILVA, Augusto Santos Silva; PINTO, José Madureira. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2001, p. 101-128.

WOITOWICZ, Karina Janz. **A violência contra a mulher na pauta da imprensa feminista - Traços de uma trajetória de lutas e conquistas do Movimento de Mulheres no Brasil, entre os anos 1970/80**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

Links da coleta

A Rede. **Rapaz usa drogas, agride familiares e acaba preso**. Disponível em: <<http://d.aredes.info/ponta-grossa/204153/rapaz-usa-drogas-agride-familiares-e-acaba-preso>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso após tentar matar companheira em PG**. Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/206035/homem-e-preso-apos-tentar-matar-companheira-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Pai tenta enforcar a filha com fio de luz e acaba preso**. Disponível em: <<http://d.aredes.info/ponta-grossa/206077/pai-tenta-enforcar-a-filha-com-fio-de-luz-e-acaba-preso>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem ameaça a esposa com faca e é contido pelo filho.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/206372/homem-ameaca-a-esposa-com-faca-e-e-contido-pelo-filho>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM encontra drogas na casa de suspeito de agredir esposa.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/206753/pm-encontra-drogas-na-casa-de-suspeito-de-agredir-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Pecuarista acusado de matar professora é julgado em PG.** Disponível em <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/206747/pecuarista-acusado-de-matar-professora-e-julgado-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Janene é condenado a 11 anos de prisão por morte de Estela.** <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/206935/janene-e-condenado-a-11-anos-de-prisao-por-morte-de-estela>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem tenta asfixiar esposa em briga por ciúmes.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/207286/homem-tenta-asfixiar-esposa-em-briga-por-ciumes>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é detido após suposto assédio sexual no transporte coletivo.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/207311/homem-e-detido-apos-suposto-assedio-sexual-no-transporte-coletivo>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PRF prende homem procurado por dever pensão alimentícia.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/207823/prf-prende-homem-procurado-por-dever-pensao-alimenticia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz usa machado para ameaçar a mãe e é preso pela GM.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/207908/rapaz-usa-machado-para-ameacar-a-mae-e-e-preso-pela-gm>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Assessora do Operário é vítima de truculência de torcedores.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/esporte/207927/assessora-do-operario-e-vitima-da-truculencia-de-torcedores>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Assessora de Operário pede fim de assédio e respeito às mulheres.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/esporte/207962/assessora-do-operario-pede-fim-do-assedio-e-respeito-as-mulheres>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Após assédio verbal assessora do Operário presta queixa.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/esporte/208119/apos-assedio-verbal-assessora-do-operario-presta-queixa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **FPF repudia agressões verbais contra assessora do Operário.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/esporte/208174/fpf-repudia-agressoes-verbais-contra-assessora-do-operario>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem tenta asfixiar esposa após usar drogas.** Disponível em: <<http://m.aredes.info/ponta-grossa/208283/homem-tenta-asfixiar-a-esposa-apos-usar-drogas>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM prende suspeito de estupro e de atentado ao pudor.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208499/pm-prende-suspeito-de-estupro-e-de-atentado-ao-pudor>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso um dia após ser liberado.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208526/homem-e-preso-um-dia-apos-ser-liberado>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Estudante é morta a facadas dentro de condomínio em PG.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208678/estudante-e-morta-a-facadas-dentro-de-condominio-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Família reconhece estudante vítima de homicídio.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208686/familia-reconhece-estudante-vitima-de-homicidio>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Acusado de feminicídio continua internado no HR.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208702/acusado-de-feminicidio-continua-internado-no-hr>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Após feminicídio, estudantes da UEPG organizam vigília.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208705/apos-feminicidio-estudantes-da-uepg-organizam-vigilia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Alunos fazem vigília em homenagem a Nathalia.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/208770/alunos-fazem-vigilia-em-homenagem-a-nathalia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia pede prisão de estudante por feminicídio.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208733/policia-pede-prisao-de-estudante-por-feminicidio>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Amigos fazem vídeo em homenagem a Nathalia Deen.** Disponível em: <<http://m.aredede.info/ponta-grossa/208904/amigos-fazem-video-em-homenagem-a-nathalia-deen>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Justiça decreta prisão de estudante por feminicídio.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/208896/justica-decreta-prisao-de-estudante-por-feminicidio>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Filho acerta golpes de facão em pai para defender mãe.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/208924/filho-acerta-golpes-de-facao-no-pai-para-defender-a-mae>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Marido é preso após ameaçar esposa de morte por duas vezes.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/208922/marido-e-preso-apos-ameacar-esposa-de-morte-por-duas-vezes>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Estudante ferido ao defender irmã sai do hospital.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/209001/estudante-ferido-ao-defender-irma-sai-do-hospital>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Suspeito de feminicídio constitui advogado.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209015/suspeito-de-feminicidio-constitui-advogado>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Suspeito de feminicídio deve ser ouvido nesta quarta.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209016/suspeito-de-feminicidio-deve-ser-ouvido-nesta-quarta>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Justiça pode interrogar Mateus dentro de hospital.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209221/justica-pode-interrogar-mateus-dentro-de-hospital>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **UEPG abre processo contra suspeito de feminicídio.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209204/uepg-abre-processo-contra-suspeito-de-feminicidio>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Suspeito de matar a ex recebe alta e vai para a delegacia.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209322/suspeito-de-matar-a-ex-recebe-alta-e-vai-para-a-delegacia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Suspeito de matar a ex é levado ao Fórum de PG.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209338/suspeito-de-matar-a-ex-e-levado-ao-forum-de-pg>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Acusado de feminicídio terá área restrita no Cadeião.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209346/acusado-de-feminicidio-tera-area-restrita-no-cadeiao>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mensagens no whats mostram ameaça a Nathalia.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209353/mensagens-no-whats-mostrar-ameaca-a-nathalia>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Nathalia recebeu 36 ligações de Mateus na noite do crime.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209499/nathalia-recebeu-36-ligacoes-de-mateus-na-noite-do-crime>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz ameaça ex-esposa, ataca policiais e é preso.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209683/rapaz-ameaca-ex-esposa-ataca-policiais-e-e-preso>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Vídeo mostra fuga de rapaz após feminicídio.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209718/video-mostra-fuga-de-rapaz-apos-feminicidio>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Alunos da UEPG discutem violência contra a mulher.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209727/alunos-da-uepg-discutem-violencia-contra-mulher>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mateus pede liberdade e quer voltar a UEPG.** Disponível em:
<<http://d.areda.info/ponta-grossa/209741/mateus-pede-liberdade-e-quer-voltar-a-uepg>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem surta e quebra todos os aparelhos eletrônicos da casa.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/209884/homem-surta-e-quebra-todos-os-aparelhos-eletronicos-da-casa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz é preso após atear fogo na casa da família.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/210475/rapaz-e-preso-apos-atear-fogo-na-casa-da-familia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mulher é estuprada em ponto de ônibus no contorno.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/210701/mulher-e-estuprada-em-ponto-de-onibus-no-contorno>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Marido abandona esposa em terreno baldio após agressão.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/210854/marido-abandona-esposa-em-terreno-baldio-apos-agressao>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem ameaça esposa e é preso com faca e munições.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/210903/homem-ameaca-esposa-e-e-preso-com-faca-e-municoes>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Professor da UEPG grava vídeo agredindo mulher.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/211242/professor-da-uepg-grava-video-agredindo-mulher>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **MP denuncia estudante por morte de Nathalia.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/211274/mp-denuncia-estudante-por-morte-de-nathalia>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Vereadores pedem afastamento de professor da UEPG.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/211299/vereadores-pedem-afastamento-de-professor-da-uepg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia investiga vídeo em que professor agride mulher.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/211321/policia-investiga-video-em-que-professor-agride-mulher>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso após agredir e ameaçar ex-esposa.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/212857/homem-e-preso-apos-agredir-e-ameacar-ex-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz invade casa da avó para furtar dinheiro.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/213045/rapaz-invade-casa-da-avo-para-furtar-dinheiro>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Foragido da justiça é preso ao agredir e ameaçar esposa.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/213409/foragido-da-justica-e-preso-ao-agredir-e-ameacar-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem tenta agarrar jovem e é detido em PG.** Disponível em: <<http://d.aredede.info/ponta-grossa/213618/homem-tenta-agarrar-jovem-e-e-detido-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Ex-namorado ciumento rouba e incendeia carro.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/213644/ex-namorado-ciumento-rouba-e-incendeia-carro>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz descumpre medida protetiva e foge com criança.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/213652/rapaz-descumpre-medida-protetiva-e-foge-com-crianca>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM prende idoso suspeito de ameaçar esposa.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/213954/pm-prende-idoso-suspeito-de-ameacar-esposa>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM prende homem que jogou esposa da escada.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/214137/pm-prende-homem-que-jogou-esposa-da-escada>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Marido ameaça e obriga ex-esposa a voltar para casa.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/215246/marido-ameaca-e-obriga-ex-esposa-a-voltar-para-casa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia prende homem que matou a sogra a pauladas.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/215567/policia-prende-homem-que-matou-a-sogra-a-pauladas>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem ameaça mulher com caco de vidro e acaba preso.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/216257/homem-ameaca-mulher-com-caco-de-vidro-e-acaba-preso>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Idosa e deficiente visual mulher sofrem com filho viciado.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/216444/idosa-e-deficiente-visual-mulher-sofre-com-filho-viciado>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Marido ameaça esposa e coloca família para fora de casa.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/217205/marido-ameaca-esposa-e-coloca-familia-para-fora-de-casa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM prende suspeito de assédio na Vila Romana.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/217984/pm-prende-suspeito-de-assedio-na-vila-romana>>.
Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Casa é destruída por incêndio na região de Boa Vista.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/218114/casa-e-destruida-por-incendio-na-regiao-do-boavista>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso ao agredir esposa e bebê de um ano.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/218167/homem-e-preso-ao-agredir-esposa-e-bebe-de-um-ano>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia prende rapaz por espancar esposa.** Disponível em:
<<http://d.arede.info/ponta-grossa/218361/policia-prende-rapaz-por-espancar-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Transtornado, homem esfaqueia vizinho da ex-esposa.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/219163/transtornado-homem-esfaqueia-vizinho-da-ex-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Marido ameaça ex-esposa com foice e acaba preso.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/219529/marido-ameaca-ex-esposa-com-foice-e-acaba-preso>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem agride a avó e comete atos obscenos para vizinhos.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/220290/homem-agride-a-avo-e-comete-atos-obscenos-para-vizinhos>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mulher é ferida com golpes de facão em briga de vizinhos.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/222070/mulher-e-ferida-com-golpes-de-facao-em-briga-de-vizinhos>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mulher leva golpe de facão durante briga.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/222118/mulher-leva-golpe-de-facao-durante-briga>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia prende suspeito de ameaçar esposa de morte.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/223679/policia-prende-suspeito-de-ameacar-esposa-de-morte>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso após ameaçar namorada com revólver.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/223856/homem-e-preso-apos-ameacar-namorada-com-revolver>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Trio agride idosa e rouba carro em Uvaranas.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/223853/trio-agride-idosa-e-rouba-carro-em-uvaranas>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **PM prende homem suspeito de furtar carro da ex-esposa.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/224636/pm-prende-homem-suspeito-de-furtar-carro-da-ex-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem ameaça e expulsa esposa de casa em PG.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/224891/homem-ameaca-e-expulsa-esposa-de-casa-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz leva surra do atual namorado da ex-mulher em PG.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/225277/rapaz-leva-surra-do-atual-namorado-da-ex-mulher-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem é preso após agredir a própria mãe em PG.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/225445/homem-e-preso-por-agredir-a-propria-mae-em-pg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Júri condena réu a 15 anos de prisão por morte de mulher.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/225632/juri-condena-reu-a-15-anos-de-prisao-por-morte-de-mulher>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz tenta sufocar ex-namorada e acaba preso pela quarta vez.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/225832/rapaz-tenta-sufocar-ex-namorada-e-acaba-preso-pela-quarta-vez>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Polícia prende homem após agressões contra ex-esposa.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/227134/policia-prende-homem-apos-agressoes-contr-ex-esposa>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Estudante é expulso da UEPG por feminicídio.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/227266/estudante-e-expulso-da-uepg-por-feminicidio>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Rapaz que matou ex-namorada é expulso da UEPG.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/227274/rapaz-que-matou-ex-namorada-e-expulso-da-uepg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Homem agride a esposa e foge com quatro filhos.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/228243/homem-agride-a-esposa-e-foge-com-quatro-filhos>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

A Rede. **Mulher recusa produtos e leva três facadas.** Disponível em: <<http://d.arede.info/ponta-grossa/228437/mulher-recusa-produtos-e-leva-tres-facadas>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Por motivos familiares, mulher atira na sogra em Guarapuava.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/152857/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **PM registra dois casos de agressão contra mulheres.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-dois-casos-de-agressao-contr-mulheres/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Adolescente agride ex-esposa e ex-sogra em Guarapuava.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/adolescente-agride-ex-esposa-e-ex-sogra-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Jovem de 13 anos é flagrado agredindo a mãe em Guarapuava.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/jovem-de-13-anos-e-flagrado-agredindo-a-mae-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Jovem com problemas mentais é estuprada por adolescente.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/jovem-com-problemas-mentais-e-estuprada-por-adolescente/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Homem ameaça ex-mulher de morte na frente de policiais em Guarapuava.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-ameaca-ex-mulher-de-morte-na-frente-de-policiais-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. **Mulher é agredida pelo marido após tentar sair de seu carro.** Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mulher-e-agredida-pelo-marido-apos-tentar-sair-de-seu-carro/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Mãe é agredida pelo namorado da filha em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mae-e-agredida-pelo-namorado-da-filha-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. MPT protocola ação contra os supermercados Dal Pozzo por discriminação a mulheres. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mpt-protocola-acao-contr-os-supermercados-dal-pozzo-por-discriminacao-a-mulheres/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Dal Pozzo não se manifesta sobre denúncia do MPT. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/dal-pozzo-nao-se-manifesta-sobre-denuncia-do-mpt/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem agride companheira no bairro Bonsucesso em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-agride-companheira-no-bairro-bonsucesso-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Duas mulheres foram agredidas e ameaçadas de morte pelos companheiros. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/duas-mulheres-foram-agredidas-e-ameacadas-de-morte-pelos-companheiros/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM registra três ameaças de morte contra mulheres em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-tres-ameacas-de-morte-contr-mulheres-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM registra três casos de violência contra a mulher no final de semana em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-tres-casos-de-violencia-contr-a-mulher-no-final-de-semana-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-mais-um-caso-de-violencia-contr-a-mulher-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem é preso após agredir mulher e filha em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-e-preso-apos-agredir-mulher-e-filha-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem agride mulher em via pública em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-agride-mulher-em-via-publica-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Marido agride esposa e a sogra em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/marido-agride-esposa-e-a-sogra-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Mulher é agredida em bar no Bairro Primavera em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mulher-e-agredida-em-bar-no-bairro-primavera-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem é preso após tentar asfixiar a companheira em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-e-preso-apos-tentar-asfixiar-a-companheira-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homens são detidos após ameaçarem mulher em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homens-sao-detidos-apos-ameacarem-mulher-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Violência contra idosos em Guarapuava: maioria das vítimas são mulheres. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/violencia-contraidosos-em-guarapuava-maioria-das-vitimas-sao-mulheres/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM atende dois casos de ameaça de morte contra mulheres em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-atende-dois-casos-de-ameaca-de-morte-contra-mulheres-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Polícia Militar atende mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/policia-militar-atende-mais-um-caso-de-violencia-contra-a-mulher-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem é preso após agredir e ameaçar de morte a ex-esposa em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-e-preso-apos-agredir-e-ameacar-de-morte-a-ex-esposa-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Pai e filho são presos no bairro Morro Alto em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pai-e-filho-sao-presos-no-bairro-morro-alto-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Polícia registra casos de agressão a duas mulheres em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/policia-registra-casos-de-agressao-a-duas-mulheres-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem invade churrasco para agredir a ex-esposa em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-invade-churrasco-para-agredir-a-ex-esposa-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Advogada de 29 anos morre após queda em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/advogada-de-29-anos-morre-apos-queda-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Marido de advogada morta é detido em São Miguel do Iguaçu. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/marido-de-advogada-morta-e-detido-em-sao-miguel-do-iguacu/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em depoimento, Luis Felipe diz que advogada se jogou do prédio; ele foi preso. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-depoimento-luis-felipe-diz-que-advogada-se-jogou-do-predio-ele-foi-preso/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Professor suspeito de matar a esposa em Guarapuava será transferido para Pinhais. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/professor-suspeito-de-matar-a-esposa-em-guarapuava-sera-transferido-para-pinhais/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Caso Tatiane: delegado defende hipótese de feminicídio. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/caso-tatiane-delegado-defende-hipotese-de-feminicidio/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Justiça determina transferência de Manvailer para Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/justica-determina-transferencia-de-manvailer-para-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Delegacia da Mulher em Guarapuava está sem titular há mais de um mês. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/delegacia-da-mulher-em-guarapuava-esta-sem-titular-ha-mais-de-um-mes/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Suspeito pela morte da esposa, Luis Felipe Manvailer será transferido nesta quinta (26). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/suspeito-pela-morte-da-esposa-luis-felipe-manvailer-sera-transferido-nesta-quinta-26/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Luis Felipe Manvailer está preso na PIG em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/luis-felipe-manvailer-esta-preso-na-pig-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Escritório Professor Dotti será a acusação no Caso Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/escritorio-professor-rene-dotti-sera-a-acusacao-no-caso-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Polícia Civil solicita exames para apurar possível morte de advogada por asfixia. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/policia-civil-solicita-exames-para-apurar-possivel-morte-da-advogada-por-asfixia/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em depoimento, pai de Tatiane diz que ela não tinha comportamento suicida. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-depoimento-pai-de-tatiane-diz-que-ela-nao-tinha-comportamento-suicida/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. OAB Guarapuava acompanha inquérito sobre morte de Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/oab-guarapuava-acompanha-inquerito-sobre-morte-de-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Caso Tatiane: apesar de simulações, laudo do IML que deve indicar causas da morte. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/caso-tatiane-apesar-de-simulacoes-laudo-do-impl-que-deve-indicar-causas-da-morte/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Morte de advogada terá reconstituição nesta sexta-feira (27). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/morte-de-advogada-tera-reconstituicao-nesta-sexta-feira-27/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Missas de sétimo dia de Tatiane e Bernardo ocorrem neste sábado (28). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/missas-de-setimo-dia-de-tatiane-e-bernardo-ocorrem-neste-sabado-28/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Movimentos feministas organizam ato de luta em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/movimentos-feministas-organizam-ato-de-luta-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Caso Tatiane: irmão de Manvailer pode prestar depoimento nesta segunda (30). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/caso-tatiane-irmao-de-manvailer-pode-prestar-depoimento-nesta-segunda-30/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Polícia Civil ainda não possui todos os laudos do Caso Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/policia-civil-ainda-nao-possui-todos-os-laudos-do-caso-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Caso Tatiane: delegado encerrará inquérito mesmo sem todos os laudos solicitados. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/caso-tatiane-delegado-encerrara-inquerito-mesmo-sem-todos-os-laudos-solicitados/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Mulher é agredida com golpe de facão no Morro Alto em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mulher-e-agredida-com-golpe-de-facao-no-morro-alto-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Luis Felipe Manvailer é indiciado por feminicídio e outros crimes. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/luis-felipe-manvailer-e-indiciado-por-feminicidio-e-outros-crimes/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em nota, família de Tatiane repudia pedidos feitos pela defesa de Manvailer. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-nota-familia-de-tatiane-repudia-pedidos-feitos-pela-defesa-de-manvailer/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Defesa de Manvailer pede impugnação de prints com conversas de Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/defesa-de-manvailer-pede-impugnacao-de-prints-com-conversas-de-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Mãe é agredida pelo filho no Boqueirão em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mae-e-agredida-pelo-filho-no-boqueirao-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. MP apresentará denúncia de feminicídio contra Manvailer. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mp-apresentara-denuncia-de-feminicidio-contra-manvailer/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em coletiva, promotor afirma que Tatiane Spitzner lutou pela vida. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-coletiva-promotor-afirma-que-tatiane-spitzner-lutou-pela-vida/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Todos por Tatiane Spitzner: movimento toma conta das redes sociais. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/todos-por-tatiane-spitzner-movimento-toma-conta-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Prazo para decisão do MP-PR sobre o caso Tatiane termina hoje (6). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/prazo-para-decisao-do-mp-pr-sobre-o-caso-tatiane-termina-hoje-6/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Empossada a nova delegada da mulher de Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/empossada-a-nova-delegada-da-mulher-de-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. MP-PR denuncia Luis Felipe Manvailer por homicídio, cárcere privado e fraude processual. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mp-pr-denuncia-luis-felipe-manvailer-por-homicidio-carcere-privado-fraude-processual/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em 2017, mais de 450 mulheres foram amparadas pela Lei Maria da Penha. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-2017-mais-de-450-mulheres-foram-amparadas-pela-lei-maria-da-penha/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Morte de Tatiane traz a tona debate sobre violência contra mulher em escola de Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/morte-de-tatiane-traz-a-ona-debate-sobre-violencia-contra-mulher-em-escola-de-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. MP solicita avaliação psiquiátrica e psicológica de Manvailer em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mp-solicita-avaliacao-psiquiatrica-e-psicologica-de-manvailer-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Justiça recebe denuncia e Manvailer passa a ser réu pelo feminicídio de Tatiane Spitzner. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/justica-recebe-denuncia-e-manvailer-passa-a-ser-reu-pelo-feminicidio-de-tatiane-spitzner/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Defesa pede que Manvailer seja transferido para Pinhais; professor teria tentado suicídio. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/defesa-pede-que-manvailer-seja-transferido-para-pinhais-professor-teria-tentado-suicidio/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. The New York Times repercute morte de Tatiane Spitzner. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/the-new-york-times-repercute-morte-de-tatiane-spitzner/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Audiência pública tratará do caso Dal Pozzo nesta segunda-feira (13). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/audiencia-publica-tratara-do-caso-dal-pozzo-nesta-segunda-feira-13/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Pelo fim da violência contra as mulheres: ato ocorre neste sábado (11) em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres-ato-ocorre-neste-sabado-11-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Tatiane Spitzner é homenageada em ato da advocacia em Curitiba. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/tatiane-spitzner-e-homenageada-em-ato-da-advocacia-em-curitiba/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em atendimento psiquiátrico, Manvailer diz achar que Tatiane pulou. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-atendimento-psiquiatrico-manvailer-diz-achar-que-tatiane-pulou/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Guarapuava registra três casos de violência contra a mulher nesse domingo (12). Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/guarapuava-registra-tres-casos-de-violencia-contra-a-mulher-nesse-domingo-12/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Irmãs são agredidas por três pessoas no Conradinho em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/irmas-sao-agredidas-por-tres-pessoas-no-conradinho-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Justiça ainda não decidiu se transferirá Manvailer para Pinhais. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/justica-ainda-nao-decidiu-transferira-manvailer-para-pinhais/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM registra agressão a duas mulheres em Guarapuava; uma delas foi asfixiada. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-agressao-a-duas-mulheres-em-guarapuava-uma-delas-foi-asfixiada/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. César Filho se compromete a instituir combate à violência nas escolas. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/cesar-filho-se-compromete-a-instituir-combate-a-violencia-nas-escolas/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Petição busca criar lei de ensino preventivo de violência contra a mulher em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/peticao-busca-criar-lei-de-ensino-preventivo-de-violencia-contra-a-mulher-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/pm-registra-mais-um-caso-de-violencia-contra-a-mulher-em-guarapuava-2/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Justiça determina: Manvailer permanecerá na PIG. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/justica-determina-manvailer-permaneca-na-pig/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Defesa de Manvailer pede suspensão do processo que investiga morte de Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/defesa-de-manvailer-pede-suspensao-do-processo-que-investiga-morte-de-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Roberto Kuster lança música em homenagem a Tatiane Spitzner. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/redemais/roberto-kuster-lanca-musica-em-homenagem-a-tatiane-spitzner/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Dia T: ato artístico na Unicentro luta pelo fim da violência contra a mulher. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/dia-t-ato-artistico-na-unicentro-luta-pelo-fim-da-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Um mês após a morte de Tatiane, disputa judicial faz caso patinar na justiça. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/um-mes-apos-a-morte-de-tatiane-disputa-judicial-faz-caso-patinar-na-justica/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. MP se posiciona contrário ao pedido de suspensão do processo sobre morte de Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/mp-se-posiciona-contrario-ao-pedido-de-suspensao-do-processo-sobre-morte-de-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em nota, defesa de Manvailer diz que ele é inocente sobre a morte de Tatiane. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-nota-defesa-de-manvailer-diz-que-ele-e-inocente-sobre-a-morte-de-tatiane/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Em Guarapuava, caminhada pede o fim da violência contra a mulher. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/em-guarapuava-caminhada-pede-o-fim-da-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Projeto Lei Maria da Penha nas escolas chega ao residencial 2000. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/projeto-lei-maria-da-penha-nas-escolas-chega-ao-residencial-2000/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Grávida de oito meses é agredida pelo ex-marido em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/gravida-de-oito-meses-e-agredida-pelo-ex-marido-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Guarapuava é a 2a cidade do Paraná a contar com a patrulha Maria da Penha em parceria com a PM. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/guarapuava-e-a-2a-cidade-do-parana-a-contar-com-a-patrulha-maria-da-penha-em-parceria-com-a-pm/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Homem é preso após ameaçar mãe e irmã em Guarapuava. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/homem-e-preso-apos-ameacar-mae-e-irma-em-guarapuava/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Sobre laudo de Tatiane: MP se manifesta reafirmando o crime de feminicídio. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/sobre-laudo-de-tatiane-mp-se-manifesta-reafirmando-o-crime-de-feminicidio/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RSN. Laudo sobre morte de Tatiane aponta a possibilidade de queda sem impulso. Disponível em: <<https://redesuldenoticias.com.br/noticias/laudo-sobre-morte-de-tatiane-aponta-a-possibilidade-de-queda-sem-impulso/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadros completos da cobertura jornalística do portal aRede

Março de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
04/03	Rapaz usa drogas, agride familiares e acaba preso	Ponta Grossa	Filho, irmão, tio	Da Redação	Física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
17/03	Homem é preso após tentar matar companheira em PG	Ponta Grossa	Companheiro	Fernando Rogala	Tentativa de homicídio	6	Autor do crime	PM; vítima
19/03	Pai tenta enforcar a filha com fio de luz e acaba preso (matéria com dois casos de violência)	Ponta Grossa	Pai; Companheiro	Da Redação	Tentativa de homicídio; Violência física	4	Viatura da PM	PM
20/03	Homem ameaça a esposa com faca e é contido pelo filho	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Física, psicológica e patrimonial	3	Viatura da PM	PM
22/03	PM encontra drogas na casa de suspeito de agredir esposa (matéria com dois casos de violência)	Ponta Grossa	Companheiro; Companheiro e pai	Da Redação	Psicológica; Física	3	Viatura da PM	PM
22/03	Pecuarista acusado de matar professora é julgado em PG	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Homicídio	4	Autor do crime	Família da vítima; Autor do crime
23/03	Janene é condenado a 11 anos de prisão por morte de Estela	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Homicídio	4	Autor do crime	Laudo Justiça; Autor do crime
27/03	Homem tenta asfixiar esposa em briga por ciúmes	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência Física	3	Viatura da PM	PM
27/03	Homem é detido após suposto assédio sexual no transporte coletivo	Ponta Grossa	Desconhecido	Afonso Verner	Violência Sexual	4	Terminal de ônibus	Guarda Municipal; Viação Campos Gerais (VCG)
30/03	PRF prende homem procurado por dever pensão alimentícia	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Afonso Verner	Não pagamento de pensão alimentícia	3	Autor do crime	Polícia Rodoviária Federal (PRF)

Abril de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
(continua)								
02/04	Rapaz usa machado para ameaçar a mãe e é preso pela GM	Ponta Grossa	Filho	Da Redação	Violência física e psicológica	2	Itens apreendidos	Guarda Municipal
02/04	Assessora do Operário é vítima de truculência de torcedores	Esporte	Torcedores do Iraty Sport Clube (Desconhecidos)	Mário Martins	Violência moral e psicológica	6	Assessora do Operário	Defesa da vítima; Vítima
02/04	Assessora de Operário pede fim de assédio e respeito às mulheres	Esporte	Torcedores do Iraty Sport Clube (Desconhecidos)	Da Redação	Violência moral e psicológica	7	Assessora do Operário	Vítima
03/04	Após assédio verbal assessora do Operário presta queixa	Esporte	Torcedores do Iraty Sport Clube (Desconhecidos)	Afonso Verner	Violência moral e psicológica	3	Foto e vídeo da assessora do Operário	Defesa da vítima; Vítima
03/04	FPF repudia agressões verbais contra assessora do Operário	Esporte	Torcedores do Iraty Sport Clube (Desconhecidos)	Da Redação	Violência moral e psicológica	4	Presidente da Federação Paranaense de Futebol	Federação Paranaense de Futebol (FPF)
04/04	Homem tenta asfixiar esposa após usar drogas	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física	3	Viatura da PM	PM
05/04	PM prende suspeito de estupro e de atentado ao pudor	Ponta Grossa	Desconhecido	Gabriel Sartini	Violência sexual	4	Viatura da PM	PM
05/04	Homem é preso um dia após ser liberado	Ponta Grossa	Companheiro	Stiven de Souza	Violência física	4	Fachada da Polícia	PM; Autor do crime
06/04	Estudante é morta a facadas dentro de condomínio em PG	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	5	Viatura da PM	PM; IML
06/04	Família reconhece estudante vítima de homicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	3	Vítima	Família da vítima
06/04	Acusado de feminicídio continua internado no HR	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Mário Martins	Feminicídio	2	Autor do crime	Hospital Santa Casa de Misericórdia; PM
06/04	Após feminicídio, estudantes da UEPG organizam vigília	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Afonso Verner	Feminicídio	3	Carro IML	Diretório Central dos Estudantes (DCE)
06/04	Alunos fazem vigília em homenagem a Nathalia	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	3	Estudantes da UEPG	Diretório Central dos Estudantes (DCE)
06/04	Polícia pede prisão de estudante por feminicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	9	Vítima e autor do crime	Delegada Ana Paula Cunha Carvalho
08/04	Amigos fazem vídeo em homenagem a Nathalia Deen	<u>Ponta Grossa</u>	<u>Ex-companheiro</u>	Da Redação	Feminicídio	3	Vídeo de fotos amigos da Nathalia	Amigos da vítima
08/04	Justiça decreta prisão de estudante por feminicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	6	Autor do crime	PM; Polícia Civil
09/04	Filho acerta golpes de facão em pai para defender mãe	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física	2	Fachada Polícia	PM
09/04	Marido é preso após ameaçar esposa de morte por duas vezes	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica	3	Viatura da PM	PM

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
09/04	Estudante ferido ao defender irmã sai do hospital	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	5	Irmão da vítima	Santa Casa de Misericórdia; Polícia Civil
(continuação)								
09/04	Suspeito de feminicídio constitui advogado	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	5	Vídeo advogado de defesa	Defesa do autor do crime
10/04	Suspeito de feminicídio deve ser ouvido nesta quarta	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	4	Viatura da PM	Polícia Civil
10/04	Justiça pode interrogar Mateus dentro de hospital	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	5	Fachada do Fórum	Juíza Alessandra Pimentel Munhoz do Amaral, do Juizado de Violência Doméstica; Polícia Civil
10/04	UEPG abre processo contra suspeito de feminicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	4	Carro do SAMU	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Polícia Civil
11/04	Suspeito de matar a ex recebe alta e vai para a delegacia	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	2	Vídeo do autor do crime entrando na viatura	Polícia Civil
11/04	Suspeito de matar a ex é levado ao Fórum de PG	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Afonso Verner	Feminicídio	3	Viatura da PM	Polícia Civil
11/04	Acusado de feminicídio terá área restrita no Cadeião	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	3	Autor do crime	Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher
11/04	Mensagens no whats mostram ameaça a Nathalia	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	7	Delegada Ana Paula Cunha Carvalho; Autor do crime	Delegada Ana Paula Cunha Carvalho
12/04	Nathalia recebeu 36 ligações de Mateus na noite do crime	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	6	Autor do crime	Polícia Civil
13/04	Rapaz ameaça ex-esposa, ataca policiais e é preso	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência psicológica	2	Viatura da PM	PM
13/04	Vídeo mostra fuga de rapaz após feminicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Feminicídio	4	Vídeo da fuga	Polícia Civil; Defesa do autor do crime
13/04	Alunos da UEPG discutem violência contra a mulher	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	4	Fachada UEPG	Diretório Central dos Estudantes (DCE)
13/04	Mateus pede liberdade e quer voltar a UEPG	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	6	Autor do crime	Defesa do autor do crime; Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
14/04	Homem surta e quebra todos os aparelhos eletrônicos da casa	Ponta Grossa	Companheiro	Afonso Verner	Violência patrimonial	5	Casa da vítima	Guarda Municipal
19/04	Rapaz é preso após atear fogo na casa da família	Ponta Grossa	Familiar	Da Redação	Violência patrimonial e psicológica	3	Viatura da PM	PM
20/04	Mulher é estuprada em ponto de ônibus no contorno	Ponta Grossa	Desconhecido	Stiven de Souza	Violência Sexual	3	Viatura da PM	PM

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
21/04	Marido abandona esposa em terreno baldio após agressão (dois casos na mesma matéria)	Ponta Grossa	Companheiro; Companheiro e pai	Da Redação	Violência física e psicológica; Violência física	4	Vítima	PM
(conclusão)								
23/04	Homem ameaça esposa e é preso com faca e munições	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica	3	Itens apreendidos	PM
25/04	Professor da UEPG grava vídeo agredindo mulher	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física e moral	6	Vídeo desfocado	Diretório Central dos Estudantes (DCE)
25/04	MP denuncia estudante por morte de Nathalia	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio	3	Autor do crime	Ministério Público do Estado do Paraná
25/04	Vereadores pedem afastamento de professor da UEPG	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física e moral	3	Vereador Geraldo Stocco	Vereador Geraldo Stocco
26/04	Polícia investiga vídeo em que professor agride mulher	Ponta Grossa	Companheiro	Stiven de Souza	Violência física e moral	6	Delegada da Mulher Cláudia Kruger	Delegada da Mulher, Cláudia Krüger

Maio de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
08/05	Homem é preso após agredir e ameaçar ex-esposa	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
09/05	Rapaz invade casa da avó para furtar dinheiro	Ponta Grossa	Neto	Da Redação	Violência patrimonial	3	Itens apreendidos	Guarda Municipal
11/05	Foragido da justiça é preso ao agredir e ameaçar esposa	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
13/05	Homem tenta agarrar jovem e é detido em PG	Ponta Grossa	Desconhecido	Fernando Rogala	Violência sexual	2	Viatura da PM	PM
14/05	Ex-namorado ciumento rouba e incendeia carro	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência patrimonial	3	Carro incendiado	PM
14/05	Rapaz descumpre medida protetiva e foge com criança	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Descumprimento medida protetiva	3	Viatura da PM	PM
16/05	PM prende idoso suspeito de ameaçar esposa	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica	3	Itens apreendidos	PM
17/05	PM prende homem que jogou esposa da escada	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
25/05	Marido ameaça e obriga ex-esposa a voltar para casa	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Descumprimento da medida protetiva e violência psicológica	3	Fachada Polícia	PM
28/05	Polícia prende homem que matou a sogra a pauladas	Ponta Grossa	Genro e companheiro	Stiven de Souza	Feminicídio e violência psicológica	5	Autor do crime	Delegada Cláudia Krüger

Junho de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
03/06	Homem ameaça mulher com caco de vidro e acaba preso	Ponta Grossa	Desconhecido	Afonso Verner	Violência psicológica	3	Fachada Polícia	Polícia Civil
05/06	Idosa e deficiente visual mulher sofrem com filho viciado (mais de um caso de violência na matéria)	Ponta Grossa	Filho; Ex-companheiro	Da Redação	Violência patrimonial e moral; Violência psicológica	4	Vítima	PM
11/06	Marido ameaça esposa e coloca família para fora de casa	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica e moral	3	Viatura da PM	PM
15/06	PM prende suspeito de assédio na Vila Romana	Ponta Grossa	Desconhecido	Da Redação	Violência sexual	2	Viatura da PM	PM
16/06	Casa é destruída por incêndio na região de Boa Vista	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Stiven de Souza	Violência patrimonial e psicológica	3	Vídeo do incêndio	PM
18/06	Homem é preso ao agredir esposa e bebê de um ano	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física	2	Viatura da PM	PM
19/06	Polícia prende rapaz por espancar esposa	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física	2	Viatura da PM	PM
25/06	Transtornado, homem esfaqueia vizinho da ex-esposa (dois casos de violência na mesma matéria)	Ponta Grossa	Ex-companheiro; Pai	Da Redação	Descumprimento de medida protetiva e violênciapsicológica; Violência física	5	Viatura da PM	PM
27/06	Marido ameaça ex-esposa com foice e acaba preso	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da redação	Descumprimento de medida protetiva e violência psicológica	3	Itens apreendidos	Guarda Municipal

Julho de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
03/07	Homem agride a avó e comete atos obscenos para vizinhos	Ponta Grossa	Neto	Da Redação	Violência física e sexual	3	Viatura da PM	PM
15/07	Mulher é ferida com golpes de facão em briga de vizinhos	Ponta Grossa	Vizinho	Da Redação	Violência física	2	Carro do Corpo de Bombeiros	PM
16/07	Mulher leva golpe de facão durante briga	Ponta Grossa	Desconhecido	Da Redação	Violência física	3	Viatura da PM	PM
27/07	Polícia prende suspeito de ameaçar esposa de morte	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica	3	Itens apreendidos	PM
28/07	Homem é preso após ameaçar namorada com revólver	Ponta Grossa	Companheiro	Afonso Verner	Violência psicológica	3	Itens apreendidos	PM
28/07	Trio agride idosa e rouba carro em Uvaranas	Ponta Grossa	Desconhecidos	Afonso Verner	Violência patrimonial e física	3	Carro do Corpo de Bombeiros	PM

Agosto de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
03/08	PM prende homem suspeito de furtar carro da ex-esposa	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência patrimonial	3	Itens apreendidos	PM
06/08	Homem ameaça e expulsa esposa de casa em PG	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência psicológica	6	Viaturada PM	PM
08/08	Rapaz leva surra do atual namorado da ex-mulher em PG	Ponta Grossa	Ex-companheiro	João Vitor Rezende	Violência psicológica	5	Carro do Corpo de Bombeiros	Guarda Municipal
09/08	Homem é preso após agredir a própria mãe em PG (dois casos de violência)	Ponta Grossa	Filho; Companheiro	Da Redação	Violência física; Violência psicológica e moral	4	Viatura da PM	PM
10/08	Júri condena réu a 15 anos de prisão por morte de mulher	Ponta Grossa	Conhecido	Da Redação	Homicídio	3	Fachada do Fórum	Ministério Público do Paraná
11/08	Rapaz tenta sufocar ex-namorada e acaba preso pela quarta vez	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	4	Itens apreendidos	Guarda Municipal
22/08	Polícia prende homem após agressões contra ex-esposa	Ponta Grossa	Ex-companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	4	Viatura da PM	PM
23/08	Estudante é expulso da UEPG por feminicídio	Ponta Grossa	Ex-companheiro	João Vitor Rezende	Feminicídio	2	Autor do crime	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
23/08	Rapaz que matou ex-namorada é expulso da UEPG	Ponta Grossa	Ex-companheiro	João Vitor Rezende	Feminicídio	7	Autor do crime	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
30/08	Homem agride a esposa e foge com quatro filhos	Ponta Grossa	Companheiro	Da Redação	Violência física e psicológica	3	Fachada da PM	PM
31/08	Mulher recusa produtos e leva três facadas	Ponta Grossa	Desconhecido	Da Redação	Violência física	3	Fachada da PM	PM

APÊNDICE B – Quadro completo da cobertura jornalística do portal RSN

Março de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
06/03	Por motivos familiares, mulher atira na sogra em Guarapuava	Segurança	Nora	RSN	Tentativa de homicídio	3	Viatura da PM	PM
26/03	PM registra dois casos de agressão contra mulheres (mais de um caso de violência)	Segurança	Padrasto; Companheiro	Cristina Esteche	Violência psicológica; Violência física	2	Viatura da PM	PM

Abril de 2018

Data	Título	Editori a	Autor do crime	Assinatu ra	Tipo de violência	Parágr afos	Foto	Fontes
(continua)								
03/04	Adolescente agride ex-esposa e ex-sogra em Guarapuava	Seguran ça	Ex-companheiro e ex-genro	Nádia Moccelin	Violência física	4	Viatura da PM	PM
06/04	Jovem de 13 anos é flagrado agredindo a mãe em Guarapuava	Seguran ça	Filho	RSN	Violência física	3	Viatura da PM	PM
11/04	Jovem com problemas mentais é estuprada por adolescente	Seguran ça	Desconhecido	Cristina Esteche	Violência sexual	2	Viatura da PM	PM
13/04	Homem ameaça ex-mulher de morte na frente de policiais em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro	RSN	Violência física e psicológica	4	Fachada da Polícia Civil	PM
20/04	Mulher é agredida pelo marido após tentar sair de seu carro	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Violência física	4	Viatura da PM	PM
20/04	Mãe é agredida pelo namorado da filha em Guarapuava	Guarapuava	Genro e companheiro	RSN	Violência física e psicológica	5	Viatura da PM	PM
20/04	MPT protocola ação contra os supermercados Dal Pozzo por discriminação a mulheres	Cotidiano	Supermercado Dal Pozzo	Nádia Moccelin	Discriminação	7	Foto fachada supermercado Dal Pozzo	Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região
23/04	Dal Pozzo não se manifesta sobre denúncia do MPT	Guarapuava	Supermercado Dal Pozzo	Nádia Moccelin	Discriminação	9	Foto fachada Supermercado Dal Pozzo	Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região; Presidente do Conselho Municipal da Mulher de Guarapuava, Adriele Andreia Inácio;
26/04	Homem agride companheira no bairro Bonsucesso em Guarapuava	Seguran ça	Companheiro	RSN	Violência física	3	Viatura da PM	PM

Maio de 2018

Data	Título	Editori a	Autor do crime	Assinatu ra	Tipo de violência	Parágr afos	Foto	Fontes
07/05	Duas mulheres foram agredidas e ameaçadas de morte pelos companheiros (dois casos de violência)	Segura nça	Companheiro; Companheiro	Cristina Esteche	Violência física e psicológica; Violência física e psicológica	4	Viatura da PM	PM
09/05	PM registra três ameaças de morte contra mulheres em Guarapuava	Segura nça	Ex-companheiro	Caio Budel	Violência física e psicológica	5	Viatura da PM	PM
14/05	PM registra três casos de violência contra a mulher no final de semana em Guarapuava (três casos de violência)	Segura nça	Companheiro; Companheiro; Ex-companheiro	Caio Budel	Violência física; Violência física; Violência psicológica	7	Viatura da PM	PM
15/05	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Segura nça	companheiro e padrasto	Caio Budel	Violência física	4	Viatura da PM	PM
23/05	Homem é preso após agredir mulher e filha em Guarapuava	Segura nça	companheiro e pai	Caio Budel	Violência física	4	Viatura da PM	PM
28/05	Homem agride mulher em via pública em Guarapuava	Segura nça	Conhecido	RSN	Violência física	4	Viatura da PM	PM
28/05	Marido agride esposa e a sogra em Guarapuava	Segura nça	companheiro e genro	RSN	Violência física	3	Viatura da PM	PM

Junho de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fonte
01/06	Mulher é agredida em bar no Bairro Primavera em Guarapuava	Segurança	Desconhecido	Caio Budel	Violência física	3	Viatura da PM	PM
04/06	Homem é preso após tentar asfixiar a companheira em Guarapuava	Segurança	Companheiro	Caio Budel	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
15/06	Homens são detidos após ameaçarem mulher em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro e amigo do ex-companheiro	Caio Budel	Violência psicológica	4	Viatura da PM	PM
18/06	Violência contra idosos em Guarapuava: maioria das vítimas são mulheres	Cotidiano		Caio Budel		10	Foto da mão de uma idosa	Secretaria de Assistência Social de Guarapuava; Maria Regina Vargas, vice-presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa; Assistente social e especialista em Seguridade Social e Regulação do SUS, Silvana Carneiro da Silva
25/06	PM atende dois casos de ameaça de morte contra mulheres em Guarapuava (dois casos de violência)	Guarapuava	Ex-companheiro; companheiro	Caio Budel	Violência psicológica; Violência física, patrimonial e psicológica	3 3	Viatura da PM	PM
29/06	Polícia Militar atende mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM

Julho de 2018

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fonte
(continua)								
06/07	Homem é preso após agredir e ameaçar de morte a ex-esposa em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro	Caio Budel	Violência física e psicológica	3	Viatura da PM	PM
09/07	Pai e filho são presos no bairro Morro Alto em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro, pai e sogro	Caio Budel	Violência física	4	Viatura da PM	PM
12/07	Polícia registra casos de agressão a duas mulheres em Guarapuava (dois casos de violência)	Guarapuava	Companheiro; Irmão	Caio Budel	Violência física; Violência física	5	Viatura da PM	PM
17/07	Homem invade churrasco para agredir a ex-esposa em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro	Caio Budel	Violência física	3	Viatura da PM	PM
22/07	Advogada de 29 anos morre após queda em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	5	Vítima	IML, PM, OAB
22/07	Marido de advogada morta é detido em São Miguel do Iguaçu	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	3	Autor do crime	Polícia Civil
22/07	Em depoimento, Luis Felipe diz que advogada se jogou do prédio; ele foi preso	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	7	Autor do crime e vítima	Polícia Civil, Polícia Militar, IML
23/07	Professor suspeito de matar a esposa em Guarapuava será transferido para Pinhais	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	6	Autor do crime	Defesa do autor do crime; Delegado Francisco Sampaio;
23/07	Caso Tatiane: delegado defende hipótese de feminicídio	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	16	Foto do Delegado Francisco Sampaio e prints do Facebook	Delegado da Polícia Civil de São Miguel do Iguaçu, Francisco Sampaio; Coletivo Feminista Cláudia da Silva;

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fonte
								Defesa do autor do crime
(continuação)								
24/07	Justiça determina transferência de Manvailer para Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	5	Autor do crime e vítima	Polícia Civil; Defesa do autor do crime
24/07	Delegacia da Mulher em Guarapuava está sem titular há mais de um mês	Guarapuava	Companheiro	Cristina Esteche	Feminicídio	3	Foto Ana Carolina Hass de Miranda Castro	Delegado-chefe da 14ª Subdivisão Policial (SDP), Rubens Miranda Junior
24/07	Suspeito pela morte da esposa, Luis Felipe Manvailer será transferido nesta quinta (26)	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	4	Foto do autor do crime	Defesa do autor do crime
25/07	Luis Felipe Manvailer está preso na PIG em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	6	Fotos do autor do crime	Defesa do autor do crime; Juíza Paola Gonçalves; Polícia Civil; Informações extraoficiais de pessoas ligadas à família
25/07	Escritório Professor Dotti será a acusação no Caso Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	7	Vítima	Família da Tatiane; Polícia Civil; Informações extraoficiais de pessoas ligadas à família
26/07	Polícia Civil solicita exames para apurar possível morte de advogada por asfixia	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	8	Laudo exames Tatiane	Polícia Civil; IML; Delegado Bruno Miranda; Informações extraoficiais de pessoas ligadas à família de Tatiane
26/07	Em depoimento, pai de Tatiane diz que ela não tinha	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	7	Vítima; Advogado da vítima	Advogado de Tatiane, Gustavo Scandelari

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fonte
	comportamento suicida							
(continuação)								
26/07	OAB Guarapuava acompanha inquérito sobre morte de Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	6	Foto presidente OAB Guarapuava	Presidente da OAB Guarapuava, Marcos Carvalho
27/07	Caso Tatiane: apesar de simulações, laudo do IML que deve indicar causas da morte	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	6	Foto de autoridades em frente ao prédio no dia da simulação	Autoridades da operação de simulação; Delegado Bruno Miranda
27/07	Morte de advogada terá reconstituição nesta sexta-feira (27)	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	6	Foto da vítima	Secretaria de Trânsito e Transportes (Setran); Secretaria de Comunicação (Secom)
28/07	Missas de sétimo dia de Tatiane e Bernardo ocorrem neste sábado (28)	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	5	Vítima ; Deputado Estadual Bernardo	Família do ex-deputado estadual Bernardo;
29/07	Movimentos feministas organizam ato de luta em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	12	Print do evento organizado pelo Coletivo Feminista Cláudia da Silva; Cartaz da Marcha Mundial das Mulheres	Coletivo Feminista Cláudia da Silva; Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Guarapuava
30/07	Caso Tatiane: irmão de Manvailer pode prestar depoimento nesta segunda (30)	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	11	Autor do crime; Vítima	Defesa do autor do crime; Polícia Civil; Família da Tatiane; Irmão do autor do crime, André Manvailer
31/07	Polícia Civil ainda não possui todos os laudos do Caso Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	13	Foto advogados Manvailer e foto autoridades no dia da simulação	Polícia Civil; Instituto de Criminalística de Guarapuava; Delegado Bruno Miranda; Equipe da promotora Dúnia Serpa Rampazzo; Advogados autor do crime; Vizinho do casal

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fonte
31/07	Caso Tatiane: delegado encerrará inquérito mesmo sem todos os laudos solicitados	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	11	Vítima; foto das autoridades no dia da simulação	Delegado Bruno Miranda; Instituto de Criminalística; Equipe da promotora Dúnia Serpa Rampazzo; Irmão do Manvailer, André Manvailer; Vizinho do casal
(conclusão)								
31/07	Mulher é agredida com golpe de facão no Morro Alto em Guarapuava	Guarapuava	Desconhecida	Caio Budel	Violência física	3	Viatura da PM	PM
31/07	Luis Felipe Manvailer é indiciado por feminicídio e outros crimes	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	6	Autor do crime	Delegado Bruno Miranda; Defesa autor do crime

Agosto de 2018

Data	Título	Editori a	Autor do crime	Assinatu ra	Tipo de violência	Parágr afos	Foto	Fontes
(continua)								
01/08	Em nota, família de Tatiane repudia pedidos feitos pela defesa de Manvailer	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	7	Foto do advogado de Tatiane ; Prints de conversas do whatsapp de Tatiane com uma amiga	Advogados da vítima; Advogados do autor do crime; Delegado Bruno Miranda; Família de Tatiane
01/08	Defesa de Manvailer pede impugnação de prints com conversas de Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	9	Prints de conversas do whatsapp de Tatiane com uma amiga e foto de Manvailer	Defesa do autor do crime; Delegado Bruno Miranda
03/08	Mãe é agredida pelo filho no Boqueirão em Guarapuava	Guarapuava	Filho	Caio Budel	Violência física	3	Viatura da PM	PM
03/08	MP apresentará denúncia de feminicídio contra Manvailer	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	6	Vídeos das agressões	Promotora Dúnia Serpa Rampazzo; Defesa do autor do crime
03/08	Em coletiva, promotor afirma que Tatiane Spitzner lutou pela vida	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	15	Foto do Promotor Pedro Henrique Brazão Papaiz	Promotor de justiça Pedro Henrique Brazão Papaiz; Delegado Bruno Miranda; Promotora do MP, Dúnia Serpa Rampazzo; Defesa do autor do crime
04/08	Todos por Tatiane Spitzner: movimento toma conta das redes sociais	Cotidiano	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	7	Vítima; Print de post no Instagram do Hugo Gloss sobre Tatiane	Blogueiro Hugo Gloss
06/08	Prazo para decisão do MP-PR sobre o caso	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	7	Frame de um dos vídeos	Promotor de justiça Pedro Henrique

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
	Tatiane termina hoje (6)						das agressões	Brazão Papaiz; Promotora Dúnia Serpa Rampazzo; Defesa do autor do crime
(continuação)								
06/08	Empossada a nova delegada da mulher de Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	14	Foto da Delegada e da Promotora	Delegada Ana Carolina Hass de Miranda Castro; Secretária Priscila Schran; Promotora Dúnia Rampazzo; Vice-presidente da OAB Guarapuava, Maria Cecília Saldanha
07/08	MP-PR denuncia Luis Felipe Manvailer por homicídio, cárcere privado e fraude processual	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	18	Vítima; Autor do crime	Ministério Público do Paraná; Defesa do autor do crime
07/08	Em 2017, mais de 450 mulheres foram amparadas pela Lei Maria da Penha	Cotidiano		Nádia Moccelin		12	Foto Secretária da Mulher Priscila Schran;	Secretária da Mulher Priscila Schran; Coordenadora do CRAM, Camila Grande da Silva;
07/08	Morte de Tatiane traz a tona debate sobre violência contra mulher em escola de Guarapuava	Cotidiano	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	6	Imagens do evento	Organizadora do Evento, Merielle Camilo
08/08	MP solicita avaliação psiquiátrica e psicológica de Manvailer em Guarapuava	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	3	Autor do crime	Ministério Público do Paraná
08/08	Justiça recebe denúncia e Manvailer passa a ser réu pelo feminicídio de Tatiane Spitzner	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	8	Autor do crime; Frame de um dos vídeos de agressão	Ministério Público do Paraná; Juíza Paola Gonçalves Mancini;

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
								Defesa do autor do crime
08/08	Defesa pede que Manvailer seja transferido para Pinhais; professor teria tentado suicídio	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	9	Foto autor do crime; Vítima; Frame de um dos vídeos de agressão	Defesa do autor do crime; Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária; Defesa da vítima
(continuação)								
08/08	The New York Times repercute morte de Tatiane Spitzner	Home	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	4	Print da notícia no NYT	New York Times
10/08	Audiência pública tratará do caso Dal Pozzo nesta segunda-feira (13)	Cotidiano	Supermercado Dal Pozzo	Nádia	Discriminação	4	Fachada do Supermercado Dal Pozzo	Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região; Proprietário da rede de supermercados Dal Pozzo, José Ari Dal Pozzo
11/08	Pelo fim da violência contra as mulheres: ato ocorre neste sábado (11) em Guarapuava	Cotidiano	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	5	Foto aérea de Guarapuava	Coletivo Feminista Cláudia da Silva; Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres; Núcleo guarapuavano da Marcha Mundial das Mulheres
11/08	Tatiane Spitzner é homenageada em ato da advocacia em Curitiba	Cotidiano	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	5	Fotos e vídeo do ato	Conselheira Federal da OAB, Edni de Andrade Arruda
11/08	Em atendimento psiquiátrico, Manvailer diz achar que Tatiane pulou	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	5	Autor do crime	Médico que realizou avaliação psicológica de Manvailer

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
(continuação)								
13/08	Guarapuava registra três casos de violência contra a mulher nesse domingo (12) (três casos de violência)	Guarapuava	Neto; Companheiro; Companheiro	Nádia Moccelin	Violência física e moral; Violência física; Violência física	5	Viatura da PM	PM
14/08	Irmãs são agredidas por três pessoas no Conradinho em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro e amiga do ex-companheiro	Caio Budel	Violência física e psicológica	4	Viatura da PM	PM
14/08	Justiça ainda não decidiu se transferirá Manvailer para Pinhais	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	5	Autor do crime	Médico que fez avaliação psiquiátrica em Manvailer
15/08	PM registra agressão a duas mulheres em Guarapuava; uma delas foi asfixiada (dois casos de violência)	Guarapuava	Companheiro; Companheiro	Caio Budel	Violência física, psicológica e patrimonial; Violência física e psicológica	8	Viatura da PM	PM
16/08	César Filho se compromete a instituir combate à violência nas escolas	Educação		Cristina Esteche		6	Foto do Prefeito	Prefeito César Silvestri Filho; Movimento Tod@s por todas
16/08	Petição busca criar lei de ensino preventivo de violência contra a mulher em Guarapuava	Cotidiano		Nádia Moccelin		14	Foto da Ana Cristiane Moreles	Integrante do Movimento Tod@s por todas, Ana Cristiane Moreles;
16/08	PM registra mais um caso de violência contra a mulher em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro	Caio Budel	Descumprimento de medida protetiva e violência psicológica	4	Viatura da PM	PM
17/08	Justiça determina: Manvailer permanecerá na PIG	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	12	Autor do crime	Magistrada Liliane Graciele Breitwischer; Polícia Civil; Defesa do autor do crime; Defesa da vítima

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
17/08	Defesa de Manvailer pede suspensão do processo que investiga morte de Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	9	Autor do crime e vítima; Autor do crime	Defesa do autor do crime; Juíza Liliane Graciele Breitwischer; Laudo psicológico de Manvailer
(continuação)								
20/08	Roberto Kuster lança música em homenagem a Tatiane Spitzner	Comportamento	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	4	Vídeo da música	
22/08	Dia T: ato artístico na Unicentro luta pelo fim da violência contra a mulher	Cotidiano	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	6	Fachada Unicentro	Ana Cristiane Moreles, integrante do Movimento Tod@s por Todas
23/08	Um mês após a morte de Tatiane, disputa judicial faz caso patinar na justiça	Guarapuava	Companheiro	Caio Budel	Feminicídio	17	Vítima; Agressor; Vítima e agressor	Ministério Público do Paraná; Defesa do autor do crime; Especialistas consultados pela RSN; Família da vítima
24/08	MP se posiciona contrário ao pedido de suspensão do processo sobre morte de Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	7	Vítima; Autor do crime	Ministério Público do Paraná
24/08	Em nota, defesa de Manvailer diz que ele é inocente sobre a morte de Tatiane	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	10	Autor do crime; Frame de um dos vídeos de agressão; Foto do prédio onde o casal morava	Defesa do autor do crime
25/08	Em Guarapuava, caminhada pede o fim da violência contra a mulher	Companheiro	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	7	Foto do prédio onde o casal morava e arte da caminhada	Integrante do movimento Tod@s por Todas, Ana Cristiane Moreles

Data	Título	Editoria	Autor do crime	Assinatura	Tipo de violência	Parágrafos	Foto	Fontes
27/08	Projeto Lei Maria da Penha nas escolas chega ao residencial 2000	Cotidiano		Nádia Moccelin		5	Fotos do Projeto	Secretária de Políticas Públicas para as Mulheres, Priscila Schran
(continuação)								
27/08	Grávida de oito meses é agredida pelo ex-marido em Guarapuava	Guarapuava	Ex-companheiro	Cristina Esteche	Descumprimento da medida protetiva e violência física	2	Cartaz violência contra a mulher	PM
29/08	Guarapuava é a 2ª cidade do Paraná a contar com a patrulha Maria da Penha em parceria com a PM	Cotidiano		Nádia Moccelin		10	Viatura utilizada pela Patrulha; Foto da solenidade e de entrega do veículo na Prefeitura	Secretária de Políticas Públicas de Guarapuava, Priscila Schran; Tenente coronel comandante do 16º Batalhão de Polícia Militar de Guarapuava, Mário Jorge Alves Lopes; Comandante geral da Polícia Militar do Estado, Audilene Rosa de Paula Dias Rocha; Prefeito Cesar Silvestri Filho
30/08	Homem é preso após ameaçar mãe e irmã em Guarapuava	Guarapuava	Filho e irmão	Nádia Moccelin	Violência patrimonial e psicológica	3	Viatura da PM	PM
31/08	Sobre laudo de Tatiane: MP se manifesta reafirmando o crime de feminicídio	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	6	Autor do crime e vítima	Ministério Público do Paraná
31/08	Laudo sobre morte de Tatiane aponta a possibilidade de queda sem impulso	Guarapuava	Companheiro	Nádia Moccelin	Feminicídio	7	Vítima; Autor do crime	Laudo pericial referente à reprodução simulada da queda de nível

APÊNDICE C – Entrevistada um - Delegada da Mulher de Ponta Grossa, Cláudia Krüger

Naiara: Como a gente estava conversando, doutora, os números de registros de boletins de ocorrência são muito importantes para a pesquisa...

Cláudia: De qual ano você precisa?

Naiara: De 2017 e as parciais de 2018.

Cláudia: Em 2017, 1.369 boletins. Esse ano, até agora, nós já estamos com 1.800 boletins.

Naiara: Aumentou bastante, né?

Cláudia: Aumenta a população, aumentam as campanhas, enfim, é uma série de fatores que justificam esse aumento, né?

Naiara: Quando aumenta o número de registros então pode ter aumentado a conscientização?

Cláudia: Exatamente. Palestras, conselhos comunitários, a mídia divulga bastante, eu reputo a isso. Que linda a cor do teu batom, que cor que é? Da Eudora?

Naiara: Ah, obrigada. Da Ruby Rose.

Cláudia: Ah, eu sei essa linha, mas que cor que é? Tão bonito.

Naiara: Não lembro agora.

Cláudia: Vamos continuar, desculpe.

Naiara: Legal você ter comentado sobre esse impacto das campanhas...

Cláudia: Eu acredito também na eficácia da lei.

Naiara: A lei está entre as melhores do mundo no combate à violência contra a mulher, né?

Cláudia: É. ela é muito eficaz. Eu não faço só delegacia da mulher. Eu também faço geral, porque concorro escala de plantão na sede da 13ª Subdivisão Policial. Eu posso te dizer que é a lei mais eficaz que eu já trabalhei. Ela é extremamente rigorosa, e o olhar do Poder Judiciário também é bastante rigoroso pras questões de violência doméstica, sabe? Então, nós conseguimos prisões de uma forma bastante rápida, nós conseguimos uma resposta do judiciário de uma forma muito rápida.

Naiara: Até as medidas preventivas mesmo, né?

Cláudia: Que é uma inovação muito grande, né?

Naiara: Delegada, puxando esse gancho aí que você abordou a Lei Maria da Penha... Eu queria saber uma questão mais técnica. Quando a mulher vem até aqui pra fazer a denúncia, vocês registram essa denúncia a partir da tipificação da Lei Maria da Penha? Por exemplo, você tem esses dados, 1.369 boletins, você tem a diferenciação de um por um se foi uma violência patrimonial, violência física...

Cláudia: Não, a gente coloca os artigos. O boletim de ocorrência, na hora que você vai elaborar exige que seja feito o enquadramento. Por exemplo: ameaça, lesão corporal, vias de fato, perturbação da tranquilidade, assim que é feito. Para abrir o boletim de ocorrência é tudo informatizado, então ali você vai ter que marcar qual é a denúncia. e o próprio sistema traz as opções. Ali é marcado qual é a denúncia. Se é por ameaça, se é por lesão corporal. Tanto que se for por lesão corporal, o sistema automaticamente já vai gerar uma guia de lesão corporal. Depois, no decorrer do procedimento, pode ser que apareçam outros artigos, outras tipificações, mas no momento da elaboração do boletim de ocorrência as tipificações tem que ser dadas ali pra você conseguir abrir o sistema.

Naiara: Ah, achei que era tipificado já pelos cinco tipos de violência da Lei Maria da Penha.

Cláudia: Não. Não. A Lei Maria da Penha não traz os crimes, o que traz os crimes é o Código Penal e outras leis. A gente faz com a aplicação dos dispositivos da Lei 11.340, ela por si só e o artigo da 24A, que é referente ao descumprimento de medidas protetivas, que ele não está no código penal, ele está nessa lei. Mas, os outros artigos são do código penal e outras leis, combinado com a Lei Maria da Penha.

Naiara: Ah sim, entendi. Esclareceu. Agora falando de cobertura jornalística, eu percebo que nos noticiários, geralmente, são trabalhados casos bem graves sobre violência contra a mulher, geralmente física e sexual. Nesses dados que você me passou de 2017 e 2018 são os tipos de violência que mais ocorrem mesmo?

Cláudia: A violência que mais ocorre aqui é a ameaça. A grande maioria dos boletins de ocorrência é por ameaça, seguido por perturbação da tranquilidade. É a violência verbal. Por ameaça, por perturbação da tranquilidade, aquela pessoa que fica ligando, fica incomodando, porque não aceita o final do relacionamento,

passa na frente da casa, fica chateando a pessoa. E daí vias de fato, que é você dar um empurrão na pessoa, você tem o contato física, mas que não gerou lesão. E quanto a lesão corporal, graças a Deus a lesão corporal fica em quarto lugar.

Naiara: Fica mais num nível de ameaça então?

Cláudia: A grande maioria. Vejo como um lado positivo, porque já aconteceu, a ameaça a mulher já faz a denúncia. Entendeu?

Naiara: E a violência sexual é recorrente?

Cláudia: Não. O menor número é a violência sexual, quase não tenho registros nesse sentido. Agora, tem uma coisa, a violência sexual no âmbito familiar ou não, tem os estupros acontecidos fora do núcleo familiar, que é outro tipo de violência contra a mulher. Você acho que está falando de violência familiar e doméstica, né?

Naiara: Sim.

Cláudia: Uhum. Temos bem pouco registro nesse sentido.

Naiara: Então, nesse tipo de violência, a violência sexual, você percebe que existem mais casos que não no âmbito familiar?

Cláudia: Eu só tô te fazendo uma diferenciação, de uma mulher que vem aqui e diz que tava andando na rua, e um cara desconhecido, com uma faca, pegou essa mulher e cometeu estupro com ela. Isso é um tipo de violência, não é dentro da Maria da Penha, isso que quero dizer. Dentro da Lei Maria da Penha, há alguns relatos de mulheres que vem e colocam que o marido quer fazer sexo com ela, sem que ela tivesse disposta, sem a aceitação dela, tal, tal.

Naiara: Ah, sim, isso entendi. A Maria da Penha contempla a familiar e doméstica...

Cláudia: Familiar e doméstica. As outras situações não entram no âmbito da Lei Maria da Penha.

Naiara: E quem são os principais agressores de mulheres em Ponta Grossa?

Cláudia: Os principais agressores de mulheres em Ponta Grossa são os próprios companheiros, ex-companheiros e filhos.

Naiara: Ah, sim. Eu até estava olhando o Mapa da Violência com minha orientadora, e percebemos que os homicídios de homens ocorrem, em sua maioria, num ambiente público e por um desconhecido, e os homicídios de mulheres num ambiente doméstico e por algum convivente.

Cláudia: É a mesma coisa a violência contra a criança, violência sexual contra a criança. A grande maioria é num âmbito próximo.

Naiara: Ponta Grossa segue essa lógica?

Cláudia: Sim. Mesma coisa. Companheiro, ex-companheiro e filho. Aí, claro, vai pintar um irmão, aí fazer uma variante, né? Mas, nós estamos falando da maioria. Entra no atendimento da Lei Maria da Penha se tiver uma convivência sob o mesmo teto, ou então, não convivem no mesmo teto, mas tem que ter um certo grau de familiaridade descritos no artigo 129. Pelo menos na Delegacia de Ponta Grossa não entra, daí vai pros distritos. O nosso é ou a pessoa que tem ou teve relacionamento, ou que divide o mesmo teto, ou seja, co-habitação, ou então os graus de parentesco definidos no artigo 129

Naiara: Aí então ela vai pro distrito?

Cláudia: Vai pro distrito. Se for cunhado com cunhada que bateram boca, enfim... Não é tratado aqui. Nós temos bastante especificidade no nosso atendimento, sabe? É violência familiar e doméstica mesmo. Aquela mulher que briga lá no local de trabalho, por exemplo, não é o atendimento aqui. É nas outras unidades. Não é que não tenha atendimento, tem. Mas, a Delegacia da Mulher trata de violência familiar e doméstica. E já tem bastante. Não sei se Guarapuava é assim, pode ser que em Guarapuava eles façam tudo...

Naiara: Vou perguntar pra Ana. Mas lá o índice é muito alto também, acho que devem fazer essa diferenciação.

Cláudia: Não tem como não fazer essa diferenciação, sabe? Se não você não vence.

Naiara: E existe algum período do ano que a violência contra a mulher aumenta em Ponta Grossa?

Cláudia: Não. É uma constante. Na segunda-feira, geralmente, nós temos mais boletins de ocorrência por causa da sexta, sábado e domingo. São três dias acumulados. Acredito que, talvez, a PM receba mais chamados no final de semana, porque as famílias estão reunidas, porque há ingestão de bebida alcoólicas, que

sempre está relacionado com a violência. A drogadição de uma forma geral sempre tá permeando as violências domésticas, acho que 80% dos casos. Então, pode ser. O aumento maior da ingesta acaba... mas de uma forma geral é meio linear. É uma constante, com picos nos fins de semana. Às vezes tem segunda-feira que é tranquilo aqui.

Naiara: Então, a ingestão de álcool é um dos fatores...

Cláudia: Claramente. Tem vítimas que vem aqui e dizem que quando o companheiro está sóbrio é outra pessoa. O problema é quando ingere ou usa outro tipo de droga. Não tem como não tirar esse vínculo.

Naiara: E, doutora, isso ocorre não necessariamente nas periferias?

Cláudia: Não necessariamente. A gente tá lidando com relacionamentos, né? E não com fórmulas matemáticas. Os relacionamentos estão em todos os contextos, eles têm diferenças, eles têm distúrbios, eles têm doenças, nesse relacionamentos, eles tem, enfim... Uma série de características, né? Não é só a realidade de uma classe social.

Naiara: Talvez a diferença seja que as mulheres de classe mais elevada têm vergonha de denunciar.

Cláudia: Sim. Pode ser vergonha, ou talvez ela tenha outros meios para resolver a situação. Separa, pega o advogado, divide a casa, cada um fica com uma parte. São outros meios. Tem uma série de fatores.

Naiara: Em relação aos assassinatos... Você tem esse dado de quantas mulheres foram assassinadas em Ponta Grossa?

Cláudia: Não. Não tenho. Talvez você consiga com a sessão de homicídios da 13ª, porque a sessão de homicídios tem uma equipe muito boa que fica de plantão. As situações de feminicídio acaba que o setor de homicídios que atende, sabe? Devido à essa equipe especializada, que já tem um plantão direto só pra isso. Talvez lá eles tenham alguns dados.

Naiara: Uma pergunta mais técnica, sobre feminicídio. Quería entender como é definido se o assassinato de uma mulher é um feminicídio. Quem realiza essa tipificação?

Cláudia: O delegado de polícia. Autoridade policial. A primeira situação é nesse âmbito da Lei Maria da Penha, o primeiro olhar é pra isso, né? Se foi nesse ambiente familiar e doméstico.

Naiara: Se a condição dela ser mulher...

Cláudia: Isso. Exatamente.

Naiara: Então, os próprios delegados fazem a tipificação...

Cláudia: É que assim, a tipificação, o andamento do processo começam com a autoridade policial que percebe a situação, que dá início a investigação, que trabalha no inquérito policial. Depois, esse inquérito é encaminhado para a Justiça, aí já vai entrar o Promotor de Justiça, o Poder Judiciário, então uma série de pessoas trabalham nesse caso. Então, essa tipificação, de repente, pode ficar flexível, pode ser modificada, entende? Estou falando do primeiro momento, desse primeiro recebimento da situação, mas depois esse caderno investigatório é algo vivo, ele se movimenta. O promotor pode denunciar por base em outros artigos, de repente podem aparecer testemunhas que tragam o enquadramento de outros artigos, é uma questão muito técnica.

Naiara: Essa discussão tem ficado mais em evidência, né doutora? Até pela cobertura da imprensa. Esse ano teve aquele caso aqui da estudante de Agronomia.

Cláudia: É. Feminicídio, né. O próprio ex-namorado.

Naiara: E lá o da Tatiane.

Cláudia: Também. O marido.

Naiara: Quando é tipificado como feminicídio parece que tem um peso. As pessoas se manifestam nas cidades.

Cláudia: Depende da situação. Dependendo do feminicídio existe uma cobertura diferente na mídia. Teve um caso de feminicídio na época da greve dos caminhoneiros que quase ninguém noticiou, em que o genro matou a sogra. Depende do assunto que está em voga naquele momento, depende de vários fatores, às vezes uma ocorrência é super noticiada e outra que também era grave acaba não sendo abordada. Existem questões que são importantes mas não são noticiadas, e elas não deixam de ser importantes porque não saíram no jornal. Esse caso do genro que matou a sogra foi assim: a mulher veio nos procurar no início de uma semana, e pediu medida protetiva contra o marido. Uma semana depois saiu essa medida protetiva e ela retornou à

delegacia um tempo depois dizendo que ele estava descumprindo a medida e foi encaminhada junto com os filhos para uma casa abrigo, e o juiz já tinha notificado ele da medida protetiva, então legalmente estava tudo certo. Aí eu tomei a declaração nova dela e representei pela prisão dele, porque ele descumpriu a medida. Então, ele fugiu e eu fiquei esperando a resposta do juiz ao pedido de prisão que foi feito. No final de semana, ele foi na casa da mãe dela, achando que ela estaria lá, e acabou matando a mãe dela e deu uma surra no irmão dela. A ideia por certo era matá-la, mas ela estava na casa abrigo. Ele fez isso e fugiu de novo, e eu já estava com o mandado de prisão dele por descumprimento das medidas protetivas. Na segunda ou terça ele procurou um advogado para já se apresentar, porque ele já não estava mais em flagrante. A delegada da sessão de homicídios disse que ele ia se apresentar lá, aí eu falei que já estava saindo meu mandado de prisão pelo descumprimento das medidas, e com esse mandado ele foi preso e assim foi iniciado o inquérito policial pelo feminicídio da sogra dele. Foi um trabalho em sintonia. No final das contas ele nem sabia porque tava sendo preso, ele achou que não seria preso pela morte da sogra, e não ia ser mesmo, porque ele não estava mais em flagrante e a papelada não tinha sido iniciada. E ele ficou preso por conta das medidas, e assim iniciou-se também o processo pelo feminicídio da sogra.

Naiara: Eu não fiquei sabendo desse caso.

Cláudia: Ninguém ficou sabendo. O bom foi quando a mulher voltou aqui pra contar que ele tinha descumprido as medidas, né? Entendeu? Aí foi a coisa legal que nos abriu a porteira pra pedir a prisão dele pelo descumprimento. Infelizmente não tinha como evitar isso que ele acabou fazendo no final de semana, porque foi muito rápido, mas nós agimos muito rápido. Mesmo assim, ele fez isso no final de semana.

Naiara: Como que funciona a rede de enfrentamento da violência contra a mulher em Ponta Grossa?

Cláudia: Basicamente é atuação da Delegacia da Mulher com o Poder Judiciário, com a 4ª Vara (que é especializada) e com a Patrulha Maria da Penha - PM, Guarda Municipal, Delegacia da Mulher e 4ª Vara de pronto. É uma rede e ela tem que funcionar muito bem, os órgãos tem que ser comprometidos. Esse é o trabalho de emergência. Mas junto a isso tem o Conselho Tutelar, o próprio abrigo, tem os CRAS.

Naiara: Em relação às políticas públicas para mulheres em Ponta Grossa. Aqui tem Secretaria da Mulher?

Cláudia: Não. Acho que com esse nome não.

Naiara: Mas, como são realizadas as políticas públicas na cidade? Existem iniciativas? Sabe como são articuladas?

Cláudia: Não sei. Não sei. O nosso métier é inquérito policial, é investigação, é o registro das ocorrências. Eu não tenho muito esse conhecimento exatamente. Mas eu sei sim que tem diversos órgãos hoje que fazem um atendimento, por exemplo o projeto Numape da universidade, antes tinha também o Nevicom, que fazia o atendimento ao agressor, muito interessante aquele projeto. Tem os CRAS. Quem faz esse encaminhamento é minha assistente social. Eu é a parte mais investigativa, mas tenho conhecimento sim de encaminhamentos que são feitos. Só não posso enumerar nem nomear exatamente.

Naiara: Há quanto tempo você atua como delegada da mulher aqui em Ponta Grossa?

Cláudia: 14 anos.

Naiara: E, antes disso, você já atuava como delegada?

Cláudia: Chefiava a delegacia do adolescente.

Naiara: O que você considera mais difícil na sua profissão?

Cláudia: O que considero mais difícil? Nós trabalhamos com os defeitos da sociedade, com o lado feio do ser humano, com o lado egoístico do ser humano. Eu acho que isso é uma coisa difícil, porque por mais que você aplique leis, aplique severidade, você está trabalhando com uma cabeça que pensa de uma outra forma. O que quero dizer com isso? Questão de embriaguez no volante. Tem pessoas que são autuadas 3, 4 vezes, por embriaguez ao volante. Não há uma mudança de comportamento, e sei que essa mudança não é automática e ela envolve uma série de fatores. Crimes, por exemplo contra o patrimônio, muitas vezes, o mesmo autuado tem diversas passagens, então, não houve uma mudança de conduta. Ainda que, muitas vezes, ele tenha passado por um sistema penitenciário, mas não houve um resultado que seria o objetivo, que é o entendimento da conduta errada, pra que se tenha uma outra conduta. Infelizmente, ainda que haja a aplicação de uma lei rigorosa, não se consegue uma mudança de conduta, e acho que esse é o nosso principal objetivo: mudar uma conduta. É repreender uma conduta, para que haja o entendimento de que essa conduta está

errada. Não sei se por falta de meios, onde tá essa precariedade, que você não consegue mudar a conduta. É uma coisa difícil.

Naiara: E, doutora, na sua percepção, existe uma diferença da delegada da mulher ser uma mulher?

Cláudia: Não sei. Eu acho que não. Eu enxergo um servidor público. O delegado de polícia é preparado para qualquer situação, e nós contamos com as diferenças individuais. Tem homens que tem uma sensibilidade maior para muita coisa, tem mulheres que já são mais firmes. Eu acredito que são as características individuais. Existe o princípio da impessoalidade no serviço público, então acredito que é preciso ser técnico, comprometido com aquilo que você faz. Há uma tendência que perante as Delegacias da Mulher se tenha uma delegada mulher, mas não vejo contrariedade em ser um homem a presidir as investigações, porque ele tem que ser técnico e comprometido com a investigação e com a busca da verdade. O dever de fazer corretamente.

Naiara: E nesse cargo tem que ter uma sensibilidade muito grande né, doutora? De entender...

Cláudia: No exercício da atividade policial tem que ter uma sensibilidade muito grande. Como eu te falei, eu sou delegada aqui na Delegacia da Mulher, mas eu também sou delegada frente ao plantão, e lá eu atendo situações também extremamente delicadas, onde é necessário um olhar diferenciado para certas ocorrências, entende? Da violência em outros âmbitos também. Isso é uma coisa muito boa, você ter a visão geral da situação. E eu enxergo a violência como um fenômeno social, e que a violência doméstica é um desses segmentos, mas nós temos a violência permeando todas as relações sociais.

Naiara: Sobre o tipo de violência que você atende aqui. Você considera a violência contra a mulher como uma violência de gênero?

Cláudia: Sim. É também uma violência de gênero. Vamos falar marido e mulher, né? Muitas vezes esse macho não agiria desta forma com outro grupo, com os colegas de trabalho, com os colegas do bar. Ele age em casa se prevalecendo de muitos fatores, dentre eles até a insuficiência da vítima, né? Então, eu acredito que sim. Uma situação é a violência de gênero.

Naiara: Até, aquela questão que a gente tinha comentado, de a mulher querer separar e o homem não aceitar isso, né?

Cláudia: Aí nós entramos no ego, né? Às vezes ele até tem outra companheira, ele tem um relacionamento, mas ele não aceita romper esse relacionamento. Teve uma educação machista, uma educação centralizadora, que muitas vezes foi dada por uma mulher, que também reproduz o machismo. A mulher tem situações que você vê condutas bem machistas da parte dela. Tive ocorrências, muitas vezes, de mulher com mulher, é bastante agressivo. Nós trabalhamos aqui, por exemplo, com casais homoafetivos, tem várias medidas protetivas aqui solicitadas contra mulher, tem as mesmas condutas de um relacionamento hétero. Da posse, de incomodar no trabalho, de não deixar que reconstitua a vida de outra forma, com outra pessoa. Vejo essa conduta no homem e vejo essa conduta na mulher. Ela tem o mesmo pensamento do macho. Do possuidor. E tem mulheres que também são possuidoras do marido, o contrário também acontece, só que em menor número. É do ser humano esse egoísmo de você não querer, não aceitar que você foi deixado entre aspas de lado, que você não é importante como você acha que é. A pessoa parte pra violência pra segurar a pessoa à força. A raiz é bem profunda, Naiara, é tudo isso que a gente tá discutindo, do ego, de não querer ser deixado pra trás, de criança a gente é assim. Os outros vão brincar e não te convidam, pronto você já fica bravo, burrito. No final das contas a gente vai da onde? Educação.

APÊNDICE D – Entrevistado dois – Redação RSN

Naiara: Primeiro, sobre sua trajetória profissional. Você é formado em jornalismo?

Dois: Sim. Sou formado em jornalismo. Da turma de 2012, da Estadual do Centro-Oeste.

Naiara: Conta um pouquinho sobre sua trajetória profissional. Tanto os estágios que você passou, e depois de formado.

Dois: Quando eu entrei na faculdade eu já trabalhava para uma empresa de Irati, que era concorrente da Catho, que trabalha divulgando vagas de emprego. Eu trabalhava no setor de mídias sociais desenvolvendo estratégias para que as vagas que eles divulgassem tivessem mais visibilidade. Isso foi quando eu cheguei aqui em 2012, bem no começo do ano. Acho que em julho eu fui cobrir um buraco na Rede Sul, que eles precisavam, nem chegava a ser uma vaga temporária, era um período X ali, bem curto, acho que duas semanas, era literalmente um tapa buraco. Aí, eu acabei caindo na graça da Cris, que é a diretora, aí sim ela criou uma vaga temporária para mim. Inicialmente também era no setor de mídias sociais, na época eu tinha uma certa influência, principalmente no Twitter, e isso valia muito para conseguir emprego nessa área. Ela gostou do meu currículo, simpatizou que eu já atuava um pouco na área, e porque meu Twitter tinha bastante influência. Eu entrei lá pra cuidar só de mídias sociais, eu fiquei mais ou menos um ano cuidando só disso, mas eventualmente eu tinha contato com a rotina jornalística deles. Como eu estava cursando Jornalismo, meu maior objetivo era o Jornalismo, e eu tava tentando chegar nesse objetivo. Mais ou menos um ano depois fui transferido para o setor de Jornalismo, e passei a ser estagiário nessa área. Em meados de 2013 eu passei pro setor de jornalismo, onde fiquei até o final da faculdade. Nesse meio tempo, surgiram outras oportunidades que eu sempre levava em paralelo à Rede. A Rede sempre foi minha prioridade, na época ainda era Rede Sul de Notícias. Aí surgiram alguns trabalhos paralelos, tipo um que fiz na Renault, que era vinculado à Unicentro, no setor de qualidade percebida, total fora da área de comunicação. Também teve estágios políticos que eu fiz, por indicação da própria equipe da Rede Sul, e também teve cobertura de eventos, essas coisas assim.

Naiara: E depois da sua formação, como foi sua atuação profissional? Como você se encontrou com a Rede Sul de novo? E há quanto tempo está aqui?

Dois: Quando eu me formei... Eu nunca quebrei o vínculo com a Rede, mesmo quando consegui outros trabalhos paralelos. Mas, quando eu me formei, eu me afastei um pouco mais deles porque eu abri a minha empresa, voltada pra marketing digital. Aí outros clientes foram surgindo, mas mesmo assim eu tinha contrato com eles, só que não era mais ligado ao jornalismo. Eu cuidava da parte da comunicação interna deles, e cuidava também de como eles eram percebidos pelo público, do marketing propriamente dito. Fiquei um ano nesse processo. No começo de 2018 abriu a vaga da edição deles, o editor deles saiu. E eu acabei sugerindo meu nome para a diretora, porque na época ela tava meio perdida de quem ela podia pegar. Aí eu apresentei pra ela que como eu tava em contato com a empresa já fazia seis anos, e que desde 2013 eu vivia a prática jornalística deles, já sabia o que eles faziam, e sabia o que poderia ser melhorado, eu sugeri pra ela, ela concordou, fizemos a experiência. Eu to há um ano na edição, nessa sexta-feira eu saio da edição. Deu exatamente um ano.

Naiara: Partindo para a prática jornalística de vocês. Qual é o volume diário de textos produzidos por vocês?

Dois: São produzidos cerca de 30 textos por dia na RSN. Muitos dos conteúdos que entram não são reportagens, são notas, não tem entrevistas, é conteúdo de gaveta que a gente acaba desdobrando. Então, contando reportagens, notas, enfim, dá uns 30 conteúdos. Isso tudo contando com o apoio de releases, mas quando vem release pra gente, por padrão da redação a gente nunca coloca na íntegra, sempre invertemos, completamos ou desdobramos o conteúdo. Sempre tem um trabalho de redação mesmo que seja um release.

Naiara: Em relação a essas produções diárias, que você estima que sejam umas 30, você tem uma noção de quantas fontes são consultadas diariamente?

Dois: A consulta por fontes diariamente varia bastante de acordo com os temas trabalhados no dia. Se fossemos colocar na ponta do lápis o número de vezes que a gente levanta o telefone para checar uma informação ou enviar um e-mail, dá bem mais de 30 vezes por dia. É maior do que o fluxo de matérias diárias. A gente faz mais contatos por dia pra poder verificar a informação.

Naiara: Em relação a entrevista, pensando na estrutura do portal. Essas entrevistas geralmente são feitas por telefone, por e-mail?

Dois: Depende do tipo de conteúdo. Depende da disponibilidade da nossa fonte. E, claro, também tem a nossa disponibilidade, porque nos meios de comunicação hoje, eu acho que a gente tem uma certa cobrança do tempo maior ali na web. Não por uma questão de existir uma cobrança nossa, do meio de comunicação em si, mas é uma cobrança do público, de ser muito imediatista, às vezes, por acabar saindo em outro portal antes, alguma coisa nesse sentido.

Naiara: E são 30 publicações diárias, para três jornalistas...

Dois: Sim, temos essa questão, é um fator limitante o número de pessoas. A gente sempre tenta fazer um meio tempo, que fique bom pra gente, que fique bom pra fonte, e que não comprometa nossa informação. Eu não avalio como um ponto negativo, por exemplo, a gente fazer uma entrevista por telefone se a informação vem completa e a gente consegue fechar o conteúdo e passar um conteúdo coeso pro leitor.

Naiara: Em relação à estrutura do espaço. Todo mundo tem computador próprio? Câmera? Como funciona? Tem carro da equipe?

Dois: Tem. Tem carro da equipe, quando o carro não está lá nós usamos o carro da diretora, que sempre tá lá também. Não é sempre que a gente precisa fazer externa, tem algumas pautas que exigem, principalmente em alguns casos de segurança que tomam uma proporção maior como o caso da Tatiane. Apesar que, o nosso escritório é no centro, a gente mora no centro, então às vezes nós fazemos essas externas a pé mesmo. Mas, quando tinha desdobramento em polícia ou alguma coisa assim, nunca teve problema de locomoção. Cada um tem seu computador. Temos duas câmeras para produção de fotos e eventuais vídeos.

Naiara: Na discussão da minha dissertação, quando eu fizer o levantamento, a minha discussão teórica vai além do gênero, que é fundamental, a parte de jornalismo vai abordar noticiabilidade, enquadramento e newsmaking. Newsmaking é mais ou menos o que estou levantando aqui com você, que é rotina de produção. Em relação a enquadramento e noticiabilidade, você se recorda o que viu sobre esses conceitos a graduação?

Dois: Sempre fui muito ruim na parte de teorias do jornalismo na graduação. Não me recordo muito. Eu tive um pouco de contato com isso em uma ou duas conversas sobre isso que o pessoal tava tendo no mestrado na UEPG. Alguma coisa eu acabava recordando, mas se você parar pra falar assim “você lembra de uma teoria específica?”, não vai sair.

Naiara: Mas você tem uma noção do que é?

Dois: Sim.

Naiara: Você consegue enxergar isso no seu trabalho? Você vê uma notícia, qual é o critério de noticiabilidade que você usa? Ou você vê um assunto e pensa “vou dar esse enquadramento”. Você tem uma relação entre esses termos e seu fazer jornalístico?

Dois: Com certeza. Uma coisa que eu priorizo muito na redação, principalmente na web onde tem muita gente falando sobre a mesma coisa, é ter um enquadramento diferenciado para que o leitor clique no nosso conteúdo. Temos a preocupação de pensar no critério de noticiabilidade e no enquadramento que vamos dar ao conteúdo. Principalmente em casos de violência contra a mulher nós temos esse cuidado. A gente até adotou algumas frases chave, várias frases se repetem nessas matérias e é proposital. Por exemplo: a polícia divulgou um caso de uma mulher que foi espancada pelo marido, sempre tomo o cuidado de dizer que é um registro feito pela PM, para as pessoas entenderem que não é um caso isolado, que só uma mulher foi agredida, na verdade é que foi apenas um caso registrado pela PM. Não é porque a PM registrou só um caso que só uma mulher foi agredida. Ou então, a gente sempre usa “a PM registra mais um caso”, que é para as pessoas perceberem a gravidade e a gente acaba inserindo um hiperlink linkando com outro caso que aconteceu naquela semana. Mas tem essa preocupação.

Naiara: Eu já vi você e a repórter conversando sobre título de matérias. Se colocar tal título vai chamar mais atenção. Essa é uma questão de enquadramento também? Você pegar o tema e já pensar como vai enquadrá-lo no título?

Dois: Com certeza. Principalmente pela questão do título, exatamente pela questão do título. A repórter no começo, nunca tinha trabalhado com web, ela falava bastante “vou precisar de mais ajuda com o “título”. Cada um tem o seu jeito de escrever, mas eu e a repórter conseguimos direcionar o texto a partir da definição

do título. Já a diretora pensa no título só depois da matéria pronta. Temos uma preocupação muito grande com o título porque, claro, eu quero passar a informação correta e tudo mais, mas para manter o negócio eu preciso ter acessos, preciso ter visibilidade. E para ter visibilidade eu preciso divulgar um conteúdo atrativo para o público. E sempre paro para pensar "até que ponto estou sendo sensacionalista?". Será que não pondo um título muito tcham, só pras pessoas irem lá e clicarem, sabe?

Naiara: Partindo pra cobertura de violência contra a mulher. Essa é bem pessoal. Qual você acha que é a principal causa da violência contra a mulher?

Dois: A principal causa da violência contra a mulher é a cultura do machismo impregnada, intrínseca. Isso está enraizado e os homens e muitas mulheres reproduzem e são afetadas pela cultura do machismo. Eu resumiria dessa maneira. A violência contra a mulher é um problema de gênero. E a violência de gênero me parece que é uma demonstração de poder, é uma pessoa querendo impor o poder que ela tem sobre a existência de outra.

Naiara: Você tem discussões relacionadas à gênero?

Dois: Não. Teóricas você diz?

Naiara: Não necessariamente.

Dois: Aí sim. A repórter principalmente, a gente vira e mexe tá falando sobre isso. Com você eu converso sobre isso. O Pierre é super ativista. Por muito tempo eu não quis falar sobre isso, isso foi uma coisa que acabei aprendendo com a repórter, e na prática da redação. Muitos casos de violência contra a mulher eu não sentia no meu lugar de fala, eu não gostava nem de escrever matérias sobre isso, porque parecia que eu estava tomando o espaço de uma mulher que poderia estar falando sobre isso. Mas conversando com a repórter, ela mesma acabou me dando esse toque de que é meu lugar de fala também e que não é porque sou homem que não posso falar sobre isso. Tem bastante discussão sim.

Naiara: Sobre a produção de violência contra a mulher na redação de vocês. Você chega na redação de manhã, abre os relatórios da PM, porque um caso de violência contra a mulher vira notícia e outro não? Qual é o critério?

Dois: Em casos específicos de violência contra a mulher ou em casos de segurança?

Naiara: De violência contra a mulher.

Dois: Eu posso estar errado e a gente pode ter falhado em algum momento e ter passado um caso batido. Mas a determinação que eu passei na redação, no meu período de chefia, foi que todos os casos de violência contra a mulher são notícia. O que acontece às vezes é que tem muitos casos de violência contra a mulher registrados de um dia para o outro, então a gente junta todos em um só e faz um manchetaço sobre isso. A gente tem um fator limitante que a gente depende muito da PM, e a PM não divulga os nomes, e a gente não tem bola de cristal. Se a PM se atém ao fato exclusivamente de que a mulher levou um soco ou algo nesse sentido, e não dá nenhum detalhe a mais sobre isso, eu não vou ter de onde tirar essa informação, porque o caso é passado pela PM. Eu não tenho onde procurar. Via de regra, todos os casos de violência contra a mulher que acontecem em Guarapuava que são públicos, que a imprensa fica sabendo, a gente divulga. São noticiados. Aí existe um critério assim: o que é manchete e o que não é manchete?

Naiara: E qual seria esse critério?

Dois: Que depende, por exemplo: da hora que aconteceu, da hora que a gente ficou sabendo. Um dos critérios é novidade e o outro é a gravidade. Depende de como está o fluxo de manchetes da redação. A gente tem um padrão em que é derrubado seis manchetes por dia em horários pré determinados - 7h, 9h30, 11h30, 14h, 16h, 17h30 - esses horários podem variar, geralmente eles podem ser adiantados, caso aconteça alguma coisa extraordinária, mas eles raramente são atrasados. Uma matéria das 16h, não vai entrar às 16h30, mas uma matéria das 16h pode entrar às 15h30. Entram 30 matérias no site, e 6 são manchetes. A gente sempre tenta colocar as manchetes com bastante informação, mas nos casos de violência contra a mulher temos muitas limitações, poucas informações são passadas no B.O. Então, fica até estranho para um portal que tem 2 milhões de acessos mensais, abrir uma manchete de duas linhas. Então, sempre procuramos identificar se temos informações suficientes que rendam uma manchete. Geralmente se eu consigo informação pra render pelo menos 3 parágrafos, eu forço uma manchete por avaliar que é um tema muito importante.

Naiara: E como é a hierarquia do tema violência contra a mulher no site? Rende manchete? É difícil virar manchete por falta de informação?

Dois: A gente tem esse problema de falta de informação, mas eu consigo geralmente forçar 3 parágrafos, que é o meu critério pra virar manchete. Por mais que eles divulguem pouco, a maioria acaba virando manchete, eu não descarto. É só se, por exemplo, já aconteceu de eu estar com manchete de violência contra a mulher pra entrar no site, e uma pessoa muito importante de Guarapuava resolve morrer naquela hora, sabe? Ou acontece uma fuga na cadeia, alguma coisa nesse sentido. Aí a notícia acaba sendo derrubada, mas não derrubada do site, só não ganha o destaque da manchete. Geralmente matérias de violência contra a mulher entram como manchete ou no bloco 1, que hierarquicamente perde apenas para a manchete.

Naiara: E em matérias de violência contra a mulher, pelo que eu observo, geralmente, a vítima não é entrevistada, por conta até dessa falta de informação que você comentou da PM.

Dois: Não temos acesso a essa fonte. Eu numa avaliação pessoal, não sei se seria o ideal ter acesso a essa fonte, teria que parar pra pensar, mas talvez seria expor ela. Mas a gente poderia ter pelo menos um intermediário, a gente poderia ter uma delegada responsável. Aqui em Guarapuava a gente tem, mas ela não fala, é muito difícil ter acesso a ela. A Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres do Município também é de difícil acesso. Elas resolvem os problemas de combate à violência, mas não são acessíveis à imprensa.

Naiara: Essa até era uma das perguntas: além dos boletins de ocorrência, que outras fontes são trabalhadas pelo portal?

Dois: Com a Secretária a gente nem tenta mais, porque ela botou um obstáculo enorme entre nós e ela. Ela só fala com a gente por intermédio da assessoria de Prefeitura, uma vez tentei passar pela assessoria e deu uma confusão sem tamanho. Então, a gente simplesmente não tenta mais falar com ela. Porque são casos que não custaria nada para ela dar uma declaração, para abrir uma aspa, passa algum tipo de dado para completar nosso conteúdo, mas ela não fala. Como profissional é excelente, o trabalho enquanto Secretária não tem o que dizer, mas o relacionamento com a imprensa – e não é só com a gente – é um lixo. Então, simplesmente, a gente não tenta mais falar com ela. Quem é a pessoa que a gente ainda tenta falar é a delegada. Ela chegou aqui no meio de 2018, e algumas vezes a gente conseguiu falar com ela, mas de todos os delegados da 14ª ela é a mais difícil de localizar. É bem difícil desdobrar conteúdo com ela. Mas acontece alguns casos, que exigem desdobramento, então a gente acaba enchendo o saco dela até ela falar. Existe uma lacuna de fonte para falar sobre o assunto violência contra a mulher em Guarapuava.

Naiara: Além dos B.Os, existe outra origem de pautas sobre violência contra a mulher? Alguém da redação sugere?

Dois: Eu sugiro, a repórter sugere, a diretora sugere, quando tem jornalista temporário acaba sugerindo também, às vezes as nossas famílias sugerem pautas relacionadas à violência contra a mulher. Por exemplo, fazer um levantamento de quantas mulheres foram agredidas em 2018, é uma informação quase impossível de conseguir, e falha de conseguir, pois não é um número preciso. E caímos no problema do contato com a Secretária que seria nossa principal fonte. Isso é da Secretaria da Mulher, e isso é da época da Eva. Elas não gostam de passar os números, é um protocolo delas. Apesar de elas falarem que tem problema de elas conseguirem números precisos, e tudo mais, e que o governo do estado e o federal se enrolam. Só que elas não gostam de passar, porque elas acham que isso influencia de alguma maneira, e isso eu sei por causa de conversas em off que já tive com elas. Tem uma coisa que é bem importante eu falar também, não sei se você vai aproveitar essa fala, mas eu acho importante. A gente tem uma barreira com a própria PM, porque a gente divulga o que ela divulga, mas eles têm um crivo ali dentro, e a gente não sabe que crivo é esse. Eles barram algumas coisas, e isso a gente só descobriu no final do ano passado, que mudou a pessoa responsável pela comunicação. Antes, todos os relatórios que a gente recebia tinham no máximo uma folha ou uma folha e meia com as ocorrências do dia. Só que quando entrou essa nova pessoa da comunicação o relatório começou a vir com 7 páginas, 8 páginas, 9 páginas. Aí um dia eu liguei lá e perguntei se havia aumentado a criminalidade em Guarapuava, e eles responderam que esse era o relatório normal, mas que provavelmente a pessoa que era responsável antes colocava só o que ele achava mais relevante. Então, tem esse fator: o policial tem a possibilidade de barrar determinados boletins, que ninguém ficará sabendo para poder noticiar.

Naiara: Às vezes pode acontecer um caso gravíssimo e ele pensar “não vou colocar isso”.

Dois: Pode acontecer. E a gente nunca vai saber.

Naiara: Na Rede Sul tem alguém que fica mais responsável por escrever sobre violência contra a mulher?

Dois: Eu. Casos de violência contra a mulher sou eu que escrevo. Não é por ser esse tema, mas é por ser segurança. Eu sou o responsável pela editoria de segurança, por isso esse tema acaba ficando para mim. Existem alguns fatos específicos, que daí existem jornalistas designados. A repórter, por exemplo, cuida do caso Tatiane. Eu nem me meto nesse caso, só no início quando estava um caos e tinha notícia a todo momento, a gente teve que ajudar para dar conta. Mas o caso é dela.

Naiara: Você acha que há um tratamento diferente uma matéria de violência contra a mulher ser escrita por um homem ou uma mulher?

Dois: Acho que tem diferença uma matéria sobre violência contra a mulher ser escrita por homem ou por mulher. No começo, quando determinamos as editorias e eu fiquei com segurança. Depois eu me peguei pensando "será que eu não tinha que entregar as matérias de violência contra a mulher para a repórter e a diretora?". Justamente por não me achar em lugar de fala, eu não me sentia confortável em falar desses casos, porque são violências em sua maioria cometidas por homens, e eu sou homem. Deve ter diferença pelas experiências pessoais do jornalista que está escrevendo. Foi exatamente por isso que eu deixei o caso com a repórter, porque eu acredito muito na cultura do machismo, e não ignorante a ponto de falar que eu não sou influenciado por essa cultura, e conhecendo a repórter eu sei que ela é menos influenciada por essa cultura do que eu. Eu tenho medo de ter alguns vícios culturais que sejam reproduzidos na minha matéria.

Naiara: Você ficou responsável pela editoria segurança, mas as matérias de violência contra a mulher nem sempre caem na editoria de segurança no site, né? Elas aparecem na editoria Guarapuava também, né?

Dois: Sim, é uma distribuição do site, o que acontece é de elas aparecerem duplicadas. A mesma notícia aparece em mais de uma categoria. A categoria Guarapuava é uma estratégica que a gente tem pras pessoas preguiçosas, que não gostam de entrar no site pra ler notícias do Paraná, Cândói, região. Então, a pessoa vai na categoria Guarapuava e vai ter acesso a tudo que entrou sobre Guarapuava, porém de categorias variadas. É uma estratégia isso aí.

Naiara: Além das fontes oficiais, o portal procura fontes especializadas sobre o assunto pra trazer na matéria? A Rede Sul tem uma preocupação em trazer dados do mapa da violência no Brasil? Ou pegar a Lei do Feminicídio? Tentar aprofundar um pouco, trazer mais conteúdo.

Dois: Você diz, aconteceu um caso de violência e a gente acoplar essa informação nesse caso? Ou fazer um desdobramento?

Naiara: Os dois casos.

Dois: Em casos específicos de violência hard news, a gente não traz dados, pela pressa da redação e o número reduzido pessoas. Mas em desdobramentos cabe, mas não é sempre, e eu acho que a gente nunca usou o mapa da violência. Mas já fomos atrás de fontes externas, levantamentos do governo do estado, alguma coisa nesse sentido. Quando a gente vai atrás de dados são desdobramentos.

Naiara: Você enquanto editor deve acompanhar o ranking das mais lidas do dia, né? Na sua percepção, as notícias de violência contra a mulher são muito lidas?

Dois: Aquela parte das mais lidas é atualizada a cada 2h30min. Notícias de violência contra a mulher sempre estão entre as mais lidas do portal. Assim como toda e qualquer matéria de segurança. E em segundo lugar entre os mais lidos é política.

Naiara: No geral, dos comentários que vocês tem no site e no Facebook, qual é o posicionamento dos leitores sobre as matérias de violência contra a mulher?

Dois: Que a mulher é culpada. Isso a gente sentia muito no começo essa culpabilização. E a gente sempre ficava naquela discussão assim: "a gente tem que se meter nesse tipo de comentário?". Porque, querendo ou não, é a opinião do leitor. E, em tese, apesar da gente ter nossa responsabilidade social, nós estamos aqui para informa-lo. O fato de eles não se comoverem com isso, não chega a ser um problema nosso entre aspas. Por isso, sempre ficamos nesse impasse. O que a gente notou é que - não sei se porque os casos aparentemente começaram a aumentar ou porque o caso da Tatiane veio à tona - depois de um tempo, vimos que os primeiros comentários são dizendo "jaguara, tem que estar preso" ou ainda "porque não divulgam o nome desse vagabundo?". Aí tem uma pessoa ou outra culpando a vítima, mas é bem menos do que antes, geralmente

comentam assim "porque que tava com esse traste então?". Só que tem alguns tipos de violência que os leitores caem matando na mulher e não no homem, por exemplo, quando o padrasto abusa da filha dessa mulher, aí não tem uma viva alma que defenda a mulher.

Naiara: E como vocês lidam com isso? Esses comentários vocês respondem?

Dois: A gente não responde. O que a gente faz é ocultar alguns comentários que ofendem a vítima. Se ele fala que essa mulher é uma vagabunda mesmo, e que ela não devia estar com esse cara, porque foi mais que merecido ter sido estuprada, aí a gente oculta. Acontece que em alguns casos a gente acaba perdendo o controle, começa a aumentar muito o giro de matérias, a notícia vai caindo, a gente faz o crivo no começo, depois toma uma proporção muito grande e não conseguimos acompanhar.

Naiara: Então você acha que teve uma mudança pré-Tati e pós-Tati?

Dois: Na minha avaliação sim. Nem conversei com a entrevistada três sobre isso, mas na minha avaliação sim.

Naiara: Pra finalizar, vamos pro caso da Tati. Depois do feminicídio da Tati em julho, como que vocês estruturaram a redação pra falar sobre esse caso?

Dois: A morte da Tati aconteceu em um domingo, no mesmo domingo da morte do Deputado Estadual Bernardo Carli. Então a estruturação da redação demorou um pouquinho para acontecer. A gente conseguiu parar e se alinhar na terça. O caso da Tati não tinha o apelo da imagem no começo e o caso foi totalmente ofuscado pela morte do Bernardo. Então, o caso ter tomado a proporção que tomou foi muito relevante. Na segunda-feira – como estava vindo muito político pra cá – demos uma atenção maior para o caso do Bernardo do que para o caso da Tati. Acho que na segunda-feira entrou uma matéria do caso da Tati e umas 50 do Bernardo, girou muito mais do que deveria virar o site. Na terça ou quarta a gente se alinhou. Eu perguntei se a repórter podia ficar com o caso, ela aceitou. A gente estava partindo do pressuposto que ele era o principal suspeito, em nenhum momento nós o colocamos como um coitado da história. Ele era o suspeito da polícia e passou a ser o nosso suspeito também. Existiam alguns jornais da cidade que estava levantando se ele teria matado mesmo.

Naiara: Na sua visão como editor, o que você vê que foi o diferencial desse caso? Feminicídios acontecem, não só em Guarapuava, mas em outras cidades. Por que tomou toda essa proporção? De virar um caso. É o caso Tatiane.

Dois: É o caso Tatiane. Em minha opinião o caso tomou essa proporção: primeiro pela brutalidade, não é sempre que uma pessoa é morta caindo de um prédio, isso mesmo antes das imagens divulgadas já estava no imaginário da pessoa, a visualização dessa queda. Esse foi um fator, mas não acho que foi o preponderante, acho que influenciou muito a classe social da Tati, porque ela era de uma família super tradicional de Guarapuava e de uma família classe A. A posição profissional da Tati, porque ela era advogada e era renomada. E, depois, sem dúvida, as imagens. Mas, primordialmente, esses dois fatores iniciais, ela ter sido morta da forma que foi, e a questão da classe social dela sem dúvida, isso sem dúvida. A OAB se envolveu demais, e qualquer coisa que a OAB fala acaba tomando uma proporção muito grande, porque é uma entidade muito representativa e forte. Acho que esses fatores.

Naiara: E o caso chegou a sair no New York Times, vocês repercutiram, né? A proporção foi muito grande. Foi o vídeo, foi a classe social? O que pesou mais?

Dois: Foi o vídeo. Eu acho que os familiares da Tati queriam mesmo que as pessoas que estavam em cima do muro parassem de uma vez, porque estava muito evidente que tinha sido ele.

Naiara: Pensando em tudo o que discutimos, na gravidade desses casos, o que você acha que é o papel do jornalismo na nossa sociedade?

Dois: Essa é muito difícil, porque eu entro em tantas discussões internas sobre isso. É muito difícil você assumir uma posição para um jornal. Personificar um determinado caso para um jornal e definir “essa bandeira aqui é minha e qualquer coisa que vá contra isso aqui, o meu jornal diz que é errado, se não gostou vai ler em outro lugar”. É muito difícil fazer isso, mas eu acredito que o jornalista tem a sua responsabilidade social, principalmente em casos de violência contra a mulher. Em casos de violência contra a comunidade LGBTQ. Quando eu entrei na RSN eu conversei com a Cris se ela me dava liberdade pra gente levantar algumas bandeiras, algumas coisas que eu queria tomar partido, tentar não ser neutro na matéria, tentar

mostrar que algumas coisas são erradas. Acho que a gente tem um papel social, mas não consigo te resumir em uma frase qual é nosso papel social.

APÊNDICE E – Entrevistada três – Redação RSN

Naiara: Pra começar, você é formada em jornalismo?

Três: Sim, pela Unicentro, e mestre em Comunicação pela UEL.

Naiara: E a sua trajetória profissional? Desde a época da graduação até agora.

Três: Na graduação eu comecei fazendo estágio em assessoria de imprensa, na própria Comunicação da Unicentro, fiquei até 2014 na Coorc. Depois eu participei de um projeto de extensão que eu fazia a parte de comunicação interna da Renault, mas era comunicação interna. E trabalhei com estágio temporário na assessoria de imprensa da Expogua, que era 10 dias da cobertura completa da feira, por três edições. Depois eu fui pro Mestrado, onde não tive nenhuma atividade profissional.

Naiara: O que você estudou no mestrado?

Três: No Mestrado eu estudei fotografia, memória e história. Trabalhei com a emancipação do município de Itaipulândia, a partir da ótica dos pioneiros, trabalhei com a metodologia da fotografia como gatilho disparador da memória. Entrevistei 8 pioneiros de Itaipulândia, onde eles falaram sobre o processo de emancipação do município, recolhi os depoimentos deles, a partir da apresentação de algumas fotografias desse período, e apresentei como que a fotografia atuou como gatilho disparador da memória, e como isso ofereceu subsídios históricos para esse processo de emancipação do município.

Naiara: Depois do mestrado você entrou na Rede? Em qual função?

Três: Eu defendi o mestrado no dia 8 de março, e em 2 de abril já entrei na RSN como repórter. É o menor cargo. A gente tem na redação a diretora de jornalismo, o editor e eu como repórter. Eu sou a única reportagem.

Naiara: Então, a gente vai ter algumas discussões mais de gênero, de jornalismo e depois mais específico sobre a cobertura da Rede. Pra gente começar, eu queria entender um pouco da rotina de produção da Rede Sul, por exemplo, qual é o volume de matérias produzidas diariamente?

Três: Eu ou o site?

Naiara: O site como um todo, e você também.

Três: A nossa produção depende muito do dia. Tem dias que eu escrevo umas 10 matérias e tem dias que eu produzo 4. Depende se eu fico com manchetes ou não, porque a manchete é um conteúdo mais aprofundado que demanda mais tempo. Se eu fico com os blocos, que é um conteúdo mais raso, eu escrevo entre 8 e 10 por dia, geralmente baseada em releases que vem das assessorias. As manchetes a gente trabalha com produções de pautas nossas, geralmente a gente demora mais tempo nesse tipo de produção. Depende muito. Nossa produção diária é pra derrubar o site todo. A gente tem 6 matérias no bloco 1; no bloco 2 a gente tem 5 matérias. Além disso, a gente tem 4 matérias de política, 4 de segurança, 4 no cotidiano. No bloco 1 gira a manchete principal, a manchete gira 6 vezes. Às vezes a gente coloca uma matéria direto no bloco 1, então o bloco 1 roda mais. Da entre 30 e 35 matérias por dia. Em três jornalistas é bastante.

Naiara: Nesse período que eu falei do recorte, de fevereiro a agosto de 2018, vocês estava em três?

Três: Isso. Em três. Quando eu entrei, a gente tinha o Matheus, que fazia estágio voluntário, como a Unicentro tá com essa carga horária, ele tinha uns horários bem nada vê, sabe? A gente não conseguia contar com ele pra produção de conteúdo, pra cobrir evento e tal. Ele fazia umas coisas meio picadas. A gente não conseguia colocar ele no hard news, então ele fazia, normalmente, algumas pautas frias, material de final de semana, umas coisas assim.

Naiara: Desse material que você produz, quantas fontes você consulta pra essas matérias?

Três: Tudo depende da pauta. Se eu tenho manchete, não vai ser especificamente no dia. Se eu tenho uma manchete hoje, normalmente eu já articulei antes. Vai depender muito da pauta, de quantas pessoas eu tenho que conversar. Mas, em geral, não passa de... dificilmente a gente fala com mais de duas fontes na manchete.

Naiara: E de bloco?

Três: Se for matéria de bloco, geralmente quando é release, a matéria já vem com sonora. Se não tem sonora a gente pede, eu gosto de pedir se não fica curto, mas depende. No máximo, a gente conversa com o assessor, se faltou alguma informação. Tem essa troca com o assessor, mas com a fonte direta é até difícil, porque o assessor às vezes bloqueia. Então, o trabalho com as fontes é mais na manchete. Aqui na região, a gente tem

várias prefeituras que são nossas fontes diárias. Eu mexo bastante com o bloco 2, que em geral é voltado para assuntos da região. Então o contato com prefeituras da região é quase sempre eu que faço.

Naiara: E questão de estrutura que vocês tem de produção, como funciona? Tem computador próprio? Telefone? Carro? Câmera?

Três: Cada um tem seu próprio computador. Além disso, tem um notebook para usar no fim de semana, se a gente não quiser usar o nosso pessoal. No caso, eu uso o meu, o editor usa o dele, mas se precisar temos um à disposição. Eu uso o meu gravador, o editor usava o celular dele, a diretora só anota, acho que a RSN não tem gravador. A gente tem duas câmeras fotográficas. Tem o celular da RSN que fica com a gente no fim de semana e ele é de linha, então as ligações são todas feitas pelo celular, tanto ligação para fixo quanto para celular. Fora isso, temos nosso telefone fixo na redação. Temos carro próprio, eu não gosto de usar o carro, eu prefiro fazer as pautas a pé, mas o carro fica lá disponível.

Naiara: Agora uma pergunta mais teórica. Na dissertação, do jornalismo serão utilizados conceitos como enquadramento e noticiabilidade, pra fazer a análise. Então, pra gente é interessante saber o que os jornalistas que estão na redação que a gente está pesquisando entendem por enquadramento e noticiabilidade. Primeira pergunta: o que você aprendeu sobre enquadramento e noticiabilidade na graduação?

Três: Eu consigo enxergar isso em como eu faço no dia, mas eu não consigo lembrar disso na faculdade. A noticiabilidade começa pelo sentido do interesse público. Na Rede nosso principal critério é fazer pautas locais. Se o assunto tem como foco Guarapuava, a gente seleciona. Interesse público, se a gente consegue trazer proximidade com as pessoas. Identificação dos nossos leitores. O choque com certeza é um critério, porque se for corriqueiro ele não vai surpreender as pessoas. Então, é notícia por quê? Porque não é comum. A utilidade pública da informação.

Naiara: E o enquadramento?

Três: Da faculdade eu não consigo lembrar muito. Não me lembro de ter visto nem sobre noticiabilidade, nem sobre enquadramento na faculdade. Não consigo não associar com a Rede. Quando eu entrei na Rede eu tinha dificuldade de enquadramento, porque eu começava com o enquadramento geral, e o editor que me ensinou a inverter isso, que eu tinha que focar por Guarapuava, justamente porque era o enfoque da Rede. Então, tudo que a gente começa na Rede, a gente vai começar por Guarapuava. Dificilmente Guarapuava não vai estar no nosso título, se não tiver é porque o título ficou gigantesco, então certamente vai estar na linha fina. Tudo tem foco no local.

Naiara: O enquadramento seria o local?

Três: Primeiro o local, no máximo a região, sempre. Se tiver uma notícia estadual, o editor sempre fala pra puxar, isso sempre foi uma ordem assim. Tudo tem foco no local.

Naiara: Se você pudesse definir o problema da violência contra a mulher. Qual seria? Porque existe?

Três: Em minha opinião a violência contra a mulher é um problema cultural. Estou falando a partir da minha bagagem, sobre tudo o que já produzi aqui em Guarapuava, eu acho que é um problema cultural. Em Guarapuava, mais especificamente, porque é uma cidade muito conservadora, tradicional. Aqui o machismo é muito forte ainda. A cultura de que a mulher tem que ser submissa, de que a mulher serve ao homem, de que a mulher é uma propriedade que pertence ao homem, e que ele domina ela, o corpo dela pertence a ele, ela deve obedecer ele, deve fidelidade a ele, não só a fidelidade sentimental, mas, principalmente a física. Isso acaba dando respaldo para outros tipos de violência que culminam na física e na sexual, que desencadeiam, por sua vez, no ciclo da violência contra a mulher. Pra mim, em Guarapuava vem muito disso, a gente percebe muito isso na Rede, em todos os nossos comentários. Hoje, pra mim, no caso da Tati teve uma mudança, mas ainda assim não sei além dos comentários do Facebook a gente tem isso efetivamente, na prática, na cultura.

Naiara: O editor até comentou sobre isso. Que nos comentários ficou perceptível a mudança dos leitores depois do caso da Tati. Qual é a sua percepção sobre os comentários do leitor da Rede?

Três: Eu não acho que teve uma mudança efetiva. Eu acho que as pessoas se calaram, apenas isso. Não todas, elas ainda existem, elas só diminuíram. Eu acho que o caso da Tati teve uma apelação tão forte que elas se intimidaram, mas elas ainda estão lá, porque o caso da Tati foi muito forte, então deu uma amenizada. Como eu acompanhei, no dia do acontecido a gente via muitos comentários de pessoas colocando em dúvida, né?

Na verdade, na nossa primeira matéria a gente também não podia afirmar muita coisa, não tinha muita informação. Já nas matérias seguintes essa dúvida não apareceu mais, sempre foi a favor da Tati. Depois os comentários eram cheios de ódio ao Manvailer, que ele pegue fogo, pena de morte. Recentemente, eu já vi comentários de pessoas “ah, porque tava na rua essa hora?”. Então, eles ainda existem, só acho que deu uma amenizada na época. Foi importante? Foi. Mas, acho que foi muito mais da repercussão, que foi apelativo na época, foi um divisor de águas de certo modo.

Naiara: Você tem uma certa afinidade com discussões de gênero?

Três: Eu gosto de participar das discussões de gênero. Não tenho propriedade para falar, não tenho embasamento teórico, mas eu gosto de acompanhar, gosto de escrever sobre. É um conteúdo que eu gosto. Sempre que eu vejo pauta sobre isso, eu tento trazer pra Rede, discussões assim, iniciativas nesse sentido, mas não me aprofundo.

Naiara: Falando especificamente da cobertura de vocês sobre violência contra a mulher. Você chega na redação, vê o relatório de B.Os, porque um caso vira notícia e outro não?

Três: Vai depender de como foi a agressão. De quais elementos. Depende de quais informações a gente tem no relatório, de como está a vítima - se ela morreu ou não, como foi a agressão, onde foi, quantas pessoas estiveram envolvidas, se tinha crianças. Por quê? Porque é apelativo. Existe também a possibilidade de a gente ter recebido imagens. Se a gente recebeu algum tipo de imagem e a gente tem alguma informação, aquilo pode render. Incêndios seria um exemplo, um caso de violência patrimonial contra a mulher, a imagem seria um diferencial. Os principais critérios são a gravidade do caso, o grotesco e o peso da imagem.

Naiara: Eu sei que muitas dessas matérias são provenientes de B.Os, porque é o meio oficial, né. Mas, elas são únicas? Ou surgem pautas da redação pra falar sobre esse tema da violência contra a mulher?

Três: Existem outras fontes, só que daí ela não precisa ir direto pra segurança. Por exemplo, a gente tem aqui a Secretaria da Mulher, a gente tem várias faculdades aqui, às vezes existem estudantes fazendo pesquisa sobre violência contra a mulher, existe algum tipo de trabalho da Secretaria que tenha esse tipo de discussão. Então, a gente vê pauta nesses ambientes e propõe. Aí ela pode render uma manchete, pode render algum tipo de bloco e não vai em segurança. Não são só os boletins, mas daí depende desses tipos de fatores. O que eu posso dizer é que dificilmente uma pauta dessas é levantada especificamente pela gente, normalmente nós somos provocados. Isso é uma coisa que a gente já buscou mudar. Essa semana mesmo eu entrei em contato com a delegada pra gente tentar fazer alguma coisa diferente, mas em geral nós somos mais provocados a fazer do que provocamos a pauta.

Naiara: Então, nessas pautas, que outras fontes são consultadas pela Rede?

Três: Nós temos a Secretaria da Mulher, temos as faculdades aqui, a Faculdade Guairacá desenvolve alguns projetos, nós temos a Unicentro com o Florescer, por exemplo. Que eu tenha feito, só lembro desses.

Naiara: A vítima é entrevistada? Tem algum tipo de padronização da redação sobre entrevistar a vítima ou não?

Três: Do tempo que eu estive na Rede, a vítima foi entrevistada uma vez.

Naiara: Você lembra o caso?

Três: No caso do Samuca, porque, por exemplo, os casos que são baseados no caso do relatório da PM nós não temos acesso, nós não sabemos quem é a vítima. Como eu falei que nós não provocamos a pauta, então nós não vamos atrás de uma vítima. Então, tem o caso da Tati, do Samuca, que a vítima era conhecida, no momento estava em condições de falar, ela aceitou falar, a gente não sabe até que ponto ela quis falar, se ela foi estimulada a falar. Foi o único caso que ela falou, mas ela não falou comigo. Eu escrevi sobre o caso, mas nas minhas matérias ela não foi citada. Ela falou com a Cris, em uma das matérias que a Cris escreveu, mas eu não sei se afirmar se tem citação dela na matéria.

Naiara: Foi em que mês esse caso do Samuca?

Três: Eu acho que foi em setembro. Mas, assim, não me lembro de ter essa discussão sobre entrevistar a vítima ou não. Acho que esse tipo de coisa a Cris pode responder, que podem ser discussões anteriores a mim e ao editor, por exemplo. Não sei realmente.

Naiara: Na Rede tem algum jornalista responsável por escrever sobre esse tema?

Três: Não. Não tem. Se você falar com a Cris hoje ela vai dizer que sou eu. Ela vai falar “ela gosta”. Não é. Ninguém gosta. Eu não gosto de fazer segurança. Como o editor fica com a editoria de segurança, ele acaba escrevendo sobre o tema, mas quando eu estou de plantão acabo escrevendo também. O Caso da Tati ficou nas minhas mãos e acho que era um caso que realmente acho que merecia que fosse uma mulher conduzindo. Em geral, acho que os casos de violência contra a mulher passam pela redação, casos específicos a gente tenta ter uma discussão para que fique com uma pessoa só.

Naiara: Vocês se embasam em algum tipo de dado? Por exemplo: na redação vocês recorreram à Lei do Feminicídio, Lei Maria da Penha, pesquisas realizadas sobre violência contra a mulher?

Três: Pera aí, eu esqueci de falar quando você falou de fontes que a gente cita, a gente também conversa com Ministério Público em alguns casos, que a gente tem um bom relacionamento com a promotora que cuida de casos de crimes sexuais e crimes contra a mulher.

Naiara: Quem é?

Três: É a Dúnia. E também com a delegada da mulher, que eu esqueci de falar antes. Tá, agora as pesquisas que a gente usa... Se são utilizadas em pautas de um moro geral ou específicas? De um modo geral não. Quando tem uma pauta específica sim, nas que eu fiz sim. Por exemplo, quando eu fiz uma pauta do dia de combate à violência contra a mulher eu usei o mapa da violência pra falar sobre a mudança dos números de Guarapuava. Fiz uma contextualização sobre o trabalho da Secretaria. Quando a gente fez a matéria de uma estudante universitária que pesquisava a violência contra a mulher, ela tinha todos os números de registros mapeando os bairros. Dependendo da pauta há uma contextualização, mas quando são provenientes de boletins, a gente não traz aquele número, não relembra o contexto.

Naiara: E você acha que esse tema tem um peso no portal? Essas matérias viram manchete? Ela tem um destaque? Como é a hierarquização desse tema no portal?

Três: Eu acho que esse tema nunca virou tantas vezes manchete como tem virado agora. Acho que uma soma de fatores tem resultado nisso, é o fato da própria mobilização social por esse tema, é o posicionamento editorial - neste momento é uma bandeira que a Rede está levantando, é o fato de a sociedade cobrar essa discussão. A gente tem leitura desse tipo de conteúdo. Tudo que entrou da Tati foi manchete, sempre vai ser manchete. Na segunda-feira normalmente tem manchete de casos de violência contra a mulher, por conta do final de semana. Durante a semana também, geralmente esses casos são manchete. Quando são casos menos graves, a gente junta todos e faz uma manchete.

Naiara: Os B.Os de fim de semana, vem as ocorrências de sexta, sábado e domingo e vocês acessam na segunda?

Três: Depende da pessoa que está na comunicação da PM, no fim de semana os B.O's ficam diferente. Às vezes a pessoa que está lá posta o B.O no sábado mesmo referente aos casos de sexta, e no domingo coloca os de sábado. Mas às vezes a pessoa fica sábado e domingo sem postar, e deixa pra colocar tudo na segunda. Isso influencia na produção de conteúdo, porque ou a gente dá picado no fim de semana ou a gente faz um combo e publica na segunda.

Naiara: Uma coisa que o editor relatou é que ele percebe que muitos casos não entram no B.O.

Três: Na verdade isso acontece não só com violência contra a mulher. Acontece com todos os crimes. A gente sabe de muitas coisas que aconteceram que não vão para o B.O. Quantas coisas acontecem e não estão lá no boletim? Existe um filtro da PM, antes de passar por um filtro do jornalismo, e a gente não sabe qual é o critério da PM. Do jornalismo já varia muito de redação para redação, o da PM então... Além de ter várias mulheres que não chegaram a fazer o boletim. Sei lá, se de 100 mulheres agredidas 50 fizeram o boletim, apenas 20 vão para o relatório; e nem todas essas 20 entram no portal como notícia. Pra gente conseguir mapear, não sei como a delegacia faria isso em números oficiais.

Naiara: No portal vocês tem ali a parte dos mais lidos. É um assunto que aparece entre os mais lidos?

Três: Eu quase não olho os mais lidos, eu tenho esse problema, sabe? Eu juro. Nos últimos dias eu tenho tentado olhar, porque eu esqueço, porque parece que eu fico olhando tanto pra ver se o site caiu, que eu esqueço de ver os mais lidos. Mas, eu sei que segurança sempre está nos mais lidos. Morte sempre está nos mais lidos. Os óbitos do dia sempre estão nos mais lidos. A violência, tudo que mexe com isso e gira com segurança sempre está nos mais lidos.

Naiara: Você acha que tem diferença um jornalista homem ou mulher escrever sobre esse assunto?

Três: Eu e o editor discutimos um pouco sobre ter um peso uma mulher ou um homem escrever sobre assuntos de violência contra a mulher. No caso da Tati eu entendi ele se sentir desconfortável para escrever sobre, mas eu não queria que ele se sentisse. Ele se sentia como se ele estivesse no lugar do agressor, entende? Eu não acho que ele tem que se sentir assim, acho que ele tem que fazer parte da discussão. Eu acho que a gente não pode pensar que um jornalista não é apto a escrever sobre isso porque ele é um homem. No caso da Tati acho que foi a decisão correta, mas não sei se esse é o caminho certo. Seria um caminho pra gente pensar. É errado colocar um homem pra escrever sobre isso? Não sei. Eu tenho medo que a gente afaste os homens de participarem dessa discussão. Eu tenho um pouco de medo de que isso seja perigoso, sabe?

Naiara: Agora partindo pro caso da Tati. Vocês ficaram sabendo do caso, e como a redação se estruturou a partir dessa notícia?

Três: A morte da Tati aconteceu em um domingo de madrugada. Aos fins de semana a gente trabalha em escala de plantão, e era meu plantão naquele fim de semana. Eu fiquei sabendo da morte dela na manhã de domingo, pelo próprio editor. Ele recebeu informação de uma fonte confiável, que era da presidente da OAB, e como a vítima era uma advogada, a gente já tinha de certo modo uma fonte confiável, mas mesmo assim não era a fonte oficial. Então, a gente sabia, mas não tinha como divulgar muitos detalhes. O que a gente sabia de oficial era o que tinha no relatório do IML, que eles divulgam na entrada de cadáver, tinha a idade, o local onde ela foi encontrada, a identidade e só. Só tinha isso oficialmente falando.

Naiara: Nesse momento o editor já deixou pra você esse caso?

Três: Não. O plantão era meu, então quem tinha que escrever era eu, mas ele me deu as coordenadas. Na primeira matéria a gente não tinha muita informação, a gente não conseguiu especular muito, o que saiu foram essas informações preliminares do IML. O setor de comunicação da PM não trabalha no fim de semana, e os policiais de plantão não falam com a imprensa, então basicamente foi muito difícil conseguir qualquer informação oficial. O que eu consegui arrancar do pessoal do plantão é que o marido dela tava sendo procurado pela polícia, a Polícia Civil do Estado estava procurando por ele. A gente soltou a primeira manchete e foi tentando levantar informações a partir desse fato, sempre com a polícia, que era a fonte oficial. A orientação do editor foi “vai batendo na polícia”, porque era nossa única fonte. O que ele deu de orientação foi essa primeira matéria “morreu, a Tatiane morreu”. Na segunda matéria eu acompanhei pra ver se ele ia ser preso, que ele foi detido. E a terceira matéria foi quando saiu o boletim oficial, que aí de fato a gente conseguiu dar com todos os detalhes. Essas foram as três matérias do domingo. Aí na segunda, com mais calma, o editor decidiu que o caso ia ficar comigo e decidimos por dar uma cobertura, um foco para esse caso. Ficar em cima para ver se o inquérito ia sair dentro de 10 dias que é o prazo, acho que era uma preocupação que todo mundo tava.

Naiara: E como foi a tua rotina de produção pra esse caso? Você diariamente tentava informações com a polícia? Conferia laudo? Como foi todo esse processo?

Três: Foi muito difícil, principalmente porque eu não tinha muito conhecimento sobre investigação policial. Tem todo um procedimento formal do inquérito, depois vai pro MP que tem que aceitar a denúncia ou não, depois vai pro juiz. Tudo isso foi um processo de aprendizado pra mim também, aprendi muito com o caso da Tati e acho que isso se apresenta nas matérias. Talvez a qualidade das matérias tenha sido um resultado da minha trajetória, talvez a qualidade não seja tão boa, porque eu tava aprendendo, foi meu primeiro contato com esse tipo de produção. Foi o meu primeiro caso. A minha rotina durante aquele período era chegar na redação e buscar as fontes oficiais, por telefone. O delegado responsável era o Bruno, já que a delegada responsável ainda não tinha assumido na época. Ele não parava na delegacia e não marcava coletiva, por isso o contato sempre tinha que ser por telefone. O que a gente sabia era que as TVs estavam fazendo plantão na delegacia e era quando eles conseguiam pegar o Bruno lá. Mas eu que era responsável pelo caso não tenho fonte policial, então quem ficou responsável por conversar com o Bruno era a Cris. Então, eu escrevia o conteúdo, mas não era diretamente responsável pela fonte. A Cris pegava essas informações com o delegado, o editor pegava com a Maria Cecília da OAB sobre como a família estava se articulando na parte jurídica. Foi um trabalho muito coletivo da redação. Eu escrevia, mas o texto era sempre revisado pelo editor, o título era discutido, às vezes tinha uma reformulação, mas no fim os textos são assinados por mim. Tivemos uma

aproximação com o Pedro, que é o assessor do advogado de defesa do Manvailer. E o Gustavo, eles são contatos meus. Aí essas fontes sim eram contatos meus e conversavam diariamente comigo. Eles me encaminhavam as notas todos os dias, as notas saem em quase todos os conteúdos. A gente tinha um contato com o IML, que é um contato da Cris responsável pelos laudos, isso também foi constante no processo de investigação. E depois o contato com o MP, que ofereceu a denúncia. Além disso, a gente tinha um próprio relacionamento da imprensa, que como era um assunto que pautou todos os veículos, a gente servia de pauta pra um e eles serviam de pauta pra gente. No nosso caso, a gente pautava a Rede Massa e a Rede Massa pautava a gente. Se um ficava sabendo de uma coletiva avisava o outro e vice-versa. No caso da Tati tivemos matérias com várias fontes, às vezes tínhamos 3 fontes, 4 fontes, que é algo que não acontece em geral na redação.

Naiara: O que você acha que foi o diferencial desse caso? Porque o da Tati foi tão simbólico e teve uma repercussão tão grande?

Três: O caso da Tati teve essa repercussão por causa da imagens. O forte são as imagens, mas alguns fatores também corroboram, o fato de ser uma família tradicional em Guarapuava, eram jovens de classe média alta pra cidade, eram muito conhecidos, tinham boas condições financeiras, eram bonitos. Teoricamente felizes, eles não teriam graves problemas, eles tinham tudo pra ser felizes, não tinham porque brigar. Porque eles brigariam? Que tipo de discussões esse casal poderia ter? Esse tipo de questão acho que foram levantadas. Além disso, acho que esse caso escancara o quanto a violência contra a mulher não tem classe. Isso que as imagens fazem: elas escancaram. Escancaram mesmo. Pra mim esse é um dos diferenciais do caso, porque quando a gente sabe de outros casos, geralmente são mulheres que apanham na periferia, num matagal, no meio da rua. Mas a Tati estava apanhando em casa, no apartamento dela, no elevador. Eles estavam chegando de uma festa com um puta carrão, sabe? É diferente, porque foi construído socialmente que nesses ambientes não existe isso. O caso da Tati joga na cara que o ciclo da violência não participa dessa lógica, que a classe social não faz parte do ciclo da violência. Por isso que a imagem é diferente nesse caso. Mostra uma menina linda chegando da balada, uma princesa, todos os estereótipos possíveis nela de princesa chegando. E as imagens foram jogadas de um modo muito aberto, sabe? Em geral sempre há uma recusa muito grande da família pensando em não expor as vítimas, e o Jorge, pai da Tati, teve uma postura contrária, ele quis que as pessoas vissem o que aconteceu. Até pra quebrar essa discussão de que as pessoas tinham dúvida se foi ele ou não, né? Ele fez essa escolha e jogou pro julgamento popular. Eu acho que foram as imagens que deram esse diferencial pro caso da Tati. A palavra dela não existia mais, só tinha ele e ele já tinha construído o próprio discurso de que ela tinha se jogado. A gente sabe o poder da palavra do homem na nossa sociedade, e as imagens estavam ali mostrando o sangue frio dele. Infelizmente, as imagens vieram para mostrar que a gente precisa das imagens pra legitimar a palavra da mulher. Essa é a parte negativa desse caso, mas foi necessário.

Naiara: E como aconteceu esse processo com as imagens? O MP passou os vídeos, vocês publicaram todos?

Três: Quando tivemos acesso as imagens, elas já vieram sob uma seleção do MP. Quando a promotora Dunia nos passou, ela disse que eram 13 vídeos, mas ela passou 6. Entre esses 6 a gente tinha o vídeo da queda, quando eu cheguei na redação eu reuni a equipe e pedi que todos assistissem os 6 vídeos, pra que a gente visse o material que a gente tinha. Juntos a gente decidiu o que a gente ia mostrar ou não. Além disso, quando a gente tava no processo de produção, a gente viu que o G1 já tinha alguns vídeos que a gente não tinha, ou seja, o MP passou materiais pra eles que não passou pra nós. O da queda a gente decidiu não divulgar, optamos por colocar aquilo que fosse suficiente pra mostrar que ele bateu muito nela, pra que as pessoas tivessem noção de que aquele cara poderia ter matado ela, que ele é agressivo.

Naiara: O da queda é muito forte, né?

Três: Muito pesado. Se o vídeo mostrasse um braço, alguém debruçado jogando o corpo seria uma informação. Mas o vídeo só mostra o corpo caindo, e essa informação todos nós já sabíamos que tinha acontecido. Além de ser um vídeo muito pesado, em termos de informação ele era apelativo. E alguns vídeos a gente colocou borrado, tem um vídeo que ele carrega ela pra fora do elevador e mostra o rosto dela desfigurado e os seios dela que saíram do cropped que ela tava usando. Esse tipo de imagem está borrado no nosso material. Eu saí de lá e eu sabia que outros veículos também tinham esse material. Então, o que a gente

precisava? De urgência na divulgação. Eu tinha as sonoras e precisava escrever o texto, eu não tinha tempo de mexer no vídeo. Então, o editor ficou com a parte de vídeo e eu fiquei com a parte de texto. Eu fiz o título e uns dois parágrafos de texto e a gente jogou a matéria no ar. Enquanto isso o editor foi editando os vídeos e fomos inserindo eles aos poucos. Deixamos a matéria em atualização.

Naiara: Do tempo que você tá na Rede, esse foi o único caso de violência contra a mulher que rendeu suíte?

Três: Deixa eu pensar. É o que rendeu mais, mas não acho que é o único.

Naiara: Pra gente finalizar, qual você acha que é a função do jornalismo na sociedade?

Três: Sou suspeita pra falar, sou muito apaixonada pela minha profissão. Eu acho a profissão do jornalista muito nobre. O papel que a gente se propõe quando a gente estuda e se prepara é muito transformador. A gente vem pra redação com o objetivo de realmente, a partir das nossas produções, instigar nas pessoas que estão lendo e que a gente entrevista sobre alguns pontos. A nossa mudança vem desde as entrevistas, quando a gente provoca algum tipo de dúvida, de incômodo sobre determinado problema, como em nossos leitores quando eles estão lendo o conteúdo, quando eles pensam e sugerem algum tipo de pauta, quando eles nos provocam de alguma maneira. Quando a gente consegue mudar uma mudança de comportamento por menor que seja, seja para desconstruir um preconceito, algo nesse sentido. Eu tento trabalhar no sentido de ser uma ferramenta de mudança diária. Não acho que temos essa missão de dar voz pras pessoas, essa missão de levar essa mensagem. Acho que a nossa proposta é incitar a mudança, provocar. Que eles pensam, comentem, nos provoquem.

Infelizmente a gente não consegue se aprofundar tanto quanto eu queria, por uma questão de tempo. Nosso papel é pequeno, é na insistência, a mudança pequenininho todos os dias.

APÊNDICE F – Entrevistada quatro - Delegada da Mulher de Guarapuava, Ana Carolina Hass de Miranda Castro

Naiara: Como a gente tava conversando, em relação aos registros dos boletins...

Ana: No nosso sistema, ali no preenchimento da ocorrência, existe ali “meio empregado”. Aí coloca-se “violência”, “homem adulto”, “verbal”, “agressão”. Eu fui meio que fazendo uma aproximação. Se é um homem adulto e se é violência física conclui-se lesão, se é violência verbal pode ser uma injúria ou ameaça. É aproximado ali por amostragem, entendeu?

Naiara: Depois que você assumiu em agosto você começou a tipificar esses dados por tipo de violência também?

Ana: O que também não dá tão certo. A gente conta com o preenchimento dos boletins de ocorrência da Polícia Militar e os boletins de ocorrência daqui também. O que a gente pede hoje, depois que eu assumi é que, ao invés de ser registrado o B.O na 14ª, pra que casos de Maria da Penha sejam sempre registrados aqui no sistema online, na Delegacia da Mulher. E que a Polícia Militar quando registre esses casos não encaminhe pra 14ª, mas pra DM. Às vezes ainda falha, mas pelo menos a gente tem um número do que tá tramitando na Delegacia da Mulher.

Naiara: Em entrevista com a delegada da mulher de Ponta Grossa, ela me relatou que a maioria das violências que ocorrem lá são ameaças. Aqui segue essa lógica?

Ana: Se você pegar esses números que eu te passei...

Naiara: 1.108, né? 400 física, 250 ameaça...

Ana: Se você somar ali, de fato, os outros que não envolvem a agressão física... E, reitero, tá um número alto na agressão física, porque não está só a lesão corporal, está vias de fato e injúria real também, que é o número de 400. Mas se você somar o restante ali ó, o número é realmente maior que o da agressão física.

Naiara: Da ameaça é bem expressivo também, né?

Ana: Exatamente. Até porque, a gente tem que considerar que, em vários boletins de ocorrência, estão vários tipos, tá? Ameaça com injúria, injúria com lesão, vias de fato com perturbação, então não é um número isolado. Mas, realmente, o que a gente percebeu, isso posso te dizer, já tive passagem pela Delegacia da Mulher da capital, e desde lá eu consegui perceber que, de fato, as mulheres não esperam mais que chegue ao ponto da violência física pra procurar as autoridades policiais. A única observação que eu faço, não obstante as mulheres estejam vindo procurar as autoridades em crimes "menos graves", ainda a grande maioria que procura nesta fase não dá andamento ao procedimento. Então, muitas vezes, você vai ver a instauração de inquéritos policiais, de boletins de ocorrência que viram inquérito policial porque é lesão corporal, outros crimes mais graves. Mas muito dificilmente você vai ver uma vítima que tenha mantido a vontade de prosseguir só pelo crime de injúria ou de ameaça. Acontece dela ela vir noticiar uma "simples injúria", e quer a medida protetiva, e no fórum chega com a notícia de que a mulher não compareceu, ou antes de ir ao fórum ela vem aqui dizendo que quer voltar atrás. Ainda a gente vê uma certa resistência das mulheres no sentido de dar prosseguimento a esses casos considerados menos graves.

Naiara: Na avaliação da Cláudia esse é um dado positivo, porque demonstra que as mulheres tem tido mais coragem para denunciar e tudo mais.

Ana: É. Querendo ou não, a partir do conhecimento da autoria do crime que, no caso da violência contra a mulher, é na hora, né? Você foi xingada e sabe quem te xingou. A mulher tem 6 meses para representar. E dentro desses 6 meses ela pode não querer dar prosseguimento, mas ainda dentro desses 6 meses ela pode voltar aqui e dizer “opa, aconteceu outro fato, eu que pensei melhor”. É difícil acontecer, mas concordo com a Cláudia, porque ainda que não seja a finalidade "dar um susto" no agressor, é bom ele saber que foi registrado um boletim de ocorrência, que as autoridades já estão a par e que ela já tomou uma iniciativa de procurar as autoridades e que nada vai impedir que procure de volta, talvez freie bastante uma reiteração.

Naiara: Então, vamos começar a entrevista?

Ana: Ah, isso foi só a introdução?

Naiara: Sim. É que você me passou os dados e achei interessante a gente já conversar um pouco sobre isso. Relacionei com os dados de Ponta Grossa, é inevitável essa “comparação”.

Ana: Ah, sim, sim.

Naiara: Então, Ana, fale um pouquinho sobre sua trajetória profissional. Você comentou que passou pela capital... Por onde você passou até chegar em Guarapuava? E desde que você assumiu em agosto como tem sido?

Ana: Eu ingressei na carreira de delegada em setembro de 2014, assumi a Delegacia de Mulher em Curitiba, não como titular, na época nós éramos em 7 delegados, e ainda assim era bastante coisa pra cada um. Fiquei um ano e meio na delegacia da mulher da capital, e posteriormente fui pra Cândido de Abreu, delegacia bem do interior. Fiquei por dois anos, e atualmente estou aqui em Guarapuava, onde sou titular da Delegacia da Mulher. Concorro com os colegas da 14ª divisão em plantão, então acumulo algumas outras matérias que não necessariamente só a de violência doméstica abrangida pelo decreto da Delegacia da Mulher. Pra ser bem sincera, acredito que desde que cheguei não vi nenhuma característica que fugisse a regra de outras unidades desta estipe pelo Paraná. Entretanto, a gente sempre vem com algumas ideias, algumas coisas que a gente pretende melhorar. Minha primeira preocupação foi conhecer, de fato, a realidade da cidade por meio dos números, coisa que a gente ainda não tinha de maneira tão organizada, porque acho que os números revelam a realidade, e sabendo a realidade a gente consegue implementar alguns projetos, ou priorizar algumas situações. A gente sabe que embora que trate de violência doméstica não é uma coisa que se trate de uma característica de Guarapuava, Ponta Grossa, ou outro lugar, é algo mundial. Mas, a gente sabe que determinadas regiões têm suas características também, então, com isso, eu também pretendia nesse caminho de conhecer a realidade de Guarapuava e região, pra gente ver quais pontos podemos abordar com mais seriedade e afinco, quais são os temas mais graves, quais são as regiões que a gente tem que fazer um trabalho mais presencial. Enfim, essas são as metas, e obviamente a parte educacional e de orientação é uma parte que a polícia não atua não somente com a investigação, mas a gente faz muito esse contato com os veículos de mídia, pra conseguirmos acessar a população. O fluxo é grande aqui, mas a gente sempre tenta criar mecanismos para que a gente consiga atender a todas da melhor maneira possível.

Naiara: Você comentou sobre características... Cheguei a entrevistar a delegada Amanda, responsável pela delegacia antes de você, em algumas oportunidades. E ela comentava que achava a rede de enfrentamento da violência contra a mulher de Guarapuava muito articulada. Até em relação as políticas públicas e tudo mais. Essa é a sua percepção também?

Ana: Sem sombra de dúvidas, doutora Amanda tem total razão. Já passei pela Delegacia da Mulher da capital. Claro que o fluxo é muito maior, o contato entre as autoridades e instituições envolvidas fica muito mais dificultado, mas aqui em Guarapuava com certeza a situação é *sui generis*. Existe realmente uma rede integrada, cada um na sua seara, mas de forma integrada. As vias de acesso das mulheres são muito amplas aqui, não importa a porta de entrada que ela escolha, ela pode acessar a Secretaria, acionar a Patrulha Maria da Penha, pode acessar a Polícia Militar, Polícia Civil, Ministério Público, então realmente existem reuniões periódicas que inclusive o próprio IML faz parte dessa rede. É muito difícil ter essa facilidade de acesso, então realmente aqui existe um fluxo decorrente dessa integração. O atendimento da Secretaria da Mulher é extremamente amplo, ele vai desde o início do atendimento, às vezes o atendimento vem de uma orientação delas, às vezes nós encaminhamos para lá. É uma troca. Não importa a rede de entrada dessa mulher para denunciar o crime, essa rede vai ser acionada. Há possibilidade de atendimento psicológico, está sendo tratado o pós-crime para essa mulher se reestruturar e não ser uma vítima novamente questão da independência. É uma característica diferenciada de Guarapuava.

Naiara: Até conversando com a Priscila semana passada, ela me relatou que chegaram a quase 600 atendimentos da Secretaria somente no ano passado.

Ana: É muita coisa. Veja, tem quase metade do número das situações que a gente teve.

Naiara: E tem também a Casa Abrigo, né. Se não me engano são duas no Paraná, uma delas aqui.

Ana: Uma delas é aqui. A outra, me parece que é em Curitiba. É um local totalmente sigiloso, nem eu mesma sei onde fica a casa abrigo.

Naiara: O que você considera o mais difícil na sua profissional enquanto delegada da Delegacia da Mulher?

Ana: O que a gente tem de mais complicado aqui é a questão da orientação. Por vezes a mulher vem mal orientada, ela vem com uma ideia diferente do que pode ser feito pela Polícia Civil. É claro que esta rede vai

trabalhar de forma a proporcionar para a mulher ajuda referente a situações relacionadas a filho, pensão, moradia, enfim, mas infelizmente as mulheres vem mal orientadas esperando que dentro do âmbito da polícia sejam resolvidas questões pendentes. Por vezes ela vem numa sede achando que vai resolver tudo por aqui e no momento que a gente vai explicar pra ela que não é bem assim que funciona, que a gente vai proceder o encaminhamento ou algo do gênero, por vezes ela não entende, sai revoltada, diz que não foi atendida. Então, essa é uma dificuldade. Outra dificuldade que nós enfrentamos é a questão das leis ainda serem um pouco brandas com relação a outros crimes. Existe agora uma questão voltada ao descumprimento das medidas protetivas, agora virou crime, e isso é um avanço incomensurável. Mas, por enquanto, os crimes de ameaça e de injúria são crimes que tem penas até inexpressiva, às vezes a pena dura menos que a duração de um processo. Esses são fatores que a gente demora pra trabalhar e também para conseguir explicar para a vítima que talvez o agressor não fique preso em razão do cometimento de um crime desse. São coisas que conversando, com maior informação e se utilizando dos veículos de mídia a gente consegue trabalhar.

Naiara: Na sua opinião, existe um diferencial ser uma delegada da mulher à frente da delegacia?

Ana: Na minha opinião, não necessariamente da parte da Polícia e da parte do Delegado vai existir um diferencial em a responsável pela Delegacia ser uma mulher. A partir do momento que o policial assume o cargo de delegado, ele automaticamente se torna imparcial pra qualquer tipo de julgamento. Entretanto, na visão das vítimas e da sociedade há diferença – pelo fato da vítima se sentir mais confortável por ser mulher, que a mulher vai entender o lado dela, que vai ouvir com mais parcimônia. Então, na parte da polícia não há diferencial, mas na questão do entendimento da vítima de falar mais, conseguir se abrir mais, procurar mais, talvez seja realmente um fator que diferencie. Uma sensação de segurança, talvez. Essa questão de acharem que as mulheres são mais sensíveis, muitas vezes acontece até o contrário, o homem às vezes fica mais mexido do que a própria mulher, dependendo da situação.

Naiara: Nos noticiários, muitas vezes, a gente observa que são abordados crimes bastante graves pelas redações, como os casos de violência sexual. Como é o cenário desse tipo de violência em Guarapuava?

Ana: Referente aos crimes sexuais, a gente tem que fazer uma subrepartição: primeiro existem os crimes sexuais cometidos no âmbito da violência doméstica e os crimes sexuais cometidos em outros âmbitos. Esse número que te passei são os números da violência doméstica, a gente pesquisou pela política pública, então é um número que realmente não vai ser muito expressivo, às vezes a mulher não tem um entendimento que é um estupro quando é dentro do casamento. Agora a gente está tendo um momento interessante nessas situações, mas por isso que acaba sendo um número pequeno. Com relação aos outros crimes sexuais o número é vasto sim. A gente tem aqui em Guarapuava os crimes de estupro de autoria desconhecida, que a gente costuma a chamar de "estupro de rua", aquele que o estuprador fica na espreita esperando alguém que esteja numa situação de vulnerabilidade, aqueles ocorridos quando as meninas estão embriagadas na balada, sem mencionar, principalmente na zona rural, existem muitos estupros de vulnerável, esses inclusive muito dentro do contexto da família.

Naiara: E quem são os principais agressores de mulheres em Guarapuava?

Ana: Maridos e namorados com certeza são os principais agressores e os ex também, que geralmente não se conformam com o término do relacionamento. Entretanto, esses de alguma forma já fizeram alguma coisa quando eram companheiros.

Naiara: Existe algum período do ano que a violência aumenta? E por quê?

Ana: Final e começo do ano a violência aumenta, isso é clássico. Primeiramente, o clima favorece o consumo de álcool, isso é uma percepção minha, não estou me baseando em dados. Férias, porque as pessoas estão em casa ou viajando, permanecendo mais juntas e favorecendo essas situações de briga. Eu já até busquei estudos sobre isso e não achei, porque de fato no final de ano a minha pilha de boletins de ocorrência veio muito maior do que em outros períodos.

Naiara: Como um assassinato de mulher vira feminicídio ou não? Quem define isso.

Ana: Quem define isso é o Código Penal. O Feminicídio pra começo de história não é um crime novo, o feminicídio é nada mais nada menos que a figura do homicídio que já existia, na sua forma qualificada. Qualificada como? Pelo fato de matar uma pessoa por sua condição de mulher ou no contexto da violência doméstica. A partir do momento que você mata uma pessoa por algo que determine “eu matei por ser mulher

ou pela vulnerabilidade que traz a condição dela de mulher”, ou dentro do contexto doméstico. Eu costumo usar o caso da vereadora Marielle. Aquilo não é um feminicídio. Ela não foi morta por ser mulher, a princípio, seguindo a linha de investigação. Poderia ter sido uma queima de arquivo, qualquer outra coisa que não um feminicídio.

Naiara: Quantos feminicídios tiveram em Guarapuava em 2018?

Ana: Foram três feminicídios.

Naiara: Pra gente finalizar, a violência contra a mulher é um problema do que? Qual é a principal causa?

Ana: Na minha opinião a violência contra a mulher é um problema cultural. Obviamente não vou dar lições da era medieval e início da população humana, mas existe uma cultura arraigada não é de hoje, não é a nível de Brasil, não é a nível de Guarapuava, é mundial. Mesmo tendo uma das melhores leis atualmente de coibição de violência doméstica, o Brasil acabou sendo um dos últimos países a adotar mecanismos pra coibir a violência doméstica. Temos muito ranço das culturas antigas, e quando digo antigas é coisa de 50 anos atrás, então não é algo tão longínquo. As questões referentes a interior, onde a educação não chega com tanta facilidade, ainda tem aquela imagem em que a própria mulher é machista, por criação. Ela é colocada e se coloca numa posição de pertença, de dependência (claro que não colocando-a numa situação de culpada). Na minha opinião, a questão cultural é o fator determinante pra que a gente ainda tenha tantos índices de violência doméstica. As mulheres criam outras mulheres para serem machistas.

APÊNDICE G – Entrevistado cinco – Redação aRede

Naiara: Primeiro, diga qual é o seu nome completo e função para identificar o áudio.

Cinco: Meu nome é (entrevistado cinco), eu sou editor-chefe do Jornal da Manhã e gestor de conteúdos do portal aRede. São duas empresas de comunicação agregadas que fazem parte do chapéu da Multimedi.

Naiara: Há quanto tempo você trabalha aqui nessas funções?

Cinco: O portal desde 2013, né. Do Jornal da Manhã eu retornei pra cá em 2010.

Naiara: Então já faz um tempinho, quase uma década...

Cinco: No jornal sim, quase uma década. E daqui pouco tempo também o portal completa sua primeira década de existência.

Naiara: Então o portal é de 2013, você já assumiu desde o início...

Cinco: Sim, em 2013 nós tínhamos as redações separadas, a redação do Jornal da Manhã, a redação do portal eram independentes. E, há questão de dois anos, nós agregamos. Nós agregamos as redações do portal e do Jornal da Manhã. Antes, a gente trabalhava o jornal para abastecer o portal, agora invertemos a lógica, hoje nós abastecemos e trabalhamos primeiro o portal, e no final do dia fazemos a filtragem, pegamos assuntos de maior interesse para fazer o jornal.

Naiara: Explica um pouco da fundação do jornal então. Primeiro com o início do Jornal da Manhã.

Cinco: O Jornal tem mais de 60 anos de história, entende? Ele tem uma tradição muito antiga em Ponta Grossa, é um jornal de circulação ininterrupta. Ele é de julho de 1956 ou 54, depois confirme isso aí, tá?

Naiara: Ele é diário?

Cinco: É diário. Tem grande circulação na região, tem uma história dentro do jornalismo de Ponta Grossa, levantando grandes bandeiras, tematizando assuntos, entendendo a função da empresa jornalística para o desenvolvimento de uma sociedade. Sempre com o viés da prestação de serviço público. Nunca deixando também, dentro do Jornal da Manhã, o debate de ideias, a formação de opinião.

Naiara: Conta um pouquinho dessa transição. O Jornal já tem uma história, como você comentou, e essa transição pra web como é que aconteceu?

Cinco: Ela foi acontecendo aos poucos. Nós tínhamos um portal de notícias do Jornal da Manhã, e depois resolvemos ter um portal de notícias independente.

Naiara: O nome era portal Jornal da Manhã mesmo?

Cinco: Isso. Era JMNews. Que existe até hoje. O Jornal da Manhã tem ainda o seu portal de notícias, né? E daí, em 2013, nós criamos aRede.

Naiara: Principal motivação pra criar esse novo portal?

Cinco: É a tendência, entendeu? É a tendência. Hoje, nós estamos saindo da parte do impresso e indo para uma área totalmente inovadora, que é a web. É uma tendência, nós apostamos nisso, é um case de sucesso o portal aRede. Nós fizemos vários estudos e depois implementamos passo a passo, de tempo em tempos nós o inovamos, para tentar atender as principais expectativas do seguidor do portal.

Naiara: Como eu comentei antes, a gente optou por analisar o portal por entendermos que é o mais visto, o mais lido da cidade, da região. Você tem uma estimativa de visualizações por dia, visualizações por mês?

Cinco: É muito grande. Nós tivemos no IBC do ano passado, nós chegamos em outubro do ano passado nós chegamos em 3 milhões de visualizações no ano. É o maior de Ponta Grossa, o maior dos Campos Gerais e deve estar entre em terceiro ou quarto portal de notícias do Paraná. São muitos acessos, muitas visualizações, isso nós temos como comprovar através de dados estatísticos sobre a importância do portal. Nós conseguimos até através de equipamentos, ferramentas especializadas, saber quem são os nossos seguidores, quais são os momentos mais acessados, quais são as notícias que nosso público tem mais aceitação. O portal cresceu muito, muito, muito, e a tendência é ele crescer ainda mais. Tem muito espaço pra crescer ainda. E qual que é a particularidade do portal? É trazer a notícia rapidamente, claro, sem deixar de aprofundar no apuramento da informação, na veracidade da informação, na consulta de fonte. Tanto é que nosso slogan é “aconteceu está na Rede”.

Naiara: Sobre os dados...até quero ver com você, como eu disse que a gente vai ter um tópico específico sobre a Nathalia, se você tem um levantamento daquele mês quantas visualizações vocês tiveram?

Cinco: Eu não posso mostrar assim quantas visualizações. Mas, geralmente, o crime, a violência, tem um peso muito grande. Ele desperta muito a atenção da opinião pública. É claro que eu tenho que considerar que a além do caso da Nathalia, outros casos aconteceram naquela época. Mas sem dúvida nenhuma, o caso da Nathalia é uma das matérias mais acessadas do portal. Por que é uma das mais acessadas? Considerando a dinâmica do crime, considerando o peso dela e do autor no meio universitário, considerando que os dois estudavam em uma das maiores universidades do Paraná, os dois eram jovens, os dois tinham sonhos, os dois celebravam a vida. Então, por tudo isso, um fato nessa circunstância vai ter muito acesso. A opinião pública chama atenção, inclusive daquelas pessoas que não tem nem muito às questões do crime, são aquelas pessoas que gostam mais de saber qual filme está passando na cidade, qual show tem em Ponta Grossa, quem está saindo na coluna social. É uma informação com potencialidade para atrair a atenção de todos os tipos de público.

Naiara: Choca, né?

Cinco: É chocante. Se você for analisar a dinâmica do crime, de um cidadão invadir um condomínio, entrar no apartamento, discute com ela, discute com o irmão. Tenta matar o irmão e depois a mata. Então, existe um cenário muito rico para chamar a atenção.

Naiara: E a UEPG tem um peso muito grande aqui na cidade, né? No Paraná na verdade, e na cidade...

Cinco: É uma referência. Mas assim, invariavelmente as notícias envolvendo jovens e adolescentes, principalmente tendo o resquício da violência chama atenção, e não só no nosso portal, chama a atenção em qualquer portal de notícias.

Naiara: Sim. Até nas minhas entrevistas com o portal RSN me relataram da quantidade de acessos do caso da Tati lá.

Cinco: Sim. E assim, o portal sempre se preocupou em retirar todo o sensacionalismo, fazer um texto limpo. Sem aqueles requintes do jornalismo policial que quer prender a atenção do leitor ou do seguidor do portal. Nada disso. Colocar a informação, apurar com fontes locais, com fontes que estão investigando, apurar com os policiais que atenderam a ocorrência, entendeu? Texto limpo, sem resquícios de sensacionalismo. Claro que leem uma matéria no portal e dizem “o portal é sensacionalista”. Alguns assuntos, a questão do sensacionalismo, muito mais vai da sua cultura como leitor, do que a minha cultura como produtor de informação. O simples fato de colocar um título lá: “acadêmico invade apartamento mata a ex e tenta matar o irmão dela”, na percepção do leitor pode até ser um título sensacionalista, na minha como produtor de notícias, não vejo dessa forma. A gente toma muito cuidado pra evitar esse tipo de confronto. É algo que o debate se origina, vão ter comentários, vão ter críticas, muitas críticas por você não se aprofundar como na mesma velocidade que o leitor quer, outras por você se aprofundar demais e as pessoas “ah, vocês estão explorando esse caso para ganhar acesso”. Tem que tomar muito cuidado, a gente tem que ter muito jogo de cintura, a gente sabe que anda numa linha muito fina, balança muito e temos que compreender nossa função e ter convicção daquilo que estamos fazendo.

Naiara: É uma questão cultural de curiosidade, né? As pessoas procuram a página de óbitos, por exemplo, pra ver quem morreu naquele dia.

Cinco: É aquela curiosidade mórbida, sabe? Veja, eu fiz 13 anos de reportagem policial. Eu vi muita coisa na minha vida. Muita, muita coisa. Qual é a análise que eu faço da minha experiência? As pessoas gostam de tragédia. Gostam de tragédia. Elas têm um gosto por esse tipo de notícia impressionante. Ela lê, quer saber quem morreu, por que morreu, quer saber a história de vida das pessoas envolvidas. Então, assim, matéria de crime que tenha o apelo da violência é muito lida.

Naiara: Curioso isso, né?

Cinco: Pois é. Eu já falo assim pra você, hoje que eu passei essa experiência, eu não tenho vontade nenhuma de ver corpo mutilado. Não que antes eu tivesse, eu sempre achei que morto nunca iria me dar uma boa informação, então eu procurava levantar as informações, quem era a vítima e tudo, sempre tive muito cuidado na exposição desse tipo de imagem. E o jornalista tem que ter essa preocupação, tá? Parte-se do princípio assim da tua ética e do teu respeito pela pessoa que está do outro lado. Se você for observar o portal, as imagens, os vídeos, nós somos muito comedidos também. Não expondo muito corpo, cadáver, muito cuidado em relação a isso.

Naiara: Até nas entrevistas com a RSN, a gente entrou algumas questões sobre a divulgação dos vídeos da Tati, mas, no caso, foi a própria família dela que concordou com a divulgação, né?

Cinco: Nesse caso, o grau de violência era tão grande que no maior cuidado de edição, todo ato ali você vendo pelas câmeras é uma coisa absurda. Aquilo ali é chocante, muito chocante. O que eu digo é, por exemplo, se você ir num acidente você tem a opção, eu posso orientar o fotógrafo ou o cinegrafista a ir lá e mostrar o corpo. Qual que é a minha visão? Não quero saber do corpo. Quero saber de um cenário. Eu quero saber daquela imagem que me dê informação, entende? De carros destruídos, bombeiros trabalhando, curiosos numa rodovia. É essa a imagem que eu quero. Se você perceber o jornal, a exposição de corpo é muito pequena. O máximo que você vai ver é aquela lona preta cobrindo algo. Nada de sangue. Nada de corpo esfaqueado, corpo mutilado. Isso não é informação, e não é o que o jornal quer mostrar pros seus seguidores.

Naiara: Antes da gente entrar na rotina de produção do portal, vamos falar da sua trajetória profissional. Primeiro: você tem a formação em Jornalismo?

Cinco: Tenho. Sou formado pela UniAndrade e também tenho formação pela Unisecal, com especializações em Telejornalismo, Radiojornalismo, Marketing, Impresso. Deixa eu ver se não esqueci de mais nada... acho que é isso aí.

Naiara: De quando é a sua formação?

Cinco: Eu fui profissionalizado em 85/86, e daí diplomado na década de 90.

Naiara: A UniAndrade é da onde?

Cinco: De Curitiba. A UniAndrade era do mesmo grupo da UniSecal. Quando foi aberto o curso de Jornalismo, ela veio como Santa Amélia da UniAndrade, e hoje é UniSecal.

Naiara: Então, conta a sua trajetória profissional, até chegar no Jornal da Manhã.

Cinco: Quando eu entrei no jornal eu era moleque de tudo, era muito novo. Não tinha nem curso de Jornalismo em Ponta Grossa ainda. Acho que o primeiro curso começou à tarde, um ano depois de eu entrar no jornal. Entrei no jornal como diagramador, na redação eu produzia textos sem a editora do jornal saber que eu produzia textos, até que um dia eles me flagraram e ela me questionou porque eu escrevia e porque eu não falava pra ela. Ela disse “pode escrever”. E eu apurava muito bem a informação. Como eu era diagramador e não tinha nada pra fazer eu começava a apurar a informação e fui escrevendo. Eu gostava da diagramação também, do planejamento gráfico do jornal. Eu cumpri acho que todos os processos que um jornalista gostaria de ver numa redação, cheguei a pegar um carro e ir num acidente, fotografar o acidente, ouvir as pessoas, voltar pra redação, escrever a matéria, diagramar a matéria, revelar a foto e depois acompanhei o jornal sendo impresso.

Naiara: Então, entende um pouquinho de todas as funções?

Cinco: É. Eu sempre gostei muito. Nunca fiquei só vidrado e concentrado na questão da redação. Sempre gostei de saber dos setores do jornal, eu fiz muito disso. E daí eu passei muito tempo fazendo diagramação e reportagem, depois comecei a fazer só reportagem. É mais ou menos isso aí. Estou com mais de 33 anos de profissão.

Naiara: Legal. Vamos falar um pouquinho da prática jornalística do portal. A redação de vocês tem quantas pessoas? Você e mais quantos repórteres?

Cinco: Tem eu, o Gabriel, o Leonardo, o Rodrigo, o Fernando, o Cristiano, o Gilberto (que é o diagramador do jornal), e temos a Letícia, a Marina e o outro Gabriel que são estagiários. Essa é a nossa equipe. É uma equipe enxuta e que nos dá muito resultado. O jornalista tem algumas características. Tem jornalista que é para redação de jornal, que é o tipo de jornalista que gosta de chegar e apurar tem toda uma tarde ou um dia para fazer uma boa matéria. E no portal não, o jornalista tem que ter a compreensão do que é o portal de notícias, qual é a principal particularidade do portal, que é notícia rápida, aconteceu está na rede. Nós conseguimos identificar no mercado esse tipo de jornalista e isso talvez seja um dos motivos que nos trazem grandes resultados. O jornalista ter a compreensão da particularidade do portal e também ter essa mobilidade entende? De ligar pra uma fonte, em questão de dois ou três minutos, nem que você coloque um texto de 500 ou 600 caracteres, se colocou parte da informação, depois vai atualizando.

Naiara: E mais ou menos o volume de textos diários produzidos no portal?

Cinco: Ah, é muito grande. Pela manhã são mais de 20 textos produzidos, mais ou menos essa média. A tarde passa de 40, porque tem mais gente produzindo texto. Quando eu falo produção de texto, também tem os releases que vem pra redação, a gente lê, da uma ajeitada. A produção é muito grande.

Naiara: Então gira em torno de uns 60 textos?

Cinco: Mais ou menos por aí. Você veja que no portal, a cada 15 minutos entra uma matéria nova. Nós temos um agendamento de matérias, e não é um agendamento pra de manhã, à tarde e a noite, ele é um agendamento pra de madrugada também, né?

Naiara: Tem notícia até de madrugada então?

Cinco: Sim. Tem notícias, tem notícias. Se você entrar de madrugada, no domingo lá, você vai ver que a cada 15 minutos, meia hora, uma hora, vai ter uma notícia pra você, porque quem está de plantão tem essa preocupação de pré-agendamento de notícias, que são aquelas notícias mais frias, aqueles eventos que ainda vão acontecer. Tem 24 horas de notícias no portal, todos os dias.

Naiara: Então estimando umas 60 por dia, dessas 60 você tem uma noção do volume de fontes consultadas por dia?

Cinco: É muito grande. Você precisa consultar fonte pra produzir uma matéria. Você precisa, isso é fato. Se tem uma fonte só tudo bem, mas tem notícias que tem duas ou três fontes. Se tem release que chega na redação você precisa confirmar algumas informações, pra evitar conflitos mais tarde. A gente ouve muita gente.

Naiara: Mais de 60 por dia?

Cinco: É a média. Tem dia que pode ser mais, tem dia que pode ser menos, mas o volume de informações no portal é muito grande, tanto é que, no final da tarde, quando faço a filtragem pra compor o jornal, eu devo usar 10 ou 15% do material publicado na aRede pra fazer o jornal, pra você ter ideia de quanto é grande o volume de informação. Nossa principal ferramenta de consulta hoje é o Whatsapp, na redação você não vê muito o pessoal pegar o telefone para ligar. Temos muitos contatos no Whatsapp.

Naiara: É mais prático?

Cinco: Muito, muito mais prático.

Naiara: E deslocamento? Ir até o local conferir alguma informação?

Cinco: Temos, por exemplo, o Cristiano que faz esse tipo de serviço. Mas a hora que ele estiver lá pode saber que a gente já ouviu a fonte. Muitas vezes quando alguém vai até o local fazer uma imagem, nós já temos a informação. Eu tenho o conflito do trânsito, se eu tirar um repórter da redação ele não volta em menos de 60 minutos, não vai voltar. Quer dizer, é uma hora que ele está na rua, e o que ele poderia fazer na redação através de grupos de notícias, de Whatsapp, do Messenger, esse tempo é muito precioso, ele agiliza a parte dele. Se eu começar a tirar repórter da redação, eu levo essa produção que hoje eu tenho de 5h, para 10h, 12h.

Naiara: Não compensa?

Cinco: Não compensa. Aí tem aquela questão “ah, mas será que a informação é bem apurada?”. Claro que é. O que a pessoa vai te falar na sala dela é a mesma coisa que ela vai te falar por mensagem, é a mesma informação. Ele não vai mentir pra você por você estar pelo Whatsapp ou porque você está na frente dela. Às vezes a pessoa tá muito apurada e prefere responder assim, a receber você, sentar, perguntar. É muito mais prático e ágil. Pode até mandar um áudio pra você falando a situação é essa, essa, essa. O que a gente vê de jornalismo hoje, o que a gente percebe do público? Essas grandes reportagens, esses textos imensos, a própria rotina do dia não te permite mais isso. Se você pegar um jornal, com aquelas matérias de 4 ou 5 páginas, ninguém vai ler aquilo. A pessoa quer receber a informação, a pessoa quer receber assim, um exemplo “Acidente fecha rodovia de Ponta Grossa, ninguém passa por ela”. É o que a pessoa quer receber. Ela sabe que aquela rodovia está fechada e ninguém passa por ela. O que ela vai fazer? Procurar outra rodovia.

Naiara: O mais prático possível.

Cinco: O mais prático possível. Não adianta você querer escrever um texto de 7 mil caracteres pra prender a atenção. Não acontece mais isso. As matérias mais concisas, enxutas, tem um volume de acessos muito maior do que os textos gigantes.

Naiara: E a questão da estrutura da redação aqui? Queria saber, por exemplo, todos os jornalistas tem seu computador? Câmera?

Cinco: Tem. Cada um tem seu computador. A câmera é concentrada apenas em um, que é o Cristiano, mas eles têm o celular deles. A tecnologia que nós temos dá condições ao jornalista de ele ir em qualquer lugar e entrar ao vivo. Tendo celular, ele vai produzir o material dele de qualquer lugar. Nós já até tivemos experiências de entrevistas com pessoas no exterior, ao vivo. Temos nossas lives. Aonde ela for a gente tem essa condição de entrevista-la aonde ela estiver.

Naiara: E pelo próprio celular o pessoal grava as entrevistas também?

Cinco: Pelo próprio celular. E outra, nós temos outras ferramentas que nos ajudam muito no dia a dia. Eu tenho 48 grupos de notícias, entende? Cada grupo de 200 e tantas pessoas. Pode ter certeza que o que acontecer em qualquer ponto da cidade, ou até mesmo na área rural, eu fico sabendo, porque tenho essas pessoas comigo nos abastecendo de notícias durante a manhã, a tarde e à noite. Nós estamos em contato com eles 24h. O que acontece eles nos informam e o que eles não sabem nós informamos. É uma relação muito grande nossa. Talvez seja uma das razões do crescimento do portal.

Naiara: Esses grupos são no celular da Rede mesmo ou no seu celular pessoal?

Cinco: Eu tenho no meu pessoal, no celular da Rede tem todos esses grupos também. A gente fica o dia inteiro com eles ali, por exemplo, se tô conversando com você agora, se aconteceu um crime num bairro da cidade, são grupos por bairros, entende? Eu coloquei os nomes dos bairros, pra que as pessoas que estejam nesses grupos conheçam também as pessoas com quem eles vizinham.

Naiara: Essas fontes suas são líderes de bairros?

Cinco: Não, qualquer pessoa. O único cuidado que eu tenho é o seguinte: ouvir uma fonte oficial. Um exemplo pra você: pegou fogo na casa lá no Santa Paula, eu tenho um grupo de notícias do Santa Paula, e pode saber que tem muitas pessoas que vão fazer fotos, vão fazer vídeos, vão fazer áudios e me contar. Que que eu vou fazer depois? Ouvir os bombeiros e apurar a informação. Qual que é a informação? Primeiro: Casa na Santa Paula pega fogo e família está desabrigada. Essa é a primeira informação. Na construção do texto é claro que tem os moradores da casa, os vizinhos, tem a palavra dos bombeiros. É nessa lógica que nós trabalhamos. A primeira informação sempre é rápida, o nosso seguidor já sabe disso, e aos poucos o texto vem sendo construído com outras informações, ou outras matérias relacionadas ao tema.

Naiara: A partir dessas fontes que você tem no whatsapp já chegaram a ser produzida matérias sobre violência contra a mulher?

Cinco: Claro que sim. Claro que sim. Tem até um caso que mandaram um vídeo de um caso que houve aqui em Ponta Grossa de um cidadão espancando a mulher dele dentro de casa. Tanto é que ele espancou, nós noticiamos isso, e no dia seguinte ele se apresentou na Polícia.

Naiara: Antes mesmo do B.O vocês já tinham a informação?

Cinco: Antes mesmo. Antes. Porque assim, você pode contestar “ah, mas e a veracidade do crime?”. Tem coisas que você vê que podem ser armação, mas tem coisas que você vê que aquilo ali aconteceu mesmo. Claro que você vai ter todo um cuidado, né? De ver o vídeo, apurar com a polícia. Nós acreditamos na fidelidade dos nossos seguidores, nas pessoas que nos ajudam a construir as notícias.

Naiara: Eu até ia fazer uma pergunta mais pra frente, mas já vou aproveitar que estamos no assunto: falando especificamente sobre violência contra a mulher no portal, qual é o critério pra que um B.O vire notícia e outro não? Qual é o critério?

Cinco: Não é que o B.O vira notícia ou não. Eu quero saber por que aquele fato vai impactar em uma sociedade. Não é todo boletim de ocorrência que vai ser notícia pra mim.

Naiara: Sim, justamente isso. Qual é o critério?

Cinco: Por exemplo, discussão entre marido e mulher pode até ter boletim de ocorrência, mas não é matéria pra mim. Entendeu? Então é assim. Há indícios de crime? O boletim mostra que há indícios de crime? Você pode até dizer “mas você é capacitado pra saber se há indícios de crime?”. Se você ler o boletim você vai saber se o cara estava com uma arma na mão, se ele ameaçou, se ele agrediu. É isso que eu quero. Uma denúncia vazia não me interessa. Por exemplo: a mulher vai na delegacia e diz “ah, meu marido disse que vai me matar”. Tá, “que provas você tem?”. “Ele só falou”. Isso não é notícia pra mim.

Naiara: Tem que ter algo concreto? Uma agressão?

Cinco: Concreto. No boletim lá: “a PM chegou em uma casa, viu que a mulher está machucada, chamou o SIAT, foi levada com hematomas, ela relatou que sofreu esganadura, tapas, chutes, tudo. Aí você vê que há o relato, que os indícios de crime são fortes.

Naiara: Então, a gravidade é um dos critérios?

Cinco: A gravidade, claro. Você tem que tomar muito cuidado com isso, se começar a colocar qualquer coisa no portal, qualquer tipo de informação no portal, você abre precedente pra uma mulher ou pra um cidadão dizer “ah, eu tava na rua e fui ameaçado”. Imagine toda essa informação no portal. Eu tenho que ter essa consciência. Tem que morrer? Tem que ser mutilado pra ser notícia? Não. Depende da pauta. Se eu formatar uma pauta, fazer sobre qual é a frequência de mulheres que vão até a delegacia para denunciar o marido. Vamos ouvir a delegada, a delegada fala “a frequência é 10 por dia”. Aí é uma pauta. Agora não vou por alguém na porta da delegacia para parar toda mulher e perguntar: “a senhora foi ameaçada?”.

Naiara: E é a maioria dos casos. Eu entrevistei a delegada e ela disse que a maioria dos boletins são por ameaça.

Cinco: Claro que a ameaça invariavelmente pode ir, mas eu tenho que lidar com fatos concretos, entende? Pra evitar a banalização e para evitar que uma hora o portal perca as características dele.

Naiara: Na minha dissertação, pra discutir a cobertura sobre violência contra a mulher, eu vou trazer alguns conceitos do jornalismo, a noticiabilidade e o enquadramento. Quero olhar nos portais quais são os critérios de noticiabilidade das notícias e o enquadramento dado. Primeiro, vamos falar de noticiabilidade. Como a noticiabilidade é refletida das publicações da Rede? Uma das características que você me falou é a gravidade. Que outros critérios são utilizados? Falando especificamente de violência contra a mulher.

Cinco: Viu, a gente tem que ter muito cuidado com esse tipo de notícia, porque envolve família, tem filhos, tem crianças. A família faz parte de uma sociedade. A gente sabe que muitas famílias hoje estão desagregadas, estão desajustadas, então o que temos que perceber para ter o critério de noticiabilidade? O cidadão chega todo dia embriagado dentro de casa e esse cidadão compra uma arma de fogo, e você vê que esse cidadão muito embora apenas faça ameaças, mas os atos dele cada vez são mais graves. Então, você tem que fazer essa nota. Foi o que eu falei pra você...não é todo boletim de ocorrência que vai me dar informação, que eu vou tratar, é o fato concreto. Se há acionamento da polícia, se há instauração de inquérito, se existe uma ação penal, esses são outros critérios que eu vou tratar desse assunto. Se existe uma câmera de vídeo que mostra que o cara tá xingando, tá ameaçando, tá ofendendo, tem a violência psicológica, isso é notícia pra mim. Você tem que usar todos os contextos. Vou falar pra você, há dois anos, ou um ano e meio atrás colocamos um vídeo de um professor universitário que estava na cama com a amante dele e a estava ameaçado. Estava tendo relação sexual com ela, mas ao mesmo tempo ameaçava ela, e esse vídeo vazou. Você pergunta pra mim assim: “mas é apenas uma ameaça”. Mas tem que considerar o contexto. Tem o vídeo, tem o cenário de um quarto, o cenário de duas pessoas nuas, o cenário de um homem agredindo uma mulher. E aquele vídeo mostrava que ele efetivamente ameaçava a mulher mesmo tendo relações sexuais pra ela, então é notícia pra mim.

Naiara: Então, depende de todo um contexto, uma análise sua...

Cinco: Você tem que analisar, verificar, eu não posso iludir o meu leitor. Não posso colocar lá um título e o texto da matéria ser totalmente diferente. Não posso forçar a barra querendo transformar uma simples discussão de marido e mulher numa manchete. Tendo o fato concreto, existem imagens, depoimento do vizinho, dinâmica do crime, são critérios de noticiabilidade pra mim.

Naiara: E, em relação ao enquadramento, uma notícia de violência contra a mulher geralmente é enquadrada de que forma? Você como editor, orienta a redação em questão textual, tem alguma orientação específica?

Cinco: É aquilo que eu disse pra você, você tem que considerar que envolve pessoas e todas as pessoas tem um histórico de vida. E tem que considerar também: será que o agressor sempre foi assim? Será que a vítima sempre foi assim? Eu não vou interferir no texto, mas eu vou orientar. Havendo o fato, vamos apurar a verdade. O que é tão importante nessa verdade? É o contraditório. Ter a versão da vítima e ter a versão do cidadão que está sendo acusado de agressão. Todo mundo vai ter uma versão. É claro que ali coloca os dois lados. Geralmente, nós nos atemos em questões graves, muito graves, não é qualquer briguinha que a gente

vai por lá. A gente tem que entender também que briga-se hoje, amanhã fazem as pazes, daí o jornal sai de ruim na história. O jornal escrachou aquela família e aquela família acabou para sempre. Não é porque você discutiu com teu namorado e eventualmente houve uma ação mais assombrosa que eu vou pegar e acabar com a vida de vocês. O jornalista tem que ter muita responsabilidade, tem que ter muito tato. Tem que ter a sensibilidade muito apurada pra fazer esse tipo de informação. Se ele não souber conduzir essa reportagem, ele vai fazer besteira. É uma questão de humanização, você tem que compreender e não pode julgar. Não é porque a mulher fala do marido tal tal. Espera um pouquinho, isso é o que você está falando. Eu tenho que receber essa informação, apura-la, tenho que ouvir você, tenho que ouvir ele. Tenho que ouvir a parte policial.

Naiara: Então o enquadramento seria o contraditório?

Cinco: Lógico. Você tem que dar um direcionamento, ouve esse e ouve o outro lado, vamos ver o que a autoridade policial fala, ouvir um especialista pra ver o que pode acontecer. Se a mulher está mentindo, ela que assuma a responsabilidade dela, se o cidadão fez e se acovardou e não assumiu isso a investigação policial vai comprovar a culpabilidade dele. O jornalista que vai fazer uma matéria de feminicídio, de violência contra a mulher precisa ter muita sensibilidade, tanto o jornalista masculino como feminina, não pode ser tendencioso. Não dá pra comprar esse tipo de briga, relata o que é, e deixe que as autoridades policiais tomem as devidas providências.

Naiara: Já que você tocou nesse assunto... você acha que existe diferença ser um repórter homem ou mulher pra escrever sobre violência contra a mulher?

Cinco: Existe. Existe sim. Isso é fato.

Naiara: Porque?

Cinco: Eu disse pra você, tem que ter muita sensibilidade. Se a jornalista for explosiva pra tratar de um assunto, ela vai detonar o cara. Ela vai comprar aquela briga. Tem que ter sensatez, tem que ter pessoas equilibradas pra fazer esse tipo de matéria. Não vou deixar que um caso de feminicídio qualquer um vá fazer, apesar de ter uma equipe muito equilibrada, mas eu dou toda a orientação possível. Não faça pré-julgamento, não compre a briga, relate.

Naiara: Sempre pensando no contraditório?

Cinco: Isso. Entende? Não é porque é mulher que vou fazer uma matéria defendendo a mulher. Faça a exposição do caso dentro das regras do jornalista, e sempre tenha a sensibilidade aflorada para conduzir o texto.

Naiara: Então, você acha que um jornalista homem consegue equilibrar melhor essa questão?

Cinco: Veja bem, vou dar um exemplo, porque acho que não tá muito clara essa noção. Não é todo jornalista que vai conduzir, vai saber fazer uma matéria assim. Cada jornalista tem uma característica, cada jornalista pode ter suas tendências. Então eu tenho que prestar muita atenção. O que eu quero dizer é que dependendo do caso, eu sei quem colocar pra fazer a matéria. Tenho que ter todo o cuidado possível. Se for homem ou mulher isso não quer dizer nada. Esses tempos atrás eu fui num júri aqui em Ponta Grossa de um caso de feminicídio. No Conselho de Sentença tinham seis mulheres e um homem. Você acha que o cara não ia ser condenado? Por mais que ele confessou o crime, foi preso em flagrante e tudo, mas se você pensa na justiça podia ter um equilíbrio de homens e mulheres. A justiça não tá nem aí pra esse caso, você como jornalista percebe isso. O jornalista precisa ser isento e deixar as paixões dele de lado. É a mesma coisa o jornalista esportivo que adora o time da cidade dele, ou uma hora ou outra ele vai atacar os outros times por defender mais o time dele, ou uma hora ou outra ele vai querer destituir presidente, destituir técnicos, destituir jogadores, porque ele é apaixonado, ele não vê uma questão técnica. Ele é um jornalista que deixa a paixão dele. Como existe na área do esporte, existe em qualquer segmento. O editor precisa estar muito atento a isso.

Naiara: Sobre a origem das notícias de violência contra a mulher...a gente falou um pouco sobre as notícias originadas de B.O, ou dos grupos do whatsapp. E, existem sugestões? A redação sugere fazer alguma matéria sobre violência contra a mulher?

Cinco: Pode. Pode até ter, mas como o volume de informações é grande, esse tipo de levantamento pode constar no próprio texto. Vamos ver quantas mulheres foram agredidas. Vamos ver quantos desses casos denunciados como estão as investigações.

Naiara: Fazer a contextualização ali na própria notícias?

Cinco: Pode. Não que isso não seja pauta, pode até ser pauta sim. Mas o volume de ocorrências é tão grande que se você fizer uma matéria de manhã, pode saber que a tarde pode ter 3 ou 4 casos que poderiam entrar. É um absurdo sim, os casos de violência contra a mulher. Isso é fato, a sociedade está perdida. O homem tem que respeitar a mulher. Isso tem que vir dele. O fato de você ter tua opinião, teus sentimentos, tuas opções, não tem nada a ver comigo. Eu tenho que respeitar você. Infelizmente, o jeito que as coisas estão hoje na sociedade pauta-se pelo revanchismo, pela hostilidade. Não vê que a mulher pode ser muito importante para o crescimento do homem. Isso é o grande problema. O homem infelizmente – não to aqui generalizando – mas é uma opinião. Porque bater, porque agredir? Porque é bandido, simplesmente por causa disso. E você identifica a pessoa em determinadas situações. Quando o cara é bandido, ele vai expor o banditismo dele numa situação adversa. Ela acha que ele é mais forte que a mulher e vai tentar intimidar. Então, o agressor, a primeira coisa que ele quer é fazer a mulher dele submissa dentro de casa, ele quer ter o respeito dela dessa forma e não é assim que as coisas acontecem. Se uma boa conversa não resolve não é a violência que vai resolver. Eu me penalizo muito com a morte da advogada em Guarapuava. Ontem nós colocamos uma informação no portal de um empresário que marcou um encontro pela internet, o cara invadiu o apartamento dela, bateu muito nela. Se ela quer conhecer homens pela internet, isso é um problema dela. Não sou eu que vou dizer assim “ah, você tá marcando encontro, vou bater em você por causa disso”. Quando uma relação não dá mais certo, quando a convivência não dá mais certo, um vai pro sul o outro vai pro norte, nada de agredir, nada de espancar, de ameaçar. Hoje, infelizmente, acontece muito.

Naiara: Se você tivesse que definir - não necessariamente em poucas palavras – a violência conta a mulher é um problema do que? Qual é a principal causa da violência contra a mulher?

Cinco: Eu vim de uma família que eu tive pai e mãe. Sempre ouvia meu pai dizendo que amava muito minha mãe e sempre ouvia minha mãe dizendo que amava muito meu pai. Como que eu vejo? Eu nasci ouvindo aquilo. Eu nunca ouvi meu pai erguendo a voz pra minha mãe, sempre ouvi meu pai perguntando o que minha mãe achava das coisas. Eu nasci assim. Mas pode ter certeza que tem muita gente que nasce num ambiente totalmente transtornado. Uma criança que vê o pai chegar bêbado ou drogado em casa, e simplesmente, por razões que só ele sabe, por frustrações do dia, querer bater na mulher, xingar a mulher. Como que a formação dessa criança vai acontecer, se ela vê o pai fazendo e acha que está certo?

Naiara: Você vê como um problema de criação?

Cinco: Criação. Educação. O que aconteceu hoje? Eu até fiz uma, entre tantas matérias policiais, tive curiosidade de ir numa cadeia de Ponta Grossa e fazer um levantamento pra saber naquele momento entre aqueles presos quantos deles sabiam quem eram o pai. Eles não sabiam. Um vai ser criado pela vó, outro pelo tio, outro nem vai ser criado por ninguém. Não to dizendo, não é uma regra, mas por isso se tem tanta violência. É claro, também é uma questão de caráter. Quando não tem caráter não adianta. É uma questão ética, de saúde? Pode até ser. Mas é uma questão de caráter também. Tem a questão do desagregamento familiar, a questão do machão que quer chegar em casa e quer subjugar a mulher dele, mas lá na rua ele é um coitadinho. Muitas vezes o homem pela as frustrações que ele tem na rua, e joga dentro de casa. Esse negócio de mulher ter que fazer janta, fazer comida, lavar cueca, deixar sapato em ordem, esqueça. Não é mais sociedade. Você pode ter uma relação muito boa com uma mulher para beijá-la, para amá-la, para dormir com ela e no dia seguinte cada um cuida do seu trabalho. O homem precisa entender que a sociedade mudou. Ele precisa entender. Eu sou casado, entendeu? E deixo que minha mulher tome todas as decisões. Quando eu vejo que ela não está certa, eu chego pra ela e digo assim “escuta, vamos jantar comigo, quero te falar um negócio”. “Amor, você precisa rever essa posição”. E ela olha pra mim e diz assim “Poxa, é verdade”. Porque eu vou esfolar ela? Eu não preciso. Existem muitas formas de você resolver as questões. Se você está tendo um problema no relacionamento, paciência. A gente tem que admitir isso. Não consegue controlar as discussões? Pega teu canto, ela pega o canto dela, que sejam amigos. Coloque pessoas na tua vida pra você aprender. É claro que nem todo homem vai ter essa noção, e nem toda mulher. Outra questão do feminicídio, tem muita mulher que concorre pra isso, tem muita mulher que se submete a isso. Ela entende que o cara é violento, mas quer se aproximar porque o cara tem status na sociedade, tem poder econômico, que ele vai mantê-la. Mas isso um dia acaba, e o dia que isso acabar, ela vai ser a principal refém dessa pessoa. A mulher também tem que saber com quem vai se envolver, por isso que serve a amizade, o namoro, o noivado, você

conhecer quem é o homem que você quer levar pra sua casa. Po, você tá dormindo com ele, está entregando teu corpo pra ele, será que isso não é o suficiente pra você ter pelo menos uma expectativa de querer conhecê-lo? Não sou medium, conselheiro, nada, nem psicólogo, mas a sociedade precisa ter essa compreensão.

Naiara: Essa era uma pergunta bem pessoal mesmo, a sua percepção sobre o tema. Agora, em relação às fontes, acredito que a principal seja a própria polícia, né?

Cinco: Tem a polícia. Tem a Guarda Municipal. Eu sou o tipo de jornalista que até acho que a voz oficial tem que existir, mas eu acho muito importante ouvir o contraditório. Entrevistar os dois lados, entrevistar o outro lado e ver o que ele tem a dizer, para que futuramente juridicamente você não ter que sofrer algum tipo de ação. A matéria tem que ter no mínimo três fontes. Colocando três fontes, cada um dando uma versão, você está tranquilo.

Naiara: Nesses casos, às vezes, é difícil chegar até o agressor e a agredida, porque no boletim não vem o nome, né...

Cinco: Mas, eu acho que assim... dependendo do teu relacionamento com as autoridades policiais. E dizer assim “eu preciso ouvir a versão deles”.

Naiara: Vocês fazem esse trabalho de tentar chegar até a pessoa?

Cinco: Claro. Chega e se apresenta. Fala porque você tá ali. Fala que o depoimento é importante para esclarecer para a sociedade, a opção de falar ou não é deles, mas você está dando o espaço. O contraditório é muito importante, não na questão do feminicídio, mas nas outras questões.

Naiara: E tem algum jornalista que fica mais responsável por escrever sobre violência contra a mulher?

Cinco: Quem estiver de plantão, quem estiver na hora, se surgir o fato nós apuramos. Claro que eu sempre vejo qual é a pessoa que poderia trazer melhores resultados na construção dessa matéria, mas não tem nenhum especialista nesse assunto.

Naiara: Em relação à hierarquização do site, notícias sobre violência contra a mulher, geralmente, rende manchete, rende bloco 1? Como é a distribuição?

Cinco: Depende, porque a gente da destaque para aquilo que o leito está vendo. Se está tendo muito acesso a matéria, claro que vai ter um destaque. Não fica permanentemente ali, mas vai ter o destaque merecido.

Naiara: E essas notícias ficam entre as mais lidas?

Cinco: O tema violência contra a mulher e assuntos relacionados à criança e ao adolescente, acidentes de trânsito sempre tem muita evidência. A notícia de crime sempre tem muita evidência.

Naiara: E tanto no site quanto no Facebook, o portal tem feedback do leitor através dos comentários. Eu sei que é difícil mensurar isso, mas pela sua percepção, que linha de pensamento seguem os leitores dessas notícias? Que tipos de comentários são feitos?

Cinco: O leitor da rede social é um caso que precisa ser analisado pela NASA. Tem muitas pessoas que vê que 4 ou 5 estão defendendo a mulher, e coloca ali como comentário colocando em dúvida a idoneidade da mulher. “Ah, se ela apanhou é porque ela merecia”. Sempre vai ter alguém pra falar isso. Pode até merecer, entende? Ele pode até falar sobre isso aí, mas ele que seja mais explicativo. Invariavelmente as pessoas se sentem sensibilizadas e fazem críticas ao autor, querem a prisão, querem pena de morte, querem que apodreça na cadeia. Mas sempre vai ter um ou outro que vai dizer que ela mereceu apanhar, que não devemos crucificar o autor. Você tem que combater todo tipo de violência. Você não pode fazer com que a violência seja uma ferramenta. O público da internet é totalmente diferente do público do impresso. No impresso são pessoas mais formadoras da opinião. Na internet é porta aberta pra qualquer pessoa, você não sabe quem está comentando ali. O cara cria um fake, uma conta na rede social, e ele vai fazer o que ele quiser. Muitas vezes ele fala besteira, ele nem lê. Só coloca ali pra agitar mesmo. Não é nem a questão se ela mereceu ou não, se é violência não se deve praticar.

Naiara: Mais especificamente sobre o caso da Nathalia, queria que você relatasse como vocês ficaram sabendo do caso, e qual foi a sua orientação como editor, como encaminhou?

Cinco: Foi de madrugada. Nós temos um grupo de notícias interno que as equipes de madrugada vão monitorando, vão deixando a gente ciente de todos esses casos. Foi um amanhecer. Como envolve pessoas jovens, universitários, uma universidade que tem grande peso no ensino do Paraná, eu orientei que se tomasse todos os cuidados possíveis. A primeira notícia foi que um cara invadiu um condomínio, tentou matar o

cunhado e depois matou a ex namorada. Essa era a notícia. Dei toda a orientação. Até teve um caso ali que em uma das primeiras fotos que saiu parece que aparecia os pés da Nathalia e muita gente criticou “ah, mas porque colocar o pé? Vocês querem audiência e não sei o que”. Depois vieram outras matérias e redobramos o cuidado com as fotos, porque a gente sabia que teria uma repercussão. A pessoa que está aqui de plantão começa a receber toda a orientação. Escute tal pessoa, escute o cara que estava lá no condomínio de madrugada, tenta ver quem é a família dela, veja se tem algum familiar do cara. A minha orientação foi no sentido de dar equilíbrio à informação.

Naiara: A partir do momento que virou um caso, porque não foi uma matéria isolada, depois vocês foram atualizando. Como foi o dia a dia dessa apuração?

Cinco: A primeira informação é dos policiais que chegam na ocorrência. Liga para o policial ou para quem estava de plantão naquela hora pra saber se tem alguma informação nova. Daí sim que você vai colocando as informações, é assim que a notícia tem que ser apurada, atualizada, sempre com muito equilíbrio.

Naiara: E tanto desse lado da justiça, como da própria UEPG, né? Eu vi que depois de agosto ele foi até afastado da universidade.

Cinco: Teve a sindicância interna. Tem que ouvir a UEPG também, porque envolve dois membros da comunidade universitária. Você ouve todos os lados. Os amigos, os moradores do condomínio, teve a câmera que pegou ele andando. E reforço: sempre com muito equilíbrio. É um fato chocante, destruiu famílias, destruiu sonhos, você tem que ter compreensão, sensibilidade.

Naiara: Ele destruiu a vida dela e a dele.

Cinco: Claro. Hoje tá preso lá. Tá com seus demônios. Mas é aquilo que eu falo pra você, se você exerce a tua moderação, a tua sensibilidade, se você vê uma mulher com respeito, não como objeto, você não cai nessas armadilhas. Se você vê isso de forma diferente, qualquer homem vai tá muito próximo de entrar em uma delegacia e ser preso.

Naiara: Então, última pergunta, pra gente finalizar. Depois de tudo que conversamos hoje, qual você acha que é o papel do jornalismo na nossa sociedade?

Cinco: Jornalista é um prestador de serviço. Jornalista tem que conhecer muito a função social dele. Nunca procurei jornalismo como status. Eu sei que tive muito status e tenho muito status, eu sei disso, sei que tenho um peso muito grande no meu meio e na cidade, mesmo porque eu exerço a chefia de um jornal que tem mais de 60 anos, tem história na cidade, de um portal com muita credibilidade. Mas, jornalista tem que ser assim: eu preciso existir pra ajudar você, eu preciso existir pra ajudar o cidadão. Precisa fazer boas matérias para propor o desenvolvimento. Preciso fazer boas matérias para mostrar o cidadão que se ele ver as coisas de forma diferente, ele pode conseguir muita coisa, ele não ser alienado. É uma construção de uma cultura, pra isso que o jornalista serve, ele tá aí pra isso. O jornalista está ali para ser o intermediário entre a população e o poder público, entendeu? Se a pessoa vai no poder público e o poder público não atende, ele vai no jornalista. E daí sim, o jornalista tem a condição de chegar no poder público e dizer “arruma aquele posto de saúde lá, que o pessoal tá revoltado com você”, “arruma aquela rua lá que só tem buraco”. Vamos propor grandes debates na cidade, o que que a cidade precisa? Eu acho que a cidade precisa construir escolas municipais em diferentes bairros... Então, o jornalista tem que tem sensibilidade, ele tem que ter essa condição de saber que o que ele quiser, ele pode ajudar muitas pessoas e pode ajudar no desenvolvimento de uma cidade. Ele tem que ter essa noção. O jornalista tem uma função social muito grande e a responsabilidade social dele é muito grande. Tem muito jornalista picareta, não sei nem porque frequentou uma faculdade, mas se você quer ajudar, se você tem essa condição do argumento de chegar num lugar e falar “vamos fazer assim, as pessoas estão precisando disso, tenta atender”. Assim ele vai cumprir a função social dele plenamente. Jornalista precisa saber que ele é um prestador de serviços da comunidade e ponto final.

APÊNDICE H – Entrevistado seis – Redação aRede

Naiara: Vamos começar com sua trajetória profissional. Você é formado em jornalismo?

Seis: Eu me formei na UEPG, na turma de 2008 a 2011. Deve ter sido a turma 22 ou 23. Quando eu tava no curso teve a comemoração dos 25 anos, o curso é de 88 se não me engano. Eu comecei cobrindo férias em Irati, no Hoje Centro Sul, depois eu vim pra Castro, no Página 1, passei um ano no Página 1 trabalhando na editoria de Segurança, já lidava com a parte policial desde o começo assim, já tratava disso. Eu entrei no Página 1 em setembro de 2012, fiquei lá até outubro de 2013. Em outubro de 2013 vim para o Jornal da Manhã, fiquei uns 40 dias na redação do impresso, até o projeto da aRede terminar de ser estruturado, o site terminar de ser montado, ele entrou no ar no dia 1º de dezembro de 2013 e eu fui o editor-chefe. Eu fui editor chefe da data de fundação até 2016. Sai pra assumir o Massa News, o site da Rede Massa quando ele foi criado, também fui lá pra ser editor-chefe. Fiquei um ano como editor-chefe do Massa News, até fevereiro de 2017. Aí o Massa News teve toda a questão lá que eles decidiram fechar todas as praças do interior, fui mandado embora, e voltei pra cá em maio de 2017, mas pra ser repórter. Nesse período que eu fiquei fora houve essa integração das equipes que o editor deve ter comentado contigo. Que no começo tinha as redações separadas, e depois decidiram integrar e fazer todo mundo produzir da mesma forma.

Naiara: Aí nesse período que você foi pra Massa News, o entrevistado cinco sumiu a redação do aRede também?

Seis: Isso, exatamente, porque, até então, eram duas equipes. O entrevistado cinco era o editor do Jornal da Manhã e eu era o editor da Rede. Eu tinha a minha equipe e o jornal tinha a equipe dele. E daí eu saí, quando eu saí já tinha um sistema de produção do impresso novo, já tava sendo implantado, mas ainda não tinha sido implantado de fato, tava em vias de entrar no ar. Aí eu saí, acho que juntou o útil ao agradável, já não tinha mais quem ser chefe e tudo mais, e decidiram juntar. Agora todo mundo é da Rede e todo mundo é do Jornal da Manhã, daí o entrevistado cinco ficou como chefe de redação de um e gerente de conteúdo do outro pra poder conciliar isso. Quando eu voltei, eu voltei como repórter, voltei em maio de 2017.

Naiara: Faz dois anos que você voltou, então...

Seis: Isso, vai fazer dois anos agora em maio. Eu voltei como repórter e, principalmente, na parte da manhã. A parte da manhã, eu imagino que o editor já tenha passado isso pra você também, que é a parte que a gente trabalha mais com o policial.

Naiara: A redação é até menor de manhã, né?

Seis: A redação de manhã é basicamente um repórter e um estagiário, porque de manhã a produção é voltada 100% pro portal. A tarde o foco é o portal, mas no fim do dia o pessoal precisa produzir o impresso. De uma forma ou de outra, você vai precisar desviar o foco um pouquinho pra produzir o jornal, tirar o foco do portal pra produzir o jornal, o jornal é um pouco mais trabalhoso. Por conta disso, a redação a tarde é mais cheia.

Naiara: E como é que funciona a escala de plantão de vocês?

Seis: Pra gente deixar sempre alguém de plantão, pelo menos das 7h às 18h, nós somos em 4 jornalistas (descontando o entrevistado cinco que é chefe), temos eu, Leonardo, Rodrigo e Fernando. Os horários de fim de semana são das 7h às 12h e das 14h às 19h.

Naiara: Sempre em duplas então?

Seis: Um cobre no sábado de manhã, outro sábado à tarde, outro domingo de manhã e outro domingo à tarde. E no fim de semana seguinte pula um turno.

Naiara: Então você trabalha todo fim de semana? Pelo menos um período.

Seis: Sim. 5 horas todo mundo trabalha. A gente até tenta estudar uma forma de mudar isso, mas tá funcionando bem assim desse jeito, então pelo menos 5 horas todo mundo faz todo fim de semana.

Naiara: A redação então são vocês 4, o editor-chefe e os estagiários?

Seis: Isso. Tem o Diego, o rapaz do Vamos Ler, que é um projeto a parte, mas ele não fica na redação. A produção diária do portal e do impresso, além de material de assessoria, somos nós quatro e o editor.

Naiara: Agora, partindo mais para as características do portal: mais ou menos, quantos textos são produzidos por dia?

Seis: A gente tem uma tabelinha que a gente usa, a gente os repórteres, o editor não usa, a gente também tá deixando de usar agora. Mas, é uma tabelinha de horários pra gente sempre saber qual foi a última notícia postada, uma planilha de Excel mesmo, uma planilha bem simples compartilhada com todo mundo, que a gente vai abastecendo conforme a gente vai publicando. Até semana passada, que eu tava de manhã, e hoje começou o Leonardo, o Leonardo ainda não tem esse ritmo, então eu vou pegar principalmente o ano passado, que esse ano eu cobri as férias do editor, então...muita mudança. Mas até ano passado, de manhã, eu dividia de 15 em 15 minutos, das 7h ao meio dia, dá 4 notícias por hora. Em 5 horas você tem 20 publicações. 20 publicações de manhã. A tarde você pode colocar mais umas 25 publicações pelo menos, porque tem os repórteres que tão produzindo matérias e vai chegando material de assessoria que os estagiários por ser release só dão uma olhada pra ver se tem condições de uso e vão publicando, material de agência estadual, agência brasil, então você pode colocar pelo menos umas 20, 25 no período da tarde, mais a noite, deve ficar entre 40 e 50 publicações por dia mais ou menos; entre produções nossas, releases, agências.

Naiara: O site gira bastante, então...

Seis: Gira, gira. A gente tenta, na medida do possível, manter sempre uma publicação nova pelo menos a cada 15 ou 20 minutos, pra dar essa sensação de que o site tá sendo abastecido, né? Hoje em dia se você entra num site às 15h e vê que a última notícia foi publicada às 13h15, você fala “oloco, que que esses caras estão fazendo? Há duas horas não entra nada. Não aconteceu nada no Brasil de novidade?”. A gente tenta manter ele atualizado. Essa tabela funciona principalmente pra isso assim, né. Eu chego aqui às 7h. Ali por 8h a estagiária pega muito material de agência, agência brasil ou agência estadual, alguma coisa de assessoria de interior e vai deixando agendado, por exemplo das 8h até 9h15, porque daí a gente tem tempo, porque aí eu sei que posso ficar até 9h15 sem nenhuma publicação especificamente, e nesse tempo eu posso usar pra fazer algumas confirmações, algumas informações, pra apurar, pra fazer ligações. A gente tenta manter essas matérias agendadas, que são matérias que a gente sabe que não necessariamente vão repercutir em acesso, mas que são informações relevantes que precisamos divulgar, por uma questão de jornalismo. A gente deixa essas matérias que não são produções locais, que não são produção nossa pra entrar nesses intervalos, pra que a gente tenha tempo de fazer a nossa apuração, a nossa redação, revisar os textos.

Naiara: Vocês entram às 7 horas então?

Seis: 7 horas. Eu e a estagiária chegamos na redação às 7h, eu fico até meio dia e ela fica até às 11h. Aí eu abro os e-mails e vou ver os relatórios de polícia.

Naiara: Você que geralmente mexe com a parte policial?

Seis: Principalmente, pelo menos até 9h, 9h30, eu mexo principalmente com policial. Por conta do movimento que tem durante a noite, durante a madrugada. A região é grande. Então, eu trabalho principalmente com esse tipo de assunto. Eu pego os relatórios da polícia daqui de Ponta Grossa, faço uma ronda em alguns sites que são parceiros nossos, parceiros no sentido de utilizar alguma foto que eles tenham e dar o devido crédito, da mesma forma que eles têm liberdade de pegar o nosso material e reproduzir no site deles dando os créditos. A gente faz isso, porque nós não temos repórteres na região, não temos condições de deslocar gente o tempo todo para outras cidades. Então, a gente tem que fazer algumas parcerias para que pelo menos a imagem a gente consiga, e a apuração a gente faz na medida do possível por telefone, por whatsapp, enfim. Então, eu chego aqui às 7 da manhã, eu vou lidar com isso, eu vou pegar os relatórios, eu vou ver o que que teve de ocorrência relevante que vale a pena ser publicada. A gente tem um grupo, uma equipe, talvez o editor tenha comentado contigo.

Naiara: Dos grupos do whatsapp?

Seis: Não. A gente tem uma equipe terceirizada, são caras que não são jornalistas nem nada, pessoal do Cascavel. Tem uma galera que fica de madrugada correndo atrás de B.O. Eles vão na delegacia, tem acidente em tal lugar e eles vão atrás. São as abelhas da redação. Eles têm um programa de TV local e eles fazem essas correrias e nós fechamos um contrato para que eles cedessem esse material pra gente. Eles não são jornalistas nem nada, eles fazem as imagens e mandam uma descrição do que aconteceu: “o acidente foi na noite de ontem, na rua tal, teve tantas vítimas”, aí só pra gente ter uma noção do que aconteceu, pra ter um norte pra começar a apuração.

Naiara: Ele só comentou dos grupos no whats, que vocês têm um monte, né?

Seis: É. Esses são os grupos criados por bairro. Eu falei dessa equipe que fica de madrugada correndo atrás desses B.Os pra fazer essas imagens, fazer foto, fazer vídeo. E a gente também tem um grupo no whats com esses caras, com esses cinegrafistas e a nossa equipe aqui da redação. Conforme as coisas vão acontecendo durante a madrugada eles já vão enviando por ali, e quando eu chego de manhã eu já tenho algumas ocorrências com imagens. Tem muita coisa que vem no relatório da polícia que eles não foram cobrir, porque estavam em outra ocorrência e não ficaram sabendo.

Naiara: Chega a ter material desse sobre violência contra a mulher? Já tiveram alguns casos?

Seis: Já, já, mas depende da relevância do assunto, né? O que precisa deixar claro? Esses caras não são jornalistas. Eles não estão preocupados com o fator social da notícia e como a divulgação de determinado fato pode influenciar ou não um aspecto da vida das pessoas. Eles são as abelhas que tem o contato com os policiais, eles têm aqueles rádios que copiam a frequência ilegalmente da polícia e dos bombeiros, eles escutam alguma coisa mais grave e vão atrás. Pode acontecer de, por exemplo, eles escutarem ‘ferimento por arma branca’ e irem atrás da ocorrência, por acaso essa vítima dessa facada é uma mulher agredida pelo marido, por acaso, não é algo que eles saibam que é violência doméstica e querem ir atrás. É mais no sentido de “vamos lá, porque parece ser grave e vai dar audiência”, e por acaso é um caso de violência doméstica. Geralmente quando vem alguma coisa de violência doméstica no material deles foi alguma coisa mais grave. Não que os outros casos não sejam graves, mas se você pesar o que é o comum, o que se tornou corriqueiro de o marido agredir a mulher de maneira leve, pesando todas as palavras, e uma mulher que foi esfaqueada, eles não vão nos corriqueiros, eles vão nos mais graves. Esses materiais de violência contra a mulher vêm deles nesse tipo de situação. Por exemplo, ontem veio um material de uma gestante agredida pelo marido, que é uma coisa que acaba sendo normal no dia a dia pra quem acompanha relatório de polícia, isso acontece direto. Eles não fariam isso normalmente, mas não sei como eles ficaram sabendo que o marido subiu em uma moto e perseguiu a ambulância do SAMU, ameaçando porque ele queria bater mais na mulher porque ela tinha ligado pra polícia, alguma coisa assim. Aí eles foram atrás porque é grave e porque vai render imagem. Eles vão mais ou menos nessa linha, eles não são jornalistas, esse Cascavel - é Jeferson Cascavel o nome de guerra dele - não sei qual que é o nome verdadeiro. Ele tem um programa há vários anos aqui, ele trabalha com isso a vida inteira. Ele pensa sempre no programa dele, o que ele vai poder comentar, o que ele vai poder apresentar. E não necessariamente isso é notícia, isso não é notícia. Isso cabe à gente. A gente vê, por exemplo, fugindo um pouco da violência doméstica, a gente vê lá que uma pessoa foi presa com crack ali do lado do terminal, ele vai divulgar como “Guarda Municipal prende suspeito de tráfico”. A gente vai olhar e falar “os caras tavam vendendo crack do lado do terminal, no centro da cidade, às 15h? É esse o foco que a gente vai dar, entendeu? Eles produzem o material e enviam pra gente, e a gente que dá o enfoque, o enquadramento que a gente achar mais necessário. Eles cedem o conteúdo, assim como eles cedem pra Rede Massa também. Se você olhar o Tribuna da Massa, o programa do Jocelito, principalmente as imagens que foram de ocorrências noturnas, você vai ver lá: programa COP, Cascavel COP, alguma coisa assim. É importante destacar que eles não são jornalistas, eles mandam foto de corpo, a gente recebe e tem que filtrar isso de vez em quando, às vezes jornalistas novos não filtram e publicam, isso a gente precisa correr atrás do prejuízo, e tirar, deletar, borrar as fotos. Por isso que digo que eles não são jornalistas, eles escrevem mais ou menos, conseguem assinar o nome e escrever algumas coisas, mas não tem condição de escrever um texto nem com muita paciência.

Naiara: Voltando um pouquinho. Você tinha comentado das publicações, que ficam entre 40 e 50 por dia. E dessas publicações, você tem mais ou menos uma noção de quantas fontes são consultadas diariamente?

Seis: É difícil pensar em número de fontes, porque essas matérias policiais, por exemplo, a gente pega muitas informações das polícias militar e civil e dos bombeiros, que é o básico dessas ocorrências. Às vezes a gente tem o contato de algum parente, do advogado, ou o próprio preso fala, ou vítima da declaração. Nas matérias policiais a gente tenta fazer o relato de uma situação. A matéria policial é complicada, no meu caso como eu venho de manhã, e tem essa questão do online que tem que ser rápido e eu não posso ficar 2h trabalhando um texto, eu não consigo pegar uma questão que aconteceu às 2h da manhã e fazer o básico do jornalismo, que é pegar o que a polícia e os bombeiros falaram e pegar a vítima e o autor. Isso devia ser um trabalho feito por esses caras que ficam a noite, eles deveriam dar uma ajuda nesse sentido, de gravar duas perguntinhas

com os envolvidos, pra facilitar a nossa produção. Como não temos isso, e não temos o nome das pessoas envolvidas não tem como fazer. Quando é um caso mais grave, aí a gente ainda consegue contato com o advogado, consegue uma fala do outro lado, né. Essa parte do policial acaba ficando mais um relato do que aconteceu, tentando na medida do possível, tentando ser o mais neutro possível, porque como eu não vou conseguir ouvir um lado... Às vezes eu tenho um lado pra escutar, por exemplo, nesse período que eu tava cobrindo as férias do editor, o rapaz que me cobriu fez a matéria de um acidente, ele falou que o motorista de um dos carros disse que o outro veículo cruzou a preferencial e eles bateram. E daí, durante a tarde, eu recebi a ligação do motorista do outro carro, reclamando “como assim? Vocês só colocaram a versão de um lado”. Então, se eu só tenho a versão de um dos motoristas, infelizmente eu acabo me baseando pelo que as fontes oficiais falam, porque eu só - nesse caso do acidente - só vou ter a versão de um dos motoristas. Eu prefiro ficar só com o oficial, porque se eu colocar de um dos lados eu não sei o que pode acontecer, então eu vou colocar a versão oficial, porque pelo menos eu tenho um respaldo juridicamente falando. Na parte policial eu sofro bastante de manhã pra tentar produzir um texto que traga informações básicas e sem ouvir todas as fontes possíveis. Eu sempre, quando a gente tinha a sede lá no centro da cidade, eu conseguia ir mais pra rua. Então, às vezes, um acidentezinho bobo que dava ali na esquina, eu conseguia descer e eu fazia um texto gigante, porque daí eu conseguia conversar com a autoridade de trânsito, com o motorista, com o passageiro, com o cara que trabalha no posto e viu o acidente. Então, às vezes uma coisa corriqueira que não ia render nada, acaba rendendo um texto mais completo por conta disso. E a parte complicada de fazer jornalismo de manhã, principalmente às 7h é que você não tem condições de escutar todo mundo que deveria. Por isso que nossas matérias parecem que ficam um pouco mancas, você olha e parecer que estão meio vazias, meio fracas. Faltam muitas coisas, mas dentro das condições foi o que deu pra fazer.

Naiara: E quando você chega na redação e vê as ocorrências sobre violência contra a mulher, qual é o teu critério de noticiabilidade pra interpretar que uma ocorrência vire notícia e outra não?

Seis: Às vezes o comentário parece romântico demais, parece fantasioso demais, mas eu ainda consigo pensar um pouco assim. Eu acho que a gente tem – eu pelo menos gosto de acreditar – que é o que me motiva, que me faz tomar algumas decisões, que a gente tem uma certa responsabilidade nas publicações, no que a gente pauta. O veículo de comunicação acaba pautando muitas discussões, muitos debates. Quando a gente vê que tem um projeto de lei na câmara que tá passando meio quieto, mas a imprensa vai lá e começa a bater em cima disso, acaba pautando as discussões e esses assuntos vão ser discutidos. Então, quando eu vejo que num relatório de polícia tem três casos de violência doméstica... Vou fazer um parêntese: a polícia manda o que ela considera as principais ocorrências, não todas as ocorrências. Eles fazem uma filtragem prévia. Quando a polícia militar divulga que teve 3 casos de violência doméstica...

Naiara: Pode ter sido muito mais?

Seis: Pode. Assim como quando eles não divulgam nenhum caso de violência doméstica, e eu sei que teve pelo menos dois ou três, porque é assim que é a cidade, é assim que é a sociedade, porque a gente tá acostumado com essa rotina. Então, às vezes eles divulgam três casos e eu vou, por mais aquilo vai contra as ordens de chefia, mas por mais que aquilo não vá necessariamente gerar acesso, não vai gerar os resultados que a empresa espera, eu acho que falar que em 12h, 3 mulheres foram agredidas em Ponta Grossa, a polícia atendeu três casos e a Patrulha Maria da Penha atendeu mais dois casos, acho que se a gente tentar expor isso, mostrar que ontem foram tantos casos, no dia seguinte mais tantos, no outro dia mais um caso. Eu tento sempre olhar esses casos, porque muitos deles são parecidos, o básico é quase sempre o mesmo: marido que chegou embriagado em casa, agrediu a mulher, ameaçou a esposa, ameaçou os filhos, a polícia foi lá prendeu o cara. Normalmente a descrição é muito simples, mas mesmo assim, mesmo sendo um caso corriqueiro, acho que como a gente tem por semana mais de 1 milhão de visualização de páginas, a partir do momento que você começa a bater nessa tecla, por mais que não renda acesso, por mais que você não encontre jornalisticamente um critério de novidade, atualidade, fator que chame a atenção, mesmo assim acho importante fazer o registro, porque assim conseguimos pautar alguns debates. Eu acho mais relevante falar que uma mulher foi agredida pelo marido do que o rapaz foi pego com meia dúzia de pedra de crack, em algum lugar da cidade. Em termos de manchete do jornal nenhum dos dois vai ser, mas eu acho que em 2019 – isso eu falo sempre pra minha namorada – eu acho um absurdo a gente em 2019 ainda ter que debater e

defender feminismo. É um negócio tão retrógrado, tão absurdo. A gente ainda tem que ver racismo? Se a gente ainda tem que ver racismo, os gays podem esperar mais uns 300 anos até as coisas se normalizarem pra eles, as mulheres. Agora, recentemente, teve a Maju apresentando o Jornal Nacional, e tinha gente questionando porque isso era importante. Se a gente vive em uma sociedade que não consegue entender porque isso é importante, porque isso é relevante, eu acho que a gente tem esse trabalho. Em 2019 a gente ainda precisar falar de feminismo, isso ainda ser um assunto que precisa ser debatido, porque a sociedade não consegue entender o que é, tratar feminista como uma rival. Eu não tenho saúde pra de aguentar esse tipo de coisa, eu vou fazer 29 anos na semana que vem, eu não tenho saúde pra aguentar esse tipo de coisa. É o mesmo papo do “é comunista, mas usa iphone”. Cara, não é isso! “Ah, é feminista, mas tá aí se depilando”. Não é isso! Hoje dentro de um veículo de comunicação, que tem o acesso que tem, com o poder de pautar discussão que a Rede tem, acho que é uma obrigação discutir esses assuntos. Eu nunca tive medo de andar a noite e ser estuprado. Eu fui assaltado e me deu uma série de questões psicológicas, de pânico e tudo mais, mas de ser estuprado eu nunca tive medo. Eu não posso julgar um caso de uma menina ser assaltada a noite, a menina estava andando a noite e foi estuprada ou qualquer coisa do gênero. A gente tem obrigação de discutir isso. Até porque as pessoas que questionam, “mas o que ela estava fazendo a noite nesse lugar? Esse lugar é perigoso”. Eu fui assaltado num sábado às 21h. Eu lembro que teve um cara que falou: “Mas o que você estava fazendo na rua às 21h?”. “Viu, eu tava saindo do bar e indo pra minha casa”. Se eu não posso mais andar na rua às 21h de um sábado, porque eu posso ser assaltado, e eu tenho 1,85 de altura, peso 100 kg, e tenho essa cara de bandido. a minha namorada tem 1,58, pesa 50 kg. É o demônio, mas você olha pra ela, e ela aparenta ser uma pessoa frágil, e isso me deixou muito em pânico, faço tratamento até hoje por causa disso. Se eu que aparento ser uma figura mais forte, se isso aconteceu comigo, imagina com ela? Imagina com as outras pessoas? Como as pessoas tem coragem de andar sozinhas? Como é que as pessoas vivem? Isso me deixou, sabe... até entender como funciona, e que não é todo mundo que vai sofrer da mesma forma, foi um momento complicado.

Naiara: Você citou sobre a questão do estupro. Em Guarapuava esse tipo de violência é bastante recorrente, quando eu conversei com a delegada ela comentou sobre isso, que acontecem muito casos de mulheres que são estupradas por desconhecidos.

Seis: Por isso eu comentei com você. Talvez eu precisasse evoluir mais em termos de carreira, de salário e tudo mais, se eu deixasse essa visão meio romântica um pouco de lado, mas eu vejo que a gente tem uma obrigação social. Eu não tenho o poder de mudar o mundo, mas eu consigo pautar alguns assuntos, algumas coisas eu vou tentar fazer. Algumas coisas que vou tentar fazer e não vou conseguir, ninguém vai se interessar, mas eu posso tentar. Se eu vejo que teve um caso sem vergonha, falando em termos de ibope, eu tento fazer um título mais chamativo, tento usar alguma palavra um pouco mais de apelo, para que as pessoas vejam aquilo, leiam e percebam que um dia uma mulher foi agredida no Santa Paula, no outro dia no Uvaranas, depois no Jardim América, pra perceber que isso é uma realidade, pra perceber que isso é recorrente, e que isso é uma questão cultural e de educação. A gente tem essa obrigação, porque a hora que acontecer uma desgraça como o que aconteceu em Castro, no começo do ano, que 3 mulheres foram assassinadas em 15 dias, pra que ninguém fale “meu Deus, que absurdo, como isso aconteceu?”. Isso acontece todos os dias, só que não chega ao extremo, às vezes porque a mulher conseguiu fugir, porque veio um segundo de sobriedade no criminoso que se tocou, parou e fugiu, ou os vizinhos escutaram e chamaram a polícia, ou porque o cara só queria ser machão e dar 2 socos na cara da mulher pra mostrar quem é que manda. Daqui a pouco esse cara ao invés de dar 2 socos, ele vai dar 2 tiros. Se nenhuma providência for tomada, se a gente não falar disso, se a gente não tratar desse assunto, daqui a pouco essa mulher tá morta, e a gente enquanto sociedade tende a ter os comentários de “porque tá com esse cara ainda? Porque não solta? Gosta de apanhar”. Os comentários nas matérias da A Rede são pra perder a fé na humanidade, nesses casos de violência contra a mulher. Tem casos da mulher que teve que ser internada, teve que ir pro hospital, porque tava com uma fratura no nariz de apanhar do marido, e as pessoas falando: “mas aí ela volta pra casa e aceita o marido de volta”. Ou “tem que ver porque o cara fez isso”. Tentando achar motivo pra agressão. Semana passada teve o júri de um feminicídio aqui, do Alexandre Mendes da Costa, se não me engano. Ele matou a esposa a facadas, o enteado tentou proteger a mãe e levou facada também, ele ameaçou familiar. Eu fiz o

relato do que aconteceu, em 2017, na época que o crime aconteceu o cara deu uma entrevista pra gente falando que ele descobriu uma traição da esposa, teve um surto e fez isso. Eu coloquei isso, porque é a versão dele, mas isso não quer dizer que eu estou justificando o crime dele. Eu lembro que teve um cara, não lembro em qual rede social, que comentou alguma coisa querendo passar um pano pro que o cara tava falando, sabe? Tinha comentários tentando minimizar o fato dizendo que o cara perdeu a cabeça porque descobriu a traição. Teve gente xingando e falando que a gente tava tentando justificar um crime que não tem justificativa. Claro que não tem justificativa, só to dando a versão do cara. Já não existe justificativa pra você agredir uma pessoa, pra você matar uma pessoa então... Os comentários nesse tipo de matéria, muitas vezes, é chorume. É absurdo ver as pessoas que não conseguem entender o que é dependência financeira, dependência emocional e, às vezes, a falta de entendimento do que é violência doméstica. Às vezes, a mulher é ameaçada pelo marido, pelo namorado, e aceita o cara de volta, porque ela não entende que aquilo é violência doméstica. A gente tá falando de violência física, de casos em que a polícia é chamada, a gente não tá debatendo – e acho que não tem condições de debater - violência psicológica, violência sexual cometida por conviventes, maridos, namorados, amantes e tudo mais, a gente não tem como medir o que é o abuso psicológico, o cara que minimiza a mulher, que chama a mulher de burra, que faz a mulher se sentir mal, que impede que a mulher saia pra trabalhar chamando ela de burra, de incompetente, ou qualquer coisa do gênero. Eu acho que a partir do momento que a gente começa a bater nessa tecla, pautando isso com uma certa periodicidade, abordar o assunto, fazer um balanço de atendimentos da Delegacia da Mulher, a gente consegue dar uma dimensão da gravidade da situação, que não é uma questão, não são fatos isolados. A morte da mulher tal dia não é um fato isolado, é uma coisa que acontece todo dia e precisa ser divulgado. Eu não posso dizer que eu filtro os casos de violência contra a mulher pela gravidade, é claro que uma mulher que tomou um tiro é mais grave do que aquela que levou um soco, mas eu não posso deixar de publicar a mulher que levou um soco porque ela não levou um tiro. Não posso fechar os olhos pra esse caso. Eu não penso dessa forma. Pra eu evitar que esse caso do soco vire o caso que levou o tiro, pra evitar isso eu tenho que bater nisso daqui para tentar mudar. Se eu chegar no fim da vida e descobrir que 5 pessoas viram a matéria a falaram “cara, vou falar pra você que eu vi aquela matéria aquele dia lá e eu comecei a pensar que na minha família acontecia isso e eu não via”. Já deu certo. Já funcionou.

Naiara: Quando você pega uma notícia de violência contra a mulher, tem alguma orientação editorial de questão de termos, como enquadrar isso, ou você trata isso de uma maneira muito mais pessoal?

Seis: Por não conseguir falar com os dois lados, eu tento me ater à descrição do que aconteceu. Por mais que eu pessoalmente tenha vontade de massacrar o autor da agressão, tenho vontade de usar termos mais pejorativos pra esse cara, por uma questão de princípios meus, eu tenho vontade de xingar o cara, mas eu não posso fazer isso, por isso sempre uso o ‘suspeito da agressão’, o ‘suspeito foi preso em flagrante e confessou o crime’. Aí as pessoas falam ‘ah, mas se ele confessou não é mais suspeito’, mas juridicamente ele é suspeito, eu tenho que tratar ele assim. Só será acusado quando a justiça disser que ele é acusado, eu nunca vou dizer que é o agressor, não posso dizer agressor, só depois que esse cara for condenado. Então eu vou usar termos como suspeito, vítima, e eu tento me manter o mais isento possível dentro do que eu acredito ser correto. Tenho vontade de xingar o cara, chamar de agressor, colocar o nome dele, a foto da cara dele, mas eu preciso entender que, por trás desse cara, se eu coloco a foto do cara, o nome dele, e que ele agrediu a esposa, eu to expondo a própria vítima. Acho que já passa do ponto, eu paro de ajudar e começo a prejudicar essa pessoa, porque essa pessoa, que eu considere que ela deva procurar as autoridades, ela pode não querer procurar as autoridades, ela pode não querer que a vizinha dela, que a amiga dela do trabalho saibam que ela foi agredida pelo marido. Eu não posso passar essa linha, senão eu paro nessa ideia de tentar ajudar e começo a prejudicar essa pessoa. Tento me manter o mais distante possível. A não ser que seja um caso mais grave, mais sério, como é o caso da Nathalia, porque ela foi vítima de homicídio e o autor foi preso, aí a gente divulga os nomes. Antes disso, nesses outros casos, tento preservar ao máximo. Às vezes essa mulher tem um filho, os amigos dele vão ver a matéria e vão tirar sarro dele na escola.

Naiara: Sobre a Nathalia, a gente detalha melhor mais pra frente... sobre violência contra a mulher, a maioria das matérias são originadas de B.O, né? A polícia seria a principal fonte sobre esse assunto? E que outras fontes geralmente você consulta?

Seis: Sim. Eu acho que nesses casos, principalmente as que eu falo de correr atrás de B.O, e de fazer essa filtragem, eu acho que o básico assim é polícia. Tanto a polícia militar que é quem registra quanto a civil que é quem vai investigar o caso. Em alguns casos já conversei com o pessoal da Casa Corina Portugal aqui da cidade, que é uma casa de acolhida. A Doutora Cláudia Kruger, que é a Delegada da Mulher também é fonte, mas ela entra na parte da polícia também. Quando eu consigo algum advogado ou familiar eu tento usar. Esses casos do dia a dia que não tiveram grande repercussão, a fonte principal é a polícia. A polícia não divulga endereço ou nome, fica complicado. Principalmente pra esses casos mais corriqueiros, esses casos do dia a dia, um caso que não teve grande repercussão, a fonte principal acaba sendo a polícia, difícil encontrar outra, porque a polícia não divulga informações muito detalhadas, né. A polícia não divulga o endereço, o nome, não divulgam nada disso. Então, se eu tenho o contato da vítima ou da família da vítima eu vou atrás.

Naiara: No portal, vocês têm um jornalista que fica responsável por esse assunto ou todos escrevem sobre?

Seis: Não tem um responsável por escrever sobre esse assunto no portal. Se é de manhã sou eu, mas a tarde depende da demanda, quem estiver ‘livre’. “Viu, quem ta mais livre agora?”. “Ah, to só esperando um retorno da assessoria”. “Então, a agente tem essa matéria agora”. É nessa linha.

Naiara: E existe uma preocupação do portal em fazer uma contextualização nessas matérias, trazer dados em nível de estado, em nível de Brasil?

Seis: Nessas matérias mais corriqueiras, que teve um caso hoje, teve um caso ontem, nesse tipo de coisa, até por uma questão de viabilidade fica mais complicado de usar no dia. O que aconteceu, por exemplo, agora que eu tava na chefia, teve 3 casos em Castro, 5 casos no sábado, mas 3 casos no domingo, tentamos fazer um balanço aqui na cidade, ver esses dados com um contexto um pouco mais amplo, mas no dia a dia, pela lógica do portal é mais difícil. Por essa questão de “cara, vou ter meia hora pra produzir esse material, não vai dar tempo e se eu deixar pra publicar o que aconteceu ontem às 22h, se eu deixar pra publicar no meio dia do dia seguinte... Eu preciso fazer isso no começo da manhã. Se eu não tenho esses dados meio prontos, meio separados, fica difícil.

Naiara: A questão a hierarquização desse tema no portal: geralmente notícias de violência contra a mulher são manchete? Como fica mais ou menos essa distribuição?

Seis: Dentro do portal? Varia muito do assunto. A hierarquização no portal varia muito de acordo com a gravidade. A ordem que a gente tem é colocar nos destaques do portal, as quatro notícias principais, os grandes assuntos do dia ou os que tenham as melhores fotos. As matérias menores, dos casos menos graves, dificilmente ficarão em cima, porque ou não vou ter foto, ou não tem relevância suficiente pra estar lá em cima. Agora quando é um caso mais grave, tenho relevância maior pra dar um destaque maior pro assunto no portal.

Naiara: Na percepção dos leitores... essas matérias geralmente estão entre as mais lidas?

Seis: Normalmente, no momento da publicação, a matéria dá um salto ali, ela fica entre as mais lidas. Nos casos corriqueiros elas ficam entre as mais lidas nos primeiros 15 minutos, logo que publicadas ficam umas 60 pessoas dentro da matéria, por exemplo. Passado 15 minutos vai diminuindo e depois de horas ficam menos de 20 pessoas lendo a matéria.

Naiara: No caso da Nathalia que teve uma comoção maior, como ficou essa questão da visualização?

Seis: Nossa média de acessos é de 350 pessoas ao mesmo tempo no portal, passou de 1.200 pessoas acessando simultaneamente quando publicamos o caso da Nathalia. No caso da Nathalia, eu não tenho outra palavra pra definir o que eu fiz que não uma cagada, pela foto que eu publiquei na primeira matéria do caso. É uma foto que aparece o pé dela no canto, eu vi o pé e pensei ‘vai mostrar que a vítima estava nessa região da casa, vai mostrar como está ali, e o pé dela está em cima desse tapete vermelho no corredor até o quarto’. Eu publiquei a foto (foto do Cascavel) e depois de uns 15 minutos no ar, vi os comentários das pessoas falando do mal gosto da foto e eu fui perceber que esse tapete vermelho na verdade era sangue. Na hora que eu vi aquilo, que eu abri a foto original e vi que era sangue a minha pressão chegou a baixar na hora e eu pensei ‘não acredito que eu fiz isso, não acredito que eu não vi que era sangue’. Eu errei feio, eu sai aquele dia do jornal pensando se eu devia largar, porque eu fui muito massacrado e me senti mal. Não queria ter usado uma foto

com uma mancha de sangue gigantesca, queria tratar o caso de uma forma sóbria, tratado com a relevância que ele merece. Acabou desvirtuando pro mal gosto da foto.

Naiara: O caso depois não ficou com você, né? Várias pessoas escreveram sobre o caso da Nathalia...

Seis: Exato. Meio dia eu ia embora, aí o repórter que cuida de cotidiano à tarde, ia conversar com a polícia pra saber das informações do caso, e atualizar o caso. Não tem uma pessoa responsável pelo caso, depende do horário, se a novidade sair às 15h é o cara que vai lá ali nesse horário.

Naiara: Você acha que tem diferença um jornalista homem ou mulher escrever sobre o tema violência contra a mulher.

Seis: Em teoria não deveria existir diferença em uma mulher ou um homem escrever sobre esse tema, pensando pelo básico do jornalismo. Mas acho que é impossível, quando eu tô escrevendo com a minha carga pessoal, eu tenho vontade de massacrar o cara, mas mesmo assim é impossível me colocar no lugar de uma mulher, eu não tenho medo de ser espancada pela pessoa que eu vivo, não corro esse risco tanto quanto a minha namorada corre. Ela corre mais risco não porque eu posso agredir ela ou porque a gente tem uma relação, mas é porque eu peso o dobro dela. Se eu enquanto homem tenho essa revolta, e a tendência de querer massacrar o autor de violência doméstica, eu imagino que uma mulher se sinta mais revoltada ou tenha algum tipo de compaixão pelo caso, é uma diferença que é inerente à condição mulher. Mas, acho que não é por ela ser mulher que ela tem que tratar desse caso, mas é por ser jornalista policial que ela tem que falar desse caso. Não que seja preciso colocar uma mulher para falar disso.

Naiara: Se você fosse definir: porque existe violência contra a mulher na nossa sociedade?

Seis: Acho que a violência contra a mulher é uma questão social e de educação. Social no sentido de que a mulher historicamente, e historicamente não é de 50 ou 60 anos, é de milhares de anos, ela tinha uma posição inferior ao homem, não sei porque, não tenho esse tipo de estudo pra dizer. Mas se formos pegar sociedades mais antigas, toda a questão de política ficava com os homens e as mulheres cuidavam de afazeres domésticos, as mulheres não tinham direitos, eram tratadas como uma sub-raça se formos bem grosseiros no termo. Existe uma questão de cultura, de criação e de estarmos em uma sociedade extremamente patriarcal, comandada por homens, os homens são maioria absoluta em todas as esferas políticas e esses caras não vão fazer uma legislação que se preocupa com a violência doméstica. É a mesma coisa se a gente for falar de aborto. Enquanto um deputado não tiver que fazer o aborto no corpo dele, isso não é uma discussão que vai ser levada com a devida importância. Se fosse uma maioria de deputadas mulheres talvez esse assunto fosse mais debatido. Se as mulheres fossem maioria, como elas são na sociedade, se elas fossem maioria nos poderes políticos, talvez isso tivesse uma atenção mais necessária. Acho que é uma questão social, histórica e de educação. Como que uma criança que vive num lar em que o pai bate na mãe vai crescer? Se for uma mulher, ela vai ver aquilo como... ela vê o pai batendo na mãe, no fim de semana eles saem todos juntos pra tomar sorvete, pra passear no parquinho, ela vai interpretar aquela violência como amor, como um sinal de amor, quem ama bate, ou coisa do gênero. É assim que criança se desenvolve. E isso gera transtornos pra vida adulta, que você só resolve com terapia e com educação. Um cara que cresce vendo o pai bater na mãe, ele vai interpretar aquilo como uma forma de amor, por mais que ele não saiba disso, que ele não perceba isso, o subconsciente vai interpretar dessa forma. Eu acho que é basicamente isso. Quem manda não tem interesse em combater esse tipo de coisa, e a gente vive em uma sociedade ainda extremamente machista, que tem todas essas questões de educação. A gente pode falar de crianças pobres e crianças ricas, a gente tá falando de crianças que veem os pais batendo nas mães.

APÊNDICE I – Entrevistada sete - Redação RSN

Naiara: Pra começar, você é formada em jornalismo, Cris?

Sete: Não sou formada em Jornalismo. Tenho 30 anos de profissão praticamente. Não conclui, né?

Naiara: Mas, conta essa sua trajetória então de 30 anos, por onde você passou antes de começar a Rede e depois a história da Rede.

Sete: Eu sempre gostei de escrever, e eu considero assim o jornalismo uma arte e um dom. Eu te digo por que, porque nós somos em 5 irmãos e 4 atuam na área de imprensa. Só meu irmão mais velho que hoje é falecido e tal, que foi pra outra área, mas tinha uma veia muito...A gente tem essa veia jornalística assim muito acentuada, hoje eu e dois irmãos meus atuamos na área. Eu acabei me formando em Publicidade e Propaganda. Meu irmão Fernando acabou fazendo Marketing e Cinema, e meu irmão Paulo também Publicidade e Propaganda. E, pela experiência que a gente tem no jornalismo, então, uma outra graduação na mesma área de comunicação agregaria ao conhecimento que a gente adquiriu durante uma vida inteira praticamente.

Naiara: E você formou aqui em Guarapuava?

Sete: Formei aqui em Guarapuava. Me formei na Campo Real. Fiz pós em mercados emergentes, na convergência da mídia, enfim, né... relações públicas, assessoria de comunicação, PP, essas coisas né. A gente sempre atuou em jornal. A gente que eu digo, eu e meus dois irmãos, né. Minha irmã era mais da área de TV e rádio, mas hoje ela tá fora dessa área de comunicação. Mas, eu e meus outros dois irmãos, a gente sempre foi proprietário do jornal. Todos os jornais que tiveram em Guarapuava foram nossos, a maioria deles.

Naiara: Impresso?

Sete: É. Jornal impresso. Aí eu fui também dois anos Secretária de Comunicação da Prefeitura. Aliás, foi meu primeiro emprego, e meu irmão Paulo também foi Secretário de Comunicação da Prefeitura de Guarapuava.

Naiara: E o nome desses jornais impressos, Cris?

Sete: Tribuna de Guarapuava, que foi o mais tradicional, que era eu e meu irmão Paulo, e durante um período o meu irmão Fernando, nós três juntos. Aí depois acabou meu irmão Fernando indo assumir cargos de assessoria de imprensa, fora daqui, em Curitiba, onde ele permanece até hoje, ele nunca trabalhou fora desse período até hoje fora do Partido dos Trabalhadores, que ele é um dos fundadores, né? Antes disso ele tinha passado pelo Estado do Paraná, com sucursal em Guarapuava, tinha passado pela Folha de Guarapuava, que era um jornal diário, né, que eu também passei. Meu irmão Paulo passou pelo jornal Esquema, que era um semanário bem tradicional também de Guarapuava. Então, a gente teve a Tribuna de Guarapuava, aí depois eu sozinha continuei com a Tribuna por um bom tempo. Aí, como a marca pertencia ao meu irmão, e ele não quis abrir mão da marca, eu fundei a Tribuna Regional. Aí depois eu tive o Jornal de Guarapuava, né? E nesse meio tempo, antes de eu ser dona do jornal, eu tinha a sucursal do Paraná, de Cascavel, aqui em Guarapuava, por durante muito tempo, durante muitos anos. A Rede Sul nasceu com o advento da internet em Guarapuava.

Naiara: Foi em 2001, né, Cris?

Sete: Acho que foi antes, eu não lembro muito bem a data, porque foi na segunda gestão do ex-prefeito Vitor Hugo, quando eu saí da Secretaria de Comunicação dele, que eu assumi nos últimos dois anos, com a missão de reelegê-lo. Conseguimos eleger-lo e eu não quis mais. Eu tinha a Tribuna Regional, e recebi uma proposta do empresário, Odacir Antonelli, aqui de Guarapuava de fundar junto com ele um jornal, e fundamos o Jornal de Guarapuava, em 6 meses ele desistiu da parceria e eu continuei sozinha por um bom tempo. Esse ex-prefeito me lançou o desafio, porque não existia portal de notícias, existia apenas um site ligado ao então governador Roberto Requião, com sede em Cascavel. O Vitor Hugo deu a ideia de criar um site em Guarapuava, eu achei uma loucura porque tinha menos de 2 mil assinantes de internet, naquela época era discado, as pessoas entravam depois da meia noite porque era mais barato. Eu comecei a pesquisar e não existia nada. Fui até Curitiba para conversar com meu irmão Fernando, ele já estava mais inteirado, começando a criar alguma coisa pra área de assessoria na internet, e o nome foi ele que deu. Em uma noite a gente escolheu tudo. É um nome bem aleatório, não me pergunte por que Rede Sul de Notícias, porque a

gente pensou em uma coisa assim puxando para a região sul do Paraná e que depois pudesse evoluir pro sul do Brasil, como hoje de fato é, e pensando em questão de rede.

Naiara: Desde o começo é Rede Sul, então?

Sete: Desde o começo. Sempre foi Rede Sul. Rede de notícias, daí a gente quis por o sul no meio, enfim. Então a gente criou, e eu comecei a trabalhar paralelamente ao jornal impresso.

Naiara: Cris, você não lembra mesmo quando o portal foi ao ar pela primeira vez? O ano.

Sete: Eu acho que foi 2001. Eu acho que foi sim. Tem que pesquisar, foi a segunda gestão do Vitor Hugo.

Naiara: Foi muito inovador pra época, né?

Sete: Todo mundo me chamava de louca. E eu não dava a devida atenção, sabe? A minha paixão era pelo jornal impresso. Sempre fui alucinada pelo impresso, até então. Agora não mais.

Naiara: Conta desse início como que foi. Vocês colocaram o site no ar...

Sete: Sim, colocamos o site no ar, e daí eu comecei “meu Deus, e agora?”. Você procurava na própria internet alguma coisa, alguma formatação, não tinha nada. Aí então, você acaba criando uma linguagem porque deduzimos que não podia ser matéria igual à do jornal impresso. Todos os jornais que eu tive eram semanais e se distinguiam dos outros, porque eu pegava a matéria de maior repercussão da semana e aprofundava, desdobrava. Aí com o portal eu pensei em fazer o contraponto, uma coisa mais instantânea. No começo eu comecei a trabalhar o nome da marca, divulgava para as pessoas, sempre com foco bem político, que eu adoro, sou apaixonada. Aí teve um acidente, infelizmente, foi um acidente que chocou a cidade, porque era a filha de um casal bem conhecido. Foi uma tragédia, porque o casal tinha um casal de filhos também, o menino, que era o Douglas Sanquetta morreu afogado no alagado do Iguaçu, então só ficou a menina. E a menina tava voltando pra casa na hora do almoço, e caiu um muro ali na Senador Pinheiro Machado em cima dela. Um vendaval, um temporal, caiu esse muro em cima dela, nossa esmagou a menina, né? Ela ficou alguns dias na UTI, e pela proximidade que eu tinha com a mãe dela, que é minha amiga pessoal e tudo mais, eu conseguia ter acesso a todos os boletins médicos e eu trabalhava na Rede, entendeu? Aí é que o povo descobriu a Rede Sul. O pessoal falava “quer acompanhar o caso da Ane? A jornalista está jogando na internet. Eles diziam assim”. E daí “ah, passa o endereço aqui então”. Criou aquela corrente, com isso eu me animei, porque de 100 seguidores, de repente tinha 300.

Naiara: Quando isso?

Sete: Vou ter que pesquisar isso. Sou horrível pra data. O nome é Anne Sanquetta, filha da Ana Sanquetta. Foi um caso assim que, com quem você falar hoje na cidade vai lembrar. Aí eu fiz cobertura, ela foi velada no pátio do Colégio Nossa Senhora de Belém, porque ela estudava lá, então... Assim eu descobri, por acaso, a cobertura em tempo real. Por acaso. Não existia ninguém em Guarapuava que fazia programação de site, não existia nada. Era tudo de fora, e tudo “feito à mão”, porque estavam descobrindo tudo naquele momento. Ali eu acordei, mas eu ainda tinha resistência, porque eu tinha aquela coisa com o impresso. Eu comecei a ler e a observar sobre internet. A Rede começou a crescer, e faz uma questão de uns 10 anos, que eu fechei o impresso e assumi de vez a Rede, foi uma crescente. Até que chegou uma época que já se achava mais informações pela internet, o pessoal começou a comprar pacotes de internet, a internet evoluiu. Chegou num ponto que me apaixonei pelo tempo real, porque a resposta é imediata. Hoje pela manhã mesmo, a gente postou uma matéria que pra gente assim era uma matéria de utilidade pública, era sobre matrículas do EJA, uma matéria assim do cotidiano, né? Levou 15 minutos, o Gilson disse “Cris, da uma olhada nisso aqui”. Mais de 30 compartilhamentos, mais não sei quantas mil visualizações, entendeu? Pra uma matéria, que pra gente, era uma nota de utilidade pública. Aí você consegue ver os públicos que você está atingindo, conforme a matéria que você posta, pelo número de visualizações. Hoje, o nosso público é muito variado, hoje nós atingimos todas as camadas. Nas várias editorias.

Naiara: Quando você percebeu que a Rede Sul estava atingindo mesmo a cidade? Foi mais ou menos em 2009 mesmo?

Sete: Foi. Foi mais ou menos. Foi. A gente começou a ter um retorno da comunidade, que eu dizer aqui pra gente que nós temos dois patrimônios imensuráveis.

Naiara: Que são?

Sete: Primeiro: a rede não é mais nossa, o leitor se apossou da Rede, é ele que nos pauta, é ele que manda sugestão, é ele que manda a foto, é ele que faz tudo. O que a gente faz é – em muitos casos, principalmente segurança – é checar, aprofundar, ligar, fazer uma entrevista a mais, checar a fotos etc e tal. Mas hoje os nossos repórteres estão espalhados por aí. E o outro é: a rede de fontes que a gente que a gente conseguiu criar, sabe? A gente conseguiu muita credibilidade com as nossas fontes. É uma rede de fontes fiel.

Naiara: Para o jornalismo isso é importantíssimo.

Sete: Meu Deus. Em todos.

Naiara: Em relação aos acessos, o editor comentou que às vezes da mais de 200 mil, me impressionou porque é mais do que a população da cidade...

Sete: É. Só pra você ter noção nós estamos com mais de 170 mil seguidores no Facebook, 10 mil a menos que a população de Guarapuava. É um desafio pra ele, ele continua prestando esse tipo de serviço pra gente, é chegar em dezembro com mais de 200 mil. Se vier se comportando, cada vez que a gente estipulou as metas, a gente sempre fechou dois ou três meses antes, a gente já tinha atingido a meta proposta antes do prazo.

Naiara: E os leitores, Cris? Imagino que seja Guarapuava em peso, e daí que outros lugares?

Sete: Não é só Guarapuava. Nós até temos no nossa mídia kit. Nossos leitores são principalmente de Guarapuava, e a região de Curitiba em segundo lugar. A gente não consegue dimensionar o crescimento e a abrangência da Rede. Fui pra uma reunião em Curitiba em uma agência de publicidade, essa agência que me chamou pra reunião, porque eles haviam feito um estudo sobre a Rede Sul, pra estreitar parceria. Eles apresentaram no estudo deles, que são coisas que no nosso dia a dia passam batido. Você olha no layout do site, pra gente tá ali no layout. O olhar deles foi totalmente diferenciado, foi distribuição, diagramação, agilidade das notícias, como a notícia percorre pela página, destaque dos assuntos, como as editorias estão distribuídas. E eles falaram pra mim “ó Cris, vocês tem que se dar valor, porque o nosso site de vocês é muito bem estruturado, é um dos melhores que a gente notou do Paraná, se não o melhor”. Entende? É uma agência grande. De Curitiba. Uma agência bem grande, em nível nacional e tudo mais. Então, são coisas que a gente não consegue a gente não consegue. Às vezes a rapidez da informação até assusta gente. Já teve casos de morte que nós demos a notícia pro IML. Fui buscar informação no IML e acabei informando eles. Já teve família que ficou sabendo de acidente com morte pela Rede. É muito rápido. Se aconteceu e não está na Rede, as pessoas acreditam que não aconteceu. Tem gente que acredita só depois que a gente publica. Isso o que é? É credibilidade. Teve um médico que trabalhava no SAMU e ele estava muito doente, e aí surgiu no grupo lá do SAMU que o médico tinha morrido. E daí começaram...E eu tinha uma enfermeira na minha casa aquela à noite, amiga, ela falou “doutor fulano morreu, não sei o que”. Daí uma delas “não, precisamos checar, porque eu abri a Rede Sul e não tem nada”. E de fato ele não tinha morrido. Eles acreditam só depois que ta na Rede.

Naiara: Com isso, acaba pautando outros jornais também, né?

Sete: Meu Deus do céu. Aqui em Guarapuava, os últimos dias tem sido coisa muito absurda, não é pauta, é ctrl c ctrl v. Te dou dois casos: eram fotos que só nós tínhamos. Uma o promotor mandou, que era um caso de Cantagalo, ele mandou a foto no meu whats, porque eu pedi e a gente colocou a foto dele. O Gilson “meu Deus, copiaram a nossa matéria, copiaram a nossa foto”. Eu liguei doutor e perguntei “o senhor passou?”. Ele disse “não, ninguém me ligou”. E não foi só aqui, foi a região. Outra: aquela bate grade que tava tendo no cadeia semana passada e que tava a foto dos presos de costas sentados no pátio. Eu pedi pra uma fonte nossa lá de dentro, ele falou “não posso fazer foto”, falei “por favor, faz de costas”. Ele fez e mandou no celular do Gilson. A foto era só nossa daqui a pouco estava em tudo, sem créditos. Às vezes a gente meio que fica com raiva, porque tem matéria que a gente leva dois dias lapidando, aí neguinho, né... ctrl c ctrl v. Teve outras, essa foi absurda assim... o Superpão comprou um espaço pra fazer uma nota de esclarecimento sobre um tiro que tinha acontecido, e que um site tinha dito que era um tiroteio, quando na verdade não era. Aí a gente fez a matéria normal, com fontes seguras etc, contando a realidade. E aí, o Superpão pediu pra comprar um espaço pra por uma nota. Eles mandaram a nota, sem problemas, foi colocada. Dali uma hora, mais ou menos, eles entraram em contato dizendo que as notas tinham alguns erros, se a gente podia substituir. A gente falou que substituiria desde que a gente colocasse que a matéria tinha sido alterada a

pedido. E esse pegou a nota errada, só nós que tínhamos, era uma matéria paga. Errada, porque eles consideraram errada e pediram pra substituir. Ficou a nota errada, né? Acontece. O que você vai fazer?

Naiara: Cris, na Rede Sul já passaram editores chefe. O período que eu analiso ficou sob a editoria do editor. O que você percebeu como característica dele na editoria? Esse período que ele ficou aqui, o que mudou?

Sete: A gente teve três, o entrevistado dois foi o segundo. O entrevistado dois é cria da Rede. Ele entrou aqui ainda no primeiro bimestre de Jornalismo, ele foi forjado pela Rede Sul. Ele sabia de todas as minhas ânsias em relação ao Jornalismo e que eu não conseguia desenvolver pelo editor que a gente tinha na época, as ideias não batiam. Quando ele assumiu ele já sabia o que eu queria e executava. A Rede ela tem um divisor de águas com ele, e agora com a vinda do Gilson é outro divisor de águas também, porque são pessoas diferentes, com experiências diferentes e tempos diferentes. A editoria do entrevistado dois foi um divisor de águas.

Naiara: Por quê?

Sete: Porque a minha ânsia sempre foi que a Rede fosse um prestador de serviços, e o que significa isso? Que a gente dê voz pra quem não tem. Eu gosto muito de trabalhar com a invisibilidade, gosto muito de levantar bandeira social, e a gente não fazia isso. A partir de então, o editor listou prioridades e a gente começou a trabalhar em cima delas.

Naiara: Algumas dessas bandeiras?

Sete: A violência contra a mulher é uma delas. Moradores de rua, combate à violência, outra bandeira é a duplicação da PR 466, da PR 170, que são considerados corredores da morte e não tinham entrado na pauta do governo do estado. Agora a gente tá levantando a bandeira da transferência da cadeia. As pessoas sabendo que nós estamos levantando tais bandeiras elas nos mandam informações. Vamos intensificar a depressão como uma questão de saúde pública.

Naiara: E é um posicionamento tanto nas matérias quanto nas mídias sociais?

Sete: Sim. Sim. Sempre. Agora nós vamos entrar nessa questão humanizada, a Rede tem esse viés bem de humanização mesmo, dos profissionais de segurança. Pegando como gancho o suicídio do rapaz no final de semana, né, que não existe, por exemplo, na Polícia Civil, não existe nada que ateste teu condicionamento psicológico, enquanto na Polícia Militar tem uma espécie de psicotécnico. A gente acabou descobrindo que esse rapaz ia completar 10 anos na Polícia, mas ele tem depressão há 12 anos, e quando ele entrou na polícia ele tava saindo de um quadro muito complicado. É uma área muito pesada, você convive com N situações, por si só deveria ter um atendimento psicológico, né? E não tem. A gente tá levantando essa questão mesmo, sabe? As condições precárias de trabalho, acúmulo de serviço, sabe? Excesso de função. Você está dando a sua vida pra defender a vida de pessoas e não tem esse reconhecimento, não tem reconhecimento salarial. A gente tá entrando nessa questão, a partir de agora.

Naiara: Agora vamos entrar na questão rotinas de produção. Diariamente, mais ou menos quantos textos são publicados na Rede?

Sete: A gente publica mais de 50. De um mínimo de 20, 30. Depende das pautas, entende? Por exemplo, hoje eu tenho essa pauta pesada, que eu vou levantar essa questão dos policiais. Então, eu tenho muita fonte pra consultar, a metade eu já consultei. Já tenho o depoimento de um, tenho depoimento de mais um, daí agora eu vou entrevistar o delegado, aí eu vou entrevista o presidente do Sindicato dos Policiais, e quero entrevistar alguém da segurança pública, então 5 fontes. Então, eu já fiz uma manchete hoje, fiquei com duas manchetes. Uma já foi, e eu fiquei pra trabalhar essa outra, mas nesse meio tempo eu vou recheando as outras editorias, o dia todo. Essa eu pedi pra ser a última, quando ela tem que ser bastante trabalhada a gente sempre joga por último. Foi uma decisão até de quando o entrevistado dois tava aqui, por ficar mais tempo na página, a gente deixar a matéria mais forte como última do dia, que a gente posta entre 17h30, 18h. Embora, na maioria dos dias, de umas duas semanas pra cá, a gente tá pondo manchete às 20h também. Mas, geralmente, porque ela vira o dia, né.

Naiara: E dentro desse volume de matérias, uma estimativa de fontes consultadas diariamente?

Sete: Ó, te falei, nessa matéria eu vou consultar 5. É uma média de 3 ou 4 fontes por matéria, né?

Naiara: Então, daria umas 100 fontes diariamente?

Sete: Menos, né. Não chega a isso. Na maioria dos casos, você vai entrevistar um promotor, um juiz, é uma burocracia do tamanho do mundo. Você tem que agendar, você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Então, você acaba... se a fala dele não for tão primordial pra matéria, você acaba colocando “foi procurado, mas não foi encontrado”, né? Agora, se a fala dele é essencial, a gente acaba derrubando a matéria pro dia seguinte. Tem uma matéria que vai sair hoje no meio da tarde, que faz acho que 4 ou 5 dias que a gente tá esperando o retorno do Secretário de Saúde da região, entende? Não adianta, você liga, você pede, você manda whats, você aciona o assessor de imprensa, não te respondem, não te respondem. Como ali a gente precisava de uma informação fundamental pra matéria, vai rolando até conseguir.

Naiara: E, nas matérias sobre violência contra a mulher, a maioria é originada de boletins de ocorrência? E qual é o critério? Vocês chegam na redação de manhã... pra um boletim virar notícia ou não...

Sete: Não me fale em reunião de pauta, porque é humanamente impossível, inviável, não tem.

Naiara: Mas, pra quem for selecionar esses boletins, qual é o critério?

Sete: Então, primeiro, a gente vai até pelas nossas estatísticas de número de acessos. Primeira coisa que a gente faz: os mortinhos, como a gente diz. A gente vai pelo número de acessos. Primeira coisa que a gente faz quando chega na redação é organizar o obituário. Pode cair um avião em cima do Edifício Araucária e a gente não noticiar, vai ter reclamação, mas não tanto quanto se a gente atrasa o obituário. É a página mais procurada do início do dia, por isso prioridade. Dependendo do caso, ó, por exemplo, a gente tá com um acidente que teve e que não veio boletim de ocorrência nenhum, mas a gente já tem foto, estado, tudo, que vem por caminhos paralelos. Mas, a base por onde a gente se orienta é o B.O, e a gente monitora os boletins da região também. Quando é violência contra a mulher, a gente tenta a Delegacia da Mulher, que é muito complicado, a gente até gostaria de fazer outras matérias, porque como está o índice de violência em Guarapuava, nós temos que partir pra matérias chocantes, mas a gente não consegue. Uma história que contasse, preservando fontes, mas contando uma história real, mas a gente não chega até essa mulher porque não temos endereço, não temos nada, a rede de proteção blinda. A gente liga na Secretaria da Mulher pra ter essa história, mas também não dão. Está de um jeito e tem acontecido cada atrocidade, que você tem que partir pro choque, respeitando os limites da ética e tudo mais. Eu vou chamar a atenção de uma pessoa, muito mais contando uma história, e desdobrando com índices, do que simplesmente dizer que levou tantas facadas e tudo mais. A gente esbarra nessas questões de falta de subsídios pra poder aprofundar. Eu acho que a gente poderia estar fazendo muito mais. Temos dificuldades em acessar as fontes oficiais também, Delegacia, Fórum, Secretaria, Conselho Tutelar. Meu Deus, a gente sabe de casos absurdos. Eu sei, porque um dia tava uma conselheira tutelar com 6 menino, algumas mães, descendo na delegacia, e como eu tinha contato com ela, minha amiga, eu cheguei e perguntei, ela disse “são suspeitos de terem estuprado aquele ali de 8 anos no banheiro do colégio”. Daí eu falei “meu Deus do céu, a gente não tem matéria...”. Ela disse “não, não pode falar, ih, Cris, isso aí acontece todo dia”. Entendeu? E você fica “como acontece todo dia?”. Mas você não pode entrar ali, a gente sabe, a gente tem N... sabe? “Ah, sabia que tal colégio em tal município tem uma menina que trafica cocaína dentro e que o diretor protege?”. Você vai...entendeu? A própria comunidade que fica indignada, liga e solta pra gente. Você vai começar por onde?

Naiara: Se não tem a informação oficial...

Sete: Não tem. Não tem como. Aquele caso da menina do Turvo, até agora, você tem informação que você colhe aqui no meio de uma conversa com o delegado, mas ó é extraoficial. Você vai comendo pela beiradinha, vem muita informação de grupos de whatsapp, você checa aqui, você checa ali, mas puro vácuo. Sem falar das ameaças, né? De delegado, advogado, principalmente advogado, meu Deus do céu. Esses dias a guria berrava em uma matéria que veio do Ministério Público. “Você sabe com quem você tá falando? Eu vou entrar com ação. Cale a boca, porque quem tá falando sou eu”. Entendeu? Você convive com isso o dia todo.

Naiara: Principalmente em assuntos policiais, né?

Sete: Nossa. E matéria do Ministério Público, número de processos e pá, pá, pá, nome tudo, do MP. Aí você “tudo bem, a senhora se acalme, sabe? Eu não tenho que tá 19h ouvindo seus gritos, eu não lhe conheço, quero ser tratada com respeito, tô lhe ouvindo, pode gritar, pode esbravejar, quando a senhora estiver calma a gente conversa”. São coisas que...

Naiara: Cris, e como você mesma comentou, a violência contra a mulher aqui em Guarapuava é algo bem expressivo, né? Acontece com muita frequência.

Sete: E são atroz, né?

Naiara: Na sua opinião, a violência contra a mulher é um problema do que? Qual é a principal causa?

Sete: A principal causa é o machismo. É cultural. Guarapuava é uma região que tem um rastro da escravidão, onde as negras eram usadas como objeto sexual pelos coronéis. O coronelismo político impera, entende? É uma cultura bem machista. As mães mesmo inconscientemente alimentam isso nos filhos. No dia a dia, conversando, então - quem é mais consciente - tem que se trabalhar muito para dar bons exemplos aos filhos e netos. O menino é o espelho do pai. Se o pai é machista, ele vai ser. As mulheres reproduzem muito o machismo. Se um cara te trai o culpado é a guria, não o cara. Você quer penalizar a mulher. “Essa vagabunda, ela é isso, ela é aquilo”. A mulher protege o macho. Uma mulher sacaneia a outra, e os homens são cúmplices. Isso é tudo que veio da nossa ancestralidade, quando o cristianismo acabou com as culturas pagãs, por exemplo, a cultura celta era matriarcal, daí vem a origem das bruxas e tudo, as mulheres dominavam. Eles queimaram as bruxas que eram as sábias, elevaram a figura do homem como macho.

Naiara: Até os próprios vikings, né?

Sete: Eu ia falar isso agora. Os vikings com seus chifres de poder, né? Aí você pode fazer mil analogias, o homem pode chifrar a mulher, o homem pode ser o macho. O próprio código penal até pouco tempo, né? O homem podia matar pra lavar a honra. Agora, e se a mulher matasse pra lavar a honra? Apodrecia na cadeia. É uma coisa muito difícil de você tirar, é muito difícil, mas alguém tem que fazer a sua parte, né?

Naiara: Cris, tem alguém na redação que fica responsável por escrever matérias sobre violência contra a mulher ou depende?

Sete: Na verdade assim...Eu escrevo, qualquer um escreve, mas sempre tem um jornalista que puxa pra si, né, que no nosso caso é a repórter. Por exemplo, o caso da Tati, eu comecei a acompanhar, acompanhei até uma parte, desde quando teve a reconstituição foi tudo eu que fiz, aí ela começou a monitorar as audiências e tudo mais, né? Então, daí passou a responsabilidade pra ela, de ficar acompanhando, de ficar fuçando pra gente poder cobrar, né? Aí ela acabou assumindo isso, mas não tem. Quando tem a gente discute muito, né? A gente toma muito cuidado com a abordagem, porque a gente tem muitos vícios. Te dou um depoimento que fiz me culpa, dos andarilhos que moravam lá naquele posto, e até foi uma denúncia que a Rede fez, porque tinha uma mulher com um filho na barriga, um no carrinho e outro assim, ela 9h da manhã bebendo, e as crianças vivendo naquele ambiente. Como eu ia almoçar na casa da minha mãe, eu passava ali e via. Aí quando comecei a ver os índios que ficam ali na pista vendendo artesanato, as meninas, já sabe? Com os caras. Meninas de 10, 12 anos. Falei “peraí, né?”. Só que aí, o título que eu dei - até foi o Pierre que falou “Cris, olha o título que você tá dando, é uma bandeira que nós levantamos, fazemos campanha pros moradores de rua e você tá penalizando eles aqui”. Eu falei “putz, é mesmo”. Eu tinha duas situações que a gente defende. Na hora de confrontar, eu acabei...no instinto, sem me tocar. Sempre tem alguém ligado. A ordem aqui dentro é sempre de um ajudar o outro, debater. Um policia o outro.

Naiara: A questão da hierarquização desse assunto no portal: violência contra a mulher geralmente é manchete no portal?

Sete: Geralmente matérias de violência contra a mulher são manchete no portal. Se é uma suíte vai pro bloco 1. Sempre tem destaque.

Naiara: E é dos assuntos mais lidos do dia?

Sete: Sim, é um dos mais lidos. Não, nem sempre. O que que a gente faz? O Gilson monitora muito cada matéria que é postada, monitora muito pelo Face, número de acessos, compartilhamentos, e já compartilha com a gente. Até mesmo pra gente saber se deixa mais ali, porque como o fluxo é muito rápido...”Tem matéria pro bloco 1 no rascunho, mas a que tá lá tá pegando, então merece ficar mais tempo, vamos publicar daqui uma hora”. Tem manchete que você posta e é fraca, não tem um desempenho legal, então a gente arruma uma mais forte, antecipa.

Naiara: Na sua percepção então, nem sempre esse assunto fica entre os mais lidos?

Sete: Nem sempre. Ela tem bastante, mas cai rápido os acessos. A não ser quando como é um caso de apelo, um caso boom de mídia, um famoso, sempre dá ibope e uau. Agora se é um caso da coitadinha da Vila Bela, né? Aí ela tem um boom e já é engolida por outra.

Naiara: Quando você dá uma passeada pelos comentários do site e do Facebook, qual é o tom desses comentários em relação à violência contra a mulher?

Sete: Infelizmente as próprias mulheres massacram a vítima nos comentários. Sempre a culpa é da mulher. O público feminino massacra. “A roupa, devia estar isso”. Teve uma menina que pegou carona e foi estuprada, né? “Ah, vagabunda, se entrou no carro com desconhecido é porque tava pedindo”. É bem horrível.

Naiara: E daí qual é o posicionamento? Vocês ocultam comentários, respondem?

Sete: Se é ofensivo ou se tem uma denúncia a gente oculta pros outros, mas não pro autor do comentário, se não descem o pau na gente, se for muito ofensivo, se tiver palavrão, muitos jogam alguma denúncia pelo meio. Então, como a gente é coautor de tudo, falando judicialmente, porque a nossa assessoria jurídica é muito em cima da gente em cima disso. A gente acaba ocultando e, em alguns casos, não em todos, porque não dá tempo, a gente da satisfação pra pessoa: “ó, seu comentário foi excluído”. Ou, tem caso da gente excluir pessoas, porque elas se tornam incidentes demais, né? “Olha, você tá sendo excluído por isso, isso, isso”.

Naiara: E você acha que tem diferença uma mulher escrever sobre violência contra a mulher do que um homem?

Sete: Tem. Tem diferença, porque a mulher tem o sentimentalismo. Se a violência contra a mulher é uma bandeira nossa, procuramos deixar a matéria mais rica, tentar procurar índices. O homem é mais objetivo. A gente faz um texto mais emocional. Mas, eu acho que é os homens que deveriam escrever, porque a rede de proteção só inclui mulheres, a rede disso só inclui mulheres, você faz um debate sobre esse assunto e só mulher vai, quando o principal interessado é o homem. De uma maneira generalizada, é preciso trazer a fala do homem também em defesa da mulher.

Naiara: Falando especificamente do caso da Tati. A repórter já relatou e detalhou bastante sobre o caso. Mas, eu queria ver a sua percepção: porque o caso ficou tão conhecido a ponto de sair no New York Times?

Sete: Imagem. Imagem. Os vídeos. Tenho certeza. A minha leitura do caso da Tati é que os vídeos foram tipo um reality show, que atrai os olhares. Os grandes casos de repercussão no Brasil, a Isabela Nardoni teve todo aquele processo de reconstituição, derrubavam o boneco que representava o corpo dela, derrubavam de novo, e cada vez a gente se chocava, a gente tava ali olhando. Aquele caso da Eloá foi capítulo de novela, meu Deus do céu. O caso Tati foram as imagens. A dramaticidade.

Naiara: Pra gente finalizar, Cris. Pensando em tudo isso que a gente falou aqui. Qual você acha que é o principal papel do jornalismo na sociedade?

Sete: Função social. Responsabilidade social. Meu Deus do céu. Dar voz pra quem não tem, busca pela verdade né. Vamos entrar na área política, eu fiz uma matéria uma vez, que me chamou atenção, por essa peculiaridade. Eu fui fazer uma matéria sobre asfalto que tinha sido feito no Jardim das Américas. “Nossa, que prefeito bonzinho, maravilhoso, asfaltou uma rua no Jardim das Américas”. Bem, fui eu e meu irmão, fazer uma matéria pro jornal. Esgoto a céu aberto. As casas no banhado, eu entrei em uma casa que o dono falou “vem aqui ver, arreventou essa asfalto aqui e entupiu boca de lodo que tinha aqui, todo o esgoto...Eu tô nadando na merda dentro da minha casa”. Comecei a andar na rua, de um lado pro outro, as casas tudo encharcadas, e o asfalto ali. Quer dizer: uma obra eleitoreira. E as saúdes básicas? A qualidade de vida aquele povo? Falei “não vou fazer porra nenhuma de matéria de asfalto”. Eu não vou dormir, não vou pensar que eu sou jornalista, se eu não mostrar isso aqui que eu tô vendo. É isso aqui que eu vou mostrar. Vou mostrar o asfalto sim. Adianta você sair da sua casa e pisar no asfalto, se em casa você tá nadando na merda? E a saúde daquelas crianças? Essa é a verdade. Uma pauta tem várias caras, várias verdades. Qual é a nossa função? Interesse público sempre.

APÊNDICE J – Entrevistado oito - Redação aRede

Naiara: Então, primeiro relata se você é formado em jornalismo. Se sim, em qual faculdade você se formou e conta um pouquinho da sua trajetória profissional depois da graduação, por onde você passou até chegar na aRede.

Oito: Assim Naiara...É, então, eu me formei aqui em Ponta Grossa mesmo, sou pontagrossense. É...Iniciei em 2006 o curso de Jornalismo ali na Faculdade Santa Amélia Secal e concluí em 2009, foram quatro anos de curso, né? E no último ano da faculdade eu já comecei a trabalhar, né? Na área, não especificamente no jornalismo em si, mas com questão de foto, trabalhei na Foto Elite com o seu Domingos ali, entre 2008 e 2009. Fiquei então um ano exatamente trabalhando com foto com o seu Domingos, fazendo foto, trabalhando com edição de imagem também. E daí, logo depois, eu comecei a trabalhar também numa revista que tinham lançado em Ponta Grossa, uma revista do segmento automotivo, né? Gosto bastante desse setor automotivo, a revista A Especialista era o nome dela. Não durou muito, acho que durou umas três ou quatro edições assim, sabe? A revista com o intuito de ser mensal ou bimensal dependendo ali da demanda, e acabou que não foi pra frente, acabou fechando ali, não se sustentou esse projeto. É...daí comecei a trabalhar no jornal O Portal também, jornal aqui de Ponta Grossa que era semanal, jornal com matérias mais densas, mais amplas, eu fazia a parte de economia lá neste jornal O Portal. Depois surgiu uma outra nova revista do segmento imobiliário, acabei fazendo também algumas matérias pra eles, e logo depois, em 2011, ou 2010, não lembro agora, foi 2010 ou 2011, mas eu comecei na Intóxica que é uma empresa de Ponta Grossa que tinha uma loja de roupas assim, voltadas pro segmento mais alternativo mesmo, sabe? Baseado na *custom culture*, uma cultura lá dos Estados Unidos assim, vendia uma linha de roupas mais diferenciada mesmo, mais alternativa, né? Segmento da década de 50, 60, mais nostálgica assim, e eu trabalhava na assessoria de imprensa deles, que eles tinham um blog, um site, então com matérias mais diferentes assim, alternativas. E lá eu fiquei até 2012, né? Que daí em 2011 eu comecei a trabalhar já no Jornal da Manhã, eu inicialmente comecei cobrindo férias lá no jornal, entrei em agosto de 2011, eu cobri férias no segmento policial. Comecei no policial e cotidiano, mas cobria também esporte, cobri um pouco de cada área. Daí comecei a fazer os projetos especiais ali do jornal, fiz um caderno especial dos 100 anos do Operário, fiz um anuário que tem no jornal, todo ano tem um livro anuário Caminhos dos Campos Gerais, e daí também fiz uma Revista Ponta Grossa. Daí, logo depois dessa Revista Ponta Grossa competitiva que foi lançada em setembro, que é lançada todo ano no aniversário de Ponta Grossa, que daí fui realmente efetivado pra começar a trabalhar como jornalista do quadro de jornalistas ali do jornal. E daí em outubro de 2012, eu comecei já na área de jornalismo econômico, né? Então, desde 2012 eu sou repórter do Jornal da Manhã na editoria de Economia. E daí, surgiu o portal aRede, não lembro se foi em 2013 ou 14 que surgiu o portal aRede, mas isso aí acho que o editor já explicou, se não me engano foi em 2013. E daí assim, as matérias que nós produzimos por Jornal da Manhã e pro portal aRede, que pertence ao mesmo grupo né, ao grupo Multimídia. E daí, desde 2017, eu começo a fazer também os plantões pro portal aRede, os plantões nos fins de semana pro portal aRede. Então, essa integração ocorreu né, integração de redações do Jornal da Manhã com o portal aRede, e daí desde 2017, mais efetivamente em 2018, começamos a produzir matéria pro portal aRede e daí usar no Jornal da Manhã. Mas, então, essa é a trajetória. E também, desde março de 2018 também trabalho na revista de Ponta a Ponta, né? Aí eu trabalho um pouco de tudo, faço matéria de todo o tipo ali, cultural, cotidiano, enfim, matérias mais voltadas a Ponta Grossa, região dos Campos Gerais. E, no Jornal da Manhã trabalho não só com o jornalismo de Economia, mas também fazendo o caderno de Autos, caderno de Imóveis, e também o caderno de Agro que tinha antes que era o Safra, mas acabou acabando com o caderno Safra, com o caderno Agro, essas matérias foram incorporados nas matérias de Economia mesmo.

Naiara: Agora vamos partir um pouquinho pra falar sobre a prática jornalística do portal. Mais ou menos, qual é o volume de textos produzidos diariamente no portal. Por exemplo, se você falar que são 30, nessas 30 matérias quantas fontes são consultadas diariamente? É uma fonte por matéria, ou duas, qual é a média? Essa produção conta tudo, até material de release, enfim... se vocês ligam para confirmar alguma informação do release, material de agência, entra todas as matérias que publicadas diariamente.

Oito: No portal nós usamos material de assessorias, materiais de agências, por exemplo, Agência Brasil, Agência Estadual de Notícias. E sem distinção de editorias, às vezes eu acabo produzindo mais materiais de

polícia que chegam, algum material de cotidiano, cidades que chegam ali via inbox ou whatsapp, hoje é muito facilitado pelo whatsapp, muitas das matérias acabam sendo pelo whatsapp, mas, bem ou mal eu tenho que fazer uma ou duas matérias pelo menos de economia para entrar no impresso do Jornal da Manhã hoje em dia, né? Eu não saberia dizer exatamente o número de matérias, Naiara, porque assim, somente no fim de semana, por exemplo, no sábado e no domingo né que são os plantões, eu diria que são cerca de 20 a 28 matérias só no sábado ou no domingo, né? Somando as duas são cerca de 50, 60 ali, que são só dois jornalistas, dois por dia. Agora, nos dias de semana, que são mais jornalistas, deixa eu pensar aqui um pouco, fazer um pouco o cálculo ali... eu diria que são cerca de 60 matérias assim por dia mais ou menos, Naiara. Mas assim, matérias próprias que somos nós que fazemos 100% digamos, em que nós recebemos uma informação, vamos apurar essa informação, ouvir a pessoa ali, eu diria que é uns 20% mais ou menos, 30% da produção que vai pro portal, é uns 20 ou 25% eu acredito mais ou menos. Por exemplo, no jornal de ontem foram três matérias 100% autorais minhas, que eu fiz pro portal e usei no impresso, daí subi outras matérias também de assessoria, né? E número de fontes...deixa eu pegar como base essa pauta de ontem do impresso... de uma matéria foi uma fonte, de outra matéria também foi uma, e da outra matéria foi duas. Mas essa média assim, acho que uma, duas, até três fontes, depende muito da matéria também, sabe? A média eu diria uma e duas fontes via de regra. Quanto aos materiais de assessoria, dependendo da informação que vem ali no release nós acabamos ligando pra confirmar alguma informação ou até ampliando a matéria. Uma matéria que veio hoje de assessoria, por exemplo, veio alguns números e a repercussão de uma professora pesquisadora que fez esse levantamento. Eu acabei ligando pro pessoal da Agência do Trabalhador pra pegar mais informações e ampliar a matéria, então mesclei um pouco do release e acabei entrando em contato com outra pessoa pra ampliar a matéria, pegar mais detalhes. Então é isso aí, às vezes fazemos essa ‘hibridização’, de uma matéria que já tem uma fonte e acabamos muitas vezes reescrevendo essa matéria, acrescentando mais informações e mais depoimentos.

Naiara: Sobre a estrutura da redação: vocês têm carro próprio, telefone, computador, câmera? Como que funciona a estrutura de vocês no portal? E também, eu fiz um levantamento entre março e agosto do ano passado, as matérias da coleta, quem assinou as matérias foram o Mário Martins, Gabriel Sartini, você, Afonso Verner, Stiven de Souza e João Vitor Rezende, eu quero saber se ficou alguém de fora, teve algum jornalista que passou pelo portal nesse portal nesse período e que não consta nessa lista?

Oito: Faltou o Cristiano Barbosa, ele é jornalista formado e nessa época ele trabalhava apenas como fotógrafo, sabe? Claro ele olhava as pautas, sugeria também as pautas, mas ele era fotógrafo, é jornalista formado também. Acho que o Rodrigo de Souza fazia parte nessa época também, não to lembrado, mas quase certeza que fazia parte também. Não lembro de se ele voltou em setembro, mas acho que não, acho que ele já fazia parte sim. Quanto à estrutura nós temos o carro próprio, câmera não era da redação (nessa época pelo menos, agora já mudou um pouco, agora o Cristiano trabalha mais praticamente como um videomaker, um repórter de rua, e daí usa o equipamento do jornal né), temos computador próprio, celular da redação e telefone fixo.

Naiara: Agora, essa é uma pergunta um pouquinho mais teórica, digamos...Na graduação, você aprendeu sobre os conceitos de noticiabilidade e enquadramento? Se sim, se você puder descrever o que você entende sobre esses dois conceitos e como eles se refletem na rotina profissional do portal, ou seja, de que maneira vocês avaliam a noticiabilidade dos temas que vocês recebem diariamente ou que vocês pensam e como se dá o enquadramento de notícias sobre violência contra a mulher. Então, fazer esse paralelo entre teoria e prática dos conceitos de enquadramento e noticiabilidade.

Oito: A gente aprendeu mesmo, a gente sempre ouve as questões de teorias de noticiabilidade, teorias da comunicação mesmo, né? Que nós tivemos desde o primeiro ano, claro já passou um bom tempinho ali, 14 anos da aula de noticiabilidade, mas tem aquelas teorias que mencionam a questão mesmo das peculiaridades, né, das informações. Até tem aquela...eu esqueci agora o teórico né, mas que tem aquela famosa frase que se o cachorro morder uma pessoa não é notícia, mas se a pessoa morder o cachorro é notícia. É... então, a gente acabo tendo claro um pouco de noção de teoria, o jornalismo como uma ciência mesmo ali da comunicação social, né? E a questão da noticiabilidade são... depende também da editoria, né? Mas, por exemplo, uma informação nova, claro, isso aí é uma notícia, mas dessas informações mais recorrentes também tem a questão

do apelo social da informação, né? São informações que às vezes acontecem, infelizmente rotineiramente, mas que é preciso serem levantadas na sociedade pra expor esse mal que ocorre na sociedade, não pode pôr panos quentes independente do assunto que seja, tem que noticiar o que deve ser noticiado pra fazer esse alerta à sociedade, pra ter a... a população ter real noção do que está acontecendo, na cidade, no estado, no Brasil e no mundo. Questão de enquadramento também se busca sempre a imparcialidade, né? Ouvir sempre os dois lados, que a gente sempre ouve os dois lados ou mais, não só os dois lados, mas todos os lados. Mas, infelizmente ali falando do portal em si, essa questão do enquadramento fica um pouco comprometido digamos em relação às matérias, até especificamente aí no caso das mulheres em função da nossa produção diária mesmo, né? Claro, não deixamos de lado a qualidade, né? Mas busca mais a quantidade de informações. Por exemplo, no fim de semana – eu falo mais fim de semana, porque no dia-a-dia eu acabo que sou envolvido mais com o jornal impresso, por exemplo, hoje na redação eu sou o único repórter junto com o editor que pega as notícias que estão no portal e coloca no jornal, eu sou a pessoa que fecha o jornal, então que eu fico envolvido diariamente com o portal são duas horas por dia, menos que os outros jornalistas. Daí no fim de semana que eu ficando 100% do tempo no portal durante cinco horas, ali que dá pra ter essa visão de que o portal tem mais essa questão de priorizar, não priorizar, não diria priorizar, a questão de veicular mais a quantidade do que a qualidade, até pelo meio digital, né? Que exige um material mais rápido, mais curto, de notícia mais rápida do que uma revista, do que um jornal, que uma matéria mais aprofundada, mais completa, né? Que é possível tratar da melhor forma. Mas a questão do enquadramento do portal é comprometida no sentido de que ao produzir mais matérias você precisa, digamos, não sei se seria o termo encurtar...não seria encurtar, mas ser mais breve nas informações, mas passando ali a realidade dos fatos. No caso ali da violência contra a mulher, não só da violência contra a mulher, mas todos os assuntos ali que nós abordamos no portal, por exemplo, no sábado e no domingo que chegam os relatórios policiais tem um ou outro caso de violência contra a mulher. Eu vou usar um exemplo desse fim de semana, que teve lá um caso de violência contra a mulher, de um homem que pegou uma barra de ferro e agrediu a esposa no rosto, nos membros, e daí eu acabei publicando essa matéria, mas sem ligar por exemplo pra Delegada que julgou o caso, que o homem foi preso, foi levado pra delegacia, mas eu acabei não entrando em contato com a Delegacia, eu publiquei a matéria baseado apenas no relato policial, apenas no boletim de ocorrência, porque pela quantidade de matérias que nós precisamos publicar ali e manter sempre o portal atualizado, não tem como a gente aprofundar apenas uma matéria, entrar em contato com essa delegada e tentar ouvir ela, tentar ouvir a pessoa que foi agredida ou tentar ouvir o advogado do homem que foi detido. Aí já demandaria de um tempo bem maior, dependeria de horas de apuração pra fazer apenas essa matéria, é um tempo que nós não temos. Então aí nós acabamos produzindo matérias mais breves, né? Às vezes ouvindo uma fonte mesmo, ouvindo um lado, mas claro sempre fontes oficiais né, não que chegue uma denúncia de alguém que foi agredido uma rede social, aí a gente não procede com isso, a não ser que vá averiguar, entre em contato e busque as fontes oficiais.

Naiara: A maioria das matérias sobre violência contra a mulher, especificamente as que falam sobre a violência em si, a agressão, elas são provenientes se não 100% quase 100% de boletins de ocorrência da PM. Então, queria que você descrevesse o processo do jornalista que chega na redação e abre os boletins de ocorrência do dia anterior. Qual é o passo a passo, qual é o critério pra que um boletim vire notícia no portal ou não?

Oito: Realmente Naiara, as matérias de violência - não de feminicídio - mas de violência contra a mulher eu acredito que mais de 90%, eu não digo que 100% porque alguns casos chegam de forma diferente, por denúncia ou enfim...mas, mais de 90% das violências contra a mulher não só de Ponta Grossa como a região são provenientes de boletins de ocorrência da Polícia Militar. O jornalista que vai no período da manhã, eu quando vou no sábado ou domingo, por exemplo, eu chego e o primeiro e-mail que eu abro realmente é o e-mail dos casos policiais pra ver o que aconteceu no dia anterior. Ali quando tem violência contra a mulher eu pessoalmente costumo publicar, né? Não temos nenhuma ordem específica “ó, vocês quando tem violência contra a mulher vocês publicam, ou quando tem tal coisa vocês não publicam”, não temos nenhuma ordem nesse sentido quanto aos relatórios policiais. Então, ali nós acabamos optando pelas matérias de maior peso mesmo assim, sabe? Às vezes tem relatórios policiais bastante extensos, com 20 ocorrências que também eu

acredito que a PM não passa todas as ocorrências realizadas por dia, eles fazem os principais e dentro desses principais nós acabamos selecionando. O critério é essa importância mesmo, esse diferencial pitoresco no caso também, acabamos noticiando. Por exemplo, esse fim de semana, nós tivemos quatro ocorrências policiais em Ponta Grossa, dessas quatro eu selecionei duas ou três pra entrar no portal, uma que foi um caso de violência contra a mulher que o cara pegou uma barra de ferro pra agredir a mulher e outro que foi de uma confusão que teve no parque ambiental, que chegou vídeos, e eu acabei ampliando um pouco mais, chegaram vídeos aí eu entrei em contato com o pessoal da Guarda Municipal, da PM, da Delegada que fez a ocorrência do caso, com o repórter que foi lá e fez vídeo, acabou que essa matéria foi um pouco mais ampliada. No caso da mulher eu usei realmente só o relatório que veio do boletim de ocorrência. A rotina é essa, eu pelo menos leio todas as ocorrências e seleciono as que vão entrar ou não, colocando as de maior gravidade que ocorreu no dia anterior, e caso não dê conta da demanda daquele boletim de ocorrência de acordo com a quantidade de informações importantes que tem ali, eu acabando noticiando o repórter que vem no período da tarde que eu não fiz tal coisa e tal coisa. Temos essa conversa interna também da redação.

Naiara: Além dessas pautas originadas de boletins de ocorrência, existem outros meios de pauta sobre violência contra a mulher surgirem? A redação sugere, ou vocês veem em algum lugar e tem uma ideia de pauta, enfim... elas são originadas unicamente de boletins de ocorrência ou também a redação faz esse trabalho de pensar em pautas nesse sentido? E também, além da PM que é a principal fonte, que outras fontes são consultadas pela redação pra embasar essas matérias? Como que funciona esse trabalho de consulta de fontes pra essas matérias especificamente?

Oito: Então, realmente a maioria dessas matérias são via boletins de ocorrência, mas claro nós sugerimos também. Tem pautas que chegam ali, informações do mês de combate à violência, alguma ação específica assim, né? Chega uma ação específica da prefeitura, ou do governo federal, ou da câmara, né? Mas há também uma iniciativa por parte nossa de fazer uma matéria abordando alguns casos, também o caso da violência contra a mulher. Às vezes sai, por exemplo, um levantamento nacional com número de violência, a gente pensa 'putz, dá pra ver aqui em Ponta Grossa se há um levantamento e fazer uma matéria sobre isso mesmo e daí ouvir fontes relacionadas a isso'. Aí nós recorremos a Delegacia da Mulher, entramos em contato com a Doutora Cláudia, que já está à frente da Delegacia há mais de 10 anos, então ela domina o assunto. Ela tem bastante contato com a redação, acaba fazendo esse levantamento, passa pra gente, ouvimos ela, ouvimos eventualmente a Nucria, ouvimos a Patrulha Maria da Penha, os Cras, os Creas que fazem esse serviço de apoio. Então, acaba que quando nós propomos também a pauta...é que assim, é difícil falar do portal sem falar no impresso, porque muitas das pautas que nós propomos assim é já pensando em uma matéria mais ampla pra sair também no impresso. Há sim essas proposições de pauta sempre sim.

Naiara: E tem algum jornalista que fica mais responsável por escrever sobre o tema violência contra a mulher ou independe? E outra coisa: existe algum tipo de contextualização nessas matérias? Por exemplo, tem um caso de violência contra a mulher, aí a redação faz algum trabalho de trazer dados, pegar o mapa da violência, o mapa de feminicídios, algum tipo de dado pra contextualizar aquela violência específica? E se não faz, qual seria o motivo?

Oito: Não tem um repórter específico não, não tem um assunto que tenha um repórter específico. Quem está no plantão acaba fazendo, às vezes um repórter tá fora da redação, outro tá num telefonema, se chega uma pauta acaba fazendo quem está à disposição naquela hora. Nenhum assunto específico de pauta tem um repórter específico. Antes tinha até as editorias, mas quem tivesse dentro da editoria que fazia a matéria, no caso da violência contra a mulher seria mais do Policial. Antes tinha um repórter específico da editoria Policial que fazia, mas isso não existe no portal, quem está lá acaba fazendo, não tem nenhum específico mesmo. No caso da violência contra a mulher, se for só pro portal, por exemplo, no fim de semana assim não há contextualização justamente por essa rotina de quantidade de informação, né? Tem que manter esse portal abastecido, nós procuramos manter o máximo possível de abastecido, então acaba que as notícias acabam ficando um pouco mais superficiais, não muito aprofundadas mesmo, né? Não é feita uma matéria mais ampla sobre determinado assunto, a não ser que seja um caso muito grave. Se for um caso de violência contra a mulher que teve feminicídio, uma morte né, aí com certeza é mais aprofundado sim. Entramos em contato com advogada, com alguém da família dessa pessoa, se a gente conseguir o contato também do suspeito de

fazer essa agressão. Mesmo que dependa de um trabalho a mais, nós acabamos dando uma prioridade e, claro, entre uma apuração e outra apuração vamos atualizando o portal, buscando outras informações de assessoria de imprensa, informações de agência pra intercalar com essa nossa apuração ali da informação. E dados assim de violência, que você comentou a questão do mapa mesmo não é feito pra todos os casos, principalmente assim nos casos de violência contra a mulher, a não ser que seja uma pauta mais pensada que nós propomos mesmo, mas não específico pra uma violência que ocorreu naquele dia. A não ser que seja um feminicídio, aí nós lembramos que vários feminicídios ocorreram naquele mês aqui na região, entramos em contato com a Delegada provavelmente para pedir esse levantamento de quantas mulheres foram agredidas ou assassinadas, né? Casos de feminicídio que ocorreram no decorrer do mês ou no bimestre, semestre ou ano. Às vezes até a questão do Mapa da Violência é feito ali, ver se tem algum dado sobre horário, circunstâncias, acabamos que pergunta, mas assim são matérias mais específicas, são bem mais raras de serem feitas esse mapa assim pra ouvir esses depoimentos, até porque também não tem como repetir esses dados a cada matéria que nós fazemos, então tem que ver um período de tempo pra fazer uma abordagem mais aprofundada desses assuntos.

Naiara: Pelo que você observa no portal, essas matérias de violência contra a mulher quando produzidas tem um peso na hierarquização do portal? Ou seja, geralmente elas são manchete ou estão no bloco 1, por exemplo. Como é a distribuição dessas notícias? E também qual é a sua percepção a partir das mais lidas ali do dia, são matérias bastante lidas?

Oito: Depende muito da gravidade da violência, né? Depende muito do critério de noticiabilidade que já foi comentado antes, mas realmente sim, por exemplo, essa da mulher que foi agredida com uma barra de ferro foi destaque. Não foi a matéria com a foto principal do portal, mas ali logo abaixo foi uma matéria de destaque sim. Então, acaba que é dado o destaque sim, agora se for um caso de feminicídio, um caso de violência mais grave mesmo que acabe com a morte da mulher aí com certeza acaba que assassinato, questões graves assim sempre ficam na capa do portal né, foto principal no caso né. Então, são notícias sempre que acabam ganhando destaque no portal pela gravidade né, pelo problema da sociedade que é, então você alerta a população da quantidade e tudo, então acaba que com certeza tem sempre um destaque sim no portal. Nós vemos muito as redes sociais são um bom termômetro hoje em dia pra isso aí, o nosso Facebook mostra mesmo que quando é publicada aí matéria sobre violência contra a mulher ou feminicídio, sem dúvidas é matéria bastante lida, matéria das mais lidas. Quando aparece ali nossa lista das matérias mais lidas, tem o ranking das cinco matérias mais lidas - não tenho certeza se é um ranking de cinco dias que faz o levantamento - mas acaba aparecendo entre as matérias mais lidas sim nesse período ali, às vezes acaba até sendo a mais lida quando é um caso de assassinato, de feminicídio. Igual teve recentemente no mês passado um caso grave, como teve também daquela menina que cursava Agronomia, esqueci o nome dela agora completamente, até peço desculpas, mas daquela menina que foi assassinada que morava no apartamento ali perto do Campus da UEPG, ela era de Carambeí e se não me engano cursava Agronomia né, esse foi um caso que chocou mesmo, foi destaque, matéria principal, e foi a matéria mais lida com certeza no dia e nos dias seguintes. Esses casos são matérias que tem bastante apelo das pessoas que leem e os comentários também, sempre tem comentários e compartilhamentos, realmente são matérias que comovem mesmo, tem muitos comentários indignados com a situação.

Naiara: Eu sei que às vezes não tem como acompanhar todos os comentários nas matérias, mas nos casos das notícias de violência contra a mulher, qual é o teor dos comentários das pessoas geralmente? O que mais comentam? E o portal se posiciona? Esses comentários são respondidos? Se sim, em que casos?

Oito: Então Naiara, o portal não costuma responder os comentários não. Raramente, mas bem raramente mesmo, eu diria menos de 1% dos comentários são respondidos, quando a pessoa pede uma informação ali e tudo, e acaba respondendo ali, uma coisa que não tem na matéria, alguma informação que a pessoa deseja saber e nós sabemos aquela informação e acaba colocando ali. Isso não falando específico dos casos de violência contra a mulher, isso falando no geral. Agora de casos de violência contra a mulher, em relação aos comentários, os comentários que mais aparecem... deixa eu pensar aqui... Nesse final de semana, por exemplo, são mais comentários indignados mesmo falando “que tristeza”, “coitada”, às vezes um cara “ah, quero ver pegar essa barra de ferro e bater em outro cara”, são comentários mais indignados. Acredito que

não tenha assim dando razão pro cara bater na mulher, independente do caso que seja, sabe? Acabo não recordando assim, mas são comentários mais de indignação mesmo frente a essa ação do homem ter tomado em relação à mulher. Mas, independente do comentário que seja nesses casos, ou criticando ou de apoio, nós acabamos que não comentamos, a não ser que a pessoa queira uma informação como eu comentei. Por exemplo, uma matéria de violência contra a mulher que a Delegava ouvida fala que é importante denunciar e a matéria, por exemplo, não tem o contato da delegacia pra fazer essa denúncia, então acaba respondendo ali a pessoa, às vezes nem no comentário, às vezes inbox passando essa informação pra ela. Mas, publicamente, basicamente não há resposta.

Naiara: Você acha que existe uma diferença ser um jornalista homem ou uma jornalista mulher para escrever matérias sobre esse tema? Tanto se a sua resposta for sim ou não: por quê?

Oito: Olha, aí é uma pergunta mais complicada porque eu sou muito defensor de causas de mulher, digamos assim, sabe? Eu até brinco com o pessoal que eu sou feminista, né? Até a minha noiva brinca que quase eu sou mais feminista que ela, porque eu fico muito indignado com esses casos assim, sabe? Falando de um modo mais geral assim... eu acredito que sim, porque se for uma repórter mulher ela acaba que pode até de repente ter sofrido ou visto a mãe sofrer, e acaba podendo se colocar no lugar. É a questão que falam, por exemplo, do medo da mulher ser estuprada, né, andando na rua. Muitas mulheres não tem nem medo de ser assaltadas, mas o medo de ser estuprada. É um medo que o homem não tem, por exemplo, então psicologicamente é uma coisa muito diferente uma coisa da outra. Então, mesmo o jornalismo em si buscando a imparcialidade, buscando os critérios de noticiabilidade, ter todas as teorias e ter todas essas questões de busca da imparcialidade, acaba que o pessoal ali, até essa questão de gênero talvez ali, influencia sim, impactando de maneira diferenciada no desenvolver dessa matéria que vai ali pro portal ou pro jornal. Acho que sim, com certeza acaba influenciando sim nessa questão.

Naiara: Agora, pra gente encerrar esse tópico, depois nós vamos falar mais especificamente da cobertura do feminicídio da Nathália Deen. Mas, para encerrar, se você pudesse definir qual é a principal causa da violência contra a mulher, qual seria? Porque existe tanto ainda na nossa sociedade?

Oito: Eu vejo o principal problema como o machismo mesmo. Essa ideia que o homem pode exercer sobre a mulher, uma ideia apenas que ele tem de que a mulher é sua. “Minha mulher”, fala assim inclusive né, tem até essa questão da sociedade. São homens machista e tem até mulheres machistas que... digamos até... como é que eu posso definir...mulheres que tem pensamentos machistas, pensam que devem se submeter ao homem, aos desejos do homem. É uma visão muito deturpada que isso aí tem, uma questão cultural que vem desde muito tempo na sociedade mundial mesmo, mas que é uma visão 100% errada. Eu vejo machismo por o homem mandar na mulher, não todos né, obviamente né, mas eu diria que boa parte dos homens tem essa visão completamente errada de que a mulher é basicamente um objeto seu. Pode fazer, exigir, pedir, fazer as coisas, sendo que não, que os dois são exatamente iguais, não tem uma diferenciação. É uma questão cultural que já nasce praticamente com a sociedade, de mães que falam pra filha “você tem que procurar um namorado rico”, tem muito essa ideia ainda de ser o homem o provedor da casa, sendo que é 100% uma visão errada. Ainda tem muitas culturas que infelizmente ainda são assim, mas aqui no Brasil não é isso aí mais, né? Não pode existir mais. É uma coisa que impacta 100% é a questão do machismo mesmo, o homem imaginar que pode ter um poder maior que a mulher tem. Porque assim, Naiara, mesmo que digamos, eles sejam casados e na religião diz que se Deus uniu o homem e a mulher, o homem não pode separar né. Acontece que já essa promessa de ser fiel e tudo, mesmo que aconteça um caso de traição, por exemplo, o homem não tem o direito nenhum de fazer nada contra a mulher, né? Cada um é dono de si, ninguém tem obrigação de fazer nada que o outro queira.

Naiara: Nesse período que a gente pegou pra analisar, de março a agosto, a gente vai analisar todas as matérias de violência a mulher como um todo, mas vamos ter um tópico específico somente sobre os feminicídios emblemáticos que ocorreram nesse período - o da Nathália em Ponta Grossa e o da Tatiane em Guarapuava. Foram casos que tiveram repercussões grandes em ambas as cidades, e a gente resolveu pegar esses dois casos e trabalhar em separado, até porque teve uma cobertura mais contínua. Sobre o caso Nathália:

depois que a redação ficou sabendo sobre o feminicídio, como foi estruturada a cobertura? O editor-chefe deixou esse caso para alguém em específico trabalhar? Teve alguma orientação de como lidar com esse caso?

Oito: Eu lembro bem desse caso da Nathália. Quem tava na parte da manhã no portal era o entrevistado seis, então foi ele quem fez a cobertura de quando aconteceu esse caso aqui em Ponta Grossa. Deixa só eu lembrar se foi ele, não lembro se foi ele, confesso agora. Teria até que dar uma pesquisada ali, mas, enfim, independente do repórter que tenha escrito ali foi na parte da manhã, na manhã nós temos um repórter só que fica pro portal, então foi esse repórter que tratou desse assunto. Eu confesso que como eu não tava na redação não sei como que houve a procedência do avanço desse caso aí né. Se o nosso chefe de redação, se o entrevistado cinco estava lá naquele momento ou não né, orientando o repórter na parte de manhã quanto ao caso. Mas eu acredito que foi assim: teve o relatório policial, acho que saiu uma matéria com base no relatório policial e depois houve uma matéria um pouco mais ampla detalhando mais sobre isso, talvez feita na parte ainda da manhã já, ouvindo as fontes cabíveis que foi um caso bem complicado, né? Que depois o rapaz foi até a UEPG e tentou cortar o pulso, uma coisa assim, tentou suicídio logo após esse assassinato da Deen. Não sei realmente como é que aconteceu na parte da manhã, mas aí na parte da tarde com certeza foram pegadas as informações que foram já apuradas na parte da manhã, na parte da tarde foi feita provavelmente uma nova matéria, ouvidas mais fontes, talvez a Delegada, um advogado, alguém talvez da UEPG. Na parte da tarde sempre esses assuntos graves assim como um feminicídio ou um assassinato, que são tratados na parte da manhã como matéria, na parte da tarde esses assuntos que são tratados na parte da manhã são ampliados. São apurados, algum desdobramento, avanço nas investigações, e daí são colocados no jornal, mas sempre essas matérias ganham uma ampliação, né? Acabam tendo no decorrer do dia, com outro jornalista que vai na parte da tarde vendo se tem alguma informação nova e acrescentando na matéria, fazendo uma matéria mais ampla no decorrer da tarde, no fim do dia que sai no portal e também acaba saindo no jornal. Mas claro, tem o acompanhamento do editor, que na parte da tarde orienta o “veja com tal pessoa tal informação, veja se consegue contato com o porteiro, por exemplo, do prédio que tava lá no momento, ou com o delegado se tem uma nova informação, os desdobramentos da investigação”, enfim, ele acaba orientando as fontes a serem ouvidas pra ampliar essa matéria da melhor forma.

Naiara: Porque você acha que tanto o caso da Nathália quanto o da Tatiane tiveram tanta repercussão? O que foi o diferencial desses dois casos, desses dois feminicídios, pra que a imprensa faça essa cobertura mais de perto, acompanhe mais os casos? Mais especificamente do caso da Nathália, que acho que você está mais a par.

Oito: Muitas vezes são as circunstâncias em que acontecem esses crimes, né? Mas assim... todo o feminicídio é tratado de forma bastante ampla com o portal, sabe? Teve o caso da Nathália, assim como teve outros casos assim aqui em Ponta Grossa. Teve feminicídio que independente da forma como foi eles são tratados de forma praticamente igual, cobertura bastante ampla, várias matérias acabam sendo realizadas depois com os depoimentos, com delegado. A repercussão ali por parte do portal, eu acho que a maior parte pelo menos dos feminicídios são iguais, sabe Naiara? Nesse caso específico, acho que o que mais marcou mesmo por causa das circunstâncias mesmo, né, que foram circunstâncias mais peculiares, né? Ela tinha ido pra casa, daí esse rapaz tinha – se não me engano – a chave da casa, ele conseguiu entrar no prédio e parece que ele ficou um tempo escondido no prédio, depois ele entrou ali no apartamento. Ele matou a menina ali e quase matou o irmão dela também, quase foi assassinado, não lembro em relação ao irmão dela...mas também teve esse caso aí de envolver uma outra pessoa, o fato de ele ter invadido um condomínio residencial, ter assassinado ela – se não me engano foi esgorja se não me engano, não recordo confesso agora – mas são as circunstâncias, que isso aí chama muito a atenção e depois o fato desse rapaz ainda, que foi uma coisa muito peculiar mesmo, depois ter ido – se não me engano a pé - desse residencial, foi até a UEPG e tentou se suicidar dentro da UEPG. Foram combinações de casos que chamaram a atenção do público e, claro, acaba chamando atenção da imprensa em relação a isso aí. Mas, acredito que outros casos de feminicídio foram tratados pelo portal praticamente da mesma forma, foi tratado pelo portal com a mesma gravidade.

Naiara: Sobre os acessos do portal, você tem mais um menos uma estimativa de mensalmente quantas visualizações o portal tem? E se você lembra se no mês do feminicídio da Nathália teve um salto nas visualizações? Vocês chegaram a acompanhar os números daquele mês e comentar sobre isso na redação?

Oito: Eu confesso que nessa época eu não era muito ligado no portal, não sei dizer mesmo em relação ao acesso do portal em função disso aí. Mas, assim, a gente lembra que a matéria foi muito muito bem, muito compartilhada, né? Com certeza ela impulsionou muito as visualizações do portal, que tem a contagem de compartilhamentos do Facebook em cada matéria ali e realmente foi muito grande a repercussão. Não só no dia, não só a matéria inicial feita, mas os desdobramentos também dessa matéria. Tanto no dia quanto depois. Não sei dizer aí quanto aos números, não tenho acesso também aos mais antigo ali, mas o que eu posso afirmar praticamente com certeza é que foi uma matéria bastante acessada, o assunto foi um dos, acredito que um dos cinco ou talvez dos três mais acessados do mês. Não lembro se teve outro caso de impacto naquele mês, mas com certeza foi uma das matérias mais visualizadas sim.

Naiara: E, pra gente finalizar, uma última pergunta pensando em tudo o que você disse agora na entrevista: qual você acha que é o papel do jornalismo na nossa sociedade?

Oito: Ah, eu vejo o jornalismo com um papel social mesmo, um papel muito social aí em função de levar as notícias, levar as informações ao público, né? Mesmo fazendo essas coberturas policiais que muitos criticam, né? Aí por mostrar, “ah, porque a imprensa aí só tem sangue, porque mostram só assassinatos”, né? Na minha visão assim jornalística precisam ser mostrados sim, porque são informações que retratam a realidade. O jornalismo retrata a realidade, traz informações de cunho social, informações de interesse ao público e traz um retrato também da realidade do que acontece na região, e no estado, enfim, no mundo né. Acredito que seja esse papel social né, de expor a realidade e expor os problemas aí vividos, até dramas, enfim, tem um pouco de tudo também. Cada editoria é uma editoria. Mas, mostrar as novidades e expor essas questões graves né que ocorrem, chamar a atenção pra isso, né? Mostrar à população e às autoridades que isso tá ocorrendo. E, claro, acaba que ao a imprensa mostrar que essas coisas estão ocorrendo acaba gerando um certo receio da população, a população acaba cobrando medidas e o próprio sistema de segurança, educação, saúde, enfim, o que for aí abordado com mais veemência medidas acabam sendo tomadas, né? Então, acaba sendo também alguma forma que traz alguma contribuição pra sociedade e na vida das pessoas. Eu tenho essa visão do jornalismo.